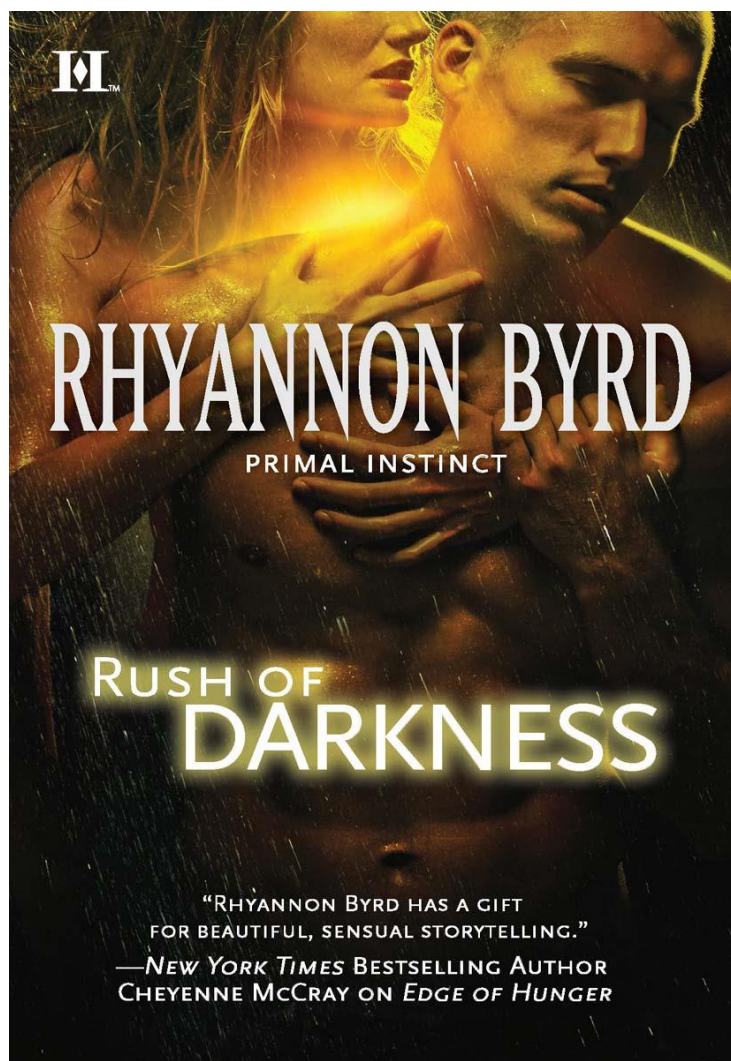




Rhyannon Byrd - Instinto Primitivo 07 - Avanço da Escuridão



Projeto Revisoras Traduções

Revisão Inicial: Sandra Maia

Revisão Final: Tininha



Caro leitor,

Não posso acreditar que Avanço da Escuridão, o sétimo livro da Série Instinto Primitivo da minha série finalmente está aqui. Este definitivamente não foi um livro fácil de escrever. Raine e Seth vem de origem trágica e embora devessem ser inimigos percebem que algumas emoções simplesmente não podem ser negadas. Eu amo sua paixão, sua química — o modo que este soldado humano tão cruel cai de cabeça tão completamente por sua pequena vampira. Seth pode ser um grande macho alfa mau, mas ele não tem medo de dizer o que quer e correr atrás. E quando vai atrás de Raine descobre o que significa ser totalmente possuído... e profundamente amado.

Desejo a todos vocês muito amor e felicidade!

Rhy

Resumo

Somente o amor pode banir a escuridão...

Destinados a serem inimigos...

Raine Spenser está por um fio. Mantida prisioneira por causa de suas habilidades, Raine — uma poderosa psíquica e também vampira — precisa desesperadamente de um salvador. Mas a última pessoa que esperava era o soldado de olhos verdes que uma vez caçou sua espécie. Desde seu salvamento tenta esquecer Seth McConnell, incapaz de lidar com a estranha e gritante atração pelo humano constrangedor.

Mas as metas de Raine — achar os Kraven que a mantiveram cativa e os destruir — são as mesmas. A rede já crescente de perigos circundantes atrai estes dois improváveis aliados mais perto e faz com que a raiva lentamente se transforme numa paixão explosiva, que estão achando cada vez mais difícil negar...

Comentário da Tininha: Esse livro, como todos os da série, é fantástico. Ele dá vontade de ler sem parar. Raine é uma Deschanel que foi abusada mentalmente e fisicamente pelos Casus. Seth é um ex-soldado do Exército Coletivo que caçava vampiros. Então tem tudo para dar errado, certo? Negativo. Uma ligação explosiva se desenrola, fazendo com que ambos vençam seus medos e atravessem juntos uma prova e tanto.

Mas quem rouba a cena várias vezes é Ashe Granger, o vampirão que parece ser o TDB que sempre salva as mocinhas, apesar da má fama. Adoro seu humor sarcástico.

Caíam dentro que é recomendadíssimo.

GLOSSÁRIO DE CONDIÇÕES

GLOSSÁRIO Para a Série do Instinto Primitivo

Clãs Antigos: Raças não humanas cuja existência foi mantida em segredo da maioria dos seres humanos há milhares de anos, suas capacidades diferindo tão amplamente quanto sua fisiologia. Alguns se alteram apenas parcialmente quando em suas formas primitivas, como os Merrick. Outros se transformam totalmente, capazes de assumir a forma de um animal, semelhantes aos que compõem os Sentinelas.

Estes são apenas alguns dos vários clãs antigos que continuam a existir hoje:

Merrick: Um dos mais poderosos dos clãs antigos, os Merrick foram obrigados a se acasalar com humanos depois que anos de guerra contra os Casus dizimaram seus números. Sua linhagem eventualmente se tornou latente, habitando em seus descendentes humanos até o retorno dos Casus e o tempo do seu despertar. Para alimentar as partes primitivas de sua natureza o Merrick recém-despertado deve consumir sangue simultaneamente ao sexo. Características: Quando na forma de Merrick os machos têm presas, garras, nariz achatado e volumoso, constituição física muito musculosa. As fêmeas têm presas e garras.

Tempo de despertar: Cada vez que uma sombra Casus retorna a este mundo faz com que o sangue primitivo dentro de um dos descendentes Merrick cresça neles, ou desperte, para que eles possam lutar contra seu inimigo antigo.

Os Buchanans: Uma das mais poderosas linhagens Merrick, os Buchanans não foram apenas os primeiros dos Merrick a despertar, mas também cada um possui um poder incomum ou — dom. Ian tem uma estranha sensação de premonição que lhe vem em sonhos, Saige pode — ouvir — coisas de objetos físicos quando ela os toca e os poderes telecinéticos de Riley permitem que ele controle objetos físicos com sua mente.

Casus: Significando morte violenta, os Casus são uma raça de monstros imortais sobrenaturais que foram presos pelos Merrick e o Consórcio mais de mil anos atrás por suas farras assassinas sem sentido. Recentemente, no entanto, eles começaram a fugir de sua prisão, retornando a este mundo e assumindo os corpos de — hospedeiros humanos — que tem sangue Casus latente correndo em suas veias. Os Casus que escaparam agora caçam os Merrick recém-despertados, alimentando-se de sua carne para obter poder, assim como por vingança. Características: Quando em forma Casus eles têm faces com focinhos, cabeças em forma de lobo, pele cinza dura, costas sulcadas e longas garras curvadas. Os machos têm olhos azul-gelo, enquanto as fêmeas têm olhos que são verdes pálidos.

Meridian: Domínio metafísico onde os Casus foram aprisionados por seus crimes contra os outros clãs... assim como com a humanidade. Embora tenha sido criado pelo Consórcio original, ninguém sabe como encontrá-lo até que num diário é descoberto alegações de que os Marcadores das Trevas não são somente as chaves que irão abrir os portais para Meridian, mas que também irão formar um mapa que leva a localização oculta da prisão.

Sombras: Por causa da sua imortalidade, os Casus não podem morrer em Meridian. Eles simplesmente se enfraqueceram em — sombras — das criaturas poderosas que uma vez foram, razão pela qual são forçados a tomar hospedeiros humanos quando retornam a este mundo.

Os Deschanel: Também conhecidos como vampiros, o Deschanel são um dos mais poderosos dos clãs antigos, rivalizando com a força dos Merrick e dos metamorfos. Embora a dualidade é uma característica comum entre muitos dos clãs, a característica é especialmente forte nos Deschanel, cujas próprias naturezas são uma dicotomia de opostos – ambos, escuridão e luz, o que os torna amigos Complexos ... e inimigos perigosos. Características: Pálidos, olhos puramente cinzentos que brilham depois de terem se alimentado de sangue. Apesar de seu poder e força eles se movem com graça, sem esforço, que é incomum entre os machos humanos do seu tamanho. Eles também têm duração de vida incrivelmente longa, até ao momento em que, finalmente, tomam um companheiro.

A Queima: O corpo de um homem Deschanel não acasalado é frio até que ele encontre sua companheira. O fenômeno é referido como sendo — o calor — ou — queima — , já que seu corpo começa a aquecer a partir do momento em que ele a encontra.

Os Förmyndares: Os Förmyndares: como protetores dos Deschanel, é dever desses guerreiros destruírem qualquer ameaça aos clãs de vampiros.

Terras de Ninhos: Antigas e vastas comunidades como castelos onde as famílias Deschanels vivem por segurança, ou ninhos, que são protegidos pela poderosa magia que os mantêm escondidos do mundo exterior. As terras estão localizadas em toda a Escandinávia e em outras partes da Europa.

Um Vínculo de Sangue: Um vínculo que pode ser formado entre um macho humano e uma fêmea Deschanel, permitindo ao macho rastreá-la de longas distâncias.

Alacea: Um clã poderoso e eclético de psíquicos que tem graus variados de poderes. A maioria pode ver o passado ou o futuro, com alguns tendo a capacidade de ler os pensamentos dos outros no presente — mas geralmente só uma forma de visão é dada. Características: Olhos azuis celestes escuros.

Transe Aldori: Um estado de transe profundo que uma Alacea com os poderes maduros pode entrar, mas muitas vezes há sérias consequências.

Transsis¹: Estado de transe leve que um Alacea usa quando precisa descansar, mas não quer entrar num sono profundo.

As Bruxas: Embora ainda existam muitos clãs de bruxa, os seus poderes variam muito de um clã para outro.

Os Boudreaux: Um clã despreocupado de bruxas cuja especialidade é feitiços de beleza.

¹ Transsis achei melhor deixar no original estoniano que quer dizer Transe.

Os Mallory: Um poderoso clã de bruxas cujos diversos poderes foram atados por uma maldição. Por causa da maldição centenária, eles agora ampliam as emoções das pessoas em sua presença a níveis extremos.

Os Reavess: Um clã de bruxas que pode se comunicar mentalmente com os de sua família. Eles acessam seu considerável poder através do uso de magias, e ligarão seus amores verdadeiros a eles através do sexo. Eles também são capazes de assumir as características possuídas por seus companheiros durante a “união”.

Os Saville: Um clã esnobe de bruxas que tem pouco poder.

Os Regan: Um clã agressivo responsável pela caça de vários clãs rivais à beira da extinção. Características: narizes longos, orelhas pontudas e queixos profundamente fendidos.

Os Kenly: Um clã residente nas montanhas quase caçado até a extinção pelos Regan. Características: Pequena estatura e largos, olhos como os de corça.

Os Feardacha: Um dos vários clãs antigos que residem na Irlanda. Eles são extremamente supersticiosos, acreditando que os mortos nunca devem ficar desmarcados. Como medida de precaução eles tatuam símbolos pagãos em suas mãos e braços, acreditando que os símbolos atrairão para si qualquer alma maligna que conseguiu escapar do inferno, para que possam matá-las mais uma vez. Características: tatuagens, pele cor de café e pálidos olhos verdes.

Os Vassayre: Um dos clãs mais reclusos, eles raramente saem das cavernas subterrâneas onde moram. Características: manchas escuras em torno de seus olhos encovados.

Os Deuchar: Um dos mais violentos dos clãs antigos, eles são inimigos mortais dos Shaevan.

Os Shaevan: Um dos vários clãs antigos que residem na França.

Os Metamorfos: Uma enorme diversidade, poderosa coleção dos clãs cujos membros podem assumir qualquer forma de um animal, completa ou parcial.

Os Predadores Primitivos: Consistem nas espécies de animais predadores mais perigosos que são as raças mais agressivas de metamorfos, bem conhecidas por seus lendários impulsos sexuais e sua devoção inquestionável aos seus companheiros. Para poder reivindicar um companheiro, um Primitivo deve morder a pessoa que detêm o seu coração, marcando-a com suas presas enquanto toma seu sangue em seu corpo. Eles também são conhecidos por sua habilidade inigualável como guerreiros e suas fortes habilidades de cura. Exemplos: os tigres, jaguares e licantropos.

Os Licantropos: Também conhecidos como lobisomens, eles são guerreiros formidáveis que podem realmente mudar humanos para sua espécie com o poder de sua mordida se eles estiverem em forma de lobo. No entanto, para marcar seus companheiros eles devem dar uma mordida com suas presas enquanto ainda estão em forma humana.

Os Raptos: Uma das raças mais raras de metamorfos, os Raptos são conhecidos por serem guerreiros implacáveis e possessivos e amantes totalmente devotados. Apesar de não mudarem completamente sua forma, são capazes de liberar asas poderosas de suas costas que lhes permitem voar, assim como garras afiadas dos seus dedos para lutar.

Os Charteris: Dragões metamorfos que possuem a capacidade de controlar o fogo e cujos corpos queimam com um calor perigoso quando fazem amor com uma mulher que tem seu coração. Acredita-se que não exista nenhum Charteris puro sangue.

Os Arquivos: Os registros que pertenciam ao Consórcio original que se acredita armazenarem informações vitais sobre os clãs antigos. Embora o novo consórcio passasse anos procurando por eles, os arquivos caíram nas mãos do Exército Coletivo.

O Exército Coletivo: Uma organização militante de mercenários humanos dedicados a purgarem o mundo da vida sobrenatural. Em uma reviravolta irônica o Exército Coletivo encontra-se agora em parceria com os Kraven e os Casus, em troca de informações que acreditam os capacitará a exterminar as demais espécies não humanas.

O Consórcio: Um órgão de autoridades formado por representantes de cada um dos clãs antigos remanescentes, o Consórcio é uma espécie de Nações Unidas sobrenaturais. Seu propósito é resolver disputas e manter a paz entre as diferentes espécies, enquanto trabalham para ocultar a existência dos clãs remanescentes do mundo humano. Mais de mil anos atrás o Consórcio original ajudou os Merrick a aprisionar os Casus, depois que as incessantes matanças de humanos pelos Casus ameaçaram expor a existência das raças não humanas. O Conselho forjou os Marcadores das Trevas para destruir os assassinos imortais apenas para ser assassinado pelo recém-criado Exército Coletivo antes que pudesse completar a tarefa. Anos mais tarde, o Consórcio foi novamente formado, mas então seus arquivos originais foram perdidos... todos os vestígios dos marcadores das Trevas supostamente foram destruídos durante os ataques impiedosos do Coletivo que quase levaram à destruição dos clãs.

Os Marcadores das Trevas: Cruzes metálicas de enorme poder que foram misteriosamente criadas pelo Consórcio original, elas são as únicas armas conhecidas capazes de matar um Casus enviando sua alma diretamente para o inferno. Eles também funcionam como um talismã para quem os usa, oferecendo proteção contra os Casus. Embora não se sabe quantos marcadores das Trevas ainda existam, há um conjunto de mapas criptografados que levam à suas localizações. Os Sentinelas e os Buchanans estão usando esses mapas para ajudá-los a encontrar os marcadores antes que caíam em mãos inimigas.

“Braço de Fogo”: modo de arma para um Marcador das Trevas. Quando segurado contra a palma, um Marcador das Trevas detém o poder de mudar o braço da pessoa em um Braço de Fogo. Quando a cruz é colocada contra a nuca de um Casus, o braço coberto de chamas afundará no corpo do monstro, queimando-o de dentro para fora.

Os Mapas Criptografados: Quando Saige Buchanan descobriu o primeiro Marcador das Trevas na Itália, ela achou um conjunto de mapas criptografados enterrados ao lado da cruz. Os mapas, que levam às localizações escondidas dos Marcadores das Trevas, foram embrulhados em um oleado e preservados por algum tipo de magia.

Os Caminhantes da Morte: As almas dementes dos membros dos clãs e mulheres que foram enviados para o inferno por seus crimes sádicos, e que agora estão conseguindo retornar ao nosso mundo. Não se sabe como matá-los, mas eles podem ser queimados por uma combinação de água benta e sal. Levados à loucura por seu tempo no inferno, eles são uma força extraordinária de maldade, procurando criar o caos e guerras entre os clãs remanescentes simplesmente porque querem assistir o mundo sangrar.

Características: Embora eles retenham certas características de sua espécie original, cada um dos Caminhantes da Morte possui pele branca cadavérica e chifres pequenos que se projetam de suas têmporas, bem como dentes e garras mortais.

“O Efeito Eva”: Um fenômeno que afeta várias raças de metamorfos, fazendo com que sejam atraídos para certas fêmeas que tocam a fome primitiva tanto do homem quanto da besta. Se um homem se apaixona por uma dessas mulheres e a morde, ela estará ligada a ele como sua companheira para o resto de suas vidas.

Os Infettato: Humanos que foram infectados pela mordida de um Caminhante da Morte. Uma vez transformados, eles se tornam os “mortos-vivos”, e lhes é impossível recuperar sua humanidade. Vivem apenas para consumir carne, rastreando suas presas pelo cheiro, e cegamente obedecer às ordens de quem os fez. Quando se alimentam eles se tornam mais fortes, e só podem ser mortos quando seus corações são removidos do seu peito e queimados. Características: Pele amarelada e manchada, rostos esqueléticos e olhos encovados. Pele negra que parece como se tivesse sido queimada cerca seus olhos e bocas.

Os Kraven: Descendentes de vampiras Deschanel que foram estupradas por machos Casus antes de sua prisão. Tratados pouco melhor do que escravos e considerados um símbolo vergonhoso de fraqueza, os Kraven têm sido um segredo tão bem guardado dentro do clã Deschanel que os Sentinelas apenas recentemente ficaram cientes de sua existência. Embora sua motivação ainda não esteja clara, os Kraven estão trabalhando para facilitar o retorno dos Casus. Características: Acredita-se que tenham vida longa e suas presas podem ser liberadas apenas à noite, fazendo com que seus olhos brilhem numa profunda cor vermelho sangue. Eles também podem passar facilmente por humanos, mas só podem ser mortos quando uma estaca de madeira é introduzida em seu coração.

Wasteland: Uma região fria, desolada e perigosa, que foi criada por poderosa magia, onde “ninhos” Deschanel ou núcleos familiares exilados são forçados a viver uma vez que o Consórcio aprovou sentença contra eles. Protegida por magia que a torna invisível para os seres humanos, esta vasta região “compartilha” espaço físico com as florestas escandinavas que a rodeiam.

Os Sentinelas: Uma organização de metamorfos cujo trabalho é vigiar os clãs antigos remanescentes, eles são considerados os “olhos e ouvidos” do Consórcio. Monitoram as várias espécies não humanas, bem como as linhagens dos clãs que se tornaram latentes. Antes dos recentes despertares dos Merrick, as linhagens mais poderosas Merrick estiveram sob supervisão dos Sentinelas. Há Complexos de Sentinelas situados ao redor do mundo, com cada unidade composta de quatro a seis guerreiros. Características: traços físicos variam de acordo com a raça específica de metamorfo.

Capítulo 1

Paris, França

Quem disse que a vingança era um prato servido melhor frio obviamente nunca provou isso, porque tudo que Raine Spenser podia sentir era calor — a febre quente e escaldante por suas veias — e se sentiu bem. De fato, melhor que qualquer coisa que sentiu há muito tempo, como se sua vida finalmente tivesse um propósito depois de tantos meses vazios de fraqueza. Quem se importava se estava agindo por pura emoção em vez da lógica cabeça fria? Sua sede de vingança era uma infusão de poder rasgando pelo seu corpo, deixando-a queimando e gostava disso. Muito.

A chuva de maio desceu num aguaceiro preguiçoso sem fim, encharcando a cidade de Paris até os ossos, o vento uivando dirigindo as gotas frias contra seu rosto e ainda assim ela queimava, doendo pela necessidade de capturar sua presa e fazê-la pagar pelos seus pecados. E uma mulher como Raine era mais que capaz de lidar com uma carga de violência dos diabos.

Única entre os antigos clãs de raças não humanas cuja existência foi mantida em segredo da maioria dos humanos por milhares de anos, Raine era uma mulher de dois mundos: o dos vampiros Deschanel e dos psíquicos Alacea. Seus pais deram a Raine uma infância cheia de amor, riso e aceitação, e embora sempre fizessem seu melhor para protegê-la, se recusou a torná-los uma parte disso.

Esta luta tinha que ser sua e por tudo que aconteceu, a levaria até o fim.

A jovem que foi criada pelos seus pais com todo o carinho, que foi para a universidade e então viajou o mundo como ecologista parecia outra pessoa agora. Uma Raine que mal conhecia ou compreendia. Depois de ser sequestrada no início do ano e mantida prisioneira por quase um mês, a esperança que uma vez queimou dentro dela foi transformada em algo distorcido e sombrio. Entretanto, estes eram tempos terríveis para todos os clãs antigos e o mestiço sabia que ela não estava sozinha.

Uma guerra diferente de qualquer outra coisa vista antes estava sobre o mundo, embora a maioria dos humanos continuasse com sua existência despreocupada e alegremente desavisados, acreditando que os pesadelos que se aproximavam deles eram nada mais do que mera invenção da sua imaginação. Mas os pesadelos eram todos muito reais e se não fossem detidos, a vida tanto dos humanos quanto dos clãs nunca seria a mesma novamente.

Monstros uma vez aprisionados encontraram uma forma de escapar, e agora os homens e mulheres que ajudaram a salvar a vida de Raine apenas alguns meses antes estavam presos no meio de uma batalha de proporções épicas contra uma raça vil conhecida como Casus. Criaturas imortais que foram encarceradas por seus crimes horríveis contra a humanidade e os outros clãs há mais de mil anos atrás, os Casus finalmente encontraram um meio de fugir da prisão metafísica chamada Meridian que os detinha. E embora só pudessem escapar um ou dois de cada vez, seus números estavam crescendo continuamente. Mas a parte mais assustadora era que estavam trabalhando para provocar *o dilúvio*, quando todos os seus irmãos escapariam de Meridian num êxodo em massa, desafogando sua vingança pelo mundo.

E era onde os Sentinelas entravam.

Uma organização de metamorfos cujo trabalho era vigiar os clãs que sobreviveram aos séculos, os Sentinelas estavam destinados a garantir a tranquilidade e a paz. Embora vivessem em todos os cantos do mundo, foi uma pequena unidade de metamorfos do Colorado que começou a primeira briga contra os Casus. Eles agora estavam estabelecidos num novo Complexo na Inglaterra chamado Harrow House, onde Raine ficou desde fevereiro passado, depois que a libertaram do louco determinado a usar seus poderes psíquicos para ajudar os Casus em sua busca pela liberdade.

Mas mesmo que sua luta fosse justa Raine não trabalharia com os Sentinelas ou seus aliados. Tinha seus próprios planos — planos que executaria com mortal propósito, sem importar as consequências.

Esta noite era um predador. E estava caçando.

Espreitando na esquina de um enorme e resistente edifício feito de granito antigo, Raine podia ver sua presa oculta nas sombras distantes, sua alta forma escondida na outra extremidade de um beco estreito. Era uma das sombras de Casus que escaparam vivendo dentro do corpo de um hospedeiro humano, o espírito do homem destruído de forma que o monstro pudesse usar sua pele. Apesar da chuva, estava perto suficiente para sentir seu cheiro, seu suor substituindo o cheiro de pedra e madeira úmidos da cidade e podia sentir sua ânsia sádica pela dor e carne. Só por esta razão teria justificativa para matá-lo, impedindo-o de tomar outra vida humana. Mas ela tinha outras razões também. O Casus que espreitava na outra extremidade deste beco cometeu pecados imperdoáveis contra a família de Raine e queria tanto sua destruição que podia saboreá-la.

Ela podia ter sido criada para abominar a violência, mas não estava preocupada em assassinar esta criatura. Não quando sua motivação era tão forte. Afinal, seus poderes mentais possibilitavam entrar na sua mente. Ver seu passado. Ter visões do cruel sofrimento que infligiu aos outros antes de sua prisão, bem como da carnificina que efetuou desde sua fuga. Era o puro mal encarnado e queria sua morte mais ainda que sua próxima respiração. Ainda mais do que queria sobreviver.

Entretanto havia momentos que ficava assustada pela forma como mudou, desejando que apenas pudesse voltar para casa e esquecer os últimos meses que passaram. Mas sua vida foi irrevogavelmente alterada durante as semanas do seu cativeiro, a tal ponto que não podia se livrar desta necessidade por vingança fervilhando que ganhava vida dentro dela. E agora que cedeu a isso, a escuridão continuava se espalhando dentro dela um pouco mais a cada dia, seu ódio trazendo uma onda renovada de propósito e poder. Em vez de se perder no nada, seu corpo começou a se curar sozinho, até que estava pronta para deixar a segurança de Harrow House na semana anterior e entrar de cabeça.

E agora este bastardo é meu, ela pensou, mascarando seu perfume enquanto se esgueirava dentro das sombras do beco e liberava as garras afiadas nas pontas dos seus dedos. Suas presas saltaram duro e rápido quando permitiu que a queimação da raiva disparasse por ela e se misturasse com a noite.

Ela era uma sombra. Um espectro. E antes que este monstro visse o amanhecer, ela seria a pessoa que o entregaria ao inferno. Pegou um dos valorizados Marcadores das Trevas dos Sentinelas antes de deixar seu Complexo, justamente com este propósito, sabendo que a cruz antiga era a única arma que poderia verdadeiramente destruir a alma do Casus.

Abaixando-se, Raine deu rédea solta ao seu sentido Deschanel, imergindo nas percepções sensoriais como oxigênio enchendo um pulmão de ar. A batida pesada da pulsação do monstro encheu sua cabeça enquanto ele se preparava para a matança, ao mesmo tempo em que um grupo de turistas de repente vinha rindo pela rua, ignorando o perigo que os cortejava quando tropeçaram passando pela entrada do beco. Sua presa os observava contemplando suas mortes, em seguida sacudiu sua cabeça e vagou em direção à boate do outro lado da rua onde tinha a intenção de escolher sua próxima vítima. Embora os Casus que governavam inicialmente proibissem os monstros de se alimentarem de humanos, os Sentinelas acreditavam que as restrições foram retiradas recentemente, considerando o número de mortes suspeitas que estavam acontecendo nas cidades do mundo inteiro.

Os Casus começaram a se alimentar para se fortalecer, o que significava que estavam se preparando para a próxima fase da guerra.

Raine esperou até que o macho entrou pela porta da frente do clube antes de retrair suas garras e presas e seguiu-o para dentro. Embora tentasse obter uma visão mais clara dele, seus pensamentos vieram para ela em fragmentos desconexos, entretanto era o melhor que podia manejar nesses dias. Embora estivesse fisicamente cada vez mais forte, suas habilidades mentais permaneciam frustrantemente incertas, ainda muito distantes do que eram antes dela ser sequestrada na selva sul americana onde estava trabalhando, e forçada a essas brutais e abusivas semanas de cativeiro. Seu corpo fez os reparos da provação, mas seus poderes não.

Enquanto a maior parte dos homens no clube estava vestida de couro preto ou jeans, as mulheres pareciam ter escolhido a menor roupa possível. Vestindo jeans desbotado e um suéter cinza apertado com seu longo cabelo loiro enterrado embaixo de um boné preto, Raine estava claramente fora de lugar, então se manteve à margem da multidão o máximo possível. A música alta e pulsante que mais parecia computadorizada que instrumental golpeava contra seus tímpanos sensíveis, o cheiro acre de suor, álcool e fumaça de cigarro agredindo seu altamente desenvolvido sentido de olfato. À medida que o caos do clube fechou sobre ela arranhando seus nervos, lutou para seguir o odor do Casus, mas era impossível.

Temendo tê-lo perdido, deu uma parada procurando na multidão com olhos estreitados e foi então que o achou. Não uma advertência mental, como algo que pudesse captar com seus poderes Alacea. Não, isso era muito físico, como um arrepio na superfície do seu corpo alertando o predador dentro dela da proximidade do perigo.

Alguém a observava, seu olhar abrasador pressionando contra sua pele e estremeceu como se houvesse contato real, seu rosto ardendo conforme seu pulso acelerava em resposta. Não que não pudesse ser tocada, como muitas mulheres que sofreram o que ela passou. Mas ainda evitava qualquer contato físico com os outros, cautelosa das memórias que pudessem vir à tona.

Querendo saber se o Casus que estava seguindo trabalhava com outro, apesar de não ter visto nada que sustentasse essa possibilidade em seus pensamentos, Raine abriu caminho para o outro lado do salão. Ela pressionou suas costas contra a segurança de uma parede enquanto procurava pela fonte desta mais nova ameaça, sua intuição a alertando que algo estava vindo, aproximando-se cada vez mais. Quando um grupo de garotas, que pareciam jovens demais para sair para baladas, se agitou numa onda de gargalhadas bêbadas, começou a se mover junto com elas, usando-as como cobertura até que um aroma quente e inesquecível a inundou. Cambaleando com choque parou na beira da multidão, um gemido baixo em seus lábios.

Não pode ser ele, ela pensou ofegante, seu pulso gaguejando enquanto aquele aroma apetitoso enchia sua cabeça. Seria impossível ele me achar...

Mas, de alguma maneira o impossível aconteceu porque sabia exatamente quem estava atrás dela, seu cheiro impresso no seu cérebro como uma tatuagem pintada numa pele tenra.

Virando-se, Raine ficou cara a cara com Seth McConnell, o humano alto que continuava a assombrar seus sonhos sempre que se atrevia a dormir. Ela ficou congelada no lugar, o Casus que estava caçando esquecido enquanto se perdia impotente nos detalhes rudes masculinos do humano. Ela não acharia possível, mas ele era ainda mais impressionante do que se lembrava, a forte tensão ao redor daqueles escuros olhos verdes e uma boca rígida dando uma borda áspera a sua beleza sensual que caía incrivelmente bem nele. Os músculos duros debaixo de toda aquela pele dourada estavam ainda mais definidos que antes, como se tivesse empurrado seu corpo insuportavelmente duro desde que o viu pela última vez, quase um mês atrás, e isso a interessava. Mais do que gostaria de admitir.

Sim, ele era bem constituído e inegavelmente magnífico — mas a fazia sentir coisas que não deveria. Não por um homem que fez as coisas que ele fez. O que significava que estava fora dos limites de um amigo, e mais definitivamente de um amante.

Ainda assim não podia negar que McConnell era muito fácil de olhar se uma mulher gostasse de seus homens um pouco duros, com uma centelha de perigo. E embora a irritasse admitir isso, era obviamente uma daquelas mulheres. Adorava o modo que seu corpo bem torneado parecia envolvido numa camisa preta e calça jeans, seus pés cobertos com botas pretas pesadas. Adorava o modo como suas maçãs do rosto se desenhavam sob sua pele, seu queixo forte e quadrado com uma mandíbula arrogante. Seus amigos Sentinelas disseram que ele estava usando seu cabelo curto e clareado pelo sol um pouco depois do início do ano, e ela podia facilmente imaginá-lo direto numa casa em alguma praia da Califórnia com uma prancha de surfe debaixo do braço, a caminho da arrebentação das ondas, se não fosse por aquele olhar predador em seus olhos. Apesar de sua beleza chamativa simplesmente não se podia confundir McConnell com algo diferente do que era: um soldado com uma atitude durona que podia afastar qualquer coisa que estivesse em seu caminho, tanto fazia se fosse humano... ou algo mais.

E vampiros sempre foram sua especialidade.

Enquanto o grupo de garotas cambaleantes se afastava deixando Raine para trás, ele deu um passo mais perto se empoleirando nela, aqueles olhos penetrantes a observando como um falcão. Ela sentiu que estava julgando sua reação, esperando pra ver se recuaria diante de sua proximidade, como sempre fez no passado.

Mas não desta vez. Hoje à noite estava zangada demais para ter medo, suas emoções caóticas e ergueu seu queixo ainda mais alto, o encarando. De um instante para o outro o calor em seus olhos mudou, ficando mais suave, mais quente — mas embora o calor fosse familiar, aqueles olhos verdes agora queimavam com algo que Raine nunca viu antes no humano. Por uma fração de segundo seu olhar caiu em sua boca quando ela lambeu seu lábio inferior, e algo dentro dela faiscou com um tipo estranho e esquecido de consciência, como se partes de sua psique que estavam enterradas na escuridão, devagar lutassem para voltar à luz. Seu pulso disparou... não com fúria, mas com algo que parecia inacreditavelmente excitação, mesmo quando uma pontada de inquietação rastejou por seu sistema, dando-lhe um frio no estômago.

Não pode esquecer que é um assassino. Não pode esquecer o que ele fez. Todo aquele sangue derramado. Toda a dor...

Sim, quando se conheceram ela foi capaz de ver o que aconteceu com sua família todos aqueles anos atrás, recolhendo mais que alguns vislumbres pertinentes e dolorosos de suas memórias. Podia entender sua raiva. Mas isso não queria dizer que não desconfiasse dele. Desde o retorno dos Casus ele pode ter desertado do Exército Coletivo para lutar com os Sentinelas, mas isso não apagava todos os anos que passou caçando e abatendo vampiros. Uma organização militante de mercenários humanos dedicados a purificar o mundo de toda a vida sobrenatural, o Exército Coletivo já existia desde que o primeiro Casus começou a matar numa orgia em massa que o levou ao seu encarceramento. Mas numa irônica reviravolta, o Exército estava agora trabalhando coordenado com os Casus, o que levou a saída de Seth McConnell.

Agora ele era um dos mocinhos. Mas quanto tempo duraria? Apesar da bondade que mostrou com ela, Raine ainda não confiava nele. E considerando todas as reviravoltas e questões complicadas que permaneciam entre eles, ela com certeza não tinha nada que estar atraída por ele.

— Vamos. — ele rosnou, sua voz profunda quase abafada pela batida sintetizada da música. Antes que ela pudesse protestar ele envolveu seus dedos longos ao redor do seu braço, puxando-a para perto da entrada que dava para uma das áreas do bar do clube. A sala de teto alto não era mais particular que a anterior, mas pelo menos a música era amortizada o suficiente para que pudessem conversar.

Só que Raine não queria ficar lá e ter uma conversa. Queria correr. Se esconder. Conseguir o máximo de distância que pudesse!

E por um breve momento de loucura quis jogar seus braços ao redor do seu pescoço... aspirar o rico aroma masculino e simplesmente segurá-lo perto, como se fosse exatamente onde ele pertencia. Em seus braços. Contra seu corpo...

E eu enlouqueci, ela gemeu silenciosamente, imaginando o que estava errado com ela. Nenhum outro homem nem remotamente despertou seu interesse nos últimos meses — então por que diabos achava McConnell tão condenadamente atraente?

Precisando colocar um pouco de espaço entre eles antes de fazer papel de tola, Raine se sacudiu do seu aperto e deu um passo instável atrás, batendo com força contra a parede atrás dela. Mas ele não pegou a dica. Em vez disso deu outro passo mais perto, de forma que ela teve que jogar sua cabeça atrás para fixar aquele olhar verde quente. Com uma respiração trêmula Raine se concentrou em tentar entrar na sua mente, mas tudo que pode pegar foi um borrão nebuloso de sombras e um burburinho, como se ele lançasse algum tipo de bloqueio mental. O que significava que teria que conseguir suas respostas do modo “normal”... e falar com ele.

— Isso não faz nenhum sentido. — ela engasgou, lutando para manter sua voz o mais nivelada possível. — O que está fazendo em Paris? — Ela sabia que soava rude e abrasiva, mas não via outra escolha, já que precisava disso para manter sua distância.

Ele não deu nenhuma resposta — apenas respirou lenta e profundamente, sua cabeça inclinando um pouco para o lado, o verde de seus olhos se tornando mais escuro — e por uma fração de segundo Raine pensou ver uma imagem em sua mente. Uma imagem que mostrava os dois juntos, seu corpo alto e poderoso pressionado firmemente contra o dela, prendendo-a na parede. Seus quadris estreitos estavam encravados entre suas coxas, suas pernas embrulhadas possessivamente ao redor da sua cintura, enquanto suas mãos fortes seguravam sua cabeça, mantendo-a quieta enquanto devastava sua boca, beijando-a de forma longa, dura e incrivelmente profunda.

Rangendo os dentes Raine forçou a imagem provocante de sua mente, furiosa consigo mesma por deixar o humano a alcançar tão facilmente. Ele não disse mais que duas palavras para ela e já estava toda trêmula, imaginando coisas que não existiam. Ela sabia muito bem que a visão não era real. Que veio de seus pensamentos, e não dele. Mas não foi essa parte que a deixou tão irritada. Não, foi o fato que ambos estavam suados e nus, nenhuma peça de roupa entre eles — e enquanto Seth McConnell parecia bom de jeans, o bastardo parecia muito melhor fora deles.

E realmente isso é algo que eu poderia ficar sem pensar.

Uma segunda exigência para saber exatamente o que estava fazendo ali acabava de chegar na ponta da sua língua, quando seu olhar caiu na cruz metálica brilhando em torno do seu pescoço, a antiga arma descansando justamente entre seus seios.

— Se está aqui pelo Marcador — disse a ele, perguntando-se por que havia uma ponta amarga de decepção em suas palavras, — não precisava ter se incomodado, McConnell. Quando eu acabar com a cruz, tenho toda a intenção de devolvê-la aos seus amigos.

— Achei o máximo. — Sua voz era áspera, ainda mais rouca do que se lembrava. — Mas o Marcador não é a razão pela qual estou aqui.

Suas sobrancelhas franziram em confusão.

— Não é?

Com uma sacudida lenta de sua cabeça, o soldado prendeu seu olhar penetrante com o dele.

— Você é.

Capítulo 2

Enquanto ela olhava para ele com aqueles grandes olhos escuros, Seth se deu conta que a pequena híbrida não podia parecer mais apavorada se encontrasse sua lâmina no seu pescoço, pronta para abrir sua garganta.

— *Sou* a razão de você estar aqui? — Ela grasnou, um ligeiro tremor correndo através de seu corpo esguio, enquanto uma onda de cor queimava as maçãs proeminentes do seu rosto e a ponte delicada do seu nariz. — Mas... isso não faz nenhum sentido.

Enfiando as mãos nos bolsos, ele forçou uma explicação áspera.

— Estou aqui para te proteger.

— *Proteger a mim?* — Suas narinas inflaram, seus punhos se cerraram em ambos os lados. — Perdeu sua mente sanguinária, McConnell?

E desde que Seth descobriu a ausência de Raine do Complexo na Inglaterra, se fazia aquela mesma pergunta. Suas ações não eram somente ilógicas, eram impulsivas e imprudentes. Havia mil e umas outras coisas que deveria estar fazendo naquele momento, e mesmo assim, lá estava ele, seguindo Raine Spenser como algum tipo de herói apaixonado com a intenção de salvar sua donzela em perigo.

Só que estava muito longe de ser um herói.

E ela com toda a certeza não parecia querer ser salva.

Mas isso não importava. Seth sabia que deveria estar reorientando em sua busca por Ross Westmore — Westmore era o homem trabalhando para trazer de volta os Casus, como também a pessoa que manteve Raine cativa desde o princípio do ano — mas desde o momento que soube que Raine deixou a segurança de Harrow House para visitar seus pais em Roma, então ficou por conta própria novamente, entrou em pânico. Tudo que foi capaz de pensar foi em encontrá-la. Mantê-la segura. Mantê-la perto.

Não que ela fosse sua para cuidar. Não estavam envolvidos. Inferno, mal se conheciam um ao outro — e o que sabiam não era muito para fundamentar.

Ela era uma vampira mestiça que não queria nada com os homens.

E ele era um ex-caçador que passou os últimos vinte anos de sua vida abatendo cada vampiro que pode colocar suas mãos.

E já que ela também era parte psíquica, Raine sem dúvida podia ver cada uma daquelas mortes desde a primeira vez que colocou seus olhos nele. Mas mesmo sabendo que era a última pessoa no mundo que ela gostaria de ter perto, não podia parar de pensar sobre rastreá-la e deixá-la em algum lugar seguro. E não acabava ali, porque depois que conseguisse deixá-la fora de perigo, queria a vampirinha louca em algum lugar privado. Em algum lugar onde pudesse fazer coisas que sabia malditamente bem que nunca poderia fazer do lado de fora do reino da sua imaginação. Coisas como tocá-la. Beijá-la...

Provavelmente era errado de mais formas do que podia contar, mas Seth foi atraído por esta mulher desde o momento que carregou seu pequeno corpo para fora do Complexo de Westmore, quando ainda nem estava consciente. Ao longo das semanas que a conheceu, aquele interesse cresceu para uma atração desconfortável, e agora aquela atração estava condenadamente perto de se tornar uma obsessão. Uma obsessão estúpida e perigosa que o enviou correndo de Harrow House um mês atrás, só para deixá-lo queimando de desejo por uma mulher que parecia sair do seu caminho para evitá-lo.

Apesar de tudo não conseguia parar de querê-la — embora querer na verdade não chegasse realmente nem perto de descrever este estranho desejo que só parecia aumentar ainda mais a cada dia. O que realmente queria era possuí-la em algum tipo de ato primitivo de dominação, a necessidade de se lembrar do modo que os metamorfos que agora chamava de amigos agiam com suas mulheres. Seth a queria debaixo dele e gozar com ela até que seus corpos estivessem escorregadios, fumegantes e mal conseguissem respirar. Queria se perder nela até que de alguma forma conseguisse amenizar esta dor irritante que continuamente crescia, espalhando-se, e que agora preenchia cada célula do seu corpo.

Então sim, ele tinha a mãe de todas as ereções por essa vampira, ansiando por ela como um viciado. E ao mesmo tempo, havia uma parte dele que queria ficar longe dela por pura autopreservação. O que significava que em algum lugar do caminho ele claramente perdeu a porra da cabeça, a guerra sem dúvida nenhuma fazendo sua cabeça dar um nó. Desde o momento que os Casus começaram a retornar tudo ficou virado de cabeça para baixo, até que sequer sabia mais quem ele era.

E desde que encontrou Raine Spenser, tudo realmente foi para o inferno.

Com seus ombros puxados atrás, pressionando seus seios contra o material fino de seu suéter, o olhar dela se prendeu com o dele, queimando com uma fúria que Seth nunca viu antes nela. A última vez que esteve perto dela, estava desligada, como se um interruptor fosse acionado dentro do seu peito. Mas agora vibrava com raiva e poder, aquele olhar selvagem quase roubando seu fôlego. Sim, só acrescentava ao seu atual estado de idiotice, mas era inútil mentir sobre isso. Seus olhos eram o cinza pálido e puro dos vampiros Deschanel, mas com linhas azuis escuras dos Alacea trançadas por ele, e os achou incrivelmente bonitos. Tão únicos quanto a própria mulher.

Seth estudou seu rosto e seus olhos, procurando pelos sinais de trauma que estavam ali quando a encontrou pela primeira vez em fevereiro, mas foi incapaz de achá-los. Baixando seu olhar, notou as mudanças em seu corpo também, e estava claro até para os seus olhos humanos que estava finalmente... se curando. Parecia diferente do que estava um mês atrás, mais cheia, mais saudável, não mais a magrelinha faminta que era quando a carregou daquele Complexo ganancioso. E nas semanas que se seguiram sua saúde só piorou, seu corpo enfraquecendo cada vez mais, em vez de se recuperar.

Obviamente algo aconteceu para mudar tudo.

— Você parece... mais forte. — Ele disse numa voz baixa, quando o que realmente estava pensando era que parecia boa o suficiente para comer. Sexualmente, quer dizer. Parecia uma distinção importante, considerando que esta era uma mulher que tinha uma *coisa* com sangue.

— O que quer, McConnell?

Ele inclinou sua cabeça levemente enquanto matinha seu olhar fixo.

— Em primeiro lugar sabe meu primeiro nome, então o use. E por que pergunta quando já sabe a resposta? Não pode apenas ler minha mente?

— Acredite ou não — ela estalou, seu tom, um que nunca a ouviu usar antes —, tenho coisas melhores a fazer que ficar cavando dentro dessa sua cabeça dura.

Seth aceitou sua resposta com um simples dar de ombros, se perguntando se sua mãe estava certa. Quando conversou com Simone Spenser mais cedo naquele dia em Roma, a mulher foi surpreendentemente franca com ele, o aceitando com confiança, quando esperava honestamente que ela batesse a porta na sua cara no segundo que colocasse seus olhos nele. Mas ao invés disso conversaram por quase uma hora, e ela disse que acreditava que os poderes mentais de Raine ainda estavam decrescentes devido ao trauma que sofreu, e Simone temia que se Raine não voltasse às condições que estava, poderia perder suas habilidades psíquicas para sempre. Seth esperava que a mulher estivesse errada, mas certamente Raine teria usado seus poderes para descobrir suas intenções se fosse capaz.

E se seus poderes ainda *estavam* débeis, então ela estava em mais perigo do que imaginou antes. O que quer que estivesse fazendo em Paris, não tinha dúvida nenhuma que era um trabalho perigoso. Enquanto os outros pensavam que ela simplesmente queria a cruz para sua proteção, já que os Marcadores agiam como um talismã para aqueles que o usavam, Seth acreditava que só havia uma razão pela qual teria arriscado a ira dos Sentinelas... e era matar um Casus. Ela podia ter feito uma viagem rápida para Roma pra ver sua família, mas a verdadeira razão por que partiu de Harrow House com uma das antigas cruzes era para caçar.

— Não deveria ser tão difícil compreender por que estou aqui, Raine. Realmente achou que apenas a deixaríamos fugir e ficaríamos sorrindo?

Uma sobrancelha fina se curvou com deboche.

— Olhe para o lado, McConnell. Não vejo mais ninguém na minha frente.

— Os outros teriam vindo atrás de você assim que percebessem que não estava mais com seus pais, mas todo o inferno começaria a se libertar, esse é o porquê de estar te chamando de volta para a Inglaterra. Só descobri que não estava mais em Harrow House quando retornei ao Complexo. Ninguém me disse que você se foi.

O aborrecimento encheu sua expressão.

— Minhas idas e vindas dificilmente deveriam ser da sua conta, então por que se dariam ao trabalho de te contar qualquer coisa?

— Porque sabiam que eu esperava te proteger. — Ele rosnou, enfiando suas mãos nos bolsos. — No segundo que botou o pé para fora de Harrow House, eu deveria ser notificado.

— Não havia nada para se preocupar. Sabiam que eu estava com meus pais.

— Não me importo se foi visitar o maldito Primeiro Ministro. — ele lançou de volta, seu sangue correndo frio ao pensar nela só e desprotegida. — Deviam ter me contado que você partiu.

— E então apenas veio por conta própria? Sem nenhum outro? — Estava claro pelo seu tom que estava esperando um modo de se livrar dele.

— Garrick estava comigo até esta tarde, mas recebeu um telefonema de seus pais e teve que ir para casa. — Antes de sua deserção, Trevor Garrick foi o segundo em comando de Seth quando ambos faziam parte do Exército Coletivo. Ele era um inferno de amigo e um soldado ainda melhor, por isso Seth continuava a depositar sua confiança nele.

— Bem, deveria ter ido com ele. Qualquer que seja o motivo por que veio aqui, está desperdiçando seu tempo.

Ignorando os idiotas que os empurravam enquanto iam em direção ao bar lotado, Seth cruzou seus braços no peito.

— Julgarei isso. — Murmurou, sem dúvida ele mesmo soando como um idiota e um grosseirão. Mas merda, ele *era* grosseiro.

Seu queixo se ergueu mais um pouco, sua voz ainda mais rouca com raiva e algo que soava quase como pânico.

— Como soube que eu estava em Paris?

— Fiz uma visita aos seus pais. — Para todos os efeitos, sua família estava ficando no Complexo dos Sentinelas em Roma desde que Raine foi resgatada, então foi fácil para Seth achá-los.

Sua cor empalideceu pelas suas palavras.

— Se os machucou...

— Não seja ridícula. — Seu lábio se curvou numa ofendida zombaria. — É claro que não os machuquei. Apesar do que parece pensar, não tenho por hábito assassinar pessoas inocentes, ainda que sejam vampiros. — Pelo menos, não ultimamente.

Aquele pequeno franzido voltava entre suas sobrancelhas.

— Então como conseguiu que te dissessem onde me encontrar?

Por um breve momento o canto de sua boca se retorceu, mas ele lutou para engolir o sorriso sabendo que só a deixaria mais irritada. E ela já estava espinhosa o suficiente.

— Realmente, essa parte foi muito simples. Sua mãe gostou de mim.

Seus olhos se arregalaram e ela teve que abrir sua boca duas vezes antes de poder falar.

— Isso não é engraçado, McConnell.

Ele deu de ombros do tipo acredite-se-quiser, conferindo que ela continuava se recusando a usar seu primeiro nome.

— Estou só declarando os fatos, Raine.

— Não. Está mentindo. — Ela replicou, o cinza de seus olhos começando a arder com uma luz irreverente que deveria deixá-lo pirado, mas a onda de sangue para sua virilha disse o contrário.

— Não estou mentindo. — ele respondeu numa voz baixa, tendo certeza de estar protegendo-a de qualquer um que pudesse ver por um instante aquele estranho olhar prateado. — Depois que conversamos por algum tempo, ela me disse que estava em Paris e me deu o nome do seu hotel.

— Minha mãe não faria isso. — Ela discutiu e não precisava ser um gênio pra ver que não queria acreditar nele. — Isso não faz sentido. Sua Alacea lhe dá um poder incrivelmente forte. Ela poderia usar esses poderes para ler você... olhar seu passado. — Sua voz estava subindo a cada palavra, um testemunho de sua angústia. — Espera que realmente acredite que minha própria mãe enviaria um assassino de vampiro atrás de mim?

— Se não acredita em mim, ligue para ela. — ele sugeriu.

Ela cruzou os braços refletindo sua própria posição e forçou sua resposta entre dentes.

— Vou. — A boca de Seth mal acabou de se curvar com um sorriso lento, torto, quando ela acrescentou. — Ainda que esteja me dizendo a verdade sobre minha família, isso não explica o que está fazendo aqui, neste clube. Como soube que eu estava aqui?

Bem, merda. Pra ser honesto, teria evitado esta parte da conversa, mas a mulher era como um pitbull com um osso. Enterrando seus dedos pelo seu cabelo úmido da chuva, ele bufou exasperado e disse a verdade.

— Eu realmente não sei.

— Como pode não saber? Está aqui, não é? Teve que me achar de alguma maneira!

— Inferno, explicaria se pudesse, mas não posso. Soube que estava na cidade, mas não tinha nenhuma ideia de onde. Comecei no hotel que sua mãe me deu e apenas... acabei caminhando pelas ruas procurando por você. Finalmente decidi voltar ao seu hotel e te esperar lá fora, quando vi você caminhando do outro lado da rua e entrando neste lugar.

Descrédito enchia o olhar dela.

— Então apenas aconteceu de se chocar comigo? Numa cidade do tamanho de Paris? Percebe o quanto... isso é *improvável*?

Ele deu de ombros novamente.

— O que posso dizer? — Ele murmurou se sentindo quase envergonhado pela estranha coincidência. Tentando tornar as coisas mais leves acrescentou. — Talvez os destinos estejam olhando para nos juntar.

— Os destinos? — O choque arregalou seus olhos, enquanto a raiva os escurecia. — Isso não é um pouco fantástico para um homem como você?

Seth arqueou uma sobrancelha ante seu tom cortante, apreciando o modo como suas bochechas queimavam numa cor como uma rosa desabrochando, a feroz emoção um alívio bem-vindo para o medo que a empalidecia da última vez que a viu.

— Acha que ainda posso ter minha mente fechada, depois de toda essa merda maluca que testemunhei? Posso não entender a maior parte, mas sei como o mundo funciona em seus misteriosos modos.

— Ótimo. — ela estalou, o pânico em seus olhos ficando mais afiado. — Então agora os destinos estão conspirando contra mim?

De repente se sentindo como um babaca a aborrecendo, ele suavizou seu tom.

— Estou aqui para te ajudar, Raine. Não vim para te causar nenhuma dificuldade.

— Bem, não pedi nenhuma ajuda e melhor ainda, não quero nenhuma. Especialmente não a sua!

Com aquilo rapidamente sua culpa desapareceu.

— No caso de não ter notado — ele rosnou —, não perguntei. — Ela resmungou algo baixinho que ele não conseguiu pegar, mas estava claro que não confiava nele. — E pra ser honesto — ele acrescentou —, fico surpreso por não me ver chegando.

Com um grunhido delicado ela disse.

— Meus poderes dificilmente funcionam direito, lembra?

Sim, ele lembrava. Mas também não podia evitar se lembrar de quando ela começou a... bem, se importa com alguém, ao menos os que podia ver. De fato, ela mal podia ler as pessoas que amava, razão pela qual não teria como saber que ele visitou seus pais a menos que ela falasse diretamente com eles.

Mas antes que seu cérebro pudesse fugir com aquele pensamento intrigante, ela disse.

— Você ainda não me disse por que os outros te deram este trabalho ridículo.

Seth sacudiu sua cabeça.

— Não foi assim que aconteceu.

— Não?

— Não me enviaram atrás de você. Vim por conta própria.

Aquilo pareceu aliviá-la um pouco, embora ele pudesse dizer que estava tentando manter as cartas na mesa.

— Bem, agora pode apenas dar meia volta e ir embora. Tenho coisas que preciso fazer e não envolvem você.

— É estranho dizer isso. — ele murmurou, seus músculos se avultando com uma onda renovada de tensão.

— Por quê?

— Porque pensei que tínhamos um acordo.

— Que tipo de acordo? — Ela perguntou, sua voz carregada de suspeita.

Ele ponderou sua resposta, desejando que não estivessem tendo esta discussão na boate cercados por bêbedos idiotas.

— O tipo onde você não faz nada estúpido, colocando-se em perigo novamente, depois que ajudei a salvar seu traseiro.

O pensamento do que exatamente ele e os outros salvaram fez as entranhas de Seth se apertarem, uma gota de suor serpenteando sua espinha abaixo sob sua camisa de algodão. A mulher esteve no inferno durante seu cativeiro no Complexo de Westmore, tanto física quanto mentalmente. Foi estuprada por grupos daqueles monstros desprezíveis, espancada repetidamente e exibiram os pedaços sacrificados do corpo de sua irmã mais nova. E no entanto, de alguma maneira, ela sobreviveu se recusando a deixar que a quebrassem completamente.

Ela olhou para longe quando ele terminou de fazer suas colocações, sua expressão uma mistura entre rebelde e arrependida. O tempo se estendeu, marcado apenas pelo ritmo destacado de suas respirações e a pulsação abafada da música eletrônica, e então de repente ela deu uma pequena sacudida.

— Eu te agradeço. — ela disse, travando seu olhar com o dele novamente. — Várias vezes, de fato. Mas o que fez por mim depois da fuga não significa que tem algo a dizer sobre o que faço agora.

Um *inferno* que não tinha.

— Onde quer que esteja se metendo, não vou te deixar fazer isso sozinha, Raine.

Raiva queimou nas profundezas dos seus olhos.

— Correndo o risco de me repetir, não tem escolha, McConnell.

— Não esteja tão certa sobre isso. — ele falou lentamente com uma pesada dose de pura arrogância masculina, sabendo condenadamente bem que suas palavras e tom a irritariam ainda mais. E por algum motivo idiota, aquele temperamento dela estava realmente o deixando desajustado, a tal ponto que não podia evitar se perguntar o que ela faria se tentasse beijá-la.

Quando seu olhar caiu em sua boca, ela respirou rapidamente, sua voz quase gutural à medida que o advertiu.

— Experimente, pênis duro, e rasgarei sua garganta.

Excitação vibrou ao longo de suas terminações nervosas, trazendo uma nova onda de calor sob sua pele. Ele a achava fascinante antes, mas agora... Cristo, sua cabeça estava girando por tentar desvendá-la. Estava muito mais dura do que da última vez que a viu. Mais irritada. Ainda mais complexa. Mas ainda assim bonita como sempre. Não conseguia parar de olhar para a curva luxuriosa de seu lábio inferior, amando a dobra que vinha do centro. Estava encantado com a cor, as curvas, a textura...

Precisava saboreá-la, ele pensou, sua respiração pesada, a cabeça perigosamente espessa com a luxúria que sabia fodidamente bem que cairia sobre ele numa porrada de problemas. Mas não podia esperar por meses para ser digno da fome que subitamente caía sobre ele, impossível de resistir. Suas narinas inflaram quando ele retraiu uma respiração profunda do seu cheiro, e antes que pudesse pensar melhor sobre isso, Seth foi para cima dela, espalmando uma mão contra a parede nas suas costas a encarcerando, seu outro lado bloqueado pelas costas largas de um homem que estava conversando com uma ruiva ao lado deles. Quando ele começou a baixar sua cabeça, a música se desvaneceu, a multidão irritante esquecida, seu pulso rugindo enquanto ele se aproximava. Mais perto...

Então ela levantou seu joelho e o acertou direto nas bolas.

A dor o fez se dobrar, seu estômago se retorcendo conforme uma violenta onda de náuseas o varria e caiu de joelhos, duro, usando tudo que tinha para evitar desmaiar. Ela usou uma força consideravelmente maior do que pensaria que uma mulher do seu tamanho fosse capaz, porém os Deschanel eram conhecidos por serem excepcionalmente fortes.

Quando sua visão finalmente clareou, Seth aspirou uma rude golfada de ar e ergueu sua cabeça, pronto para lhe dar um inferno absoluto...

Mas a pequena híbrida enlouquecedora já tinha ido.

Capítulo 3

Mais dois segundos. Apenas dois... e sua boca seria minha. Aqueles lábios firmes. Língua quente, hábil...

Enquanto as palavras perturbadoras sussurravam através da mente de Raine, ela caminhou pela rua deserta abaixo e sob o luar perdida num torpor, a chuva batendo contra seu rosto frio e já estava há algumas quadras do clube. Não podia acreditar que Seth McConnell veio atrás dela. Podia acreditar menos ainda que se importasse o suficiente para se preocupar sobre o que aconteceu com ela. Afinal, ela viu os assassinatos horripilantes que ele cometeu contra os de sua espécie em nome do Exército Coletivo.

Mas quando ficou olhando fixamente para ela na boate nada daquilo teve importância. Seus olhos queimavam com aquele mesmo brilho quente e suave que se lembrava dos dias depois que ajudou a salvá-la de Westmore no início de fevereiro, e praticamente se derreteu.

O Complexo Westmore estava localizado no meio dos Deschanel, um reino frio e desolado onde vampiros exilados eram enviados como punição, bem como um dos lugares mais mortais do mundo. A jornada era difícil, no entanto McConnell cuidou dela o caminho inteiro, observando-a com aquele mesmo olhar ardente, mesmo quando cortou seu braço e recolheu uma xícara do seu sangue para ela beber. E mesmo que não estivesse nem perto do doce que seria de sua veia — que ele deixou claro não ser uma opção — seu gosto ainda era suficiente para... preocupá-la. Era muito bom. Muito... certo, de alguma maneira. Quase como se seu sabor fosse a combinação perfeita para seus apetites mais primitivos.

Abalada por seus pensamentos perturbadores, parou para apoiar seu ombro contra uma vitrine às escuras de forma que pudesse fechar seus olhos por um momento. Sentia-se em carne

viva por dentro e era óbvio que a presença dele abriu uma brecha em sua armadura construída cuidadosamente. Se não tivesse cuidado ele poderia tomá-la pedaço por pedaço, e se encontraria naquele arrepiante mundo de dor novamente. Consumida pela culpa e arrependimento. Vivendo em agonia com nada além daquele duro e dilacerante frio a enchendo por dentro.

Só sua raiva podia fazê-la queimar.

Raiva... ou McConnell.

Droga, não pensaria nisso... nele. Não podia. Não se quisesse manter o pouco de sanidade que ainda restava. Estava fazendo o melhor que podia para deixá-lo fora da sua cabeça por semanas agora, então só Deus sabia que devia estar ficando boa nisso. Na verdade estava tentando tanto não pensar nele, que nem percebeu que estava no clube até que se encontrava bem diante dela. Claro, ele tinha muitas guardas mentais naturais para um humano e eram difíceis dela transpor. Foi assim desde que Kellan Scott, o Lycan com quem ela ficou aprisionada no Complexo de Westmore, explicou ao soldado exatamente como seus poderes funcionavam. Poderes que estavam enfraquecendo a cada dia... e Raine tinha que enfrentar o fato que poderia nunca mais estar com força total novamente. Os transe profundos que entrava sempre que os Casus a estupravam deixaram graves lesões dentro da sua mente — algumas que sabia muito bem que poderiam nunca ser completamente curadas.

Como estava, foi deixada num estranho estado de limbo, capaz de sentir luxúria... e mesmo assim, sobrecarregada pela vergonha de tomar o que ela sabia que os Deschanel veriam como a saída dos covardes.

Covarde ou não, já era capaz de sentir desejo. Inferno, quem estava tentando enganar? Podia estar cautelosa ao ter o peso de um homem a esmagando embaixo dele, sem saber exatamente como reagiria — mas não havia nenhuma dúvida que queria Seth McConnell com uma fome que nenhuma de suas atrações passadas chegava nem perto de se comparar. Ela estava lutando muito duro para não admitir, mas o queria de uma forma que não fazia sentido. De modos que não podia nem sequer explicar.

Apesar de como se sentia sobre seu passado, sobre o homem que foi e as coisas que fez, por alguma razão inexplicável, McConnell foi o único ponto de luz nos dias seguintes ao seu salvamento. Um fato que suas emoções maltratadas e instáveis não foram capazes de lidar e então cortou aquela conexão, fazendo o melhor que podia para evitá-lo assim que alcançaram a segurança de Harrow House. E fazendo assim não deixou nenhuma outra escolha para si mesma, além de mergulhar na escuridão que criou raízes em sua alma, até que não se reconhecia mais. Até que apenas seu ódio e sua busca pela vingança eram as coisas que podiam salvá-la.

Mas só porque ela *não podia* se permitir chegar perto dele não significava que ele não a fascinava. O cara podia ter sido um assassino treinado, mas sempre foi gentil com ela. Ele também era perigosamente agradável aos olhos, com um sorriso lento, sexy e estrondoso, uma risada do tipo rouco que podia derreter metal. E não importa o quanto quisesse, não podia negar que sua força, assim como seu intelecto a impressionavam. Ele não tinha poderes sobrenaturais e mesmo assim ela o viu lutar com os metamorfos em Harrow House, detonando-os mais de uma vez. E ele foi capaz de encontrá-la. Não acreditava em destino. Não, ela lançou o crédito aos pés de McConnell, embora nunca admitisse isso na sua cara. Mas ele tinha instintos incríveis para um humano e os aperfeiçoou num ponto muito bom durante todos os seus anos como um caçador. De alguma forma a localizou numa cidade de milhões de pessoas e ela sabia que teria que ter cuidado se quisesse se manter afastada dele.

Falando de cuidado...

Enquanto lançava um olhar cauteloso sobre os arredores silenciosos, ocorreu-lhe que estava louca por baixar sua guarda. E as palavras arrepiantes que de repente raspavam por cima do seu ombro eram testemunhas desse fato.

— Bem, se não é a cadelinha psíquica. Westmore vai querer beijar minha bunda quando eu te arrastar de volta pra ele.

Merda.

Quando Raine se virou ficou cara a cara com Andre Carlson, o Casus que ela seguiu até o clube, seus olhos azuis-gelo queimando com malícia. Ele a olhava com uma expressão zombeteira, sem dúvida pensando que ela era a fêmea mais idiota do planeta. Afinal, pegá-lo de surpresa era uma coisa — enquanto que bater de frente com o desgraçado era outra completamente diferente.

— Mas primeiro — ele disse com voz arrastada — acho que teremos alguma diversão. Está pronta para jogar como nos velhos tempos, querida?

Porra, ela foi tão estúpida! O soldado a pegou com as calças arriadas quando deveria ter se focado em onde estava... e quem estava com ela. Era imperdoável. Ela deveria saber! Afinal, não estava sendo descuidada quando aterrissou no complexo de Westmore em primeiro lugar?

— Eu te fiz uma pergunta, prostituta.

Ela deslizou o Marcador dentro do seu suéter quando deixou o clube, querendo senti-lo pressionado contra sua pele, como se o metal pudesse de alguma forma trazer algum conforto. Queimava contra seu tórax, vibrando com o poder, como se estivesse ansioso para pegar o monstro. Mas tinha que ser cuidadosa. Os Marcadores das Trevas não eram apenas as chaves que abriam o portão encantado e altamente fortificado para Meridian, também formavam um mapa que conduziria à prisão escondida dos Casus. Se os Sentinelas quisessem ter sucesso em seu plano para entrar em Meridian e destruir os Casus de uma vez por todas, então precisariam de cada cruz.

— Você é surda? — Ele rosnou. — Estou falando com você.

— Desculpe. Minha mente vagou por um segundo. — ela murmurou, surpresa pela calma em seu tom. — Estava só imaginando os lábios de Westmore na sua bunda. Aposto que você adora quando ele faz isso, heim?

Ele bateu nela com tanta força que sua cabeça girou de lado, embora sua reação fosse mais pelo choque do que pela força do golpe. Graças à proteção da cruz, seu punho deslizou direto sobre sua pele, mas o idiota estava com tanta raiva que nem sequer notou.

— Uma boca tão imunda. — ele rosnou, agarrando seu queixo. — Você se tornou uma megera desde sua fuga.

Ela deu um sorriso tão largo que seus dentes ficaram descobertos... bem como as presas que já tinham descido.

— Então por que não tenta me ensinar uma lição?

— Nós vamos.

Nós? O que...

Antes que pudesse reagir, mãos fortes agarraram a parte de cima dos seus braços e Raine percebeu que seu erro de julgamento era ainda pior do que pensava. Enfrentar um Casus era perigoso o bastante, mas dois seria quase impossível. Não que tivesse medo de morrer. Mas porra, ainda tinha mais três monstros que pretendia caçar e encestar, antes de finalmente seguir Westmore.

— Vamos começar com isso. — o recém-chegado ronronou em seu ouvido e quando a puxou contra a frente do seu corpo, a bÍlis subiu pela sua garganta ao sentir sua ereção cravando na parte baixa das suas costas.

Faça alguma coisa! Lute de volta!

Certo. Hora de parar de ficar em pé ali esperando um milagre acontecer. Se quisesse sair dessa teria que fazer isso sozinha. Usando o segundo Casus que segurava seus braços como alavanca, balançou sua perna direita no ar visando um chute poderoso ao lado da mandíbula do Carlson, a satisfação do osso se quebrando alimentando sua agressividade. O desgraçado caiu no chão, um gemido baixo se derramando de seus lábios enquanto ele cuspiu três dentes.

— Agora isso simplesmente não foi legal. — o segundo riu baixinho. Ele girou, prendendo-a contra a parede mais próxima. — Parece que precisa aprender boas maneiras.

— E aqui estava eu pensando que prefiro apenas matar você em vez disso. — Rangendo os dentes, Raine empurrou com a ponta dos dedos do pé e golpeou sua cabeça pra trás, um ruído espesso enchendo a noite quando a parte de trás da sua cabeça conectou com o nariz dele. Ele a subestimou pensando que não lutaria de volta, exatamente como o primeiro que ela matou dois dias atrás na Espanha. Mas não era mais a vítima. Era a que queria sangue, droga — e o tomaria.

Conforme o Casus soltava seu braço direito para segurar seu nariz mutilado, ela mergulhou e rolou, a frente do seu suéter agarrando em algo e rasgando, enquanto se arrancava do seu domínio. Com um rugido feroz ele balançou seu punho, o golpe pegando na sua bochecha, mas como o primeiro soco de Carlson seu punho simplesmente deslizou pelo seu rosto, deixando-a ileso.

— Que porra está acontecendo? — Ele exigiu em confusão, justamente quando ela respondeu com seu próprio soco, seu punho conectando com sua boca e dividindo seu lábio.

— Você é realmente tão estúpido? — Carlson murmurou, finalmente se movendo para se levantar. Seu maxilar estava inchando, suas palavras soando indistintas, mas Raine ainda podia entendê-lo. — Ela está usando um dos Marcadores, seu idiota cego.

O olhar azul-gelo do Casus baixou para a cruz metálica agora visível através do seu suéter rasgado, seu lábio se curvando com desgosto.

— Como diabos ela conseguiu isso?

— Eu roubei. — Raine ofereceu com um sorriso afiado, liberando suas garras. Ela podia ter se virado e corrido e provavelmente seria capaz de escapar. Mas veio para Paris com um plano e não ia partir até que o visse acontecer.

— O que faremos? — Ele perguntou ao seu camarada.

— Vamos levá-la. Só porque não podemos ferí-la não significa que não podemos capturá-la.

Oh, inferno, não.

Esteve lá, fez isso e não havia nenhuma forma que voltasse.

Vieram para ela duro e rápido e Raine lutou ferozmente. Mas não foi o suficiente, e de repente percebeu que estavam apenas ganhando tempo, esperando que ela se cansasse.

Sabendo que precisava partir para a ofensiva, alcançou a cruz pendurada no pescoço e a puxou sobre sua cabeça. Segurando o metal quente na palma da sua mão direita, apertou os dedos ao redor da arma antiga e sentiu a queimadura familiar e excruciante queimadura de calor que começou a transformar seu braço num instrumento mortal. Aquele era chamado de Braço de Fogo, por causa da maneira em que as chamas derretiam engolindo seu membro inteiro, dos dedos ao ombro quando encontrasse seu alvo. Assim que seu braço estivesse brilhando com o poder da cruz, tinha que pressionar na nuca do monstro, na base do seu crânio e depois seu braço irromperia em chamas, as chamas se espalhando pelo corpo da criatura, incendiando-o de dentro para fora. Era a única maneira de realmente destruir um Casus, enviando sua alma numa viagem só de ida para o inferno.

Na Espanha fez questão que sua presa estivesse fraca demais para lutar antes de usar o Marcador, mas desta vez teria que ser diferente.

— Quem está pronto pra brincar comigo agora? — Ela respondeu asperamente enquanto eles rosnavam para o braço brilhante. Estavam claramente com medo, sabendo que agora tinha o poder de matá-los. Não estavam, no entanto, assustados o suficiente para fugir.

Tenho apenas que mudar isso.

Juntos correram para ela, demoníacos rosnados saindo de suas gargantas, o luar brilhando contra os dentes irregulares agora enchendo suas bocas. Carlson soltou um poderoso soco que acertou no ombro, e embora a cruz a protegesse da força contundente do golpe, ainda assim foi suficiente para derrubá-la. Seus joelhos bateram com força contra o asfalto pedregoso, mas ela continuou rolando, terminando agachada. O segundo Casus veio em sua direção e ela sibilou, arreganhando os dentes quando saltou pra frente, cortando sua garganta com as garras. Sangue se espalhou, mas não foi suficiente para derrubá-lo, o corpo do hospedeiro era capaz de suportar mais do que um humano podia enquanto estava possuído por uma das Sombras. Quando tentou ir atrás dele, onde pudesse dirigir sua mão queimando em seu pescoço, ele agarrou seu braço esquerdo, jogando-a no chão. Raine acertou o asfalto tão forte que o ar deixou seus pulmões, mas imediatamente começou a torcer e chutar quando sentiu Carlson envolvendo seus longos dedos em torno de um de seus tornozelos.

— Agora, tire-a do chão! — Ele vociferou para seu parceiro. Juntos a içaram no ar, Carlson segurando os tornozelos, enquanto o outro a segurava pelo braço.

Oh meu Deus, pensou ela. Não!

Um medo frio revolveu através do corpo de Raine quando a realidade da situação se espalhou sobre ela. Seus olhos se encheram de lágrimas quentes, borbulhando de indignação, enquanto sua mente se enchia com uma torrente de perguntas estranhas que giravam em torno de McConnell. Será que tentaria resgatá-la uma segunda vez? Ou simplesmente lavaria as mãos de uma vez por todas?

Os Casus começaram a carregá-la pela rua deserta, e ela gritou tão alto que se surpreendeu das vitrines de vidro das frentes das lojas não quebrarem pelo ruído angustiante.

Seu coração disparou, batendo mais rápido e mais forte pelo pânico primitivo queimando suas veias, e de repente se viu jogando o Marcador no chão. Sem a cruz na palma da mão era capaz de libertar as garras mortais em sua mão direita, e levantou o braço acima da cabeça, agarrando o antebraço do Casus, trocando a proteção da Cruz pela chance de se libertar. Satisfação sombria se derramou pelas suas veias enquanto seus dedos afundavam em sua carne, cavando caminho até o osso, até seu sangue quente derramar sobre sua mão. Ele urrou de fúria soltando o braço e a parte superior do seu corpo caiu no chão, dor irradiando pelo seu crânio com a força de um martelo quando estalou contra o asfalto.

O bastardo que segurava suas pernas — o chamado Carlson, que ela veio até ali matar — de repente a soltou e com uma risada baixa de zombaria sorriu para ela.

— Deixou cair o Marcador. — ele resmungou, alcançando e abrindo o botão de cima do seu jeans. — Sem a sua proteção está fodidamente impotente. Assim como estava antes.

Raine ainda estava desorientada pelo golpe na cabeça, mas conseguiu virar e começar a rastejar. Não tinha ideia de onde tentava ir, só sabia que tinha que ir embora. Não avançou mais do que alguns metros quando sentiu um puxão forte em seu cabelo, lembrando-a de cada vez que este imbecil a atacou no Complexo de Westmore. Sua garganta travou de medo quando sua cabeça foi puxada pra trás, uma nova onda de dor irradiando pelo seu crânio.

— Onde diabos pensa que vai? — Perguntou ele com uma risada baixa, arremessando-a de costas. Ele caiu sobre ela com todo seu peso escarranchando sua cintura, e ela tentou cravar suas garras nele, mas ele a atingiu com um direto com tanta força que ficou entorpecida, estrelas cintilando em sua visão.

Em seguida ele bateu nela novamente, desta vez com o punho, esmagando seus lábios contra os dentes e abrindo a pele, o cheiro do seu sangue enchendo o ar instantaneamente.

— Droga. — ele gemeu, sua voz áspera de fome. — Não tem ideia de como é bom... oomph!

Num segundo Carlson estava sentado em cima dela e no próximo se foi, um rugido furioso sacudindo seu peito quando algo caiu pesadamente sobre seu corpo, prendendo-o no chão. Lutando para se sentar, Raine afastou os cabelos do rosto bem a tempo de ver McConnell fixar o rosto do Casus contra o chão, justamente a chave de braço que Carlson usou para atingi-la, em seguida a torção e torque, quebrando o braço de tal maneira que o osso rompeu a pele. O uivo de dor do monstro encheu o ar, no rosto de um humano um olhar de raiva violenta e sombria. O outro Casus finalmente se levantou, seu corpo estremecendo quando começou a fazer a mudança para sua verdadeira forma Casus, mas McConnell pegou a arma escondida na parte de trás da calça jeans e perfurou com três tiros o peito do macho.

Então abaixou a arma automática brilhando para a nuca de Carlson.

— Não! — Raine gritou, seu grito agudo ecoando pela noite, mas era tarde demais. O tiro ecoou silenciando os uivos do bastardo, seu sangue fluindo pela estrada como uma obscura mancha negra. — Não posso acreditar que fez isso! — Ela fervia, observando como McConnell se levantava e caminhava em sua direção, o luar brilhando contra a superfície metálica da arma antes dele a colocar de volta em seus jeans. Agachou-se ao lado dela, sua expressão impossível de ler enquanto corria seu olhar agudo pelo rosto machucado. Pela primeira vez não hesitou pela sua proximidade, até que ele começou a avançar como se quisesse empurrar para trás seus cabelos emaranhados.

— Não! Não toque meu cabelo! — Ela rosnou, fugindo dele como um caranguejo. Parecia loucura, mas essa era a única coisa que lembrava claramente da sua tortura e não podia suportar a ideia das mãos de um homem em seu cabelo. — *Nunca toque meu cabelo!*

Ele ergueu as mãos para mostrar que entendeu e voltou a ficar em pé, dando um passo atrás para lhe dar algum espaço. Apesar de Raine saber que sua ira sanguinária não era por ela, mas pelos que a machucaram, o olhar assassino em seus olhos escuros ainda a fazia tremer de medo.

— Está tudo bem, Raine. — Sua voz rouca era baixa e calma, como se estivesse tentando acalmar um animal assustado. E isso era sem dúvida o que ela parecia para ele, com suas presas estendidas e suas garras gotejando sangue. — Sabe que não vou te machucar.

— Eu te disse para me deixar em paz. — ela murmurou, limpando o sangue de sua boca com as costas do seu pulso num movimento rígido e descoordenado. — O que está fazendo aqui?

Silêncio e em seguida uma resposta áspera e grosseira.

— Eles a tiveram uma vez. Não vou deixar que a tenham de novo.

— Não preciso de sua ajuda. E não quero! — Ela quase não conseguiu se levantar, tendo que usar a loja atrás dela como apoio. — Não quero você aqui!

Ótimo, ela pensou no instante em que as palavras deixaram sua boca. *Agora estou parecendo uma criança petulante fazendo birra.*

Em vez de gritar com ela, como tinha certeza que faria, McConnell respirou fundo, sem dúvida tentando controlar sua raiva. Mas ainda parecia chateado quando ergueu o queixo na direção dos Casus caídos e perguntou:

— São a razão de estar em Paris? Estava caçando esses idiotas sozinha?

Ela deu um aceno brusco, em seguida recolheu suas garras e presas.

— Esse último que você matou... Carlson. Vim atrás dele. Mas queria matá-lo com um Marcador e não uma arma!

— Não acredito nessa porra. — Obviamente, perdendo o controle de sua fúria ele soltou as palavras, sua voz mais gutural do que jamais ouviu. — Que merda, Raine? Está tentando se matar? Deseja uma morte sanguinolenta?

— Se eu quisesse — ela gritou — você seria o homem certo para lidar com isso, não seria?

Ele se encolheu, parecendo como se ela o tivesse ferido e um pouco de vergonha imediatamente cortou suas entranhas, fazendo-a estremecer. Nestas semanas que o conhecia nunca discutiram uma vez sequer seu passado. Nunca discutiram nada, simplesmente sofriam os silêncios pesados que sempre estavam entre eles como lâminas de vidro à prova de som. Mas agora o vidro se quebrou.

Ele passou alguns instantes esfregando as mãos pelo rosto e então finalmente disse:

— Estou tentando encontrar uma razão lógica por que estaria disposta a se arriscar, mas não posso. Então vai ter que explicar isso pra mim.

Raine levantou as sobrancelhas.

— Você falou com minha mãe, McConnell. Se ela te contou que eu estava aqui, com certeza disse o motivo.

— Na verdade — ele murmurou, cruzando os braços sobre o grande peito — , tudo que ela me deu foi sua localização. Disse que eu tinha que descobrir o resto sozinho.

Um sorriso forçado surgiu no canto de sua boca e ela teve que engolir um nó de emoção.

— Bem, isso soa como minha mãe.

— Não vou partir até que me diga por que está aqui, Raine.

Sabendo que tinha que dar algum tipo de explicação ou ele realmente *poderia* fazê-la ficar ali a noite toda, ela endireitou os ombros e disse.

— São apenas alguns negócios inacabados que estou cuidando. Não se trata de você ou de seus amigos, por isso não há necessidade de se envolver. Estou pensando em lidar com isso sozinho. Então, quando eu terminar, farei com que o Marcador seja devolvido aos Sentinelas.

Ele deslizou um olhar duro pelos corpos que ainda sangravam na rua, esfregando uma mão coberta de cicatrizes sobre sua boca — e ela soube o instante que descobriu, aquele olhar verde escuro chicoteando de volta ao seu rosto, nítido e brilhante.

— Cristo, ele era um dos bastardos do Complexo, não era? Um dos que a estuprou?

Foi sua vez de recuar em reação e ele xingou um palavrão quando se virou, seguindo pela rua tranquila, então brutalmente deu um soco numa parede de tijolos. O golpe violento imediatamente rompeu a pele de seus dedos, o cheiro de seu sangue quente deixando-a com água na boca.

Respirações duras do soldado encheram o ar e ele levantou os braços, a cabeça pendurada pra frente enquanto apoiava as mãos grandes nos tijolos escuros.

— Está atrás de quem te feriu. — As palavras espessas e guturais não eram uma pergunta. Ele acreditava que estava certo. — Quantos são?

Ela não tinha intenção de responder à sua pergunta ou corrigi-lo, mas fez. Como se as palavras fossem sendo puxadas contra a vontade dela se ouviu oferecendo uma explicação tranquila. — Vou atrás dos cinco que mataram minha irmã. Já matei um em Madrid. Carlson deveria ser o segundo. Mas agora você enviou sua sombra de volta à Meridian...

Ele se virou apoiando os ombros na parede, com as mãos soltas ao lado enquanto fixava aquele olhar penetrante no dela.

— Ele foi um dos que a atacou ou não?

— Não importa. — ela forçou entredentes, tremendo. — Ele matou Rietta. Isso é tudo que me interessa.

Por um momento ele não disse nada, simplesmente manteve seu olhar e então falou, rouco, suave e calmo.

— Sei que sofreu o inferno naquele lugar, Raine, mas o que está fazendo... — Ele flexionou as mãos dos lados, sua expressão sombria. — Não vai mudar nada. Nem pra você e nem pra sua irmã.

Ela podia dizer pelo seu tom de voz que falava por experiência própria, mas não pediu pra ele continuar sabendo que quanto maior a distância que pudesse haver entre eles, melhor. Já estava muito atraída por ele como estava.

E já tinha um bom palpite para a resposta. Afinal, sabia que ele perdeu sua família aos 15 anos para um ninho de vampiros renegados. Certamente que o impeliu para sua matança depois, matando todos os Deschanel que podia encontrar, fossem jovens ou velhos.

— Não se trata apenas de vingança. — disse a ele. — Quando acabar com os Casus vou encontrar Westmore, e vou encontrar os três Marcadores que ele tem. É culpa minha que tenha dois deles e tenho a intenção de recuperá-los. Seus amigos não serão capazes de entrar em Meridian sem eles.

Graças a um diário encontrado no Complexo Westmore já sabiam que havia doze Marcadores sombrios ao todo. A fim de evitar que caíssem nas mãos erradas, as poderosas cruzes foram escondidas em vários locais pelo mundo inteiro. Os Sentinelas foram capazes de encontrar oito delas, mas Westmore roubou uma e com a ajuda de Raine foi capaz de encontrar mais duas, antes que os Sentinelas pudessem colocar suas mãos nelas.

— Só temos mais duas para encontrar — o homem rugiu — e em seguida pretendemos ir atrás de Westmore e conseguir as outras três cruzes. Então tudo será cuidado, Raine. Você não precisa se envolver nisso. Ninguém a culpa pelo que aconteceu. Inferno, fariam a mesma coisa.

— Duvido. — ela murmurou, seu estômago revirando. — E isso não importa. Fui eu quem fez isso e vou consertar. Assim que lidar com aqueles que mataram Rietta.

Ele se afastou da parede e foi até o corpo "hospedeiro" que Carlson habitou, cutucando-o com um empurrão de uma de suas botas pesadas.

— Sei que ele feriu sua irmã, mas... também foi um dos que tocou em você? — Ele perguntou com voz crua, mantendo seu olhar preso no corpo.

— Honestamente, McConnell. — Um suspiro cansado e exausto. — O que importa?

— Apenas me diga. — A suavidade de sua voz enviou calafrios por toda a superfície de seu corpo. — Preciso saber. *Ele. Estuprou. Você?*

Ela cedeu com um rude "Sim", em seguida assistiu atônita como ele puxava a arma atrás dele e disparava cinco tiros na virilha do macho, transformando-o numa bagunça ensanguentada, destrocada. Em seguida substituiu a arma, voltou e socou a parede pela segunda vez... depois uma terceira com força, sua respiração pesada e irregular ecoando pela noite. Foi uma exposição chocante de agressão visceral, uma que não parecia capaz de controlar, lembrando a raiva de um Lycan, cru e animalesco. E estaria mentindo entredentes se dissesse que não achou quente como o inferno.

Quando ele finalmente se virou para ela novamente, o olhar em seus olhos verdes pecaminosos a fez sentir um aperto no peito, como se não pudesse receber oxigênio suficiente.

— Já falou com alguém sobre isso? Sobre o que aconteceu com você?

Ela ofegou lutando para conter as náuseas, odiando que ele estivesse pensando sobre isso... que até mesmo *soubesse* disso.

— Vai me responder?

Ela balançou a cabeça, envolvendo os braços na frente do seu corpo como se pudesse formar algum tipo de escudo.

— Não há nada a dizer.

— Eu poderia ajudar a encontrar alguém. — disse a ela, a doçura do seu tom quase a destruindo. — Não tem que ser eu. Um conselheiro. Alguém treinado para...

— Pô, isso não tem nada a ver com você! — Ela lançou as palavras para ele, usando-as como armas. Mas não o fez recuar.

— Agora tem. Alguém tem que cuidar de você.

Ela vacilou, grata pela parede às suas costas, seu tom a assustando como o inferno.

— O que quer que esteja pensando, não. Você só precisa se virar e ir embora, McConnell. Volte para os outros.

Ele franziu o cenho, sua expressão acentuada com descrença.

— E deixar que se mate?

— Isso... isso não vai acontecer. — subitamente ela gaguejou, odiando sua fraqueza. Odiando que parte dela quisesse se agarrar a ele... confiar nele. Tinha que ser forte, caramba. Não seria aquela pequena vítima com quem todos ficavam pisando em ovos no Complexo dos Sentinelas. A que tratavam como se fosse de cristal. — Estou indo agora — disse ela, empurrando-se para longe da loja — e vou sozinha.

— O inferno que vai. Onde *você* for *eu* vou. Quer ir para uma matança? Ótimo. — grunhiu por seus dentes cerrados, andando em sua direção. — Mas vou com você.

Ela balançou a cabeça novamente, tentando dar sentido ao que estava acontecendo.

— Não pode estar falando sério. É algum tipo de piada de mau gosto?

Ele parou alguns metros à sua frente, um músculo pulsando forte na mandíbula, com os olhos tão escuros que pareciam pretos no brilho prateado do luar. — Não estou brincando, Raine. Falei sério.

— Sim, bem, não será capaz de me segurar. Escaparei na primeira oportunidade que tiver. E agora que sei que está por aí, não serei tão fácil de encontrar.

— Não vai a lugar nenhum sem mim. — disse ele, a calma do seu tom de voz trazendo uma nova onda de pânico.

— Está louco? — Ela retrucou. — Você nem gosta de vampiros! Passou a vida inteira matando-os!

— Mas passei um montão de tempo para ter certeza de que seu traseirinho deixou a Inglaterra, onde estaria a salvo. Não vou deixar que acabe fugindo e se fodendo.

— Não pode me deter. — ela resmungou, sabendo que seus olhos deviam estar brilhando com raiva.

— Está errada. — argumentou, rangendo os dentes. — Você me deve, Raine.

— Não te devo nada! — Ela gritou, seu pânico se espalhando, espalhando-se pelo seu sistema. Sabia pelo olhar em seu rosto que algo ruim estava por vir. Mas nunca num milhão de anos poderia imaginar o que ele disse em seguida.

— De acordo com as leis sagradas do Deschanel, você me deve.

As leis sagradas? Não! Ele não ousaria!

— Nem pense nisso. — ela o preveniu incapaz de controlar o tremor em sua voz, com um nó na garganta de raiva e medo, os olhos ardendo com lágrimas.

— Vai ser razoável? — A exigência calma e composta a fez querer bater nele.

— Seu hipócrita idiota! — Ela gritou empurrando fortemente seu peito, não se importando que ouvissem ou que chamassem a atenção. Mas o filho da puta nem sequer se moveu. — Não sou problema seu!

— Agora é. — ele disse numa voz rouca, seus dedos longos se envolvendo ao redor dos seus pulsos enquanto ela esmurrava seu peito. — Porque estou reivindicando um juramento de sangue seu, Raine Spencer. E até que a libere dele, seu pequeno traseiro teimoso é meu.

Capítulo 4

Uma pequena cidade nos arredores de Veneza, Itália

Ross Westmore era um homem que gostava de ganhar, não importava o custo.

Os vícios que acompanhava a maioria dos homens pouco significava para ele. Não se preocupava com dinheiro, sexo ou fama. Mas o poder que vinha com a vitória... era *o que* o fazia funcionar. O que o levava a ter sucesso, não importa quem ou o que tivesse que destruir no processo. Sabia que os Sentinelas estavam coçando a cabeça tentando chegar a uma explicação lógica por que ele estava lutando tanto para libertar os Casus, e ali estava a resposta. *Poder*.

E não estava sozinho. A maior parte dos Kraven compartilhava sua sede de poder, simplesmente porque era algo que sempre foi negado. Descendentes de vampiras Deschanel que foram estupradas por homens Casus antes de sua prisão, os Kraven foram mantidos em segredo pelo clã Deschanel por séculos. Considerado um sinal de fraqueza, foram tratados pouco melhor que escravos pelos vampiros e os Kraven estavam cansados disso. Cansados o suficiente para abandonar seus postos dentro do clã de vampiros e seguir Westmore em sua missão de libertar os Casus de Meridian.

Então, assim que os Casus fossem libertados e abraçassem os Kraven como seus irmãos, Westmore e outros de sua espécie já não seriam considerados uma abominação embaraçosa. Como as linhagens Kraven e Casus misturadas, se tornaria mais poderoso do que qualquer criatura que o mundo já conheceu — e Westmore seria considerado um herói.

Inferno, provavelmente serei considerado um deus, ele pensou, caminhando para sua varanda através das portas duplas abertas, uma brisa fresca correndo pelo seu rosto enquanto as luzes de Veneza piscavam à distância. *E o que poderia ser mais poderoso do que isso?*

Mas para tornar seus planos realidade precisava dos Marcadores das Trevas. Somente as cruzes antigas poderiam definir a cadeia de eventos em movimento que libertaria os Casus de sua prisão impenetrável. Esteve tão perto de alcançar seu objetivo em janeiro com a psíquica sob seu comando, só para ver seu sonho arrancado dele. Agora fervia de frustração, desejando golpear os Sentinelas com toda a força do seu exército. Mas tinha que ser inteligente... paciente. Essas eram as características que o fez chegar a esse ponto e eram os traços que o levariam ao sucesso.

Westmore não poderia ter outro fracasso. Ele já teve muitos. Graças aos arquivos que os Sentinelas roubaram do seu Complexo em Wasteland, sabiam que os Marcadores eram a única maneira de encontrar e entrar em Meridian. Podiam não saber como montar os Marcadores para formar o mapa que os levaria à prisão dos Casus ou como usá-los como chaves, mas não eram idiotas. Eles descobririam.

E sabiam que as cruzes podiam ser usadas para matar as Sombras Casus, destruindo tudo em que ele trabalhava.

O que significava que sua única opção era ganhar a posse dos Marcadores das Trevas na primeira oportunidade.

— Ou... é isso? — Pensou em voz alta, uma mão afundando profundamente em seu bolso, enquanto a outra lentamente acariciava seu queixo, seu olhar focado no canal sob o luar que corria ao lado do seu edifício, então pensou na cena que viu lá fora algumas horas antes. Um bando de gaivotas adultas estavam desafiando algumas aves mais jovens a pegar um barco de pesca à noite. Eventualmente, as gaivotas mais velhas aceitaram a derrota, deixando as mais jovens enfrentar a ira dos pescadores quando mergulhavam no peixe que estava empilhado em cestas na beirada do cais. As gaivotas mais jovens voaram com sua recompensa para o telhado de um edifício mais baixo onde se reuniam para comer, ignorando a presença das mais velhas, já que não as viam como ameaça. E foi então que as mais velhas lançaram a segunda onda de ataque, com uma força e crueldade que pegou os pássaros mais jovens de surpresa. Sua retirada antes obviamente era um ardil destinado a dar às mais jovens uma falsa sensação de segurança enquanto faziam o trabalho duro e recolhiam o alimento.

Quando as viu desistir, Westmore pensou que as gaivotas mais velhas eram patéticas, mas quando habilmente atropelaram as mais jovens e jantaram seus despojos, ele mudou de ideia, pensando que eram gênios. Lá estavam elas, comendo como reis e com uma quantidade mínima de esforço. Será que a resposta que estava procurando poderia realmente ser tão simples?

Um estrondo rouco de riso começou a irromper de sua garganta, só para ser interrompido quando as portas do seu quarto se abriram atrás dele e sabia que era Seton. Não permitia que mais ninguém soubesse sua localização.

— Há um problema? — Ele falou lentamente, a polidez em seu tom de voz sem dúvida alertando o Casus de seu descontentamento pela interrupção. Não que Seton se importasse.

— A vampira psíquica que tínhamos no Complexo está causando problemas. Matou Carlson e Rogers quase uma hora atrás, em Paris.

À menção de Raine, miríades de emoções fustigaram o sistema do Kraven, cada uma mais surpreendente que a primeira. Havia fúria, claro, bem como frustração. Mas acima de tudo havia... saudade. Uma emoção estranha, considerando que seu foco estava numa outra pessoa e não em seu cobiçado poder. Mas Westmore não podia negar sua existência.

Ele a queria de volta. Queria que fosse sua para que pudesse fazer com ela o que quisesse... e fazê-la pagar por deixá-lo.

— Tem certeza que era ela? — Ele perguntou, seu tom não mais relaxado, a amargura em suas palavras impossível de esconder.

— Tenho certeza. Stevens pretendia se encontrar com Carlson na Gare d'Austerlitz antes de ir para a Áustria. Quando ele não apareceu, Stevens começou a procurar na parte da cidade

onde Carlson estava hospedado e achou Carlson e Rogers. O sangue da psíquica estava na cena e não estava sozinha. Pôde sentir o cheiro de um humano com ela.

Westmore absorveu a notícia com silêncio estoico, de costas para o Casus enquanto se virava na direção da deslumbrante vista mais uma vez, as luzes distantes da cidade faiscando como joias que foram atiradas por toda a terra com uma mão descuidada, seu brilho cintilante lembrando os olhos da psíquica. Passou incontáveis noites tentando descobrir o que o atraía na fêmea. Sua inteligência? Sua beleza? Sim, ambas o atraíam. Mas ainda mais era o poder que florescia dentro dela. Era evidente em cada palavra que falava, cada respiração que deslizava por seus lábios e queria possuí-la. Reclamá-la como sua posse.

Mas para fazer isso precisava que Raine voltasse para suas garras.

— Sabe quem poderia ser o humano? — Seton perguntou interrompendo seus pensamentos pela segunda vez naquela noite.

— Sei quem é. — ele murmurou descansando as mãos no corrimão, enquanto seu interior se enrolava com fúria diante da ideia de Raine trabalhando com o macho humano. — Spark o mencionou da última vez que conversamos. É um soldado do Coletivo que desertou no início da guerra, apenas para unir suas forças com os Sentinelas.

— Foi quem ajudou a atacar seu esconderijo no Colorado? McConnell?

— Ele mesmo. Quando deixou o Coletivo a maioria de sua unidade o seguiu. Também estava com os Sentinelas que ajudaram a resgatar a psíquica de Wasteland.

— Filho da puta problemático, não é? — Seton deu uma risada áspera. — Espero que esteja lá quando formos buscar as cruzes. Seria divertido lutar contra um humano que realmente sabe revidar.

Westmore assentiu distraidamente, sua mente divagando de volta à sua lembrança das gaivotas, intrigado pela ideia atraente tomando forma em seus pensamentos. Obviamente, não havia nenhum ponto em atacar os Sentinelas agora. Sem Raine não tinha como alcançar os últimos Marcadores por conta própria. E precisava de todos eles, se ia formar o mapa de Meridian e abrir o portão.

Então talvez tudo que realmente precisasse era bancar o perdedor, como as gaivotas mais velhas e então esperar pelo momento certo até o último momento possível — e acertar os metamorfos sangrentos quando menos esperassem, roubando a vitória bem debaixo de seus narizes.

Era uma jogada ousada, mas talvez sua melhor chance de sucesso. E realmente adorava o toque de ironia. Podia apenas imaginar o olhar no rosto dos metamorfos quando percebessem que foram enganados.

Sabendo exatamente como faria, virou-se e apoiou as costas contra a grade da varanda com os braços cruzados no peito enquanto prendia seu olhar no de Seton.

— Envie Spark atrás deles.

Um brilho de surpresa explodiu no azul gelo dos olhos do Casus.

— Mas a psíquica pode lê-la. Vão saber que ela está chegando e Spark acabará morta.

— Pareço me importar? — Ele perguntou com um sorriso afiado. — Não precisaremos da assassina assim que o portão para Meridian estiver quebrado. Nesse ponto, tudo que ela vai se tornar será uma refeição para um de seus irmãos. Poderia muito bem usá-la enquanto podemos.

— Acho que é verdade. — Seton permitiu, empurrando seu cabelo preto para trás de seu rosto cheio de cicatrizes, os fios escuros um forte contraste com a palidez de sua pele. — Então, qual é o seu plano?

Não tinha intenção de compartilhar seus planos com Seton. Na verdade, para sua ideia funcionar precisava que este Casus em particular soubesse o mínimo possível, então simplesmente disse:

— Sabemos que Bryce foi morto na Espanha há poucos dias e agora Carlson. É óbvio que Raine está buscando vingança contra aqueles que a machucaram.

O sorriso de Seton era uma mistura sádica entre orgulho e humor.

— Se virá atrás de cada Casus que transou com ela será uma longa lista de traseiros.

— Realmente acho que vai atrás dos cinco homens que mataram sua irmã, o que significaria que Rogers simplesmente estava no lugar errado na hora errada.

— Devemos alertar os outros?

— Não. Ela os lê, o que significa que saberá. Então basta localizar os três restantes e vigiá-los. Quando ela chegar envie Spark. A assassina vai agir como chamariz desviando sua atenção, para que você possa concluir o trabalho.

Para seu plano funcionar sem fazer os Sentinelas suspeitarem, Westmore tinha que sacrificar alguns peões. Estava assumindo um risco calculado ao enviar o Casus, já que Seton raramente perdia uma luta, mas a oportunidade era perfeita. Só esperava que McConnell e seus novos amigos estivessem à altura do desafio.

Claro, não gostava de saber que teria que esperar mais para ter Raine de volta em suas mãos, mas valeria a pena no final. Quem sabe? Talvez acompanhasse os Sentinelas à Meridian e após os Casus derrotarem os metamorfos, asseguraria que a última lembrança de McConnell neste mundo fosse uma imagem de Westmore afundando entre as coxas sedosas de Raine.

— Por que apenas não me envia atrás dela? — Seton perguntou, atraindo sua mente de volta à conversa. — Por que envolver a assassina?

— Por que a preocupação? — Ele deu ao macho um longo olhar penetrante. — É o protetor da Spark?

O Casus bufou.

— Dificilmente. Mas a assassina é humana. Poderia estragar tudo. Ela...

— Uma complicação que já não preciso. Pode ser humana, mas é uma mulher poderosa. Uma que espera compensação pelo seu trabalho. Mas com a psíquica capaz de monitorar cada movimento dela, não é boa pra mim. Poderia muito bem usá-la como diversão. — Ele considerava o Casus com um sorriso desafiador. — A menos que tenha algum problema em seguir ordens?

Por um momento Seton parecia como se não quisesse nada mais que afundar suas garras no rosto de Westmore. Não gostava de ser tratado como um subordinado e sua raiva era

evidente nas linhas duras de seu olhar. Uma raiva que Westmore saberia aproveitar bem em seus planos.

— Considere-o feito. — Seton disse numa voz áspera, em seguida se virou e caminhou atravessando a sala luxuosa deixando Westmore de pé na varanda sozinho, sem nada, exceto seus pensamentos e sua crescente fome.

— E, Seton. — ele gritou, pouco antes do Casus chegar à porta.

— Sim?

Um sorriso lento e perverso curvou a boca do Kraven.

— Tenho planos importantes para a psíquica. Portanto, não importa o que aconteça, certifique-se que permaneça viva.

Capítulo 5

A chuva caía lenta e interminável, como se lágrimas se derramassem discretamente do céu. Não havia golpes de relâmpagos ou burburinhos de trovão para espelhar a tensão no ar. Só a chuva suave e constante que continuava caindo, como se nunca fosse acabar.

Com os olhos cansados, Seth ignorou a dor na mão direita enfaixada e olhou através da janela do trem a chuva salpicando, olhando o movimento do interior da França como um borrão hipnótico. Estava pensando sobre a guerra e a luta contra os Casus apenas algumas horas antes. Sobre o que os outros estavam fazendo de volta em Harrow House, esperando que a mais recente pista que estavam seguindo realmente ajudasse a traduzir uma seção de um diário que encontraram no Complexo de Westmore. Os Sentinelas o chamavam de diário da "morte", pois continha instruções sobre como matar uma variedade de espécies, muitas das quais já nem sequer existiam. Mas a passagem que mais precisavam, a passagem que acreditavam explicar como um Caminhante da Morte poderia ser morto, estava escrita numa linguagem arcaica que não podiam ler. E, considerando a maneira como as coisas estavam indo morro abaixo, era informação que definitivamente precisariam.

Os Caminhantes da Morte eram uma dor na bunda e que teria que ser tratada, assim que cuidassem dos Casus. Graças a um vampiro chamado Gideon Granger que agora estava trabalhando com os Sentinelas, Seth e os outros descobriram que os Caminhantes da Morte estavam de volta em dezembro, depois que as criaturas fizeram seu primeiro ataque. De acordo com Gideon, cada vez que um Marcador das Trevas era usado para enviar uma alma Casus ao inferno, uma porta era aberta na parte do inferno que atraía as almas maculadas dos clãs e uma dessas almas era capaz de escapar. Estas criaturas eram Caminhantes da Morte e seu tempo no inferno os deixou seriamente alterados da cabeça. Tudo que importava era criar o caos entre os clãs, na esperança de colocar o mundo numa batalha sem fim de sangue e miséria que poderiam sentar e apreciar. E estavam puxando os humanos direto para o meio do derramamento de sangue, transformando-os em Infettatos, ou Infectados. Os Infettatos eram humanos que foram mordidos pelos Caminhantes da Morte, seus corpos transformados em zumbi sem mente, máquinas alimentícias controladas por seus criadores. Os Sentinelas estavam com as mãos cheias tentando impedir os Infettatos de se tornarem de conhecimento público e iniciar um pânico

generalizado entre os humanos, mas o trabalho estava se tornando mais difícil a cada semana que passava.

Então, sim, era muito natural estar ali sentado, meditando sobre toda essa merda em sua cabeça. Mas, principalmente estava pensando sobre a mulher sentada ao lado dele, obviamente tentando fingir que ele não existia.

Ela trocou suas roupas estragadas e manchadas de sangue quando conseguiram voltar ao seu quarto no hotel em Paris. A blusa azul e calça jeans que vestiu não eram nada extravagantes, mas não conseguia parar de olhar a forma como a cashmere macia se agarrava à inclinação de seus ombros e a curva tentadora de seus seios.

— Sabe — ele finalmente disse em voz baixa —, vai ter que falar comigo mais cedo ou mais tarde.

Ela virou a cabeça de lado, olhando através do corredor em direção aos lugares vazios na frente deles, ainda fazendo o melhor que podia para ignorá-lo. Mas Seth sabia que a alcançava. Suas mãos estavam fechadas, o queixo duro e apertado, como se estivesse sufocando as maldições que desejava lançar para ele. Sem dúvida ainda estava furiosa com ele pela reivindicação do Juramento. Mas não se arrependia do que fez.

A luz do carro do trem brilhava contra a Cruz que recuperaram antes de deixar a cena da luta e Seth estava grato pelo pequeno pedaço de proteção pendurado no pescoço, mas não era suficiente. Ele a queria de volta em Harrow House.

Obviamente não conseguindo se segurar por mais tempo, ela se virou de frente para ele numa súbita explosão de energia que enviou as longas mechas de seu cabelo por cima de um dos ombros.

— Só por curiosidade, quantos anos tinha o Deschanel que você torturou para conseguir as informações sobre o juramento de sangue?

Seth levantou as sobrancelhas.

— O que a faz pensar que a informação não foi dada livremente?

Seus lindos olhos brilharam com fúria e desconfiança.

— Não há uma chance no inferno que um vampiro simplesmente oferecesse esse tipo de informação. Juramentos de sangue são um dos nossos segredos mais bem guardados, para serem usados apenas entre nossa espécie por causa do poder que dão ao outro. Então, o que fez exatamente para obter essa confissão? Ameaçou matar uma criança? Ou um pai? Ameaçou sua família? Ou simplesmente torturou o pobre coitado até que ele quebrou?

— Não vou fazer isso por você, Raine. Se quiser respostas, procure-as. Estão todas aqui. — disse ele, batendo em sua têmpora.

Ela deu um suspiro delicado.

— Muita vergonha em assumir seus pecados, McConnell?

— Sabe, você não era essa cadela quando estávamos fugindo de Wasteland. Existe uma razão para a mudança de atitude? — Ele perguntou, odiando a facilidade com que ela podia ficar debaixo de sua pele. — Será que fiz alguma coisa para te chatear?

Seus lábios se curvaram, os olhos brilhantes queimando com uma raiva que só a deixava mais impressionante.

— Além de me amarrar com alguma aliança arcaica do Tribunal? Acho que isso seria suficiente para irritar qualquer mulher.

— Antes desta noite. — ele rosnou.

Ela rangeu os dentes, balançando a cabeça com um movimento rígido acentuado.

— Então porque não está me tratando como antes? Ficava nervosa perto de mim enquanto estávamos viajando para a Inglaterra, mas nunca abertamente zangada. Nunca agiu como uma cadela.

— Estava meio morta, tentando me curar. — ela murmurou. — Não tinha energia para ficar chateada com você. Apenas tolerava sua presença.

Ele quis discutir, mas sabia que o que ela dizia era verdade. Depois de ficar presa no Complexo de Westmore por várias semanas, estava em más condições quando a encontrou e seu estado piorou nos dias que se seguiram. Sua amiga Chloe, que também foi mantida como prisioneira e que agora estava noiva de Kellan Scott, achava que talvez fosse a culpa da psíquica que continuava a corroendo, debilitando seu corpo. Afinal, Raine saiu do Complexo quando sua irmã não o fez. E sua mãe aludiu pensamentos semelhantes quando discutiram sua falta de habilidades psíquicas.

Mas se a culpa a estava debilitando, o que provocou a mudança física nela? O que a estava deixando mais forte?

— Por falar em cura. — ele murmurou, pensando que era um bom momento para orientar a conversa em outra direção, já que só a manteria em guarda. — Como está seu braço? — Ela foi pega numa explosão durante sua fuga da parte traseira do Complexo no início de fevereiro e seu braço direito foi gravemente queimado.

— Está finalmente curado. — ela respondeu a contragosto afastou a manga para mostrar sua pele pálida. Não havia a menor sombra de cicatriz visível no seu antebraço, nada que se notasse a menos que estivesse procurando.

Levantando o olhar para o seu rosto, Seth olhou rapidamente os hematomas e arranhões se desvanecendo que os Casus fizeram antes naquela noite.

— Seu rosto já está se curando onde aquele bastardo te bateu hoje à noite. Por que está se curando tão rapidamente agora, quando não podia antes?

Ela puxou a manga de volta e deu de ombros.

— Tenho algumas teorias, mas nada concreto.

Ele franziu as sobrancelhas.

— E nada que vá compartilhar, hein?

— Uau. Você é muito bom lendo sua própria mente. — ela disse com voz arrastada. — E esta é a norma para mim. Nós, os vampiros, curamo-nos rapidamente, mas tenho certeza que já sabia disso.

Querendo manter a conversa, Seth escolheu ignorar o sarcasmo e continuou cavando para conseguir informações.

— Portanto, suas habilidades Deschanel estão funcionando a pleno vapor, mas as Alacea ainda estão falhando?

— Sim. — Ela se remexeu na cadeira, mantendo seu olhar focado em qualquer coisa menos nele, enquanto ele continuava olhando para ela, incapaz de desviar o olhar.

— Se seus poderes psíquicos estão tão fracos como alega, então como está conseguindo rastrear os Casus?

Relanceando um olhar sombrio, ela disse.

— Estou conseguindo. Isso é tudo que precisa saber.

Recusando-se a desistir, disparou mais uma rodada de perguntas.

— Se pode lê-los, eles podem nos levar a Westmore? É assim que pretende encontrá-lo e obter os Marcadores de volta?

Ela balançou a cabeça, mas não ofereceu nenhuma outra explicação.

— Qual é, Raine. Salvei seu traseiro hoje à noite. Deve-me isso, pelo menos.

Ela respirou fundo, seu cabelo dourado captando os fluxos suaves da luz acima enquanto virava a cabeça, olhando pra longe pela janela novamente.

— Westmore deve ter previsto que eu iria atrás dos Casus ou achava que eu enviaria alguém para fazer o trabalho. — Estava começando a soar mais cansada que chateada e ele tomou isso como um bom sinal. — Essa é a explicação mais lógica por que está espalhando pela Europa toda os bastardos. Pelo que fui capaz de descobrir, não permitiu que ninguém perto dele desde que deixou Wasteland, conhecesse sua localização, no momento completamente secreta. Mas estou supondo que está na Europa. Caso contrário não estaria mantendo os Casus neste continente, onde estarão dentro de alcance fácil se ele precisar deles.

— O que sabe sobre sua segurança?

— Nada. Se tiver alguém com ele, é alguém que não posso ler.

Bem, merda. Não gostava de como aquilo soava. Isso significava que havia outro babaca lá fora que poderia cair sobre ela a qualquer momento.

— Se Westmore descobrir que é a pessoa atrás dos Casus, Raine, então é lógico que tentará montar uma armadilha para você. — Ele tentou manter sua expressão quando ela voltou seu olhar ao dele, mas não foi fácil. — Sabe que ele a quer de volta.

— É provável, sim.

Seu tom não-posso-me-preocupar-menos o deixou louco.

— E está disposta a correr esse risco? — Ele rosnou.

— Estou. — Seu queixo levantou. — Mas não vão me levar viva uma segunda vez.

Agora *isso* era algo que realmente não soava bem.

— Qual o seu plano?

Ela deu uma risada suave, amarga.

— Quem disse que tenho um plano?

Ele parecia que ia soltar fogo pelo nariz.

— Realmente está tentando me irritar, não é?

Outro riso baixo escorregou e ela desviou o olhar, olhando para a parte traseira do assento à sua frente. O vagão estava vazio exceto por um casal idoso seis fileiras atrás, seus roncos suaves sincronizados no ritmo perfeito das rodas correndo pelos trilhos.

— Tudo que sei é que não vou deixá-los me levar com vida. — ela finalmente disse, esfregando as mãos nas coxas cobertas pelo jeans. — Já que sou apenas metade Deschanel, sou mais fácil de matar que a maioria da minha espécie. Vou tirar minha própria vida antes de deixá-los me prender uma segunda vez. Só... não posso passar por isso novamente.

— Se isso for verdade, então por que não se matou hoje à noite?

Ela enrijeceu como se sua pergunta a pegasse desprevenida, antes de inclinar um sorriso lento, zombeteiro.

— Desapontado?

Seth estreitou os olhos.

— Não estaria perdendo meu tempo tentando mantê-la viva se a quisesse morta, Raine. Só estou tentando entender você.

Foi seu tom, mais do que as próprias palavras, que sacudiram algo dentro dela. Algo que Raine achava estar enterrado em segurança, onde queria que estivesse. Um estranho desejo de querer se conectar com alguém num nível mais profundo que mera amizade ou até mesmo sexo.

Percebendo que ele ainda esperava uma resposta, conseguiu dizer:

— Acho que eu ainda tinha esperança que algo fosse acontecer. Que alguma coisa os parasse.

— Você teve sorte. — Suas mãos fecharam em punhos sobre os braços de sua cadeira e ela podia sentir sua luta interna o obrigando a relaxar, com a voz um pouco mais áspera quando disse. — Eu poderia não ter te encontrado.

O trem fez sua próxima parada programada, em seguida retomou sua longa jornada e ficou grata pela interrupção, não querendo pensar no quanto esteve perto dos Casus... ou o quanto devia ao soldado por salvá-la. Depois de alguns momentos tensos de silêncio se virou para ele novamente. — Quando me encontrou no clube disse que todo o inferno estava solto para os Sentinelas. Só fiquei desaparecida uma semana. O que aconteceu?

Um pouco de sua tensão diminuiu e o canto de sua boca se contraiu, como se estivesse lutando com um sorriso.

— Na verdade não serão Sentinelas por muito mais tempo. Kierland está finalmente colocando seu plano mestre em ação.

Ela sabia que Kierland Scott, um lindo Lycan ruivo, era considerado o líder da unidade de Sentinelas atualmente sediados em Harrow House, e que também era um dos amigos de Seth — mas não tinha ideia do que o humano entendia por um “plano mestre”.

— Do que está falando?

Com uma careta, ele perguntou:

— Ninguém em Harrow House te contou sobre as reuniões?

— Ninguém em Harrow House me dizia nada. — Assim que as palavras saíram de sua boca ela fez uma careta, pensando que parecia uma velha amarga pela idade. Mas dane-se, odiava a forma como toda a conversa cessava no segundo que entrava numa sala do Complexo Sentinela, como se tivessem medo de dizer a coisa errada na frente dela. Com uma inclinação irônica de sua boca, inclinou sua cabeça no respaldo da cadeira e fechou os olhos enquanto continuou dizendo: — E eu, obviamente, estaria mentindo se dissesse que não era extremamente irritante.

Ele deu um riso áspero, o timbre profundo e rude derramando deliciosamente pelas suas veias.

— Sim, posso entender como isso pode irritar uma pessoa. Mas a versão condensada é algo assim. Os Sentinelas já sabem há algum tempo que os líderes do Consórcio estão deixando de fazer seu trabalho. Então decidiram fazer uma pausa da organização.

Ela não precisava que ele explicasse quem eram os líderes do Consórcio. Qualquer um que fosse parte dos antigos clãs — raças não humanas vivendo na Terra — sabiam que o Consórcio era uma espécie de Nações Unidas sobrenatural, seu propósito era manter a paz entre os clãs e assegurar o segredo de sua existência do mundo humano. Os Sentinelas se reportavam diretamente ao Consórcio servindo como seus olhos e ouvidos no mundo inteiro. Mas parecia que a organização não era mais viável, as políticas do Consórcio atormentadas pela indecisão e burocracia.

— Kierland está convencido que outras unidades de Sentinelas vão romper com o Consórcio e formar uma nova organização? — Ela perguntou se assegurando que só olhava para ele tão intensamente porque estava interessada na conversa... e não porque ele parecia incrivelmente lindo sentado sob o brilho suave da luz, a barba incipiente dourada de seu rosto e da mandíbula tornando os ângulos ásperos de seu rosto mais nítidos.

Ele balançou a cabeça em resposta à sua pergunta, dizendo:

— Ele não tem muita escolha. A recusa do Consórcio em tomar medidas contra os Casus os despojou de respeito. São agora vistos como um bando de velhos assustados, muito afundados na política para serem eficazes.

— Então como este novo grupo é chamado?

Sua boca se retorceu novamente e desta vez um sorriso torto tomou forma.

— Isso ainda está em debate. Kellan sugeriu X-Men, mas foi rapidamente recusado. Aiden disse que a lycra marcaria sua bunda.

Isso soou exatamente como algo que Ade, um metamorfo de tigre com um senso de humor seriamente sarcástico diria e uma explosão de riso suave escapou, antes que sufocasse o som gutural, atordoada que ele fosse capaz de fazê-la baixar a guarda. Ela se remexeu na cadeira, nervosa pela maneira como ele a olhava, o calor em seus olhos tão quente que podia sentir sua pele começando a entrar em ebulição, seus instintos primários reagindo poderosamente à força bruta da sua masculinidade, ela querendo ou não.

Precisando da conversa para afastar sua mente das reações frustrantes do seu corpo, Raine rompeu o contato visual e tossiu.

— Então, hum... o que fará quando isso acabar?

— Quer dizer sua caça?

Sacudindo a cabeça, ela molhou os lábios com um golpe nervoso de sua língua.

— A guerra.

Embora agora estivesse observando seus dedos traçando os fios do jeans na parte superior de sua coxa, podia sentir o calor do seu olhar ao seu perfil, a intensidade de seu olhar compelindo quase tanto quanto o estrondo profundo de sua voz.

— Vou continuar trabalhando com Kierland e os outros.

— Quer dizer, caçando? — Impossível ignorar a maneira que seu estômago revirou só de pensar nisso.

— Quis dizer *ajudando*. — ele a corrigiu, a voz profunda afiada pela irritação. — Tenho experiência, boa ou ruim, Raine, que pode ser útil aos Sentinelas. — Pelo canto do olho viu como ele virou a cabeça para o lado, sua mandíbula como mármore esculpido quando olhou pela janela para a noite sem estrelas. — Está na hora do Coletivo chegar a um fim. Mas algumas coisas lá fora ainda precisam ser arrumadas e o Consórcio não pode ser confiável. Não depois do que permitiram que acontecesse com os Casus. Cristo, quem sabe a quantos outros pesadelos fizeram vista grossa ou esconderam dos Sentinelas? Portanto, há um inferno de trabalho a ser feito, mesmo quando a guerra acabar.

— Parece intenso.

— Tenho certeza que será. — Seu tom de voz ficou irônico enquanto passava a mão pelo rosto e balbuciava: — Mas então, provavelmente não ficará mais intenso do que isso. Proteger uma Deschanel teimosa em busca de sangue é tão intenso quanto ganhar.

Ela riu e sua cabeça foi para trás, seu olhar verde afiado travado no dela. Ao seu olhar interrogativo, ela disse.

— Sinto muito. É apenas irônico.

Ele não pareceu ficar com raiva, apenas curioso.

— O que?

Rolou um ombro, assim como seus olhos.

— O modo como passou mais da metade da sua vida matando vampiros e agora está determinado a proteger um. Parece uma mudança de coração.

Embora pudesse sentir que seu nível de tensão ainda era alto, mais um daqueles lentos sorrisos irônicos levantou o canto da sua boca.

— Quem sabe? Talvez seja penitência pelos meus pecados.

Ela percebeu o significado mais profundo de suas palavras e não pôde se impedir de sondar para obter mais detalhes, precisando compreendê-lo de um modo que não podia explicar. Sim, podia enganar sua curiosidade, mas estaria mentindo, porque era mais profundo do que isso. Mais profundo que estava disposta a admitir.

— Então você acha que o que fez enquanto estava no Coletivo foi errado?

Ele descansou sua cabeça no respaldo da cadeira e fechou os olhos, os braços cruzados no peito. Por um momento ela não achou que responderia, mas depois finalmente disse:

— Já viu dentro da minha cabeça, Raine. Se você está procurando uma resposta para essa pergunta, tenho certeza que estava ali.

— Pra ser honesta não passo muito tempo avaliando suas emoções. — Seu tom era seco.
— Estava um pouco horrorizada com todos os assassinatos e mutilação ocorrendo ali.

Um riso duro e rouco surgiu do seu peito e ele virou a cabeça para ela, sua voz uma deliciosa lixa sonora quando disse.

— Vou responder sua pergunta se responder uma das minhas.

Seu pulso falhou um pouco, mas isso sempre acontecia quando estava dando a ela um daqueles olhares intensos que diziam que ela tinha sua completa atenção. O trem poderia ter deslizado pra fora dos trilhos e caído direto num barranco, e ele não teria desviado o olhar. Mas ela não se sentia ameaçada por seu olhar predador. Sentia-se nervosa... corada.

— Tudo bem. — concordou, imaginando que o que ele perguntasse valeria a pena, se isso significava que poderia se aprofundar um pouco mais em sua psique. Embora estivesse determinada a não forçá-lo em sua vida privada no início da noite estavam presos um ao outro, graças a esse Juramento de Sangue e ela nunca foi do tipo que pudesse se afastar de um quebra-cabeça sem terminar.

— Por que você? — Ele perguntou a ela, erguendo a cabeça do encosto da cadeira.

— O que quer dizer?

— Por que Westmore precisa tanto de *você*? O que há de diferente em seu poder? — Seu olhar sombrio se moveu lentamente pelo seu rosto, traço por traço e podia sentir uma onda de calor ardente em cada lugar que ele tocava. — Não sei muito sobre os Alacea. — ele admitiu olhando para sua boca, antes de levantar o olhar de volta aos seus olhos. — Eles não cometem uma série de crimes, de modo que não falam muito sobre eles no Coletivo. Todos têm os mesmos poderes?

— Hum... não. Os Alacea são ecléticos. Alguns podem ver os pensamentos dos outros, outros não. Alguns podem usar seus dons para comandar, enquanto outros lutam pelo controle. Não há nenhuma rima ou razão para a forma como o poder é distribuído e não é incomum diferentes poderes em diferentes membros de uma família. Mas, geralmente, apenas uma forma de visão é dada, quer seja para o passado, presente ou futuro. Mesmo naqueles casos raros que um Alacea *tenha* duas formas de visão, muitas vezes uma é mais fraca que a outra.

— Sei que você pode ver o passado, bem como o presente. Então seus poderes são... únicos?

— Acho que poderia dizer isso. Especialmente porque a leitura do presente é o mais raro dos três. Mas apenas a minha família sabe que eu tenho, ou *tinha*, duas formas fortes de visão.

— Então como Westmore soube que você era o que precisava?

— Estava procurando alguém como eu há meses. — explicou ela, um gosto ruim enchendo sua boca enquanto pensava no homem que destruiu sua vida. — Mandou olheiros vagando pela terra, espionando cada psíquica que pudessem encontrar. Podiam ler nossos poderes e

descobriram que eu era exatamente o que ele procurava. Não era o futuro o que o interessava, mas o passado... e especialmente o presente, já que precisava de mim para manter um olho em Saige Buchanan quando ela decifrou os mapas.

Saige era noiva de um metamorfo chamado Michael Quinn, que era um dos Sentinelas em Harrow House. A mulher era também parte do clã Merrick, que tinha laços estreitos com a guerra e eram inimigos mortais dos Casus. Todos os três irmãos Buchanan trabalhavam com os Sentinelas e também cada um possuía um dom único que ajudava na busca dos Marcadores das Trevas.

O dom particular de Saige lhe permitia "ouvir" os objetos e usou esse raro talento para decifrar os mapas criptografados que levaram aos lugares onde os Marcadores das Trevas foram escondidos. Usando seus poderes Alacea, Raine foi capaz de "ver" como Saige decifrava os mapas e passou essa informação para Westmore, permitindo que enviasse Casus atrás das cruzes.

A única vez que tentou mentir sobre a localização de um Marcador ele matou Rietta para lhe ensinar uma lição.

Era evidente que Seth queria continuar questionando-a, mas a voz do condutor veio pelo interfone anunciando a próxima estação na fronteira alemã, que era onde desceriam. Raine levantou e pegou a mochila do compartimento de bagagem, em seguida se afastou para que Seth pudesse desdobrar seu longo corpo da fila de assentos. Ele agarrou sua própria sacola e saíram do trem poucos momentos depois, a plataforma quase vazia, já que era madrugada.

— Pode pegar um táxi e ir para o Marriott. — disse a ele, caminhando com sua bolsa maior no ombro. — Eu te encontrarei lá em mais ou menos uma hora.

— Vai me encontrar lá? — Ele resmungou pegando seu braço enquanto ele praticamente paralisava. — Onde diabos pensa que vai?

Ela poderia mentir, mas decidiu dizer a verdade brutal. Se não gostasse, talvez salvasse a ambos dessa bagunça complicada e voltasse para a Inglaterra.

— Preciso comer.

— Você me disse que já tinha comido antes de embarcarmos no trem em Paris.

Raine se certificou que ninguém estava perto o suficiente para ouvi-los, então disse:

— Preciso de sangue, McConnell. Não de comida.

A surpresa fischou em seu olhar, antes de derreter numa lenta e brilhante queimação de raiva.

— Inferno. — ele rosnou, as palavras baixas quase levadas pelo vento fresco até a plataforma. — Isso é algum tipo de golpe para me irritar?

Suspirando, ela disse:

— Não estou te sacaneando. Comida de verdade só faz parte do trabalho para mim. Preciso de sangue para manter minha força e hoje na luta perdi mais do que planejava perder. Puro e simples, preciso de mais material vermelho.

— Não vai a lugar nenhum. — ele murmurou enquanto saía pela estação, arrastando-a atrás dele quando foi na direção do táxi.

— Prefere que eu morra de fome?

Ele a interrompeu com um brilho escaldante pelo canto do olho.

— Não vai sair para a noite para encontrar um cara para foder em troca de alimento.

Bem, isso certamente foi contundente. E embora provavelmente não fizesse muito sentido, ela realmente gostava que ele não censurasse cada coisa que saía de sua boca quando estava com ela, como seus amigos faziam sempre com medo de dizer algo que a aborrecesse. Sim, estava horrorizada, fizeram coisas impiedosas com ela, mas não desmoronaria ao som de um xingamento. Era parte da razão por que estava tão agoniada para ficar longe de Harrow House.

Inspirando profundamente pelo nariz, passou a língua sobre os dentes e casualmente disse:

— Para sua informação, McConnell, não tenho sexo com minha refeição.

— Apenas... não diga mais nada. — Sua voz era mais dura do que antes, o aperto em seu braço um pouco mais apertado, mas podia dizer que estava tentando não machucá-la. — Odeio ser enganado.

— Não estou mentindo. — argumentou, então se manteve em silêncio enquanto ele a empurrava na parte de trás de um táxi e subia ao seu lado. Ela olhou pela janela enquanto ele dava o nome do hotel para o motorista através da janela de correr antes de fechá-la, proporcionando-lhes um mínimo de privacidade enquanto a escuridão da noite providenciava um pouco mais. Pelo canto do olho viu quando ele endureceu o queixo, um músculo pulsando na sua têmpora. Ele parecia... sombrio e ela decidiu dar a explicação que ele não merecia. — Não estava procurando *alguém* para me alimentar. — disse calmamente. — Ia procurar o banco de sangue local.

Sua cabeça virou na direção dela tão rápido que ficou surpresa por não ricocheteiar.

— Era isso que ia fazer? Arrombar um banco de sangue?

Com um dar de ombros, ela disse.

— É mais fácil do que parece. Uma conexão com a internet normalmente pode conseguir a informação que preciso, como o nome do supervisor do banco. Então é só uma questão de bloquear seus pensamentos, se eu for capaz e procurar os códigos de acesso dos alarmes.

— Inteligente. — Sua voz era suave... e havia talvez apenas um pouco de admiração em seu tom.

— Eu, uh, tento manter isso simples.

— Simples, mas ainda muito perigoso. Isso termina agora.

Sua boca afinou numa linha de frustração.

— Está sendo irracional. E também não manda em mim.

Uau. E não era ótimo que agora soasse como uma pré-adolescente malcriada?

— Não vai morrer de fome, Raine. Se precisar de sangue, pode ter mais do meu. — Ela se encolheu em reação, mas ele não notou, sua atenção já focada na faca que puxou do bolso traseiro. Sabia exatamente o que ele ia fazer, este mesmo cenário se desenrolando várias vezes quando fizeram seu caminho de volta de Wasteland. O humano deixou mais do que claro que *nunca* daria sua veia. Em vez disso, abaixou a janela e esvaziou a garrafa de água que retirou de

sua mochila, em seguida fez um corte superficial em seu forte antebraço com a lâmina e coletou o sangue no recipiente vazio.

Cristo, como cheira bem, pensou ela, enquanto o aroma rico e viciante alcançava suas narinas, fazendo sua cabeça rodar. *E tão imperdoavelmente errado.*

Mas isso não a impediria de tomar o que ele oferecia. Não podia. Assim que o cheiro apetitoso atingiu seu nariz estava viciada. Agora ela precisava muito disso.

Ele fez uma careta quando entregou a garrafa em sua mão trêmula, os olhos verdes sombreados com uma triste emoção furiosa. Parte dela queria jogar o sangue no rosto que a julgava, mas avidamente agarrou a garrafa em seus dedos frios. Pouco antes da borda tocar seus lábios, seus olhos foram para a faca que ele ainda segurava em sua mão e ela sorriu.

— Prefere morrer a fazer isso da forma mais fácil, não é?

— Tenho certeza que a faca dói muito menos que seus dentes.

— É ruim que jamais saberá com certeza. — ela murmurou e podia senti-lo olhando para ela com intensidade penetrante quando baixou seus cílios e bebeu profundamente, deixando o quente e succulento líquido descer pela sua garganta, espalhando-se pelo seu corpo, deslizando mais profundo... e mais profundo....

E durante o tempo todo tentou não pensar no passado ou no futuro... ou no quanto queria afundar suas presas na garganta viril de Seth McConnell.

Capítulo 6

Saarbrücken, Alemanha

04:00

Se o inferno existisse na terra, então Seth não tinha dúvida de que o encontrou. Chegaram ao hotel uma hora e meia atrás e tudo que estava disponível era um quarto com uma cama king-size, o que significava que ficaria em cólicas na espreguiçadeira pelo resto da noite. Mas essa não era a parte infernal. Não, a parte que o retorcia em nós, fazendo-o andar pela sala de um lado para o outro era o fato que estava sozinho com a vampira.

Estranho, nesse tempo todo em que a conhecia, nunca ficaram atrás de uma porta fechada juntos. Antes sempre amigos por perto. Observando. Ouvindo. Prontos para estar lá, se ela precisasse deles.

Sabendo muito bem que a deixava nervosa, Seth ficou aliviado, se não um pouco irritado, quando ela sentou no meio da cama com sua mochila, jogou a massa de seu longo cabelo ondulado sobre o ombro, pegou seu laptop e começou a escrever, só Deus sabia o que — e ignorando completamente sua presença. Claro que lhe deu a oportunidade de simplesmente observá-la, seu olhar nunca oscilando dos ângulos delicados de seu rosto enquanto andava de um lado para o outro... e andava, o tapete, sem dúvida, gastando embaixo das solas de suas botas.

Embora detestasse admitir, ela parecia melhor pelo sangue que ele lhe deu, a cor florescendo em seu rosto com um brilho suave e jovem. Um brilho que não podia evitar, mas se sentia estranhamente orgulhoso por colocar lá. Ele usou o kit de primeiros socorros, sempre viajava com um — em sua linha de trabalho a coisa era constantemente necessária — e enrolou uma bandagem em volta do braço, mas o corte superficial ainda latejava, lembrando-o dos momentos quietos e intensos na parte traseira do táxi. Quando a viu beber seu sangue foi impossível controlar as reações de seu corpo. Seu coração tinha martelado como uma cadela, seu pau endureceu a ponto dele se sentir tonto. Apesar de sua mente obviamente ter dificuldades para chegar a um acordo com sua dieta "líquida", seu corpo não tinha dificuldades em reagir à ideia provocativa dela obter seu sustento dele.

Ou estava simplesmente experimentando alívio pelo fato de que foi capaz de impedi-la de sair e encontrar sua refeição em outro lugar? Afinal, sabia que os Deschanel dificilmente ficavam sem meios. Tinham "alimentadores" em cada cidade do mundo, homens e mulheres que davam seu sangue voluntariamente. A maioria era de clãs aliados dos Deschanel, embora ouvisse falar de humanos que ocupavam posições de prestígio. Eram mais do que bem recompensados pelo seu trabalho, muitas vezes ganhando milhões por ano.

E não era seu sangue apenas que ofereciam, mas seus corpos também.

Se o que Raine disse sobre encontrar um banco de sangue era verdade, então deveria haver uma razão e Seth não podia evitar, mas achava que ela não queria chegar perto o suficiente de ninguém para se alimentar diretamente de sua veia. Mas se isso era verdade, então por que abriria tal exceção ao fato que ele se recusou a deixá-la mordê-lo?

E por que estou me questionando, quando já sei a resposta? Obviamente é uma questão de orgulho. Sabe que nunca vou permitir, então faz esses comentários simplesmente para me irritar.

Ou... era algo totalmente diferente? Será que ela realmente...

Não! Porra, isso é o suficiente!

Sabendo que só se torceria em nós se não desviasse sua mente para um assunto diferente, disse:

— Então quem estamos caçando na Alemanha? Seton?

Ela enrijeceu com um pequeno suspiro, sua expressão tão rígida que parecia prestes a rachar quando colocou seu laptop de lado.

— Como sabe sobre Seton? — Ela exigiu, pressionando suas costas e ombros contra a cabeceira da cama. — Andou conversando com os outros? Deus, são todos como um bando de crianças de escola!

Seth sabia, por conversar com Kellan e Chloe, que Seton era o bastardo Casus que supervisionava as punições de Raine enquanto o grupo estava preso, executando-as sob as ordens de Westmore.

— Não estávamos fofocando. — ele murmurou, passando os dedos pelo seu cabelo como fazia quando estava tenso, o que parecia ser seu estado normal nesses dias. — Estava apenas... preocupado. Queria juntar o máximo de informações que pudesse.

Suas narinas inflaram.

— Minha vida particular não é da sua maldita conta, McConnell. Não tem direito de recolher *informações* sobre mim e não pode me colocar sob um microscópio só porque se sente assim. Não sou o assunto de uma de suas caçadas Coletivas!

Estreitando os olhos, ele disse calmamente:

— Não estou caçando você, Raine. Reivindiquei o Juramento porque estou tentando ajudar.

— Oh, certo. — Um riso sem fôlego sacudiu seu peito, enquanto um sorriso plano entortava o canto da sua boca. — Como posso esquecer que o assassino de vampiros teve uma mudança de coração?

Seth parou de andar ao pé da cama, seus músculos esticados como corda enquanto mantinha seu olhar furioso.

— Pô, o que quer ouvir? — Sua voz foi ficando mais dura... mais corajosa, as palavras saindo dele contra sua vontade, arranhando como farpas em sua garganta. — Quer ouvir que sinto muito pelo que fiz? Que uma parte de mim se sente como um monstro por todos os Deschanel que cortei a sangue frio? Então ótimo, eu sinto. É um sentimento ferrado, mas um com que tenho que viver. Está feliz agora?

— Por que lamenta? — O cinza dos seus olhos se tornou prata, brilhando como estrias de relâmpagos. — Nós vampiros merecemos tudo isso, certo?

— Muitos deles mereceram. — Ele enfiou as mãos nos bolsos e apertou a mandíbula, forçando as palavras rudes para fora. — Outros... Não posso ter tanta certeza.

Sua admissão rude obviamente a surpreendeu. Sua boca ficou um pouco aberta, as sobrancelhas castanhas se juntaram em cima dos olhos que estavam tempestuosos com descrença, e ele realmente sentiu seu rosto começar a se cobrir com calor.

Que diabos estou fazendo?

Pigarreando Seth se virou e espreitou pela janela. Apoiou uma das mãos no topo da moldura e ficou olhando para o horizonte rosado, o sol finalmente fazendo sua escalada de manhã cedo lutando contra a escuridão, enquanto ele se perguntava por que não podia simplesmente manter a boca fechada perto dela. Sim, vivia com coisas que sabia que eram erradas durante seus anos com o Coletivo, mas dava desculpas, não querendo admitir que sua vida inteira fora construída sobre uma pilha fumegante de ódio e preconceito. Mas isso não queria dizer que ela entenderia... ou perdoaria.

— O que está acontecendo, McConnell? — Ele podia ouvir o traço de confusão em suas palavras suaves. — Ainda me deve uma resposta a pergunta que te fiz no trem. Honestamente se arrepende de todo o sangue que derramou em nome do Exército Coletivo?

— Nem todo. — ele murmurou, passando a mão livre contra sua mandíbula coberta pela barba. — Mas a vingança é uma coisa feia, Raine. Esteja pronta para o que faz com você. Porque se você cede a ela, pode não gostar do que se torna.

Por um momento tudo que pôde ouvir foi o sussurro de sua respiração, mas podia sentir o calor tempestuoso de seu olhar ardente nas suas costas e se preparou para sua resposta, sabendo muito bem que não gostaria.

— Tenho certeza que é verdade, mas não importa. Estou disposta a vender um pedaço da minha alma se isso significar fazer os Casus pagar pelos seus pecados.

— Um pedaço? — Um riso irônico deslizou amargamente de seus lábios e abaixou a cabeça pra frente, os dedos cavando na moldura da janela de madeira com tanta força que ficou surpreso por não rachar. — Tá mais para a porra do pacote todo.

— Não acha que um homem como Seton deve pagar pelos seus pecados?

— Não estou dizendo isso. — Claro que o bastardo precisava pagar. Só de pensar no que o filho da puta fez, o fazia querer rasgar alguma coisa com suas mãos nuas, mas não queria que Raine fosse parte disso. Ela já passara por tanta merda feia, para durar uma vida. — Tudo que estou dizendo é que não deveria ter que se matar para que isso acontecesse. Mesmo que seja apenas uma parte. Já sofreu o bastante.

— Sim, bem, acontece que acredito que é a vez dele sofrer.

— Então é por Seton que estamos aqui? — Ele perguntou, olhando por cima do ombro.

Ela balançou a cabeça e podia ver a exaustão em seus olhos que se esforçava para esconder.

— Ainda não. Estou guardando-o para o final. Acho que ele e Westmore estarão juntos, então serei capaz de pegá-los ao mesmo tempo.

— Você pode lê-lo?

— Não. E ele sabe disso.

Ante seu olhar interrogativo Raine molhou os lábios, forçando-se a manter seu olhar enquanto explicava.

— Quando estavam me torturando faziam perguntas. Aquelas que eu não podia responder com uma mentira. Admiti que não podia ler Westmore... ou Seton.

— Por que isso?

— Não sei. Azar? Eu os odiava mais? Qualquer que seja a razão, ignoro.

— Portanto, não são apenas seus entes queridos que não pode ler? — Ele perguntou com uma voz grossa, os olhos escurecendo. — Também as pessoas que despreza?

— Às vezes. — ela murmurou, puxando os joelhos para o peito e envolvendo os braços em volta deles.

Ele voltou a olhar para fora da janela, sua postura rígida e Raine percebeu que estava pensando. Já não podia lê-lo, então a conclusão lógica é que era porque o odiava. Estava na ponta da língua lhe dizer que não era verdade, mas mordeu de volta as palavras, sabendo que nada de bom podia vir disso. Era melhor deixá-lo pensar assim. Já estava muito atraída por ele, deslizando mais profundamente em território perigoso a cada segundo que passava.

Ela estremeceu, esfregando as mãos seus braços abaixo, sua pele de repente muito apertada para seu corpo e estava realmente grata pela distração quando ele veio com sua pergunta não formulada, mesmo que a fizesse admitir coisas que preferia manter para si mesma.

— Por que acha que não pode mais me ler? — Ele respirou fundo, a mão que estava na borda da janela se apertando num punho poderoso. — É porque me odeia, depois de ver as coisas que fiz no passado?

— Não sei por que não posso ler você, McConnell. Mas não é por causa do ódio. Poderia achar... difícil te aceitar e as coisas que você fez definitivamente me dão raiva, mas... mesmo sabendo que *deveria*, não odeio você. — Ela baixou o olhar, olhando fixamente para o desenho da colcha e fez a admissão que deveria fazê-la queimar de vergonha. — Pra ser honesta — disse em voz baixa —, se estivesse no seu lugar, provavelmente faria as mesmas coisas. Isso não estaria certo, mas não acho que pudesse evitar.

Ele se virou quando ela ergueu o olhar, sua expressão espelhando sua surpresa.

— Realmente acredita nisso?

Com um dar de ombros rígido ela disse.

— Não estou fazendo algo parecido agora?

— Sim, mas os Casus são um bando de bastardos maus que merecem morrer.

— E depois do que aconteceu com sua família, sentiu-se da mesma forma sobre os vampiros, não foi?

— Foi. Mas sabe o que finalmente descobri? — Sua voz ficou mais áspera e ela podia sentir a força bruta de suas emoções explodindo contra ela como um vento quente. — Descobri que não posso odiar todos os vampiros pelo que foi feito com a minha família. E não importa quantas mortes consiga, Raine, não será capaz de mudar o que aconteceu.

— Sei disso. — disse a ele, mais do que um pouco chocada pela honestidade de sua conversa. Para duas pessoas que não se conheciam antes e que tinham tantas razões para serem inimigos, falavam com uma franqueza que era do mais que um pouco inquietante. — Não estou tentando mudar o que aconteceu. Só estou tentando encontrar uma maneira de viver com isso, o mesmo que você fez.

Ele xingou baixinho e começou a andar novamente, sua energia eriçada, inquieta, parecendo demais para a sala conter.

— Se não é Seton, então por quem estamos aqui, Raine? Se vamos fazer isso, preciso entender o plano.

— Há mais três que quero antes de Westmore. Seton será o último dos três e para encontrá-lo terei que encontrar o Kraven. Mas o próximo que vou atrás é chamado Schultz. Está aqui na Alemanha.

— E Spark? — ele perguntou, empurrando os dedos pelos cabelos com tanta força que teria se ferido se os fios loiros não estivessem cortados tão perto do seu couro cabeludo.

Spark era uma assassina do Coletivo que trabalhava com Westmore. A mulher soldado uma vez atacou Raine durante sua prisão, mas ao invés disso Kellan conseguiu desviar a atenção da assassina para ele... e tomou uma surra terrível. Só de pensar nisso Raine sentiu seu estômago revirar.

Forçando as palavras através do nó de culpa em sua garganta, conseguiu dizer.

— Spark pode ser uma cadela, mas não teve nada a ver com a morte de Rietta.

— Mas ela quase conseguiu que a estupassem novamente. — Seu tom era tão áspero que lembrava um Lycan. — Kellan me disse o que aconteceu.

— Mas isto não é sobre mim. É sim do que fizeram com a minha irmã.

— Mesmo assim ainda acho que precisamos ter cuidado quando o assunto é Spark. Estava enfurnada em Budapeste há alguns meses, mas saberemos se ela se moveu. Os irmãos Granger ainda estão com vigilância pessoal sobre ela.

Ashe e Gideon Granger eram dois vampiros Deschanel que trabalhavam com os Sentinelas, assim como Seth. Vigiar Spark era uma tarefa simples para os caras com sua experiência, considerando que eram *Förmyndares* — vampiros especialmente treinados que protegem o clã Deschanel — mas os irmãos tinham razões pessoais para querer Westmore nas mãos deles e esperavam que a assassina acabasse por levá-los ao líder Kraven.

Os Grangers também eram maravilhosamente lindos e infinitamente mais adequados para uma mulher como ela, mas Raine não estava interessada neles. Apesar de serem escandalosamente atraentes foi McConnell quem atraiu sua atenção desde o início — o que significava que obviamente havia algo de errado com ela. Sim, não tinha dúvida que ele faria uma mulher incrivelmente feliz um dia — mas aquela mulher com certeza não seria uma vampira.

O soldado chegou a parar no pé da cama e enfiou as mãos nos bolsos novamente, seu olhar preso ao dela e Raine estava contente que não fosse capaz de ler a direção de seus pensamentos.

— Acha que Westmore sabe que colocamos escutas nela? — Ele perguntou, ainda pensando em Spark.

Antes de escaparem de Wasteland, os Sentinelas conseguiram capturar a assassina. Eles a deixaram fugir, mas só depois de marcarem a mochila que ela sempre carregava com um dispositivo de rastreamento eletrônico. Para cobrir seu plano disseram que estava sendo liberada para que pudesse entregar uma mensagem para Westmore, exigindo que aparecesse no prazo de duas semanas na Torre Eiffel pronto para entregar os três Marcadores das Trevas que estavam em seu poder. O líder Kraven não apareceu, mas não esperavam que o fizesse. Mas ficaram desapontados por que a assassina obviamente não estava autorizada a encontrar Westmore em seu novo esconderijo, o que teria levado Seth e seus amigos direto para ele.

— É mais provável que esteja preocupado que eu seja capaz de obter uma leitura sobre ela e contar aos Sentinelas onde ele está se escondendo. — disse ela em resposta à sua pergunta. — Como disse antes, tenho certeza que é por isso que os Casus não foram autorizados a acompanhá-lo.

— Poderia lê-la se fosse necessário?

— Não sei. É duvidoso. Estou usando tudo que tenho só para manter o controle sobre os Casus que estou atrás. A maneira mais fácil de pensar no meu poder no momento é como uma bateria. Cada visão vai drenando a carga da bateria e nada parece capaz de recarregá-la.

Nada, exceto esta necessidade fervorosa por vingança queimando dentro dela, que era a única razão pela qual foi capaz de seguir os Casus que estava caçando, mas manteve essa verdade para si mesma.

Levantando a mão direita enfaixada, ele esfregou os músculos na sua nuca e perguntou:

— Se é difícil para você ver aqueles que mais odeia, como Westmore e Seton, então por que pode ver os Casus?

— Cada ameaça não se torna um ponto cego. Está procurando explicações lógicas, mas não tenho nenhuma. Isso não é ciência, McConnell. É sobrenatural. Não pode aplicar o raciocínio humano.

— Mas você tem uma teoria, não é? — A maneira como olhou para ela com aqueles olhos penetrantes, e a certeza em seu tom de voz a fez sentir como se ele fosse a pessoa a ler mentes.

— Se tivesse que adivinhar — ela murmurou, puxando os joelhos mais perto do seu peito — seria porque as ordens vem de Westmore e Seton. Os outros são apenas suas ovelhas.

— Então está cega para aqueles que sente como uma ameaça direta?

— Às vezes. — Com um meio sorriso irônico, disse: — É um sistema retorcido, não é?

— Sim. — continuou esfregando sua nuca, como se tentando desfazer um nó. — Mas eu nunca faria isso... Não sou uma ameaça, porra.

— Por que isso o incomoda tanto? — Perguntou ela, mais do que um pouco confusa pela reação dele. — Pensei que ficaria feliz ao saber que na maioria das vezes é um branco completo para mim agora.

Ele soltou outra respiração irregular e finalmente parou de esfregar sua nuca, enfiando a mão enfaixada no bolso.

— Não estou dizendo que quero você vagando pela minha cabeça. — ele rosnou, as palavras ásperas grossas pela frustração. — Mas não quero ser algo que tema, também. — Como se sentisse seu desejo de interromper o contato visual, seu olhar escuro se prendeu mais apertado no dela, tornando-se impossível para ela desviar o olhar. — Quero que confie em mim, Raine.

Um pequeno sino de alarme começou a soar em algum lugar profundo dentro de sua mente, mas ela o ignorou, fascinada demais para recuar agora.

— Por quê?

Uma explosão de riso triste transbordou e ele inclinou a cabeça pra trás dos seus ombros largos, olhando para o teto ondulado.

— Sei lá.

— Está perdido, não é? — Ela disse suavemente, de repente sentindo como se o sentisse a um nível que ultrapassava seus poderes e era enervante. Não queria compartilhar esse tipo de conexão emocional com o humano, instintivamente interpretando seus tons, expressões e linguagem corporal, quase como se fosse sua amante. Era muito... íntimo. Muito real.

— O que isso quer dizer? — Perguntou ele, formando um vinco entre as sobrancelhas quando baixou a cabeça.

Com um dar de ombros nervoso, ela disse.

— Sua vida foi virada de cabeça pra baixo. Agora trabalha com seus inimigos. Luta contra os homens que antes eram seus amigos. Posso não ser capaz de te ler claramente, mas posso

sentir o conflito dentro de você. E aposto que às vezes deve se sentir como se estivesse preso dentro de algum tipo de sonho.

Calmamente, ele disse:

— É assim que você se sente?

Sua boca se contorceu e sabia que o pequeno sorriso tocando seus lábios parecia amargo.

— Se assim for, então estou presa num pesadelo há meses. Se pudesse acordaria e descobriria que esse ano inteiro nunca aconteceu.

— Eu me senti desse mesmo jeito antes. — contou a ela, sua voz rouca ecoando pelo seu corpo como uma emoção e sabia que ele estava pensando sobre os meses que se seguiram à morte de sua família.

— Sei que se sentiu. — ela sussurrou, antes de respirar profundamente e endurecer seu tom. — Mas não sou seu bilhete de redenção, McConnell. Se estiver pensando que pode me salvar de mim mesma e absolver seus pecados, não vai funcionar. Deve cortar suas perdas agora e me deixar terminar isto sozinha.

Seus olhos se estreitaram, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa em resposta o telefone tocou. Depois de verificar o visor atendeu a chamada, e sem sequer uma palavra para ela saiu para a varanda do quarto, fechando as portas duplas atrás dele. Raine encostou na cabeceira da cama tentando ouvir a conversa, mas tudo que podia ouvir lá fora era o estrondo profundo de sua voz. Assim, acomodou-se simplesmente para olhá-lo em vez disso, permitindo-se um momento para apreciar os ombros largos e musculosos e as longas linhas poderosas de seu corpo. Devia ter pelo menos alguns centímetros mais que 1,82m e era alto para um humano, e os anos que passou aperfeiçoando seu corpo numa arma letal fizeram muito bem para ele, mesmo que lhe dessem o ar de um perigoso predador. Embora não imaginasse que alguma vez tivesse qualquer dificuldade em encontrar mulheres dispostas a desempenhar o papel de sua presa.

E por que diabos esse pensamento me faz querer rastrear essas mulheres e arrancar a porra dos seus olhos?

Ainda estava remoendo uma resposta quando ele colocou o telefone no bolso e voltou para o quarto. Um sulco abriu caminho entre suas sobrancelhas novamente e esperou que ele contasse o que aconteceu. Mas as palavras jamais vieram. Em vez disso, só começou o ritmo inquieto outra vez, parecendo como se estivesse a um milhão de milhas de distância, completamente perdido em seus pensamentos.

— Há algo errado? — Ela finalmente perguntou, incapaz de aguentar mais.

— Está tudo bem. — ele respondeu, seu tom de voz plano e soube que estava mentindo.

— Pô, não faça isso.

Ele deslizou um olhar sombrio.

— Fazer o quê?

— Esconder as coisas de mim. Considerando que grudou em mim contra a minha vontade, o mínimo que pode fazer é ser honesto.

Ele não parecia feliz com isso, mas deu a explicação que exigia.

— Sabe que Westmore esteve enviando olheiros farejando ao redor de Harrow House há meses tentando ultrapassar nossas defesas, certo?

Ela assentiu com a cabeça.

— A parte que você não sabia é que já que não teve qualquer sucesso, levou vários Sentinelas que pertenciam a outros Complexos e os manteve reféns, exigindo você em troca.

— E ninguém nunca me contou? — Ela apertou uma mão na garganta, sentindo como se o oxigênio de repente fosse sugado para fora do quarto. — Isso é loucura. Por que ninguém me disse o que estava acontecendo?

Ele parou de andar e apoiou o ombro contra a parede.

— Não te contaram porque não havia nada que pudesse fazer. — ele murmurou. — Mas isso prova que sua família está fazendo a coisa certa ao permanecer no Complexo, em Roma. Também prova o quanto era perigoso você deixar Harrow House.

Não querendo retomar essa discussão em particular, ela perguntou:

— O que aconteceu com os Sentinelas que foram capturados?

Sua expressão ficou tensa.

— Minha unidade foi capaz de recuperar um dos metamorfos. Estava sendo mantido numa velha casa segura do Coletivo na Áustria.

— E os outros?

Ele balançou a cabeça.

— Não sabem.

Sua garganta estava tão seca que não conseguia nem engolir.

— E sobre o Sentinela que você salvou?

— Acabou de falecer. Foi por isso que Kellan me ligou.

— Jesus... Tudo isso por minha causa? — Sua voz falhou e ela baixou o olhar para a cama, sentindo como se estivesse crua por dentro. — Não admira que ninguém me seguisse para Roma na semana passada. Seus amigos devem ter ficado aliviados quando finalmente deixei sua casa.

— Não foi assim e sabe disso. A única razão por que Kierland não a arrastou de volta quando saiu de Harrow House foi porque percebeu que podia ser mais seguro para você ficar em Roma com sua família. Mas você escapuliu de lá tão bem e por algum motivo seus pais te acobertaram. Kierland só descobriu que deixou o Complexo anteontem e sua mãe se recusou a dizer aonde foi.

Erguendo o olhar de volta ao dele, ela disse:

— Então decidiu tomar uma atitude e foi ver meus pais em pessoa.

Deu-lhe um daqueles acenos quase imperceptíveis, a arrogância masculina do gesto a lembrando dos metamorfos que agora chamava de amigos. Deus, não admira que se desse tão bem com as bestas de testosterona. Apesar das diferenças em seu DNA eram muito semelhantes, tanto na atitude quanto na determinação.

Percebendo que ele estudava cuidadosamente seus traços faciais, ela começou a corar.

— O que é?

— Você parece muito com sua mãe. Mas tem o queixo do seu pai.

— Tenho sua teimosia, também.

Sua cabeça inclinou um pouco de lado.

— Por que seus pais a acobertaram, Raine? Ficou óbvio após conhecê-los que te amam.

O calor em seu rosto ficou mais brilhante.

— Não fui exatamente honesta com eles sobre o que estou fazendo. Disse a eles que a Corte Deschanel me ordenou caçar os Casus, mas que os mais velhos não queriam os Sentinelas envolvidos. Acham que estou trabalhando com os *Förmyndares*.

Seus olhos se arregalaram.

— Cristo. Não foi possível sua mãe saber que estava mentindo para ela?

— Não. — ela admitiu com uma espécie de sorriso triste. — Ela não pode me ler.

— Ela pode ver o futuro? — Perguntou ele, seu olhar dardejante quando de repente se endireitou se afastando da parede. — Não o seu, mas o dos outros?

Ela revirou seu ombro, desejando poder entrar na sua mente e descobrir que diabos estava pensando.

— Às vezes ela tem... flashes — explicou ela —, mas não é nada que possa controlar. Agora me diga por que quer saber.

Ele estava de volta esfregando a barba dourada ao longo de sua mandíbula.

— Apenas tive a sensação que não estava totalmente surpresa quando apareci.

Ela não pode deixar de rir.

— Então acha que minha mãe não protestou por que me esgueirei para longe do Complexo, pois achava que você ia bancar meu salvador?

— Acho que ela sabe como levo a sério sua proteção. — Seu tom era ríspido e com um pequeno choque de surpresa, Raine percebeu que ele não estava brincando.

— Não diga coisas assim. — disse ela com voz trêmula, incapaz de controlar o arrepio que percorria seu corpo. — Isso me deixa nervosa porque não consigo descobrir do que está atrás.

— Não estou atrás de nada, Raine. Só quero que esteja a salvo. — Ele deu um olhar rápido em direção à janela, em seguida foi para lá e baixou as cortinas, bloqueando os raios matinais de sol que rastejavam para dentro. — Devemos descansar enquanto podemos. O trem que você quer pegar para Berlim parte às nove horas, isso não nos deixa muito tempo para dormir.

Ela puxou o lábio inferior com os dentes em silêncio, debatendo o que fazer, então falou numa velocidade nervosa antes que pudesse mudar de ideia.

— Não tem que usar o sofá. É cerca de 90 centímetros mais curto que você. Pode deitar na cama, desde que fique do seu lado.

Ele se virou lentamente na direção dela, as sobrancelhas arqueadas.

— Tem certeza que não iria incomodá-la?

Ela assentiu, mas do jeito que ele a olhava, ficou inquieta.

— O que foi?

— Só que não está agindo como eu esperava. — disse ele com cuidado, enfiando suas mãos grandes nos bolsos. — Está muito mais calma.

Não foi fácil, mas se forçou a um dar de ombros casual.

— Sei que não vai se impor a mim. Então enquanto não tentar nada estúpido ou acidentalmente tocar meu cabelo, não vou entrar em pânico.

Seus olhos tinham aquele brilho suave e quente que sempre disparava seu pulso.

— E se eu perder minha cabeça um pouco e tentar beijá-la novamente?

— Então vou te colocar no seu lugar. — ela disse com voz arrastada, afastando-se da cama e arrumando o laptop na mesa de cabeceira. — Assim como da última vez.

— Só por um beijo? É uma coisinha sanguinária, não?

— Você não tem ideia. — ela murmurou baixinho, tirando as meias e depois subindo para a cama de jeans e camiseta. — Nós, os vampiros, somos tão sanguinários como merecemos.

Ele chegou mais perto e ela virou a cabeça no travesseiro, pensando que ele parecia ainda mais alto quando estava deitada, seus ombros ainda mais largos.

— Sabe, posso ser um simples humano — ele brincou, um daqueles sorrisos tortos atravessando a boca —, mas não sou um fraco.

— Nem eu. Não mais. — Ela se virou lhe dando as costas, e por um momento nada aconteceu. Em seguida, o colchão afundou sob seu peso quando ele sentou do outro lado da cama, sem dúvida tirando as botas e ela estendeu a mão para desligar a lâmpada antes de acrescentar suavemente: — Portanto, tente não esquecer.

Raine sabia que estava sonhando, mas não se importava. Tudo que importava era manter mais esta sensação, porque era boa demais para desistir. Muito reconfortante e quente, aliviando o nó apertado no peito. Transformando os músculos em geleia. Nenhuma tensão... sem stress. Apenas uma sensação primorosa de bem estar.

Estava olhando para a janela de uma casa, vendo um adolescente jogar um jogo de tabuleiro com uma menina que parecia ser sua irmã. O menino tinha provavelmente cerca de quinze ou dezesseis anos, bem na época que garotas e carros eram as únicas coisas que importavam. Deveria estar no inferno sentado sobre um tapete rosa com uma menininha rindo que não podia ter mais do que seis anos, mas surpreendentemente parecia como se estivesse se divertindo, com os olhos verdes brilhando sempre que dizia algo que fazia a criança irromper em outro ataque de risos.

Enquanto a menina rolava os dados o menino levantou a mão, afastando o cabelo dourado do rosto dela e o gesto ocasional fez Raine suspirar, levantando suas próprias mãos, pressionando contra a vidraça fria enquanto tentava conseguir uma visão mais clara. O gesto era tão familiar que de repente soube exatamente quem estava vendo. Este era o Seth adolescente. Mas o que

isso significava? Conseguiu entrar em seus sonhos enquanto dormiam? Ou estava simplesmente vendo uma de suas memórias? Uma lembrança de sua infância quando brincava com sua irmã mais nova. A irmã que perderia não muito tempo depois desse momento, a julgar pela sua idade no sonho. Raine rapidamente deu meia volta se afastando da janela, incapaz de observar mais nada. Todas aquelas sensações quentes e acolhedoras acabaram de ser destruídas e uma dor fria e forte ficou em seu lugar.

— Não quero ver isso. — ela resmungou, sabendo que precisava sair. Não tinha ideia de onde estava indo, mas começou a correr pela rua sob o luar. As árvores balançavam com a brisa violenta, puxando-a para mais perto delas até que a estrada se tornou pouco mais do que um caminho, o vento batendo no seu corpo com rajadas pungentes de dor. Os uivos de Stark começaram a soar na distância, lembrando-a dos Casus e ela gritou com medo, usando cada última gota de força para correr mais intensamente... mais rápido. Olhou por cima do ombro com medo do que pudesse encontrar, mas não havia nada além de uma escuridão profunda, impenetrável, como olhar para o fundo de um poço.

— Devo ir mais rápido. — ela sussurrou, mas quando olhou pra frente de novo corria para uma parede. Uma inflexível e imponente parede quente de músculos masculinos. O pânico tomou conta dela até que ergueu o olhar e viu que era um McConnell adulto a segurando nos braços, esmagando-a contra o peito duro.

Seth.

Com a próxima respiração ofegante seu cheiro quente e de dar água na boca encheu sua cabeça, e o desejo a percorreu com tanta força que se sentiu atordoada, como se recebesse um golpe violento.

Deus, ela podia não confiar nesse homem, mas não podia negar que o queria fisicamente. Cada parte dele. Sua altura, o rígido corpo musculoso. Sua força e seu poder. Bem como o inebriante fluxo de sangue pulsando em suas veias.

Incapaz de controlar suas ações Raine se sentiu levantar na ponta dos pés, as mãos ondulando em torno de seu pescoço, sua pele quente e sedosa sob as palmas das mãos e os lábios quando tocou com a boca o lado de sua garganta. Ele fez um som baixo e masculino de aprovação, os braços apertando em volta da cintura quando a esmagou contra ele, sua ereção pressionando duro em seu estômago, deixando-a dolorida e úmida. Raine provou o salgado de sua carne com um toque de sua língua, consumida pela fome visceral e no instante seguinte afundou os dentes profundamente em sua jugular, o fluxo escaldante de seu sangue tão bom que imediatamente começou a gozar. Sua garganta abafou seu grito agudo enquanto ela pulsava e latejava e se partia, o orgasmo tão forte que podia sentir o prazer correndo por toda parte do seu corpo, explodindo em cada célula.

Ele rosnou o nome dela então chupou mais, bebendo mais dele, sabendo que precisava parar em poucos segundos. Ele disse seu nome um pouco mais rispidamente e de alguma forma ela encontrou força para soltar as presas, passando a língua sobre as perfurações minúsculas. Sua cabeça pendeu para trás enquanto suas mãos apertavam sua bunda, levantando e esfregando contra o cume grosso de seu pênis, o atrito tão bom que estava crescendo até outra versão devastadora e não conseguia controlar os selvagens sons provocativos saindo de sua garganta, querendo-o tanto que imaginava poder perder o juízo, se não o tivesse dentro dela.

— Porra, Raine! Acorde!

Ela engasgou pelo barulho repentino de seu nome, instantaneamente arrancada das profundezas eróticas de seu sonho quando abriu os olhos e encontrou McConnell em pé ao lado da cama, com a mão enfaixada apoiada na cabeceira da cama e a outra enterrada em seu travesseiro, de modo que estava meio debruçado sobre ela, sem fazê-la se sentir sufocada. Ela sabia que estava vermelho brilhante, corada, seu coração martelando tão alto que até seus sentidos humanos deviam ser capazes de captar o som irregular.

— Você está bem? — Perguntou, dando-lhe um daqueles duros olhares penetrantes que a faziam sentir como se pudesse ver dentro dela.

— Estou bem. — ela respondeu asperamente, molhando os lábios, perguntando-se o que *diabos* aconteceu.

— Sei que precisa de mais descanso, mas estava gemendo em seu sono. Pensei que talvez estivesse tendo um pesadelo.

Ele estava brincando com ela? Oh, Deus, não chamou seu nome, não é?

— Não foi nada. — ela murmurou, percebendo que estava se debatendo tanto que arrancou os lençóis, o ar fresco fazendo-a tremer.

— Só que não soa como nada. — ele murmurou, a simples sugestão de um sorriso de repente brincando em sua boca quando baixou o olhar para a batida do seu pulso martelando no oco de sua garganta. Em seguida seu olhar mergulhou mais abaixo, direto no seu corpo, tocando seus seios... estômago... as pernas, erguendo seu sorriso no canto da boca quando avistou as unhas cor de rosa.

— Pode por favor se mover? — Ela murmurou, soando como se tivesse engolido um sapo. — Preciso me levantar.

Seu olhar lentamente fez seu caminho de volta para ela, deixando uma onda de calor em seu rastro.

— Não tem que se apressar. — disse ele com voz rouca. — Pode dormir um pouco mais.

— Que horas são?

— Apenas oito.

Seus olhos se arregalaram.

— Então não há tempo para dormir.

— Claro que há. — ele murmurou e seu embaraço rapidamente se transformou em irritação. Sabia muito bem que ele gostaria muito de impedi-la de chegar a Berlim.

Abrindo caminho para o outro lado da cama, ela disse:

— Estou saindo deste quarto de hotel em vinte minutos, McConnell. Pode vir comigo ou ficar aqui. A escolha é sua.

Ele se esticou em sua altura máxima quando seu sorriso desapareceu, deixando sua expressão protegida.

— Tem certeza que ficará bem na luz do sol?

Embora os Deschanel pudessem ser queimados pelo sol podiam sair na luz do dia sem sofrer ferimentos graves, desde que tomassem recentemente sangue de uma espécie que não fosse sensível ao sol.

— Vou ficar bem. — disse ela saindo da cama. — Tive o suficiente de seu sangue ontem à noite para fazer o truque.

Ele deu um breve aceno de cabeça e começou a ir na direção de sua bagagem que ainda estava sobre a cômoda, mas parou e virou em sua direção quando ela disse seu nome.

— O que quer fazer? — Ela perguntou, cruzando os braços no peito. — E não quero dizer o que acha que deve fazer por causa da noção equivocada que tem que me proteger. O que *quer* fazer?

Por um momento ele só ficou ali, dando-lhe mais um daqueles olhares sombrios, predatórios. Então disse calmamente:

— Perguntas como essa me colocam num inferno de situação Raine, já que não quero mentir pra você. Mas por outro lado não acho que esteja pronta para a verdade. — Seus olhos ficaram ainda mais escuros. — Então por enquanto acho que ajudarei você a matar um Casus.

Capítulo 7

Berlim, Alemanha

Raine não podia acreditar no que fez. Realmente dormiu ao lado de um ex-caçador do Coletivo e teve um sonho erótico idiota com ele. Um sonho em que gozou mais forte do que nunca antes. O que em nome de Deus estava errado com ela?

E ainda ficar encantada pela forma como ele olhou para a unha de seu dedão? Qual é. Era estupidamente patética! Pra não falar na parte dela severamente frustrada que queria dar uma parada num spa e começar a obra completa, apenas para ver como ele reagiria depois que estivesse toda arrumada.

E isso nem era tudo. Havia também essa forma intensa que ele tinha de olhar para ela, como se a estivesse lendo tão facilmente quanto um livro. E então o maldito olhar predatório quando brincava sobre o que ele "queria" fazer, como se a resposta fosse algo... sexual.

Uau! Não vá por aí. De jeito nenhum.

Passaram a maior parte do dia a caminho da Alemanha de trem, pois era a maneira mais rápida de viajar e tentar evitar a segurança do aeroporto. E considerando o número de armas que McConnell estava carregando, evitar a lei e agências do governo parecia ser o modo mais seguro. Depois de finalmente chegar a Berlim jantaram rapidamente, deixaram a bagagem num hotel local e agora estavam de volta na pista do Casus, abrindo caminho através de algumas das ruas decadentes da cidade histórica.

McConnell estava ao seu lado armado ao máximo, sua presença um conforto irresistível — que ela cortaria sua própria língua antes de admitir para ele. Não podia se dar ao luxo de deixá-lo saber o quanto a afetava.

Então vinham todos os outros temas complicados como culpa, raiva e medo. Sim, conseguia entender por que sua vida tomou esse rumo. Mas isso não significava que podia simplesmente esquecer o fato que ele viveu a maior parte da sua vida como um assassino.

E você não está sendo uma cadela ao julgá-lo?

As palavras rudes vieram de algum lugar profundo dentro dela e se sentiu dizendo: *Ei, demora para um conhecer o outro*. Mas droga, não queria começar a ter conversas consigo mesma. Especialmente uma em que era obrigada a tocar em algum lugar no fundo de sua psique onde descobriu cicatrizes que era melhor deixar quietas. Intocadas e inexploradas.

— Seus pais vivem na Itália há muito tempo? — Ele perguntou, sua voz profunda tirando-a de seus pensamentos. — Percebi que ambos têm sotaque, mas é difícil saber de onde.

Estava grata pela interrupção, se não um pouco surpresa. Apesar das horas que passaram na companhia um do outro naquele dia, as conversas foram limitadas pela multidão os cercava. Mas não havia ninguém por perto agora e eram livres para dizer o que quisessem. O que, supunha, poderia ser uma coisa boa... ou ruim, dependendo do assunto. Mas como o assunto da sua família parecia seguro o suficiente, ela disse:

— Seus sotaques são um cruzamento entre russo e sul-africano. Realmente nasci em Johanesburgo.

— Então por que não tem um sotaque semelhante? Fala Inglês perfeito como Ashe, apenas não tem a sonoridade britânica.

— Isso é porque passei a maior parte da minha infância na Grã-Bretanha e Canadá, bem como no Pacífico sul. Meus pais sempre acharam que é importante uma família se mover, para que as crianças fiquem expostas às diferentes culturas e lugares.

— Gostava de se mudar tanto? — Perguntou ele, as luzes cintilantes de um outdoor de neon pintando seu rosto com listras de cor iridescentes. O rosa cruzava sua testa e seu olho esquerdo, seguido de azul, roxo e verde. Ele deveria parecer ridículo ostentando os salpicos do arco-íris, mas parecia que nada podia tirar sua masculinidade crua. E, no entanto, não agia como um idiota machista, que era uma de suas qualidades mais atraentes. Na experiência de Raine eram os verdadeiros homens que se sentiam confortáveis em sua pele. Que não ficavam constantemente olhando por cima do ombro. Os outros eram apenas exibicionistas, como Westmore.

Não querendo perder tempo pensando naquele monstro Kraven, finalmente respondeu à pergunta do soldado.

— Na verdade adorava. Tanto que escolhi uma carreira que me manteve em movimento.

— Uma carreira?

Era óbvio que ela o surpreendeu e não pôde deixar de sorrir.

— O quê? Pensou que só ficava sentava lendo mentes e mostrando as presas?

Ele olhou para ela com uma expressão confusa.

— Para ser honesto não tenho certeza do que pensei. — Passaram por um grupo de adolescentes bebendo cerveja na varanda da frente de um prédio degradado, a vibração perigosa de McConnell provavelmente a única coisa que os manteve calados. — Então o que faz? — Perguntou a ela, assim que ficaram sozinhos novamente.

Era impossível esconder o orgulho em sua voz quando disse.

— Sou ambientalista. Nos últimos dois anos estive trabalhando para instituições de caridade que estão investigando os efeitos do desmatamento.

— Parece interessante.

— Para mim é. — ela murmurou, começando a se perguntar se soava como uma nerd da ciência. — Mas, hum, acho que dificilmente esse tipo de coisa interessa a um cara como você.

A tensão lentamente penetrou em sua postura, o algodão de sua camisa se esticando sobre os ombros largos.

— Sabe Raine, posso não ser sofisticado, mas não significa que sou idiota ou que não entenda a importância do meio ambiente e preservação ecológica.

— Sinto muito. Isso não saiu direito. Não estava tentando dizer que não é inteligente. — disse ela rápido, praticamente gaguejando através da estranha explicação. — Apenas achei que provavelmente soaria chata para um cara que viaja pelo mundo... hum, fazendo o que faz.

— Sim, bem, acredite ou não — ele murmurou —, estou interessado em outras coisas além de matar e mutilar.

Certo. Definitivamente era hora de mudar de assunto.

— Bem, contei sobre minha infância, então agora é sua vez. Mesmo que seu sotaque seja claramente americano é difícil identificar o dialeto regional. Então, onde foi criado?

Ela o viu pelo canto do olho quando apertou o queixo e percebeu que definitivamente ainda estava irritado com ela.

— Não viu quando passeou pelas minhas memórias?

Raine estava começando ter a sensação que ele a testava sempre que fazia um comentário simples assim, como se estivesse tentando descobrir exatamente o que ela *viu*.

— Como eu disse antes. — ela murmurou — Captei determinadas coisas.

Por um momento não houve nada, exceto os sons distantes de tráfego e seus passos na calçada rachada enquanto caminhavam pela rua, e então ele soltou uma respiração áspera e finalmente respondeu sua pergunta.

— Fui criado no sul da Califórnia.

— Uau. Então realmente era surfista?

Ele bufou, sacudindo a cabeça.

— Dificilmente. Minha família vivia nas montanhas atrás de Los Angeles. — Deslizando um sorriso irônico ele acrescentou: — Nunca fui muito para a praia. Sempre tive uma coisa com os tubarões.

Raine revirou os olhos.

— Deixe-me adivinhar. Não gosta de seus dentes.

— Conhece alguém que o faça? — Ele resmungou, arqueando uma sobrancelha.

Dando de ombros, ela disse:

— Algumas pessoas pensam que são criaturas bonitas.

Desta vez foi ele quem revirou os olhos.

— Podem parecer sereias, mas não significa que eu queira estar em qualquer lugar perto de suas bocas.

Olhando-o por entre os olhos entrecerrados, Raine não pode deixar de pensar sobre como seria doce afundar os dentes nele. Sentir sua carne se fechando firmemente em torno de seus dentes e beber diretamente da sua veia. Era um pensamento — mas não tão perigoso quanto o que veio depois, porque estava subitamente imaginando como seria se alimentar dele enquanto estava enterrado profundamente dentro dela. Enquanto o maravilhoso e forte corpo musculoso a mantinha embaixo se movendo sobre o dela, enchendo-a com rígidos arremessos pesados que ficariam mais rápidos... mais... mais profundos ao mesmo tempo em que o sangue quente bombeava na sua língua, deslizando por sua garganta como mel.

Ele provavelmente não acreditaria nela, mas não estava mentindo quando disse que nunca tinha "comido" durante o sexo antes. Nunca viu as duas coisas como algo que devesse ser misturado, tipo álcool e operar máquinas pesadas. Um movimento errado e o desastre poderia acontecer, já que havia uma forte probabilidade que suas habilidades psíquicas pudessem formar uma forte ligação com seu amante. Isso sem levar em conta o fato que os Deschanel raramente misturavam alimentação e sexo com outras espécies, devido aos perigos que poderiam estar envolvidos se o acoplamento fosse puramente físico. Podia se alimentar antes do sexo ou depois — mas fazer o ato enquanto estava fazendo, literalmente, fazendo o "ato" podia levar a todos os tipos de desastre.

Ainda assim, Raine estaria mentindo se dissesse que não achava que soava sexy como o inferno. O que significava que definitivamente não precisava pensar nisso.

— Nós provavelmente deveríamos parar de falar. — ela murmurou, lançando um olhar rápido por cima do ombro para se certificar que não estavam sendo seguidos. — Precisamos nos concentrar.

— Acredite ou não, posso fazer as duas coisas ao mesmo tempo. — ele disse com voz arrastada, alcançando a parte de baixo da bainha da camisa e pegando a arma que enfiou na parte de trás da calça jeans.

— Por que as coisas simples sempre soam sujas quando você as diz? — Perguntou ela, vendo como verificava a trava da arma.

O canto da boca subiu com um sorriso.

— Não posso evitar se sua mente é suja.

Hah! Se ele soubesse. Estava tão enfiada na sujeira que tinha um pé no esgoto.

— Mencionou algo esta tarde sobre voar para Paris ontem, mas como conseguiu passar todas essas armas pela segurança? — Ela perguntou, olhando para a arma.

— Não tinha que viajar com elas. Passei pelo Complexo Sentinela em Paris antes de ir atrás de você. Eles me armaram.

— Conveniente.

— Sim, foi ótimo. — Seth mentiu. Na verdade, havia ainda aqueles que questionavam sua lealdade com os Sentinelas, e em particular, o metamorfo leão no Complexo de Paris foi um grande pé no saco. O nome do cara era Remy e não gostou de ter um ex-oficial do Coletivo em sua casa. Não que Seth pudesse culpar o cara. Levaria anos para muitos dos metamorfos o aceitarem e no final, não importa o quanto diligentemente tentasse provar sua lealdade, muitos ainda o olhavam com desconfiança.

Até mesmo a pequena mestiça caminhando ao lado dele.

— Tem uma leitura dos Casus ainda? — Perguntou a ela, enfiando a arma de volta na cintura da calça jeans. Também tinha uma faca presa ao tornozelo esquerdo e uma SIG no coldre do tornozelo, bem como um canivete no bolso.

— Apenas que entrou num bar local. — ela respondeu, o fio de aço em sua voz suave enviou uma sensação inquieta através de seu sistema. Não encaixava, era como ver uma criança segurando uma arma. — O nome do lugar é Highwayman. Está apenas a dois quarteirões daqui.

Caminharam as duas quadras em silêncio para que ela pudesse manter seu foco sobre o Casus, enquanto Seth mantinha sua atenção voltada ao seu ambiente... assim como ela. Embora soubesse que era responsável por deixá-lo louco, não conseguia parar de pensar sobre os gemidos suaves que fez durante seu cochilo ou o rubor quente que cobria seu rosto quando acordou. Sua respiração era superficial, os mamilos eram botões enrijecidos sob o algodão fino de sua blusa e a queria de uma forma que não pensava que fosse possível. Era como se precisasse dela num nível primitivo e instintivo que era mais profundo que a luxúria e não conseguia explicar.

Sim, era bonita. Mas mulheres bonitas não eram tão difíceis de encontrar e não saía por aí agindo como um idiota com qualquer uma delas, pronto para lambar o chão por uma chance de chegar perto delas. Só aproveitava delas e seguia em frente, nunca sentindo sua falta assim que iam embora. Mas sentiu como o inferno a falta da psíquica quando deixou Harrow House e não tinham ainda se envolvido um com o outro.

Sentia-se protetor com ela? Obviamente. Qualquer homem ia querer proteger alguém que passou por esse tipo de inferno. Mas isso ainda não explicava essa atração que sentia por ela. Havia algo mais que atração e proteção. Algo que a mantinha constantemente em seus pensamentos. A pergunta que precisava para encontrar a resposta.

E estava começando a sentir que se não conseguisse penetrar nela ficaria louco.

— O bar é justamente virando a próxima esquina. — murmurou e Seth se abaixou para pegar a mão dela, o que lhe rendeu um olhar assustado de surpresa.

— É melhor se parecermos um casal. — disse a ela, sua voz um pouco mais rouca do que esperava, mas a sensação de sua mão pequena na dele mexeu mais com ele do que estava preparado.

— Hum, boa ideia.

— E não leve a mal, mas seria melhor bancar uma vagabunda.

Ela bufou.

— Boa tentativa, McConnell.

— Estou falando sério. — ele murmurou, lançando um olhar aguçado em seu suéter conservador. — Estou apostando que as mulheres locais não costumam vir aqui sem mostrar um pouco de pele e queremos nos misturar.

— Tudo bem. — ela murmurou, deslizando o suéter por cima da cabeça para revelar um sexy... ele procurou em sua mente como chamá-lo. Não um top. Camiseta? Sim, isso parecia certo. Era macia e sem mangas, com minúsculos botões pequenos que corriam na frente, o decote profundo ousado o suficiente para mostrar uma dose saudável do vale entre os seios. E mesmo não estando entusiasmado com os biriteiros dando uma olhada, estava mais interessado em garantir que esta operação corresse o melhor possível.

Depois de amarrar a camiseta ao redor da sua cintura, ela estendeu a mão e tirou o gorro que cobria seu cabelo, a massa pesada caindo em ondas longas e brilhantes ao redor de seus ombros e enfiou o boné num de seus bolsos traseiros. Seth pegou sua mão de novo e a levou para dentro, onde encontraram o bar lotado até o teto, o cheiro de fumaça e suor tão espesso que revestia a pele. Sem dúvida este era um lugar para se mergulhar na miséria, de homens rudes, enquanto as mulheres pareciam exatamente como ele previu, com olhos planos e sorrisos com gosto de uísque. Raine podia estar mostrando a pele um pouco mais do que normalmente revelava, mas ainda se destacava como uma moeda nova e brilhante, e por isso manteve seu corpo na frente dela quando forçou sua passagem pelas mesas de sinuca e pela parte traseira no canto do bar.

— Você o vê? — Perguntou ele, inclinando o cotovelo no balcão alto que serpenteava em torno das paredes, a superfície marcada e cheia de garrafas vazias e cinzeiros. Tinha que levantar a voz um pouco para ser ouvido acima das notas estridentes de uma velha música country, mas não reclamaria. Não quando tinha uma desculpa para aproximar seu rosto do dela.

Raine molhou os lábios quando olhou para a multidão, depois baixou seu olhar e deu um pequeno aceno de cabeça.

— Sim. É aquele no fim do balcão. Cabelo preto desgrehado e um cavanhaque.

Apesar da multidão, Seth era alto o suficiente para ver a maior parte dos outros clientes, com uma visão clara do Casus quando o cara engoliu o que parecia ser uma dose de tequila. Era difícil lutar contra seus instintos naturais, mas conseguiu se manter quieto.

Como se o monstro de aparência humana sentisse sua presença, virou em seu banquinho e começou a lançar um olhar lento sobre a multidão. Seth se virou para Raine, usando seu corpo para bloquear a visão do Casus dela.

— Acho que ele sabe que estamos aqui.

— Isso não é possível. Estou mascarando meu cheiro, por isso não pode saber que sou eu.

Com um dar de ombros ele disse:

— Talvez esteja apenas pegando uma má vibração. Pode obter qualquer tipo de leitura dele?

Ela fechou os olhos e respirou lentamente o ar enfumaçado, sua atenção voltada completamente para seu interior.

— Não sabe nada sobre os dois Casus que matou em Paris ou o que matei na Espanha, mas tem um mau pressentimento que algo está vindo. Algo que não conhece. Seton deveria entrar em contato com ele hoje pelo seu celular e não o fez. Agora está nervoso. Parece que vai se levantar.

— Será que sabe que estamos aqui?

Ele observou os longos cílios dourados se erguer, revelando olhos luminosos que estavam escuros com emoção.

— Está procurando por alguma coisa fora de lugar, mas ainda não encontrou. Está querendo saber se alguém o está vigiando, se virão atrás dele quando sair. Se não formos cuidadosos vai plantar sua bunda neste banco a noite toda.

— Então vamos nos misturar. — respondeu asperamente e antes que ela tivesse tempo de reagir, Seth agarrou o balcão alto de ambos os lados do seu corpo, prendendo-a entre seus braços. Ela piscou quando ele se inclinou perto, os olhos se arregalando quando baixou o rosto sobre o dela. — Não entre em pânico. — ele sussurrou e no instante seguinte roçou sua boca com a dela. O contato macio e fugaz não era suficiente e se viu inclinando a boca sobre a dela, buscando mais do calor suculento, o gosto atingindo seu sistema como uma droga. Ela fez um som abafado de surpresa, mas não tentou arrancar seus olhos, então a beijou um pouco mais, empurrando a língua contra a dela, as mãos soltando o balcão lentamente para envolvê-la, evitando cuidadosamente as pontas douradas de seu cabelo.

— Que diabos está fazendo? — Ela resmungou de repente, arrancando a boca da sua quando apoiou as mãos contra seu peito, as unhas cravando em seus músculos rígidos.

— Parece que estou perdendo o juízo de novo. — ele murmurou antes de outro beijo mais profundo, molhado, incapaz de conseguir o suficiente dos lábios macios ou a doce maciez de dentro. Se só teria essa chance, Seth imaginava que poderia muito bem fazer valer a pena. Podia sentir o calor de sua pele através da camiseta fina, as palmas das mãos calejadas arrastando sobre o tecido delicado enquanto seu pau endurecia a ponto de doer, quando ela finalmente acariciou sua língua com a dela.

De alguma forma encontrando força para se afastar, Seth passou seu olhar pelo arredor, então agarrou a mão dela e a arrastou através da porta mais próxima, que era algum tipo de depósito mal iluminado usado para materiais de limpeza.

— Está maluco, idiota? — Ela exigiu, olhando para ele como se tivesse perdido a noção da realidade. — Não vim aqui para fazer uma sessão de foda. Estou numa caça!

Seth bateu a porta e se aproximou, empurrando-a contra uma parede nua ao lado de uma estante.

— Quer fazer aqui? — questionou se aproximando, colocando suas mãos contra o reboco rachado de ambos os lados de sua cabeça. — Ou quer que ele fique relaxado até sair para um lugar onde podemos derrubá-lo?

— Obviamente o segundo. — ela bufou. — Mas não vejo...

— Então cale a boca e me beije. — ele murmurou, cortando-a com o toque de sua boca na dela. Foi um inferno em seu sistema, mas se obrigou a ser gentil, as mãos se curvando em punhos apertados quando o beijo mudou para algum tipo de troca úmida e íntima que parecia um raio

explodindo no topo de sua cabeça. Os neurônios deviam estar derretendo, sua fiação tão frita que estava surpreso pelo vapor não sair pelas orelhas.

— Por quê? — Um fio macio e sussurrado de som, tão diferente de seu habitual tom arrogante, o jeito sexy como os lábios macios se moviam contra os dele o fazendo suar. — Por que está fazendo isso?

— Porque é muito melhor que discutir. — ele rosnou de volta, chocado pelo tremor em suas palavras grossas. Mas Cristo, nunca sentiu nada parecido com isso em sua vida. Seu gosto era viciante, a seda quente de sua boca doce demais para ser real. Podia facilmente continuar a beijá-la por horas, dias, mas a qualquer segundo agora ficariam sem tempo. Seria arrancada dele quando a realidade levantasse a cabeça grande e feia, e ficaria vendo navios. Se contorcendo numa porra de frustração.

O que significava que precisava obter o máximo dela como pudesse, enquanto ainda tinha chance.

Enquanto a boca trabalhava na dela, Seth colocou a mão direita machucada contra o lado de sua garganta, seu polegar roçando contra a batida acelerada de seu pulso. Ela gemeu um som áspero, faminto, um som que o fez arrastar a mão mais abaixo, deslizando pela borda da camiseta buscando a pele extraordinariamente suave embaixo dela. Sua palma alisou a curva suave de seu seio quando ela empurrou os quadris pra frente, roçando a ponta dolorida de seu pênis coberto pelo jeans. Sua cabeça caiu para trás enquanto ela ofegava para respirar, os olhos fechados perdida na sensação... e algo estalou dentro dele. Era tão simples e ainda assim as reverberações desse pequeno estalo eram enormes. Mente fragmentada. Mudança de vida.

Com o fôlego empurrando entre os lábios entreabertos Seth olhou para ela, perdido no deslumbrante detalhe do seu pulso batendo, pensando que era a coisa mais bonita que já viu. Sua boca tocou a mancha colorida queimando na curva elegante de seu rosto, a ação proposta em total desacordo com a forma como empurrou de lado a seda frágil de seu sutiã. Tinha sua boca sobre ela antes que pudesse puxar o fôlego seguinte, passando sua língua em um mamilo duro e rosado, o gosto cru e feminino de sua pele sem dúvida fazendo algum tipo de dano interno em seus órgãos, considerando que sentia uma retorcida e aterrorizante necessidade. Avidamente sugou o broto macio entre os lábios, provocando-o com os dentes e teria medo de estar sendo muito duro se ela não arqueasse as costas, esfregando-se contra sua boca e seu pau, enfiando as unhas em seus ombros enquanto se segurava nele.

— Você é tão bonita. — respondeu asperamente expondo o outro seio com a mão trêmula, a outra mão deslizando pela parte inferior das costas dentro do cós da calça jeans... então dentro de sua calcinha, enquanto lambia seu mamilo com movimentos provocantes de sua língua, deixando-o brilhante e úmido. Ele agarrou a curva sedosa de sua bunda deslizando seus dedos, procurando pelo calor úmido entre as coxas. Estava desesperado para senti-la gozando em sua mão, apertando ao redor de seus dedos antes que arrancasse as roupas dela e a sentisse gozando em torno de seu pênis. Mas no momento que roçou a carne escorregadia ela se encolheu, enrijecendo em seus braços e ele rapidamente retirou a mão.

— Não! — Ela retrucou, empurrando seu peito com tanta força que ele cambaleou para trás, os olhos selvagens de pânico. — Não posso... não posso fazer isso. Não com você.

— Jesus, Raine. — Ele enfiou as mãos pelos cabelos, dobrando os dedos sobre seu crânio. — Que diabos eu fiz?

— Eu deveria... deveria ter parado você mais cedo. — ela balbuciou ofegante, as mãos tremendo enquanto colocava o sutiã e a camiseta de volta no lugar. Manteve o rosto virado, não olhando nos olhos dele. — Só... não quero isso.

Seth passou as mãos pelo rosto, em seguida baixou os braços.

— Talvez não agora. — disse a ela, as palavras ásperas raspando sua garganta. — Mas vai chegar uma hora que vai querer um homem novamente.

— Sim, mas será alguém com quem me sinta confortável. — Ela levantou o rosto, prendendo seu olhar no dele. — Será alguém que eu possa confiar.

A raiva seguiu rápido no rastro da preocupação.

— Pode confiar em mim.

— Sabendo as coisas que fez? — Perguntou ela, com um tênue fio de riso.

Sentindo-se como se acabasse de receber um soco inesperado Seth estreitou os olhos.

— Nunca faria mal a você. — ele rosnou com as mãos flexionando dos lados enquanto lutava contra a necessidade de tê-la de volta em seus braços, sabendo que só pioraria as coisas. — Droga, sabe disso.

— E a culpa? — Sua voz era perigosamente suave, os olhos escuros ardendo em desafio. — Pense nisso, McConnell. Realmente acredita que poderia querer um homem que se encolhe diante da ideia de ficar com um vampiro? Um que não pode suportar a ideia de deixar que eu me alimente da sua veia?

Capítulo 8

Esqueça a raiva. Indignação derramava pelas veias de Seth como ácido quente, seu maxilar dolorido quando rangeu os dentes. Não podia acreditar que tudo estava indo por ralo abaixo. Que seu sangue seria a coisa que ela usaria para mantê-lo à distância.

— Deixe-me ver se entendi. — ele cuspiu. — Está realmente dizendo que não posso te fu... , não posso *ficar* com você a menos que esteja disposto a deixá-la colocar suas presas em mim?

— Estou dizendo que mesmo que eu não estivesse uma bagunça, o que estou, não quero ficar com um homem que se envergonhe do que sou!

— *Não* tenho vergonha. — argumentou incapaz de lembrar a última vez em que esteve tão puto.

— Pode mentir o quanto quiser, mas não vai mudar a verdade.

Seth se afastou dela enquanto cobria os olhos com uma mão, o sabor em sua boca quase muito amargo de engolir.

— Vamos terminar esta conversa mais tarde. — respondeu asperamente, depois de puxar algumas respirações profundas e finalmente confiar em si mesmo para falar. — Agora quero que fique focada.

— Então mantenha suas malditas mãos pra si mesmo, porque finalmente estão de fora.

— Ótimo. Mas estou avisando, Raine. Não faça nada estúpido. — Ele deslizou um olhar duro quando colocou a mão no trinco da porta. — Vai me ouvir e fazer o que digo.

— Um inferno. Não recebo ordens suas. — ela retrucou puxando o Marcador do bolso. — Apenas fique fora do meu caminho e tente não se machucar.

Saíram do bar para a rua estranhamente silenciosa, enquanto um violento estrondo de trovão podia ser ouvido à distância, o ar úmido com o cheiro da tempestade se aproximando. Raine apontou com seu queixo para a direita, indicando a direção que o Casus pegou e Seth começou a alcançar sua arma, mas parou em seco ao ver seu olhar de indignação.

— Atire somente se não tiver outra escolha! — Disse ela num deslizar baixo e furioso de palavras.

Ele nem se incomodou em responder, não confiando no que diria naquele momento.

Com o Marcador seguro na mão direita, seu poder já fazendo seu braço brilhar, Raine começou a andar mais rapidamente, em seguida começou uma corrida leve.

— Venha. — disse a ele, voltando-se para o pequeno beco à sua direita. — Acabou de virar algumas quadras à nossa frente. Se nos apressarmos poderemos chegar na frente dele e pegá-lo.

Mantendo-se ao seu lado, ele perguntou:

— Ele está na estrada principal? — Por mais que Seth quisesse ver o bastardo pagar, não queria uma luta no meio de pessoas inocentes.

— Está na verdade indo para um dos parques locais. Esta é nossa melhor chance. Sem ninguém por perto.

— Basta ficar atenta. — ele rosnou. — E o que quer que faça, não o deixe irritar você.

Eles correram o resto do caminho, o trovão mascarando os sons das botas batendo no chão enquanto uma chuva fina começava a cair, ajudando a cobrir seu cheiro. Em poucos minutos chegaram ao outro lado do parque, um caminho sinuoso serpenteando através das colinas e retalhos de vegetação exuberante e densa. O caminho estava iluminado por uma série de suaves e brilhantes postes antigos que derramavam uma luz bruxuleante, o luar escapando através das nuvens de tempestade que se movem rapidamente.

Raine deu uma parada no meio do caminho e olhou o ponto onde ele desapareceu numa curva entre as árvores.

— Vai chegar na curva nos próximos vinte segundos.

Uma violenta rajada de relâmpagos se chocou contra o chão uns quatrocentos metros a leste da sua posição, iluminando a noite com faíscas de luz brilhante e foi nesse momento que o Casus apareceu, seus pálidos olhos azul-gelo se arregalando de choque quando avistou um deles.

— Uau. — ele gritou, seu olhar curioso se deslocando de um para o outro quando continuou indo na direção deles. — O que é isso?

— Vou te dizer o que é isso. — A voz de Raine atacou como uma arma, cortante e afiada. — Este é seu último minuto na terra antes de cair direto no inferno.

Parando a cerca de quatro metros de distância, o Casus relanceou rapidamente o olhar sobre o braço brilhante, em seguida ergueu o olhar e sorriu. — Não esteja tão segura de si mesmo, querida.

— Deveria ouvi-la. — Seth avisou.

O cara cheirou o ar, em seguida deu um sorriso lento.

— É isso mesmo, humano? E eu aqui pensando que devia aprender a não mexer com coisas que são mais assustadoras do que você.

— Você não assusta mais ninguém. — Raine disparou de volta. — E como sei que não sabe, estou emocionada em ser a pessoa a te contar que Bryce e Carlson já estão mortos.

— É disso que se trata? — Perguntou com um sorriso corajoso, piscando o olho para Raine antes de fixar seu olhar pálido em Seth. Esses misteriosos e cortantes frios olhos azul gelo escureceram com surpresa. — Veio atrás de mim porque comi a cadela?

— Isto é por minha irmã! — Raine gritou, a voz embargada no final. — Que você torturou. Era apenas uma menina!

— A pequena adolescente? Lembro dela. — ele disse com voz arrastada, a boca se curvando enquanto acariciava com uma mão o seu cavanhaque. — Era tão doce quanto parecia.

— Você é um porco! — Raine sufocou tremendo de fúria, a tempestade se aproximando no alto, trovões rugindo. O ar tinha um cheiro elétrico carregado de raiva, seus rostos aspergidos pelas gotas frias de chuva. Tinham apenas alguns minutos antes do dilúvio cair completamente e Seth se perguntou qual tempestade atacaria primeiro: a do tempo se aproximando... ou a que Raine estava prestes a criar.

Outra risada enferrujada sacudiu o peito do Casus quando viu a reação de Raine às suas palavras cruéis, mas Seth estava começando a pensar que a petulância do rapaz era apenas teatro. Raine disse que Schultz estava nervoso no bar e mesmo Seth não tendo os excepcionais sentidos Deschanel de Raine, podia jurar que sentia o cheiro de medo do bastardo.

— Você sabe que se quisesse a menina viva — o Casus murmurou, mantendo um olho em Seth, enquanto falava com Raine —, não deveria mentir para Westmore sobre onde os Marcadores estavam escondidos. Ele não tinha escolha a não ser puni-la.

Seth sabia exatamente o que o idiota tentava fazer. O Casus queria provocá-la até que perdesse o controle e o atacasse em fúria cega, abandonando a cautela em troca da fúria. E estava funcionando. Ela agora brilhava toda, um brilho gerado pela raiva, a furiosa emoção pulsando fora de seu corpo esguio, tremendo com tanto calor que estava surpreso que não estivesse fervendo.

Por um momento tudo que Seth pôde fazer foi olhar fixamente. Não era hora de ficar com o queixo caído, mas *porra*. Um cara tinha seus limites. Estava linda, sua parte superior brilhava com uma suave luz metálica, tão linda que feria seus olhos. E, no entanto, havia algo de errado na imagem. E isso era a fúria, a raiva. Sim, gostava de vê-la toda irritada e brilhante, mas tão banal quanto soava, Seth queria que vibrasse de felicidade. Com prazer. Não a queria acelerada por alguma necessidade fervorosa de vingança, sabendo muito bem o quanto poderia ser perigoso. E de repente entendeu o que provocava as mudanças em seu corpo. Estava alcançando um nível alto, difícil e perigoso alimentada pelo ódio, a emoção a fazendo se sentir mais forte, mesmo enquanto lentamente corroía sua alma.

— Se Westmore estava com raiva pelo que fiz, então deveria ter *me* punido. — Raine rosnou para Schultz. — Não Rietta!

— Não acho isso. — A voz do bastardo se arrastou quando seu sorriso ficou mais largo. — Acho que saber que sua irmãzinha estava sendo punida no seu lugar te machucou muito mais do que se estivesse lá. E fizemos tudo que podíamos para fazer aquilo demorar, apenas para que pudéssemos ouvi-la gritar.

Raine imediatamente deu um grito de indignação e sua contenção se partiu, quebrando como vidro. Antes que Seth pudesse agarrá-la se lançou no Casus, golpeando com tanta velocidade que era pouco mais que uma mancha colorida, usando as garras em sua mão livre para cortar o rosto de Schultz. Seth já estava correndo na direção deles, um rugido gutural em seus lábios quando o Casus liberou suas longas garras, de aparência sinistra para atacar de volta, mas ela era muito rápida, torcendo-se para evitar o que poderia ser um golpe potencialmente mortal, se não fosse pela cruz em sua mão direita. Mas não teve tanta sorte da segunda vez e depois de ser detida com um soco no rosto de quebrar-nariz, Schultz conseguiu acertá-la nas costelas com o pé, o poderoso chute a enviando ao chão.

— *Tô de boa pra matar.* — ele rosnou para ela, suas presas pontudas começando a encher a boca humana do corpo do seu anfitrião. — Então não pense que isso vai ser fácil, cadela.

Ele iniciou outro chute quando ela ficou de pé, mas Seth se jogou entre eles tomando o peso do golpe na coxa. O ar deixou seus pulmões numa rajada mais forte quando caiu no chão rolando, seu corpo já se movendo para a posição de seu contra-ataque. Chicoteando em torno de sua perna, pegou o Casus pela parte baixa de suas costas, jogando-o pra frente e Raine deu um potente chute direto no queixo do bastardo. Schultz rosnou com fúria enquanto Raine sibilava de volta para ele, arreganhando os dentes — e no instante seguinte Seth viu com horror quando caíram juntos, seus corpos num combate brutal. Não era possível separá-los e Seth gritou para que Raine recuasse, mas ela não quis ouvir, os olhos brilhando num reluzente prata quente enquanto lutava. Quando ela esmagou a bota na mandíbula do imbecil e o mandou se arrastando, Seth finalmente foi capaz de ficar entre eles. Agarrou o pescoço de Schultz, lutando para colocá-lo de cara no chão.

— Agora! — ele gritou, usando todo seu peso para segurar o bastardo abaixo. O corpo do Casus estremeceu, ossos e músculos se expandindo, sua espinha se tornando instável e disforme quando começou a se transformar em sua verdadeira forma e Seth rugiu: — Porra, faça agora!

Felizmente Raine não perdeu mais tempo. Caiu de joelhos no chão ao lado do Casus e bateu a mão segurando o Marcador na nuca dele, bem na base do crânio. Um estalo crepitou, enchendo o ar enquanto a mão dela afundava profundamente no corpo do monstro que resistia tanto que Seth teve que lutar para manter seu domínio. Um relâmpago atingiu o chão novamente, mais perto desta vez, iluminando a noite com surreais listras metálicas de luz, assim que o céu se abriu, lâminas de chuva fortes e rápidas assobiando como óleo numa panela quente quando as gotas salpicaram o brilhante braço de Raine.

Ela gritou quando sua mão foi mais fundo, o som crepitante cada vez mais alto enquanto o cheiro de carne queimada enchia o ar. Seu rosto se contorceu de dor, os olhos fecharam, os dentes apertaram e Seth não podia puxá-la. Não suportava vê-la em tanta agonia.

Soltando seu domínio sobre um dos braços do Casus, começou a alcançar sua arma. Mas já era tarde demais.

Assim que seu braço irrompeu em brilho, rajadas de fogo chamejaram e Raine jogou a cabeça atrás e gritou... e gritou... e gritou, até parecer que sua garganta iria implodir.

Achava que estaria pronta desta vez depois de matar Bryce da mesma maneira, mas a dor era tão forte e insuportável. Lágrimas caíam de seus olhos fechados e podia dizer, pela explosão de calor e ásperas maldições de Seth, que o fogo se espalhava pelo corpo do Casus agora. Um brilho laranja queimava por trás de suas pálpebras enquanto o corpo de Schultz era incendiado de dentro pra fora, a terra começando a tremer com profundos e estrondosos choques, como se um terremoto estivesse se formando embaixo deles.

— Raine, vamos lá. — A voz de Seth suplicava, suas mãos fortes e calejadas de repente sobre seus ombros tentando puxá-la para longe do monstro. — Droga, deixe-o ir! Já chega!

Ela sibilou arreganhando os dentes, sabendo muito bem que não podia deixá-lo ir até que Schultz fosse nada mais que uma pilha fumegante de cinzas. A dor no braço se intensificou, como se sua pele estivesse sendo retirada do membro e ela gritou mais alto, o som nitidamente colidindo com o rugido furioso de Seth, enquanto uma onda vermelha de raiva pulsante a varria, impossível de conter. Estava irritada com o Casus e o passado. Irritada com Seth por tentar impedi-la. Por beijá-la. Por mostrar que ainda podia sentir prazer quando tudo que merecia sentir era solidão e dor. A onda cresceu, atravessando-a, consumindo, ficando negra, oleosa e espessa e assim que o corpo de Schultz entrou em erupção numa explosão violenta, ensurdecadora, abriu os olhos e focou o humano com tudo que tinha, a força da explosão lançando-os no ar.

Ele caiu duro de costas e antes que pudesse soltar outra maldição indignada, Raine estava montada na sua cintura, prendendo-o no chão. Suas presas cresceram mais quando se abaixou sobre ele sibilando, cravando suas garras em sua carne. Todo seu ódio e raiva foram transferidos ao soldado que pressionava suas grandes mãos contra o seu peito, mantendo-a longe dele.

— Raine, porra, pare! — A força de suas palavras finalmente atravessou a névoa eletrizante e ela piscou sacudindo a cabeça, tentando descobrir que diabos estava acontecendo. — Acabou, certo? O bastardo está morto. Não vou te machucar.

Ela piscou novamente, molhando os lábios e começou a se mover saindo dele, quando percebeu que suas garras estavam enterradas em seus ombros.

— Oh... Deus. — ela sufocou, um silvo agudo escapando através de seus lábios comprimidos quando retraiu suas garras, afastando as mãos de seu corpo. — O que... o que fiz...?

— Está tudo bem. — disse a ela, sua voz grossa com algo que ela não conseguia definir. Ele não parecia com raiva ou medo. Apenas preocupado... e algo mais. Algo que queria entender mais plenamente, mas estava muito confusa para se concentrar. — Deixou-se levar um pouco, mas está tudo bem.

Os olhos dela estavam fixos em seus ombros ensanguentados e ela saiu de seu estupor, lutando para ficar em pé.

— Poderia ter matado você!

Havia uma nota seca e afiada em suas palavras cuidadosas quando ele sentou.

— Raine, não sou tão fácil de matar como parece pensar. Está tudo bem.

— Não, não está. — Sua voz estava estraçalhada, o som cheio de dor forçando os músculos de seu rosto. — Nunca deveria ter me salvado. — disse ela entrecortadamente, recuando até que bateu num tronco de uma das grandes árvores, esfregando as mãos pra cima e pra baixo pelos braços sujos e molhados. Apesar das chamas que engoliram seu braço apenas momentos antes sua pele estava ilesa, graças aos poderes de proteção da cruz. — Deveria ter me deixado com Westmore. Sou muito perigosa. Muito instável.

— Porra, quer calar a boca? — Ele era todo poder masculino e graça quando se levantou, espreitando em sua direção, enquanto o vento e a chuva batiam contra ele. Não parou até estava em pé sobre ela, tão perto que podia cheirar o calor do seu corpo. Ver as gotas de chuva se juntando em seus cílios espessos. — Não fez nada de errado!

— Pare de mentir!

Um músculo pulsava em sua mandíbula.

— Não estou. — ele soltou, mas mastigando as palavras com seus molares.

— Está. — ela gritou, sem dúvida soando como uma louca. Sentindo-se como uma, também. — E estou tão cansada de mentiras. Cada vez que me viro alguém está mentindo pra mim, pensando que vai tornar as coisas melhores. Mas não torna nada melhor. Só me irrita!

Seu peito arfava enquanto ele puxava o ar, em seguida a espetou com uma resposta corajosa.

— Quer a verdade, Raine? Ótimo. Vou dar pra você. Sim, está machucada e irritada. Captei isso. Até entendo. Vingança é seu novo remédio escolhido e vai fazer o que for preciso para obtê-lo. Não estou feliz com isso, mas...

— Mas o quê?

Ele sacudiu a cabeça, jogando longe as gotas de água que serpenteavam escorrendo pelo seu lindo rosto e sua voz baixou quando disse.

— Mas caso não tenha notado, não me assusta.

Sua boca tremia tanto que mal pôde responder.

— Que diabos isso significa?

— Significa que quero você. Venho lutando contra o que sinto por você há meses e estou cansado disso. — ele rosnou, agarrando sua mão e a puxando através da mancha queimada no chão onde o corpo de Schultz foi fritado. Fez uma pausa apenas tempo suficiente para recolher o Marcador latente e entregá-lo a ela, em seguida os tirou dali novamente, levando-os de volta ao hotel.

Raine olhou para seus ombros rígidos, querendo se agarrar neles e usá-los como apoio, mas não podia se permitir esse tipo de fraqueza. Em vez disso, apenas resmungou.

— O Juramento pode me ligar a você no momento, McConnell, mas não lhe dá direitos sobre meu corpo.

— Não se preocupe, Raine. — Ele parecia cansado e extremamente ofendido. Não que o culpasse. — Nunca forcei uma mulher e com certeza não pretendo começar agora.

Não foi fácil, mas conseguiu manter a voz fria quando disse:

— Então deve saber que isso nunca vai acontecer entre nós. O bar... foi um erro. Um que não pretendo repetir.

O luar brilhou no seu cabelo loiro quando deu acenou com a cabeça, forte e decidido.

— Então considere isto um aviso que pretendo que mude de ideia.

— Está louco. — ela murmurou, guardando o Marcador no bolso.

Ele bufou.

— Diga-me algo que eu não saiba. Não fui capaz de pensar direito desde que te conheci.

Não era fácil, considerando que ainda estava abalada pelo que fez, mas conseguiu esmagar a centelha de calor provocada por essas palavras rudes. Molhando os lábios, disse:

— O que quer que faça, não vai mudar o fato que não quero você.

— E quem é o mentiroso agora? — Ela não podia ver seu rosto, mas estava apostava o Marcador em seu bolso que um daqueles sorrisos tortos estava mexendo o canto da sua boca.

— Se está determinado a fazer isso — disse ela, olhando para sua nuca —, então estamos em guerra, McConnell.

— Se é assim que quer, querida. — Seus dentes brancos reluziram quando olhou para trás por cima do ombro machucado, o algodão escuro de sua camisa esfarrapada e manchada de sangue, o verde suave de seus olhos brilhando com uma promessa obscura, provocante. — Mas se eu fosse você, pensaria seriamente em me deixar vencer.

Seus olhos se arregalaram e o asno arrogante piscou para ela antes de olhar pra frente novamente, deixando-a pensando sobre o que disse. Pensando... e imaginando todas as maneiras que um homem como Seth McConnell poderia enlouquecer uma mulher com prazer. Se o breve sabor que teve era uma amostra, o cara era seriamente talentoso.

E Raine não podia evitar, mas temia estar *seriamente* ferrada.

Capítulo 9

Água quente caía na parte de trás da sua cabeça, o vapor espesso e esvoaçante a cobrindo do resto do mundo, e Raine percebeu que podia ficar ali no chuveiro a noite toda. A ideia parecia infinitamente melhor que realmente sair do banheiro do hotel e enfrentar McConnell novamente.

Ainda não. Só preciso de um pouco mais de tempo sozinha...

Ela ainda estava assustada. Ainda abalada. Não só por aquilo que aconteceu depois que matou Schultz, mas pelo que aconteceu antes. Esse pequeno interlúdio erótico no bar basicamente explodiu cada célula no cérebro que possuía, girando seu corpo num brilho quente, derretido pela necessidade sexual, assim como em seu sonho.

Ela ficou atordoada pela corrida poderosa de prazer que queimou através dela quando a boca quente de McConnell esteve na sua... em seus seios, seu corpo duro e grosso com fome. Ele era diferente de tudo que já conheceu. Alucinante. De tirar o fôlego. E não era como se pudesse culpar a pressa pela inexperiência. Raine nunca foi de jogar no campo, mas sabia como o prazer

funcionava. Teve dois relacionamentos sérios. Não deram certo, mas permaneceu amiga de seus ex. Eram agradáveis, suaves tipos acadêmicos com quem trabalhou. Nada como Seth McConnell, que era agressivo e arrogante e tão alfa quanto podia.

Quando a beijou foi tão intenso. E toda vez que pensava nisso as pernas tremiam de novo, e por isso continuava tentando tirá-lo de sua cabeça.

Assim que chegaram ao hotel Seth tentou fazê-la relaxar, perguntando se queria um pouco de comida, café — inferno, ele até mesmo ofereceu mais de seu sangue — mas ela se baseou na comunicação não verbal, simplesmente acenando com a cabeça cada vez que ele fazia uma pergunta, sua garganta muito trêmula para falar. Ele deve ter decidido desistir, porque não disse nada quando ela finalmente saiu do banheiro depois do banho. Vestida com moletom e uma camiseta sem mangas puxou o cabelo úmido pra cima de um ombro, usando a escova para desembaraçar os nós enquanto se movia pela sala e o observava pelo canto do olho, muito inquieta para se sentar. Ele estava teclando furiosamente num laptop sentado na cama queen-size de costas para a cabeceira da cama, vestindo apenas calças jeans. Não podia ser confortável dormir na maldita coisa, mas sabia que ele a mantinha para impedi-la de entrar em pânico. Ou isso ou usava boxers com desenhos animados que não queria que ela visse. O caprichoso pensamento quase a fez sorrir, mas depois se dedicou a observar as feridas abertas em seus ombros largos e seu humor desapareceu. As marcas estavam irritadas e vermelhas na sua pele lisa. Um visceral lembrete do quanto se tornou instável.

Não posso acreditar que o feri assim, pensou ela puxando a escova pelo cabelo bem forte, provavelmente para se punir ficando careca. Podia acreditar menos ainda que ele não estivesse zangado com ela por isso. Em vez disso, não fez nada além de tentar tranquilizá-la dizendo que estava tudo bem, e sua garganta fez aquela coisa apertada, trêmula de novo.

Soltando a escova, Raine se forçou a rastejar para o seu lado da cama e se aninhar debaixo das cobertas, deitando de costas. Ouviu-o teclando e apesar de sua tensão, gostava de como o calor de seu perfume se envolvia em torno dela. Dentro de alguns instantes se encontrava deslizando no pesado calor que a levou ao sono profundo, o que era estranho, considerando que dormiu mal durante meses, normalmente apenas entrando num dos estados de transe leve ou *Transsis*, que os Alacea usavam quando precisavam descansar, mas eram por um tempo curto. Não fazia nenhum sentido, mas se sentia segura com ele. Apesar das afirmações ultrajantes que mantinha sua decisão sobre estar atraído por ela, sabia que não a atacaria e assim Raine se aconchegou mais em seu travesseiro, claramente exausta até os ossos.

Só preciso tirar tudo da minha mente por um tempo. Só preciso... dormir.

Pesadas ondas de escuridão rolaram sobre ela, afundando seu corpo no sono como se fosse uma nuvem quente e reconfortante que a envolvia em seus braços, abraçando-a apertado e forte. O sentimento era tão bom que Raine queria que afundasse em cada célula do seu corpo, penetrando nela até que pudesse sentir esse calor delicioso por todos os lugares. Tão doce. Tão perfeito.

Ela não sabia quanto tempo passou quando a nuvem de repente disse seu nome, sua voz rouca uma lixa sonora e suas pálpebras se contraíram quando percebeu que os braços reconfortantes da nuvem tinham músculos fortes e poderosos. Seu rosto pressionado contra o que parecia ser um peito largo e sólido, a profunda e ressonante batida de um coração disparando sob o seu ouvido, enquanto uma mão grande acariciava delicadamente sua espinha, e a compreensão se esforçou para encontrar caminho através das camadas entrelaçadas de sono.

Tinha uma suspeita horrível que estava deitada nos braços de McConnell e quando forçou as pálpebras pesadas a levantar, a suspeita se tornou uma realidade humilhante.

— *Putá merda.* — ela resmungou empurrando contra o seu peito enquanto se mexia para longe dele, recuando rapidamente para o seu lado da cama. Desejava poder trazer à tona um pingo de indignação, mas foi ela quem claramente rastejou para seus braços, empurrando seu corpo contra o dele. — Eu s-sinto. — ela gaguejou, completamente mortificada. — Não sei o que estava... Não entendo por que eu...

— Ok. — ele resmungou, sua voz profunda áspera pelo sono quando rolou de costas e se espreguiçou como um grande gato musculoso, seus músculos flexionando sob hectares de pelo dourado polvilhando a pele. — Você estava sonhando. — acrescentou ele, coçando preguiçosamente seu peito, prateados raios de luar sorrateiramente atravessando as cortinas para revelar os contornos de seu corpo robusto, assim como a infinidade de cicatrizes que eram uma prova da sua profissão. Ele tinha o lençol enrolado na cintura, o peito deliciosamente nu, seu tanquinho tão perto que a fez babar.

— Sim. — ela murmurou, nem mesmo tendo certeza do que estavam falando. Seu corpo iluminado pela lua derreteu seu cérebro.

Sentando-se, ele apoiou as costas contra a cabeceira da cama, o lençol descendo quando levantou a perna esquerda, o jeans surrado abraçando os músculos rígidos da coxa poderosa. Claro, seus braços eram tão espetaculares. Seus bíceps avultados quando levantou os braços, enfiando as mãos pelos cabelos curtos e ela se perguntou se fazia isso apenas pela força do hábito, o gesto a lembrando do sonho com sua irmã quando o Seth adolescente arrastou o cabelo desgrenhado de sua testa.

— Já que estamos aqui, acho que devemos falar sobre o que disse esta noite. — ele resmungou em voz baixa, olhando para as sombras. — Não tenho vergonha de você, Raine. Longe disso. Acho que é uma mulher maravilhosa, não importa de qual espécie sanguinária seja. E sei que há coisas sobre mim que... te aborrecem. A verdade é que algumas delas posso trabalhar e outras, provavelmente, nunca mudar. O ataque à minha família — ele passou a mão em seu queixo e exalou um suspiro áspero —, distorce a maneira como vejo um monte de coisas. Mas falei o que penso no parque.

Ela empurrou o lençol e sentou perto do pé da cama, os joelhos flexionados no peito enquanto os braços se envolviam em torno deles, necessitando de pelo menos um pouco de espaço entre seus corpos. Seu perfil era rígido, a mandíbula dura como granito, os raios suaves da luz pegando o brilho dourado da barba. — O ataque... foi ruim, não foi?

— Sim ... foi ruim. — Ela podia ver o movimento de sua garganta quando engoliu.

— E foi por isso que entrou no Coletivo.

Não era uma pergunta — apenas uma afirmação do fato, mas ele balançou a cabeça em resposta, esfregando o queixo de novo e explicando.

— Começaram a me recrutar quando eu estava num de seus hospitais. Começaram seu lenga-lenga enquanto ainda estava ligado a tubos, nem mesmo capaz de respirar por conta própria.

Ela sentiu como se algo a atingisse por dentro e se agarrasse em seu coração, apertando-o mortalmente.

— Eu... não sabia que esteve hospitalizado.

Ele virou a cabeça, prendendo aqueles belos olhos verdes nos seus e sentiu um choque até sua alma. Bastou um olhar.

— Não viu essa parte nas minhas memórias? — ele perguntou com surpresa.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Vi que sua família foi morta. Seu sofrimento e perda estava sempre na borda de sua consciência, sempre que você matava. Pelo menos, os que eu vi. Mas não voltei ao evento real. Acho que sempre imaginei que você apareceu após o ataque e os encontrou quando estavam morrendo.

Ele deu uma risada crua e dolorosa e abaixou a cabeça na sua mão.

— Oh, eu definitivamente estava lá.

— Sinto muito. — Sua voz era suave, espessa. — Acho que não é de se espantar que odeie os Deschanel.

Ele empurrou o dorso da mão forte pelos cabelos novamente e respirou fundo, antes de fixar seu olhar de volta nela, os olhos escuros turbilhando de sombras e calor.

— Está certa, Raine. Eu os odiei por um longo tempo. Por anos, mal podia sentir qualquer outra emoção. Mas o que estou tentando dizer é que estou começando a ver as coisas de forma diferente. Sei que parece banal, mas é verdade. Acho que já suspeitava há algum tempo que havia algo errado com o caminho que escolhi, mas era difícil romper o ciclo. Toda vez que eu me questionava, cruzava com um vampiro realmente caído que machucaria os outros e me sentia justificado por levar a vida que tinha. Então esta merda começou com os Casus e eu finalmente sai. E desde então percebi que existem vampiros por aí que não são assim tão diferentes de mim. Que estão lutando pelas mesmas coisas que eu.

— Eu sei. Sua amizade com os Grangers foi uma surpresa para você, mas uma que está disposto a aceitar. Porque está mudando? Porque eles são *Förmyndares*? Você não sabe. Tem pensado muito sobre as decisões que tomou. Pude sentir isso em você desde o início. Sua confusão e sua vontade de repensar as escolhas que fez na vida. — Suas bochechas queimaram com calor, mas se forçou a dizer tudo. — Mas, se envolver com um vampiro sexualmente ou sentimentalmente ou como queira chamar? Realmente acha que poderia fazer algo assim, Seth?

Foi a primeira vez que o chamou pelo primeiro nome e sua reação foi instantânea. O ardor, uma necessidade quente de estender a mão e agarrá-la, esmagando-a contra o seu corpo. Rolando-a debaixo dele. Apertando duro e forte.

— Você é a razão principal desta mudança, Raine. Não os Grangers. E não é qualquer vampiro que me interessa. Quero *você*. — disse a ela com esse olhar tempestuoso, de relâmpago-à-meia-noite-no-mar. Ela estava corada, os lábios rosados e cheios, todo aquele cabelo cor de mel caindo em ondas longas e brilhantes ao redor de seus ombros magros. Inferno, até mesmo suas orelhas eram preciosas. Pequenas, pálidas, delicadas. Se já viu uma mulher mais bonita, foi apagada de sua memória.

— Isso não está certo. — ela sussurrou, os olhos arregalados de pânico e ele soube que a estava alcançando. Não que não o temesse, mas a ideia de dar uma chance a algo entre eles. De se tornar vulnerável, quando mal começava a arranhar seu caminho para fora do pesadelo que quase a destruiu. Não era tão cego que não conseguisse entender seu raciocínio, mas porra, não podia simplesmente abandonar isso sem lutar por ela.

— Por quê? Dê-me uma razão boa e sólida, Raine.

— Posso te dar dezenas. — ela retrucou, então quase imediatamente se encolheu. — Deus, me desculpe. — ela sussurrou, baixando o olhar. — Não quero ser uma cadela. Você não fez nada além de tentar me manter segura e aprecio isso. Mesmo que o Juramento me deixe puta, sei que só fez isso porque achou que estava certo. Só... não vejo como isso pode dar certo. É ruim o suficiente quando uma das pessoas está sobrecarregada com a bagagem, mas nós dois estamos.

— Raine, olhe para mim. — Ele esperou até que ela finalmente seguiu o comando suave, em seguida, continuou. — Nada dessa merda importa se você me quiser. E acho que quer. — A fome endurecia suas palavras, seu corpo reagindo da mesma maldita maneira como sempre quando estava perto dela, seu pau engrossando contra a braguilha. — Senti a maneira como me responde.

Seu rosto queimou.

— Sim, quero você. Mas isso não significa que estou feliz com isso. A verdade é que isso me frustra muito. Você é uma complicação que não posso me dar ao luxo. O que quer que esteja acontecendo aqui precisa parar. Não somos bons um para o outro.

— Como pode ter tanta certeza disso? — Perguntou ele, enganchando o braço em torno de seu joelho dobrado quando se inclinou para frente. — Já pensou que pode ser exatamente o que precisamos?

Ela molhou os lábios com um movimento nervoso de sua língua.

— Não vejo como isso poderia ser possível.

— Por que não?

— Você me assusta, por exemplo.

Seth bufou.

— Besteira. No início, talvez. Mas realmente não acredito mais nisso. E não acredito que o faça também. O que te assusta é a ideia de nos dar uma chance.

Por uma fração de segundo parecia que ela ia falar, mas depois a boca se apertou numa linha dura e plana.

— Mesmo se estiver certo, o que me diz do fato de que não confio em você? E sem confiança quem sabe como poderia reagir se tivéssemos sexo? Viu o que aconteceu esta noite. Eu poderia te machucar.

Seu riso era baixo e rouco.

— Você pode ser um pouco difícil, Raine, mas posso cuidar de mim.

Ela estava começando a ficar desesperada. Soava assim, também.

— Tenho presas.

— Percebi. — disse secamente, imaginando quantas vezes este assunto seria jogado na sua cara. — Mas não vamos falar dessa coisa de veia outra vez.

— É exatamente isso. — ela bufou, jogando os braços pra cima frustrada. — Não pode me dar o que preciso e sei que não poderia dar o que você precisa.

Ok. Ele realmente não gostava de como *isso* soava.

— Do que está falando?

Ela quebrou o contato visual e desviou o olhar, mastigando nervosamente a carne do lábio inferior.

— A verdade é que menti para você, McConnell.

Ele imaginou que provavelmente ficaria puto sobre a mentira — mas no momento estava mais chateado pelo fato de que ela voltou a usar seu sobrenome.

— Sobre o quê?

— Eu disse antes, que tudo que vi de suas memórias foram seus crimes. — disse ela, puxando os joelhos mais perto do seu peito. — Mas não é verdade.

Uma sensação desconfortável deslizou pelas suas entranhas.

— Bote pra fora, Raine.

Ela deslizou um rápido olhar de relance, depois desviou o olhar novamente, olhando toda a extensão sombreada do quarto de hotel.

— Eu, hum, realmente vi você com algumas mulheres.

— Pensei que só estava focada nos assassinatos.

Com um dar de ombros, ela disse.

— Não é culpa minha se a primeira coisa que fazia depois da maior parte das suas caças era sair e transar.

Ele empurrou o polegar e o indicador em seus olhos, então murmurou um eloquente:

— Merda.

— É bastante agressivo. — acrescentou, observando-o por baixo dos cílios. — Quero dizer, para um macho humano.

Sua cabeça se levantou num estalo, os olhos apertados num olhar afiado de avaliação.

— Sabe muito sobre nossos estilos sexuais, não é?

— Um pouco. — admitiu com outro dar de ombros. — Pra ser honesta, saí apenas com humanos.

Sua surpresa era óbvia.

— Por que isso?

— Não é um grande mistério. A maior parte dos homens com quem trabalho são humanos.

Uma ruga se formou entre suas sobrancelhas.

— Será que sabem o que você é?

— Não.

Sua voz ficou mais profunda, parecendo um pouco mais áspera aos seus ouvidos.

— Então suponho que não se alimentou deles.

Um sorriso tocou o canto da boca.

— Obviamente.

— E eles não eram... agressivos?

— Eram bons rapazes, mas também eram do núcleo acadêmico. Você é inteligente, muito positivo, mas para um humano também está muito em sintonia com seus sentidos e apetites. Provavelmente por causa dos anos que passou como caçador.

— Meus instintos animais latentes? — Ele perguntou, arqueando uma sobrancelha.

— Alguma coisa assim. — ela concordou. — Estou supondo que é por isso que se encaixa com os Sentinelas tão bem.

Sua cabeça se inclinou um pouco de lado enquanto estudava sua expressão com os olhos.

— E então acha... o quê? Que não seria capaz de me controlar com você?

Não foi fácil, mas Raine se obrigou a dizer a verdade.

— Acho que ia querer certo nível de intensidade que eu não seria capaz de lidar. Não com um homem com o seu passado. Não depois de tudo que aconteceu. É demais.

— Sabe, para alguém que continua afirmando entender — ele argumentou, as palavras rudes pela frustração —, você com certeza parece gostar de jogar as coisas que fiz na minha cara.

— Só porque entendo suas razões não significa que posso lidar com suas ações.

Ele inclinou a cabeça contra a cabeceira da cama, esfregando as mãos pelo rosto.

— Jesus, Raine. Nunca se arrependeu?

Arrependimentos? Deus, tinha muitos. Seus erros causaram tanta dor. Se não estivesse tão teimosamente determinada a provar sua independência, aceitaria a segurança particular que seus pais queriam que tivesse na América do Sul e sua irmã não pagaria o preço por sua estupidez. Rietta veio visitá-la enquanto estava de férias no Natal e quando os homens de Westmore atacaram ela tentou levá-la para a segurança, mas a jovem foi apanhada pouco tempo depois. E então Raine conseguiu matá-la.

— Claro que tenho arrependimentos — ela sussurrou —, mas isso não muda nada entre nós.

Ele exalou outra respiração áspera, em seguida passou a mão trêmula por cima dos olhos.

— Olha, sei que cometi erros e sou homem o bastante pra assumir. Mas também sei que um monte de coisas que fiz eram necessárias. Então tenho que viver com o bom e o mau, Raine. Tenho que aceitar que nem tudo pode ser visto em preto e branco.

Deus, ele era bom. Ela se sentiu encurralada e teve que lutar por mais ar, seu peito levantando pela força de suas respirações ofegantes.

— Isso não é justo, McConnell. Está tentando simplificar uma situação que não pode ser reduzida ao básico.

— Claro que pode. — As palavras rudes rastejaram preguiçosamente pelas sombras, mas eram afiadas como aço. — Você simplesmente não quer sair de trás de todas as suas desculpas e enfrentar a realidade. Quer se manter escondida me mantendo à distância, com muito medo de deixar que algo de bom aconteça com você. Deus nos livre, quando está com tanta pressa nesse negócio de vingança.

— Está sendo um bastardo! — Ela arremessou de volta para ele, odiando que estivesse transformando tudo ao redor dela. — Qual é o seu problema, McConnell? Por que está fazendo isso? Por que eu? Poderia ter qualquer mulher que desejasse. Facilmente.

— Quantas vezes tenho que dizer? Não quero qualquer outra mulher. Quero *você*.

Ela se debateu, incapaz de entender o porquê.

— Você é... É algum tipo de jogo?

— Não é um jogo. Só quero encontrar uma maneira de fazer você sorrir. — A intensidade de sua voz a fez tremer. — Não um daqueles sorrisos mostrando-os-dentes-para-um-inimigo, tampouco. Quero a coisa real, Raine. Quero ver você sorrir porque não pode evitar. Porque está feliz pra caramba, pela primeira vez.

— Nem sei o que dizer. — ela respondeu asperamente, sacudindo-se de dentro pra fora.

— Não precisa dizer nada. — disse a ela. — Mas há algo que vem nos atraindo desde o início. Só quero seguir a maré. Ver onde nos leva.

— Vamos, McConnell. — Seu riso era ofegante, sua pulsação tão alta que rugia em seus ouvidos. — Onde acha que vai nos levar? Sexo é a única opção e não acho que orgasmos gritantes vão resolver nossos problemas.

Seus olhos ardiam com aquele brilho quente, familiar.

— Podem não resolver nada, mas Deus sabe que gosto deles. Não consigo pensar em nada que possa ser mais doce do que fazer você gozar. Exceto, talvez, fazer com que dê um sorriso. Quando eu fizer isso acontecer me considero o homem mais sortudo na vida.

Por um momento Raine não soube o que dizer, seu coração martelando, sua respiração presa em sua garganta. Estava tão tentada, mas sabia que deveria encontrar uma maneira de resistir. Mantê-lo à distância.

— Não está pensando direito. — Sua voz era fria, dura. — É como eu disse antes, não sou uma chance de redenção para você agarrar.

Ele desviou o olhar dela e havia uma contração em seu supercílio esquerdo. Mas não gritou com ela. Nem sequer parecia zangado. Apenas... decepcionado.

— Sabe? Precisa pensar em alguns novos argumentos, Raine. Está ficando chato ouvir os mesmos, inúmeras vezes. — Ele pegou a camisa que deixou em sua mesa de cabeceira e a vestiu por cima da cabeça, então deslizou suas longas pernas para o lado do colchão e se levantou. —

Mas não tem o direito de ficar chateada só porque estou te dando a honestidade que tão docemente exigiu hoje à noite.

— Aonde vai? — Perguntou ela, quando ele se dirigiu ao redor do pé da cama.

— Preciso de um banho frio. — ele respondeu, seu tom plano e a raiva queimando em seu sistema, como fazia quando ela não sabia como se sentir nestes dias. O que parecia ser muitas vezes.

— Então por que colocou sua camisa? — Ela retrucou se torcendo ao redor da cama amarrotada para que pudesse segui-lo com os olhos, sua bunda parecendo absolutamente fantástica no jeans gasto. Mas então, tudo em McConnell parecia bom. E por bom ela queria dizer de dar água na boca.

Ele não se preocupou em responder, simplesmente fechou a porta do banheiro atrás dele e ela apenas ficou lá, encolhida no colchão olhando fixamente aquela porta fechada enquanto o encanamento antigo do hotel começava a chacoalhar. Respirando fundo, tentou conseguir conter suas emoções cruas, incapaz de decidir se xingava ou chorava.

Mas ele estava certo. Ela o *queria*. Mesmo agora, não conseguia parar de pensar nele em pé embaixo daquele jato de água quente, seu longo corpo nu molhado e escorregadio. Ele estava esperando que ela se juntasse a ele? Estava tomando a si mesmo numa de suas grandes mãos machucadas, a cabeça jogada para trás, os músculos se apertando e dobrando sob toda aquela pele, desejando que na verdade fosse sua mão o segurando?

Ah... Deus.

Sabendo que era pelo menos vinte tipos diferentes de tola, Raine apenas escorregou pra fora da cama e começou a se mover na direção da porta do banheiro, sem saber se estava indo gritar com ele... ou simplesmente se jogar em seus braços, quando a visão de repente brilhou em sua mente. Era nebulosa e distorcida, como assistir algo num canal de TV com recepção ruim, mas podia discernir um belo rosto de mulher, corpo assassino e cabelo vermelho escuro.

— Droga. — ela gemeu, segurando sua cabeça entre as mãos, sabendo muito bem que ela estava "assistindo" Spark. A morte que Raine cometeu naquela noite deve ter impulsionado de algum modo seus poderes Alacea, porque podia ver a assassina se movendo por um quarto de hotel, o local impossível de determinar. Spark verificava suas armas, as mortais peças brilhantes de metal numa mesinha baixa e Raine se esforçou para entrar na mente da humana, mas havia muita interferência. Tudo que podia ver era seu próprio nome. A assassina estava pensando nela, o que provavelmente significava que Spark foi contratada para uma nova tarefa.

McConnell estava certo. Estão vindo atrás de mim.

Se continuasse em seu curso atual, as chances eram altas que a encontrassem. Em seguida se tornaria uma corrida para ver quem chegava primeiro: ela ou eles. E se ficasse com McConnell, estaria em mais perigo ainda do que estava agora.

Ser a caça era uma coisa, mas não podia permitir que McConnell se tornasse um dos caçados. O que significava que havia apenas uma coisa a fazer.

Raine já se resignou a perder sua própria vida — mas não estava disposta a arriscar o humano tão facilmente. E se estava fazendo isso para protegê-lo, então não estaria quebrando o Juramento. Ou pelo menos foi o que disse a si mesma. A Corte poderia olhar de forma diferente,

mas duvidava que Seth se colocasse diante dos anciãos Deschanel para apresentar uma queixa oficial.

Se atendo à decisão, Raine pegou seu jeans, camiseta e botas, em seguida enfiou seu moletom e a camiseta na sua bolsa. Dando uma rápida olhada ao redor do quarto para se certificar que pegou tudo, viu seu canivete na cabeceira da mesa — o mesmo que ele usou quando cortou o braço para coletar sangue para ela — e rapidamente correu para pegá-lo, deslizando a faca no bolso. Era algo pequeno para roubar do humano, mas porra, ela precisava disso. Se nunca mais o visse novamente, queria algo para lembrar dele. Algo tangível e real que pudesse segurar em sua mão.

Não vá, uma voz sussurrou dentro de sua mente. Fique com ele.

A voz da tentação? Devia ser, porque ficar era exatamente o que queria fazer. Mas só beneficiaria a *ela*. Não havia nada de bom nisso para McConnell. Mesmo que não conseguisse matá-lo, ele provavelmente viria a odiar a si mesmo por se envolver com uma vampira. Então estava fazendo a coisa certa ao partir.

Ela sabia disso. Acreditava nisso.

Mas quando fechou a porta do quarto atrás dela, Raine desejava não se sentir tão errada.

Capítulo 10

Estranho como a sensação de alívio, de liberdade que Raine achou que sentiria depois que fugisse nunca chegou. Passou quase uma hora desde que fugiu de McConnell, mas sentia-se ainda mais presa do que antes, como se houvesse uma escuridão correndo sobre ela, esmagando-a. A cada passo que dava se tornava mais claro que cometeu um erro crítico de julgamento. Afinal, sabia que as habilidades de luta de Seth eram lendárias. Ele podia ser humano, mas era um humano que as outras espécies temiam. Então por que ela fugiu? Estava apenas usando sua visão de Spark como desculpa para colocar distância entre ela e McConnell porque não confiava em si mesma? Não acreditava que continuaria com seus planos sanguinários se ela se permitisse continuar se apaixonando pelo soldado complicado e competente. E estava *definitivamente* apaixonada por ele.

Teria se afastado de McConnell porque sabia que seria impossível que o ódio alimentasse sua força se permitisse que o "algo bom" de que ele falou acontecesse com ela? Foi por isso que desde o momento em que ele a seguiu em Paris, estava fazendo seu melhor para colocar todos os obstáculos entre eles, arremessando-os como granadas emocionais?

Raine não sabia a resposta — mas o motivo não importava quando o resultado era o mesmo. Ela fugiu... e agora estava sozinha, como estava antes. Mas não sentia o mesmo. A noite parecia mais escura, o ar mais frio. E estava... caramba, estava sozinha.

Sentia falta de McConnell.

Mas você fez sua cama, ela murmurou pra si mesma. Foi sua escolha. Então pare de reclamar.

Determinada a seguir esse conselho sombrio, Raine continuou andando um quarteirão após o outro, passando bairro por bairro.

Já que não usava relógio ou carregava celular não tinha certeza da hora, mas finalmente decidiu voltar para uma das estradas principais e pegar um táxi até o aeroporto, na esperança que se distanciando do humano pudesse pensar mais claramente. Respirando fundo, mal começou a se virar quando algo de repente atingiu sua consciência, como se uma faca fosse arremessada das sombras. Ou, mais como uma bola de demolição mental, o episódio significativamente mais intenso do que quando "viu" Spark no quarto do hotel. Caindo de joelhos na calçada fria Raine prendeu a cabeça entre as mãos, enquanto a voz de um menino gritava para ela implorando por ajuda.

Assustada, aquela voz pequena sussurrou. *Não quero... de novo não... não existe ninguém que possa me ajudar?*

Baixando suas mãos, Raine se forçou a ficar de pé e virou num círculo lento quando expandiu seus sentidos em busca de um indício que a levasse ao menino. Ela cambaleou pra frente, mas a voz se tornou mais fraca, então se voltou para o outro lado, seus pés se movendo mais rápido enquanto a voz ficava mais alta em sua mente.

Seu nome era Thomas e tinha quase 12 anos, ela percebeu, puxando sua mochila mais alto no ombro ela se jogou de cabeça na atração psíquica que a atraía para ele. *Nele*. Ele era um estranho, alguém que nunca viu antes, mas sua mente estava aberta para ela de uma forma que lembrava Raine como seus poderes funcionavam antes de Westmore capturá-la. Podia vê-lo tão claramente. Tanto medo, dor e solidão.

Não era uma criança humana, mas um vampiro Deschanel, como o pai de Raine. Também era órfão, seus pais mortos pelo Coletivo durante as férias com a família quando ele tinha apenas cinco anos. Thomas conseguiu sobreviver porque sua mãe o obrigou a se esconder sob uma pilha de toalhas sujas na lavanderia do hotel antes do Coletivo encontrá-lo. Suas lembranças de seus pais eram nebulosas, mas Raine podia ver que eram de famílias guerreiras e depois de suas mortes seus parentes evitaram o menino. Ele viveu nas ruas desde então roubando alimentos, sua força Deschanel a única coisa que o mantinha vivo, ao passo que uma criança humana nunca faria isso.

Na sequência destes dolorosos apelos silenciosos de ajuda, Raine entrou mais fundo no coração da cidade, sem prestar atenção nos nomes das ruas, todo seu ser focado em seguir o som da voz de Thomas.

E então o encontrou.

Estava num beco, encolhido entre dois edifícios degradados e bloqueados por uma alta cerca de arame farpado na parte de trás. Duas fétidas lixeiras estavam encostadas contra o muro, o menino se escondendo entre elas de costas para o metal enferrujado. Havia espaço suficiente apenas para seu corpo esguio no espaço estreito, um único raio de luar iluminando sua forma frágil... e o objeto de seu pânico.

Deitado no chão diante das lixeiras estava o corpo inconsciente de uma mulher sem-teto de vinte e tantos anos, a boca entreaberta, com roupas esfarrapadas como Thomas, seu peito se movendo com respirações lentas e superficiais. Olhando para a mente do rapaz Raine pode ver que ele estava cochilando nesse pequeno espaço, apenas para acordar e encontrar a mulher embriagada bloqueando sua saída. Foi quando a fome o atingiu, rasgando por dentro. Estava

tentando combatê-la há horas, não querendo feri-la. Mas era tão difícil... e estava com tanta fome e frio. Sabia que seu sangue poderia aquecer sua barriga por um tempo, que poderia tirar a dor torcendo suas tripas em nós, mas estava se esforçando para combatê-la.

Não quero ser um monstro, ele sussurrava pra si mesmo, repetidamente. Não quero ser um assassino.

A criança estava tão concentrada na mulher adormecida, lutando sua batalha interna, que não notou que Raine estava lá. Mantendo sua voz o mais suave possível, ela disse:

— Thomas, não se assuste. Não vou te machucar.

Ele se sacudiu ao som de sua voz, pressionando com mais força contra o muro em suas costas, seus olhos enormes no luar prateado quando olhou para ela. Aqueles grandes olhos cinza lembravam Raine de seu irmão mais novo — Lucas — e se perguntou se essa foi a aparência de Lucas quando foi prisioneiro de Westmore. Sentiu esse medo? Esta palidez?

Depois que Westmore pegou como refém Raine e Rietta, seus pais enviaram Lucas para se esconder com parentes, na esperança de protegê-lo. Mas Westmore conseguiu encontrar o menino e depois que Rietta foi morta, Westmore ameaçou torturar Lucas se Raine não dissesse a localização do próximo Marcador. Mas ela não tinha nenhuma informação a dar, já que Saige Buchanan ainda não havia decodificado o próximo mapa e assim Raine tentou o Kraven com informações que queria sobre um Casus renegado chamado Gregory DeKreznick. Então se recusou a compartilhar o que sabia até que soltasse seu irmão e funcionou. Lucas agora estava em Roma com seus pais e embora ainda estivesse traumatizado pela perda de Rietta e seu próprio cativo, estava voltando lentamente ao normal, agindo mais como um garoto despreocupado a cada dia.

Raine só esperava que houvesse uma maneira de salvar Thomas também.

— Quem é você? — A criança murmurou, tremendo, os dentes batendo quando ela baixou a mochila no chão e avançou lentamente pra frente, movendo-se mais profundamente no beco.

— Meu nome é Raine e sou parte vampira, como você, e parte psíquica. — disse a ele, abaixando até que pode pegar a mulher sem-teto pelo tornozelo e puxá-la de lado, apoiando-a contra um dos edifícios. Com isso se aproximou de Thomas, dando um sorriso hesitante. — Meus poderes psíquicos me ajudam a ver dentro de sua mente, então sei o que você passou... e do que tem medo. Quero ajudá-lo.

— Você não pode... — ele sussurrou, sua fome crescente lutando com a esperança que queria florescer dentro dele.

— Se você confiar em mim eu *posso* te ajudar. Prometo.

Ele tremeu, suas garras saltando nas pontas dos dedinhos, o luar brilhando em suas presas brancas.

— Não posso controlar isso.

— Você *pode*, Thomas. — Ela deixou sua voz firme sentindo que o estava perdendo, seu olhar oscilando entre ela e a mulher. — Simplesmente não sabe como, ainda. Mas pode aprender.

A amargura e o medo endureciam suas palavras, tornando quase impossível entendê-las.

— E quem vai me ensinar? — Perguntou ele, lágrimas piscando em seus olhos quando olhou para ela. — Você é apenas uma garota.

— Mas sou uma garota que conhece algumas pessoas poderosas. — disse imperturbável pelo seu insulto. Sabia muito bem como garotos de sua idade se sentiam em relação às *garotas*. — Vou te ajudar a encontrar uma casa. Em algum lugar poderá ficar seguro, onde pode aprender como controlar sua fome.

— Eu...tentei. — As palavras eram nada mais que um arranhão, baixas e roucas, enquanto os olhos vibravam de exaustão. — Mas é muito difícil.

Ela estremeceu quando captou as imagens do modo como ele esteve vivendo. Tentou se alimentar principalmente de animais abandonados, mas algumas vezes nos últimos meses, seus desejos se tornaram muito fortes e atacou um humano. A criança teve sorte que o Coletivo esteve ocupado durante o ano passado ajudando os Casus; se o encontrassem o teriam fuzilado. E depois tinham os *Förmyndares*. Como protetores dos Deschanel, os *Förmyndares* eram formidáveis e rápidos soldados que abatiam quaisquer vampiros renegados que ameaçavam expor a existência do clã.

Mas a criança não era um renegado. Era apenas... inexperiente. Perdido.

Chegando um pouco mais perto do menino assustado, Raine disse:

— Sei que tem sido difícil e assustador, Thomas, mas não precisa fazer isso sozinho. Pode confiar em mim para ajudá-lo? Prometo que não vou deixar mais ninguém te machucar.

Era doloroso ver o desejo nos seus olhos pálidos. Ele queria tanto acreditar nela e prendeu a respiração enquanto ele lutava para tomar uma decisão. Quando alguns momentos se passaram e finalmente ele se arrastou pra frente e pegou sua mão, agarrou-a como se ele estivesse oferecendo uma tábua de salvação a *ela*.

— É isso. — ela persuadiu, dando aos seus dedinhos um aperto tranquilizador. — Vai ficar tudo bem. Prometo. — Mas antes que as palavras saíssem de sua boca Raine ficou tensa pelo choque, incapaz de acreditar no cheiro que acabava de chegar ao seu nariz. Dando meia volta encontrou McConnell em pé no final do beco. Seu rosto estava na sombra, o que tornava impossível ler sua expressão, mas sabia muito bem que estava puto. Cada músculo em seu corpo alto e poderoso parecia duro pela agressão, seu cheiro uma mistura crua e visceral de fúria e frustração, combinados com o toque sutil de alívio por tê-la encontrado.

— Thomas — ela sussurrou, mantendo os olhos em McConnell enquanto falava com o menino —, quero que fique atrás de mim. Um amigo meu está aqui, então não entre em pânico. Só preciso falar com ele. Ok?

Ela sentiu seu aceno preocupado e o sentiu pender para seu lado quando deu um olhar cauteloso na direção de McConnell, logo em seguida fez o que ela disse, pressionando-se nas suas costas. Seu corpo magro estava congelando, lembrando-a que os machos Deschanel gelavam assim que entravam na puberdade até o momento em que finalmente encontravam sua companheira.

O medo fez seu coração acelerar quando percebeu que se não lidasse com sucesso com a situação com McConnell, Thomas poderia não viver tanto tempo. O soldado podia tolerá-la e aos Grangers, sabendo que não eram assassinos. Mas a criança cometeu atos que McConnell provavelmente veria como criminosos. Como assassinatos que exigiam punição.

— O que está fazendo aqui, Raine? — A voz humana era profunda e áspera, o peito musculoso subindo e descendo pela força pesada de sua respiração. Uma camada fina de suor recobria sua testa fazendo-a brilhar, dizendo o quanto foi rápido se movendo enquanto a seguia.

— Vou explicar tudo — disse a ele, acenando com sua mão livre para mandá-lo de volta —, mas precisa ficar onde está.

— Quem diabos é esse garoto? — As palavras afiadas cortaram a noite como uma faca e podia sentir Thomas se aproximando de suas costas, o garoto sem dúvida sentindo a ameaça que o soldado podia representar para ambos.

— Estou falando, McConnell. Não chegue mais perto. Você o está assustando.

— Ele é a razão por que fugiu de mim? — Respondeu asperamente, deixando cair sua mochila no chão antes de dar um passo na direção deles. Sua voz tremia de raiva. — Conhece esse garoto?

— Vou responder suas perguntas, mas primeiro quero saber como me encontrou.

— Acredite em mim. — ele rosnou, sacudindo a cabeça. — Gostaria de saber.

Ela se esforçou para manter a voz calma, mas não foi fácil. Raine sentia como se estivesse presa entre dois animais selvagens, o ar da noite espessando pelo cheiro do iminente desastre.

— Colocou um dos rastreadores de Kellan em mim? — Perguntou ela, pensando que um dos dispositivos de rastreamento do Lycan podia estar costurado no forro de sua mochila, a mesma coisa que Seth e seus amigos fizeram com Spark.

Ele passou a palma da mão no queixo e olhou para ela.

— Não há rastreadores, Raine. Só fui onde meu instinto me disse para ir.

— Isso é impossível. — argumentou. — Você é apenas um humano!

Seus olhos se estreitaram com o seu tom, as pequenas linhas espalhadas em seus cantos só o tornando mais atraente. — Um humano que conseguiu encontrar seu traseiro.

— Sinto muito. — ela sussurrou, sabendo que o insultou. — Não quis dizer isso. É só que... nada disso faz sentido.

— Nem sua fuga. Tem sorte que não estou contando isso como uma violação do Juramento. Caso contrário, seu traseiro estaria em sérios problemas.

— Sinto muito que... fugi, mas senti Thomas e sabia que precisava de ajuda. — ela mentiu, deixando de fora a parte sobre Spark. Ele já estava puto o suficiente. Se comesse a contar que estava com medo de enviá-lo para a morte, seu orgulho só aceleraria até que a raiva ainda fosse maior, e precisava que ele mantivesse a calma. — Não acho que entenderia, então vim sozinha para encontrá-lo.

Seu olhar se moveu para a mulher inconsciente deitada ao lado do beco, em seguida de volta para ela.

— E o que exatamente o encontrou fazendo? — Perguntou ele, dando mais um passo perto, cheirando o ar. — Ele cheira como se estivesse coberto de sangue seco, Raine.

Pegando na mão dela, Thomas se agachou ao lado dela, encolhendo-se perto de seus joelhos, seu lábio superior subindo sobre seus dentes quando rosnou para o macho que estava vendo cada vez mais como uma ameaça perigosa.

— Estou avisando, Seth, cai fora. — Ela baixou a mão na cabeça de Thomas, brincando com seu cabelo escuro enquanto tentava acalmá-lo. — Ele está com medo. Precisa de ajuda.

Ele observava a maneira como ela acariciava os cachos escuros do menino, em seguida olhou para os dentes arreganhados de Thomas, antes de focar aquele olhar ardente de volta nela.

— Jesus, Raine. Ele parece feroz. Poderia atacá-la. — Sua voz era áspera, o olhar em seus belos olhos verdes rasgando algo macio em seu peito. Algo que não parecia capaz de proteger dele.

— Ele não vai me machucar, prometo. Mas está assustado. Está no início da fome por sangue junto com os estágios iniciais da puberdade nos machos, e é imperativo que os pais ensinem seus filhos a manter o controle. Mas Thomas é órfão desde os cinco anos. Não houve ninguém para ajudá-lo.

— E como sabe que isso não é uma armadilha? — Perguntou com as mãos grandes apertadas em punhos ao lado enquanto obviamente se esforçava para entender o que ela disse e ficar atrás, quando estava claro que queria avançar e agarrá-la, trazendo-a para a segurança. — Pelo que sabemos poderia estar trabalhando para Westmore!

— Ele não está. — disse ela sacudindo sua cabeça. — Juro, McConnell. Posso lê-lo claramente e não está trabalhando com ninguém. É apenas um menino assustado que precisa de alguém que o ajude.

— Confia nele tão facilmente? — Ele perguntou em voz baixa e ela estremeceu, sabendo muito bem que o soldado tentou muito duro ganhar sua confiança, e aqui estava ela dando-a livremente a um estranho. Não o culpava por parecer... *irritado* com ela. Certamente não era dor à espreita em seus olhos escuros. Só porque queria um caso com ela não queria dizer que se importava. Estava apenas projetando suas próprias emoções estúpidas no humano, o que só tornava a situação mil vezes pior do que já era.

E, no entanto, ele veio atrás dela. Mais uma vez. Isso tinha que significar alguma coisa, certo?

Determinada a encontrar uma maneira de acalmar sua ira, Raine disse:

— Se pudesse ver seus pensamentos, Seth, sei que entenderia.

— Duvido muito. — ele murmurou, correndo a mão trêmula sobre o rosto. — Só porque é um garoto não significa que não é um assassino, Raine.

Ela tremeu pela frieza de seu tom e não pode evitar se perguntar se o soldado já havia caçado uma criança da idade de Thomas. Ele foi tão implacável? Tão frio?

Não queria acreditar nisso — mas porra, sabia como seu ódio queimou intensamente nos anos após o assassinato de sua família. Só porque não havia testemunhado um evento como esse em suas memórias não significava que não aconteceu.

E se fez isso uma vez, seria capaz de fazer novamente?

Seu coração disparou, pânico atravessando seu sistema quando ele chegou ainda mais perto, fazendo com que Thomas rosnasse. O coração da criança disparou também, o medo e o pânico inundando-a, como se estivesse experimentando as emoções cruas como suas e ela reagiu sem sequer pensar, liberando as garras em sua mão direita e avançando para golpear o peito do humano. McConnell parou instantaneamente, tropeçando um passo atrás, os olhos arregalando

com choque quando baixou o olhar para a mão que ela deixou cair de lado. Olhando para baixo, seu estômago embrulhou quando viu as garras afiadas pingando sangue.

Oh Meu Deus... O que fiz? Ela pensou, erguendo seu olhar para seu peito enquanto algo dentro dela gritava de horror, o som devastador preso lá no fundo, incapaz de escapar. A camisa de McConnell estava rasgada, sua pele aberta em cinco cortes longos, a visão de seu sangue escorrendo fazendo-a se sentir mal.

Tonta pela confusão, Raine ergueu o olhar marejado para seu rosto quando um soluço duro soltou num arranco de sua garganta.

Seus olhos escuros ardiam de fúria, assim como de dor.

Mas a parte que cortou mais fundo foi o olhar severo, como se tivesse o coração arrancado pela traição que não conseguia disfarçar.

Como não confiava em si mesmo para falar, muito menos se mover, Seth manteve seu corpo preso no lugar, sua mandíbula apertada contra as maldições de raiva queimando para serem ditas.

— Sinto muito. — ela sussurrou, seus olhos grandes atormentados e brilhantes no luar etéreo. — Não queria... te machucar. Mas posso sentir o medo dele como se fosse meu. — Ela molhou os lábios, o queixo tremendo. — Não posso... não o *deixarei* matá-lo. Não está certo. O que quer que ele teve que fazer para sobreviver não foi culpa dele. É apenas uma criança.

Seth não gostava da situação, mas entendia o que ela estava dizendo. Se a criança matou não havia nada a ser feito. Seria como punir um tubarão por caçar. Era apenas o instinto natural de um vampiro em busca de sangue.

Ainda assim, não podia dizer ao certo como teria lidado com a situação há um ano. Tudo que sabia era que não podia infligir a morte ao menino agora. Não quando os olhos prateados estavam olhando para ele, lembrando-o tanto de Raine. Nem mesmo enquanto seu peito ardia de dor, seu sangue escorrendo pelo estômago, ensopando suas roupas. Queria tanto ficar furioso tendo o conforto no sentimento familiar, em vez deste campo minado emocional que se encontrava pisando com a mestiça — mas não podia ficar com raiva. O garoto não podia evitar o modo como nasceu, mais do que Seth podia controlar o fato que era humano. Antes do garoto ser punido por fazer escolhas erradas, precisava ser ensinado quais eram as escolhas *certas*.

— Não ia matá-lo. — ele soltou. — Só queria estar perto o suficiente para ajudá-la a lidar com ele. Ele não parece forte o suficiente para ficar de pé sozinho, muito menos andar.

Ela engoliu em seco, aparentemente sem palavras e ele olhou para o garoto magricelo, reconhecendo o medo em seus olhos. Lembrava o modo como sua irmã mais nova, Alicia, parecia na noite que foi morta e as amarras apertando seu peito pareceram relaxar um pouco.

— Tem certeza que ele não vai te machucar? — Ele perguntou, olhando para Raine novamente.

Ela assentiu com a cabeça, seu rosto empalidecendo quando deslizou outro olhar sobre as feridas que deixou em seu peito e ele sabia que ela estava em choque.

— Preciso fazer algumas chamadas. — ele murmurou. — Vai esperar por mim aqui?

Ela balançou a cabeça novamente e ele se virou, voltando para a rua, onde descobriu que tinha uma chance melhor de conseguir o sinal para o seu celular. Depois de recuperar sua mochila rapidamente colocou algumas bandagens sobre os arranhões no peito, e em seguida tirou uma camisa limpa e a trocou, colocando a arruinada numa lixeira nas proximidades, então fez suas chamadas. Apenas alguns minutos se passaram quando ele voltou ao beco, sua mochila presa por cima do ombro. Raine estava agachada ao lado do menino, usando um lenço que tirou de sua mochila para limpar o rosto sujo, os olhos cinzentos da criança enormes com adoração enquanto olhava para ela. Seth percebeu que seus pés estavam sujos e nus e algo retorceu em seu peito enquanto pensava no garoto vivendo nas ruas sozinho, sem ninguém para cuidar dele.

Ambos ficaram tensos quando Seth se aproximou, mas ele estendeu as mãos, dizendo:

— Não vou machucar você, garoto. Só vou ajudar, ok?

O garoto balançou com um tremor leve, chegando mais perto de Raine.

— Thomas, está tudo bem. — ela disse a ele, sua voz suave e quente. — Pode confiar nele.

Parecendo como se estivesse enfiando a mão na jaula de um tigre, o garoto respirou fundo e pegou a mão de Seth. Enquanto puxava o garoto para ficar de pé, Seth olhou para Raine e disse:

— Ele está congelando.

— Ele é muito jovem para pegar calor emprestado. — ela explicou baixinho. — Uma pessoa na idade de Thomas não deveria estar fora de casa quando está frio.

Seth franziu a testa enquanto puxava um casaco da sua mochila, lembrando que os machos Deschanel não acasalados só podiam "emprestar" calor através do sexo, até que finalmente encontrassem sua companheira e comesçassem "a queimar". Envolvendo o casaco ao redor dos ombros do garoto, puxou-o para cima, segurando-o contra o peito. Os olhos de Raine e do menino se arregalaram, mas levou apenas um momento para que a criança se aconchegasse contra ele, buscando seu calor.

— Vamos. — ele grunhiu, empurrando o queixo em direção à rua.

Quando ela jogou sua própria mochila por cima do ombro, enviou um olhar preocupado para a mulher sem-teto.

— O que fazemos? Não podemos deixá-la ali.

— Fiz uma chamada para um dos abrigos locais. Estão enviando alguém. O que significa que temos de sair.

— Para onde vamos? — Perguntou ela, seguindo-o para fora do beco.

— Os irmãos Granger estão na cidade. — disse em voz baixa, endireitando-se quando chegaram à rua. — Vamos levar o garoto para Gideon.

— Não entendo. — ela murmurou e Seth imaginou que teria que ser surdo para perder o ceticismo em seu tom.

Com um suspiro, disse:

— Não estou mentindo, Raine. Spark se moveu, de modo que veio aqui para Berlim. Ele me ligou pouco antes que eu saísse do hotel.

— Bem, acho que faz sentido.

— O que faz sentido?

— Nada. — ela murmurou. — Vai ter algum problema indo contra ela?

Como *diabos* faria. Spark era uma cadela de verdade, com quem ele, infelizmente, tinha um passado. Muito pior era Raine saber que ele dormiu com a assassina, já que a mulher tentou deixar Seth constrangido contando aos seus novos amigos sobre isso depois que a capturaram em Wasteland.

Passando a língua sobre os dentes, ele disse.

— Spark não será um problema.

— E Gideon? Confia nele? — Perguntou ela, inclinando um olhar preocupado para Thomas que parecia ter adormecido. Seth pensou que a criança podia até estar babando em cima dele, um ronco suave saindo de sua boca aberta. — Como um *Förmyndare*, como ele lidará com a situação?

— Não sei o que um *Förmyndare* faria, mas como nosso amigo, vai levar o garoto para algum lugar seguro. E se isso te fizer se sentir melhor, parecia tão preocupado quanto você. Não tive a impressão que ele e Ashe tem por hábito punir aqueles que precisam de ajuda.

— Obrigada. — ela disse, tocando seu braço com as pontas dos dedos e ele jurou que podia sentir crepitar deste ponto de contato até as solas dos seus pés.

— Não me agradeça. Não fui eu quem salvou sua vida. — ele murmurou, irritado pela facilidade com que ela podia fazê-lo reagir, quando obviamente não queria ficar com ele. Inferno, fugiu no meio da noite. Ela precisaria ser mais clara para que ele entendesse e desistisse de tentar convencê-la a lhe dar uma chance?

Andaram o resto do caminho em silêncio, até chegarem ao Hilton onde conseguiu que Gideon arrumasse um quarto. O vampiro estava esperando por eles ao lado de um elegante Audi preto no estacionamento do hotel, os cartões-chave de seu quarto numa mão, a outra mão no bolso do que parecia ser um par de calças de marca, a camisa do vampiro encaixando em seus ombros largos como se fosse feita sob medida. Seu cabelo castanho era levado pelo vento, uma sombra de barba no queixo duro. Era estranho como o cara podia parecer como se acabasse de sair das páginas de uma revista de moda e ainda assim conseguia um ar fatal, o olhar em seus olhos duro demais para pertencer a mais alguém, além de um caçador treinado.

Gideon disse um olá para Raine, apenas um traço de seu sotaque escandinavo moldando a saudação rude, em seguida voltou sua atenção para o menino nos braços de Seth.

— Está inconsciente?

Sacudindo a cabeça, ele disse:

— Apenas exausto.

— Fiz arranjos para o menino ficar com uma família que conheço desde que era criança. Vão cuidar bem dele.

— Não posso agradecer o suficiente por fazer isso. — disse Raine, sua voz suave grossa pela emoção.

— Sem problema. — o vampiro disse com um sorriso fácil, seu olhar apreciativo se movendo rápido sobre seu corpo antes que desse um olhar curioso em direção a Seth, então contornou o carro esporte brilhante e abriu a porta do lado do passageiro. Seth colocou o garoto no banco de couro macio e, juntos, os três foram pra frente do carro, para que pudessem conversar sem acordá-lo.

Enquanto Gideon casualmente se sentava no capô, Seth perguntou:

— Onde exatamente esta família que vai cuidar dele vive?

Um sorriso irônico brincou no canto da boca do vampiro.

— Receio que isso seja confidencial, McConnell.

— E não preciso saber? — As palavras foram mais rudes do que queria, mas sua paciência acabou há muito tempo.

— Não estou tentando começar uma merda com você, cara. Só quero manter o menino seguro.

Apesar da raiva queimando nele enrijecer seus músculos, Seth lutou com o desejo de dar um soco. Ainda estava puto o suficiente por Raine fugir e seria bom uma rodada com o *Förmyndare*, mas sabia que não tinham tempo. Então se aprumou para simplesmente dizer a ele.

— Está sendo um canalha, Granger.

— E você está agindo como um filho da puta arrogante. — Gideon falou devagar. — Como de costume.

Raine revirou os olhos.

— Vou deixar vocês dois trocando insultos e dizer adeus à Thomas.

Seth olhou seu retorno ao lado do passageiro do carro enquanto Gideon o observava. Tentou neutralizar sua expressão, mas o vampiro não era idiota. O Deschanel esperou até que Raine se abaixou ao lado do assento do menino, antes de dizer:

— Então, você e Raine, hein? — Ele piscou para Seth um sorriso malicioso. — Alguma coisa acontecendo entre vocês dois?

— Não é da sua maldita conta.

As sobrancelhas escuras do vampiro se levantaram com interesse, os olhos cinzentos brilhando.

— Ah, então é assim, é?

Seth o olhou de relance.

— Gosto de você, Gideon. Realmente gosto. Então cale a boca antes que me sinta tentado a matá-lo.

O riso do cara era bruto quando saiu de cima do capô e deu um tapa no ombro de Seth.

— Gosto de você também, cara. E é por isso que vou te dar um pequeno conselho.

Seth apertou a mandíbula, mas sabia que não havia razão para lutar contra o inevitável. O vampiro ia se meter, quisesse ou não.

E o desgraçado estava claramente se divertindo, seu olhar brilhante quando baixou a voz e disse:

— Às vezes as fêmeas Deschanel não gozam com facilidade, não importa quanto seja bom. Mas... aqui está uma maneira infalível de alcançá-las. — Ele deu a Seth um olhar avaliador, em seguida acrescentou: — Isto é, se puder lidar com isso.

Seth prendeu a respiração enquanto esperava o vampiro terminar, algo na expressão de Gideon advertindo que não gostaria do que estava por vir. Quando alguns segundos passaram, ele perdeu a paciência e gritou:

— Bem, que diabos é isso?

Gideon deu uma risada gutural, em seguida se virou e foi para o lado do motorista do carro. Mas Seth pegou as palavras arrastadas do vampiro por cima do ombro do rapaz e suas entranhas esfriaram.

— Se quiser fazê-la gozar, é só lhe dar sua veia.

Capítulo 11

Uma hora depois...

Raine nunca foi do tipo inquieta, até agora. Talvez o ritmo de McConnell se entrelaçasse ao dela, porque enquanto esperava que ele terminasse os telefonemas que fazia na varanda, não podia ficar parada. Felizmente seu novo quarto de hotel era maior que o último, com duas camas de casal e muito espaço. Quando perguntou por que Seth mudou de hotel, disse a ela que suspeitava que os homens de Westmore pudessem estar vigiando Schultz, já que Spark veio para Berlim. E se eles *estivessem* no bar quando Raine se encontrou com o Casus, ela e McConnell poderiam ter sido seguidos de volta ao hotel.

Raine escapou por uma entrada de serviço quando fugiu dele, o que esperava que os impedisse de segui-la. McConnell fez o mesmo quando foi atrás dela, o que significava que no momento estavam fora do radar.

Claro, assim que descobrisse a localização do próximo Casus — um Casus particularmente viscoso chamado Wentworth — provavelmente cairiam numa armadilha, já que ela assumia que Wentworth estaria sob vigilância também. Mas não tentaria fugir novamente. Uma decisão egoísta, sem dúvida, mas não podia deixá-lo.

E, no entanto, só porque amoleceu seu coração não significava que Seth ficaria por aqui. Depois do jeito que o feriu não ficaria surpresa se finalmente decidisse partir. No momento que entraram no quarto ela imediatamente tomou um banho, desesperada para lavar o cheiro de seu sangue, ainda incapaz de acreditar no que fez. Deus, quantas vezes atacaria o pobre rapaz antes que ele tivesse o suficiente e lavasse as mãos dela?

E por que doía tanto pensar no que estava acontecendo?

Era assustador admitir, mas Raine não queria que ele partisse. Não que ela soubesse exatamente o que queria... mas precisava de tempo para descobrir. Tempo para descobrir exatamente o que estava acontecendo entre eles.

McConnell disse à queima-roupa o que queria dela. Havia uma parte sua que ainda duvidava da verdade dessa afirmação — afinal, ele realmente poderia ter qualquer mulher que quisesse e achava que poderia simplesmente estar tentando distrai-la de sair completamente à caça, num esforço para protegê-la. Se assim fosse, não fazia dele um cara mau. Só estava tentando salvar sua vida. Mas... havia também uma parte dela que começava a acreditar que ele realmente a queria. Podia ouvir em sua voz quando falava com ela, ver a fome em seus olhos. Não fazia muito sentido considerando que não era nenhum grande prêmio — mas Raine sabia que não estava imaginando essas coisas.

E então havia a maneira como a tratava. A contenção que mostrava quando lidava com ela. Ele podia ter revidado nas duas vezes que o atacou e facilmente a derrubado. Mas não fez e ela estaria mentindo se dissesse que não estava um pouco impressionada com ele.

Então que diabos ia fazer sobre isso?

Antes que sequer percebesse o que estava fazendo, Raine se viu pegando sua mochila e indo para o banheiro novamente, o ar ainda úmido do seu banho. Colocou a mochila em cima do balcão e procurou lá dentro pelos cosméticos que as mulheres de Harrow House lhe deram, apesar de suas afirmações que não precisava deles. Achou que suas novas amigas eram malucas, considerando que não podia se importar menos com sua aparência, mas agora estava agradecida. E embora só levasse alguns minutos, o efeito era... chocante. Ela aplicou um hidratante leve matizado, uma sombra esfumaçada, gloss e usou um pouco de gel no cabelo para dar aos cachos uma aparência desarrumada, tipo acabei-de-sair-da-cama-com-Jude-Law. Tudo somado não estava ruim, percebeu, considerando como estava sem prática. Seus olhos pareciam enormes com a sombra esfumaçada, sua boca brilhante e cheia. Talvez até mesmo adorável.

Sim, era ridículo colocar maquiagem no meio da noite, mas que diabos, já era quase de manhã. E gostou dos resultados. Sentia-se um pouco mais confiante agora que não parecia um fantasma deslavado — uma aparência que cultivou por meses, só querendo desaparecer em cena. Mas não mais.

Respirando profundamente, Raine pegou sua bolsa e saiu do banheiro para encontrar McConnell sentado no pé da cama mais próxima da varanda, com os cotovelos apoiados nos joelhos separados, com o olhar perdido no horrível tapete bege. Ele virou a cabeça em sua direção quando ela pigarreou, logo em seguida se levantou, seus olhos arregalando enquanto estudava seu rosto, seu cabelo. Sua boca ficou um pouco aberta, sua respiração soando um pouco áspera enquanto continuava a olhar... e ela podia ouvir seus batimentos cardíacos, o pulso rapidamente ganhando velocidade.

Não sabendo mais o que fazer, Raine colocou sua mochila no chão e foi até ele, parando quando estava a apenas mais ou menos meio metro de distância. Ele tirou a camisa e fez um novo curativo nas feridas no peito, o cheiro do forte antisséptico contra o cheiro de dar água na boca do seu corpo. Ela queria se inclinar pra frente e colocar um beijo carinhoso no curativo, depois nas feridas cicatrizando em seus ombros, mas estava muito nervosa. Envergonhada. Em vez disso, enfiou a mão no bolso traseiro e puxou a faca, oferecendo-a a ele.

— Queria devolver pra você.

Suas sobrancelhas se juntaram quando pegou a faca da mão dela.

— Como você...

Puxando mais um fôlego para ter coragem, ela disse:

— Peguei quando fui.

Ele sacudiu a cabeça um pouco, claramente confuso, os olhos semicerrados enquanto mantinha seu olhar.

— Por quê?

— Porque queria ter algo seu. — Ela tossiu, então se forçou a seguir adiante. — Não foi uma decisão fácil para mim. Hum, deixar você. Não... não queria ir. Mas não gosto de saber que sua vida está em perigo por minha causa.

No instante em que as palavras saíram de sua boca, soube que disse a coisa errada.

— Jesus, Raine. — Ele se ergueu sobre ela, tão grande e musculoso, e deliciosamente másculo. E tão impossivelmente zangado com ela. — Como posso te provar que sou forte o suficiente para protegê-la?

— Sei que pode me proteger. Essa não é a questão.

Ele se afastou dela andando pela sala, tensão irradiando à sua volta enquanto parava em pé diante da porta da sacada de vidro, olhando para a cidade oscilando no horizonte. Era a primeira vez que Raine via suas costas nuas e sentiu como se levasse um soco no peito, sua respiração chocalhando em seus pulmões enquanto chiava:

— *Oh, meu Deus.*

— O quê? — Ele grunhiu, enviando um olhar sombrio por cima do ombro.

— Suas costas. — ela sussurrou, olhando para o monte de cicatrizes que marcavam sua pele. Não tinha dúvida que foram feitas pelos renegados Deschanel. Quando uma mordida era aceita de bom grado, um Deschanel podia curar a ferida passando sua língua pelos furos. Era apenas quando os ferimentos eram deixados para apodrecer que se tornavam permanentes.

Ele enrijeceu, como se apenas agora percebesse que não colocou a camisa de volta.

— Não as viu antes? — Perguntou com voz rouca, indo para a mochila que deixou ao lado da cama.

— Como poderia? — ela perguntou, vendo como pegava uma camiseta da sacola e a puxava por cima da cabeça. — Você está sempre de camisa quando anda na minha frente.

Ele enganchou um dedo no bolso da frente, a cabeça inclinada quando usou a outra mão para esfregar os músculos da nuca.

— Mas se viu minhas memórias, como não viu... meu corpo nelas?

— Vejo suas memórias do seu ponto de vista, McConnell. Portanto, suas costas não são visíveis.

— Acho que faz sentido. — ele murmurou, deslizando um olhar sério pelo canto do olho.

— Por que eles...?

— Apenas nas minhas costas? — Sua boca se torceu com um sorriso amargo. — É como um vampiro geralmente se esgueira.

— Acho que faz sentido. — ela murmurou, ecoando suas palavras na esperança de fazê-lo rir. Mas ele não amoleceu e soube que não tornaria isto mais fácil pra ela. O que significava que teria que abrir caminho e lutar com sua raiva. — Seth, estive pensando muito esta noite e quero... quero que saiba que confio em você.

Virou-se na direção dela, o olhar duro fixo no seu quando cruzou os braços poderosos no peito.

— Então salvar sua vida não significa nada pra você, mas importa que ajudei o garoto?

— O que fez esta noite. — murmurou, nervosamente puxando o cabelo pra trás da orelha, — Sei que não foi fácil. Mas fez, de qualquer maneira. Foi... incrível.

— Sim, bem, nós, os babacas, fazemos o que podemos. — ele murmurou, olhando pra longe e imediatamente voltando o latente olhar verde ao seu rosto, como se não se contivesse.

— Você não é um babaca. — disse ela suavemente.

Um som baixo e amargo saiu de seu peito.

— Claro que sou. Se eu não fosse, não se arriscaria na vergonha eterna por quebrar seu Juramento e partir.

— Pensei que estava fazendo a coisa certa. — disse a ele, movendo-se alguns passos mais perto de onde ele estava ao lado da cama.

— Não todos nós. — disse ele, passando a mão pelo rosto.

— Seth, sobre esta noite. — Ela se atreveu a dar mais um passo pra perto dele, o brilho profundo da lâmpada sobre a cômoda atrás dela refletida nas profundezas fundidas de seus olhos, o verde tão quente que lembrava a fauna selvagem da selva. — Disse a mim mesma que estava fugindo porque não queria colocá-lo em perigo, mas a verdade é que... — Uma batida brusca soou na sua porta, cortando-a e ela lhe endereçou um olhar interrogativo. — Estava esperando alguém?

— A não ser que seja o Grim Reaper vindo me matar. — ele ofereceu secamente, passando por ela em direção à porta. Olhou pelo olho mágico, amaldiçoou algo baixinho então abriu a porta. Um segundo depois, Ashe Granger, irmão de Gideon, entrou na sala parecendo cada pedacinho do lindo arrogante que Raine se lembrava de sua viagem atravessando Wasteland. Sua roupa era toda preta, seu cabelo escuro ainda incrivelmente curto e o brilho nos olhos prateados incrivelmente perversos.

— O que está fazendo aqui? — Seth rosnou, soando nada amigável quando fechou a porta atrás do visitante indesejado.

O olhar curioso do vampiro se moveu entre eles e sorriu.

— Só queria parar e dizer oi.

Seth bufou.

— E quem está vigiando Spark enquanto você está aqui fora socializando?

— Um primo nosso que está na cidade. — ele ofereceu casualmente, sua altura de 1,80m tornando fácil encaixar o quadril na beirada da penteadeira. — Queria uma pausa de vigiar a ruiva, então coloquei Liam de guarda por um tempo.

— Thomas está bem? — Raine perguntou, chamando a atenção do vampiro.

— Acabei de falar com Gideon alguns minutos atrás. Disse que o garoto não parou de jogar conversa fora. — Olhando para Seth novamente, perguntou: — Como o encontrou, afinal? O menino disse a Gideon que Raine estava sozinha quando o encontrou, mas que você os rastreou. Colocou um rastreador nela?

— Teria feito — ele murmurou, dando um olhar sombrio antes de voltar seu olhar para Granger —, mas nunca pensei que seria estúpida o suficiente para fugir.

Ashe o observou cuidadosamente, uma inclinação curiosa de cabeça quando disse:

— Se não colocou um rastreador, então como sabia onde estava?

— Não sei como. — respondeu asperamente, rolando seu ombro. — Eu apenas... a encontrei.

Ashe coçou o queixo e um "hmm" saiu.

Ela e Seth se entreolharam, depois olharam de volta para o vampiro.

— O que significa isso? — Perguntaram num uníssono perfeito.

Ashe parecia perdido em pensamentos.

— Nada.

Seth bateu no queixo, em seguida disse:

— Odeio soar como um idiota, Ashe, mas estou com pouca paciência hoje à noite. Então cuspa isso ou dê o fora daqui.

A boca do vampiro se torceu com um sorriso e levantou as mãos.

— Desculpe, cara. Não estou tentando ser um pé no saco. Estava pensando em algo que descobri durante minha formação *Förmyndare*. — Ele cruzou os braços no peito largo e continuou. — Segundo a lenda Deschanel, já houve casos na história que um macho humano cria um vínculo com uma fêmea Deschanel solteira. Os laços são baseados em proteção e ele se torna seu tutor, disposto a arriscar a vida para garantir sua segurança. Chamam isso de uma ligação *Sangra*, e em tais casos, o macho humano supostamente desenvolve a capacidade de encontrar a mulher, seguindo-a por longas distâncias.

Seth balançou a cabeça.

— Nunca ouvi falar de nada parecido antes.

O vampiro deu de ombros.

— Como disse foi durante minha formação, quando todos os segredos do nosso clã são revelados. E não é exatamente algo que os Deschanel queiram anunciar, já que desaprovam a reprodução entre humanos e vampiros.

— Mas disse que os vínculos eram baseados em proteção. — Raine murmurou. — Não... reprodução.

— Querida, quando um homem quer proteger muito alguma coisa há uma razão para isso. — falou lentamente, deslizando um sorriso em direção a Seth. — Geralmente significa que o sacana quer tanto pegá-la que não consegue enxergar direito. Esse tipo de fome faz com que todos os seus instintos primitivos latentes chutem em alta velocidade, que responda por sua capacidade de localizá-la.

Um silêncio pesado os envolveu, a eletricidade praticamente crepitava no ar enquanto a mente de Raine cambaleava. Não podia acreditar em sua reação física à notícia provocante, seu pulso acelerou, o peito apertou, enquanto no interior estava suave e quente. Desejo percorria suas veias a fazendo queimar, enquanto uma rajada de calafrios flutuava na superfície de sua pele.

— Mas quem sabe se isso é verdade? — Ashe murmurou. — Muito do folclore Deschanel é apenas isso, ficção. — Sua voz era profunda e rica. — Não se pode acreditar em tudo que se ouve.

Seth andou até as portas de correr, esfregando sua nuca novamente.

— Acabei de falar com Kierland pouco tempo atrás. — ele resmungou, mudando habilmente de assunto. — Disse que houve outro ataque Infettato.

O vampiro murmurou uma maldição forte, então perguntou:

— Onde foi isso?

— Na Rússia. Aiden e Quinn estão saindo e vão tentar lidar com a situação. Há também uma unidade de Sentinelas local que vai ajudá-los.

Eles conversaram um pouco mais sobre a ameaça de exposição pelos Infettatos e depois Ashe se levantou.

— Certo, vou sair daqui e deixar que durmam um pouco. Devemos planejar nos encontrar novamente na parte da manhã, então me dê uma ligada quando estiver a fim.

Eles se despediram e Raine trancou a porta atrás dele. Quando se virou para Seth, parecia tão confuso quanto ela pelas revelações estranhas de Granger.

— Acha que o que ele disse é verdade? — Perguntou ela.

Ele deu de ombros, os músculos no peito atraindo seu olhar quando o algodão de sua camisa se esticou firmemente no peitoral firme. Sabendo muito bem o quanto era perigoso cobiçá-lo, já que sempre a fazia se sentir um pouco tonta, Raine ergueu o queixo e se forçou a olhar de volta em seu rosto, um pouco de cautela subindo por sua espinha pela intensa forma predadora que ele olhava para ela.

Só porque ela decidiu não fugir não significava que pretendia ir para a cama com ele e seus nervos estavam em frangalhos.

— Pessoalmente acho que parece loucura. Para não falar impossível.

Seu riso áspero, sem fôlego, pegou-a desprevenida.

— Impossível. Improvável. Cristo, essa parece ser a marca do nosso relacionamento.

— Não temos um relacionamento. — argumentou, sabendo que precisava preservar ao máximo a distância emocional.

— Claro que temos. — respondeu asperamente, a cabeça inclinando um pouco de lado enquanto olhava para ela. — Pode ser disfuncional como o inferno, Raine, mas não pode discutir que há algo acontecendo entre nós.

— Está me assustando. — ela sussurrou, envolvendo os braços em torno de si mesma.

— Ótimo. Porque estou me sentindo muito assustado mesmo.

— Se está tentando essa fala-doce comigo, McConnell, então tem muito que aprender sobre as mulheres.

Deu outra explosão de riso áspero, deslizando um daqueles sorrisos assassinos que sempre a deixavam de joelhos bambos.

— Confie em mim, querida. Quando decidir falar-doce, vai saber.

Raine apenas olhou para ele, muito transtornada para fazer qualquer outra coisa. E ele sabia disso, o conhecimento queimando como brasas nas profundezas quentes de seus olhos quando deu um passo em sua direção.

— Granger estava certo, aliás. — disse ele numa voz arrastada, um estrondo sombrio.

— Sobre o que? — Perguntou ela molhando os lábios, incapaz de se afastar de seu olhar ardente.

— Quero você. Na minha cama. Debaixo de mim. — Essas suntuosas palavras rudes a acariciaram como um toque físico e mesmo estando igualmente cautelosa, ainda queria se enrolar nelas, esfregando o rosto no seu calor. — Inferno, vou tê-la do modo que eu puder, Raine.

— Isso é loucura. — ela sussurrou com lábios trêmulos, sabendo que devia encontrar alguma maneira de resistir, porque estava muito perto de fazer o que certamente seria um erro.

Deus, como não poderia ser? Precisava de seu ódio para mantê-la forte para sua caça e ele tentava deixar essa parte de sua vida para trás, tentando olhar para o futuro. Um futuro no qual ela não seria parte.

— Ouvi Kellan e os outros falando sobre sua reputação. — ela murmurou se agarrando em qualquer coisa, mesmo podendo sentir a areia movediça numa sucção inevitável em seus calcanhares.

— Inferno, *todos* eles têm reputações. — Ele acendeu a lâmpada sobre a cômoda baixa, no nível mais baixo que conseguiu, a luz se tornando nada mais que um brilho suave e sombrio.

— Mas estão particularmente impressionados com a sua. Um humano na mesma categoria que um metamorfo? Isso é um grande negócio, Seth.

— Já tive um monte de mulheres? Sim, mais do que algumas. — admitiu diminuindo o espaço entre eles, enquanto ela continuava recuando até que se viu pressionada contra a porta. — Mas quero alguma dessas mulheres agora? Nenhuma. — respondeu asperamente, seus olhos queimando com um brilho malvado que disse que sabia que ela perdia terreno. — A única mulher que quero está em pé bem diante de mim.

— Então é uma coisa de culpa. — disse ela, soando pateticamente desesperada mesmo aos seus próprios ouvidos.

Ele bufou.

— O quê? Fazer você feliz e mantê-la gozando vai mudar meu passado? A campainha está soando no primeiro, Raine. Tente novamente.

— Mas odeia vampiros! — Ela gritou, sem dúvida despertando os humanos que estavam dormindo nos quartos vizinhos. — Só porque se sente mal por alguns que matou não significa que ainda não odeia a espécie!

— Acabei com o ódio. — disse a ela, tão perto agora que podia sentir o calor delicioso de seu corpo à medida que pressionava contra ela. — Há outra emoção queimando dentro de mim agora. É assim desde que te conheci. Não posso detê-la, Raine. Não é possível controlar. E estou cansado de tentar, porra.

Ela tremeu, gaguejando:

— Nós n-não podemos.

— Por que não? Somos ambos solteiros. Adultos. Quem é que vai se machucar?

— Porra, não faça isso. — ela implorou. — Por favor, Seth.

Suas narinas queimaram quando puxou uma respiração profunda e podia sentir sua luta visceral para se conter perto dela.

— Você diz isso, Raine, mas tem alguma ideia de como olha para mim agora?

— E a forma como você olha para mim? — Ela exigiu, sentindo como se uma parte dela fosse empurrada contra alguma parede invisível que os separava, fazendo todo o possível para parti-la, enquanto a outra parte só queria se esconder atrás de sua segurança. — Pode não me odiar, Seth. Eu... acredito nisso. Mas se sente culpado por me querer.

Frustração queimou por ele, vibrante e quente.

— Isso não é...

— Apenas me escute! Não estou... não estou culpando você. Mas não podemos fingir que isso vai funcionar.

— Poderia — ele rosnou —, se estivesse disposta a dar uma chance!

E assim a parede começou a rachar, à beira de quebrar num milhão de pedaços estilhaçados.

— Como posso ter chance em alguma coisa quando estou aos pedaços? — Ela respondeu, com lágrimas escorrendo de seus olhos num rio quente e salgado. — Deus, não vê? Não seria bom para você assim!

— Não está aos pedaços. — ele soltou numa voz grossa e rude. — Está machucada e quero ser o homem que você vai deixar chegar perto o suficiente para fazê-la se sentir melhor. Droga, Raine. Só quero chegar perto de você. — Ele começou a se aproximar dela, mas ela hesitou e ele deixou cair as mãos dos lados, seus músculos tensos, sua respiração irregular. Com facilidade poderia estender a mão e dominá-la.

Mas não o fez. Em vez disso forçou seu corpo atrás. Dando-lhe espaço. Dando-lhe a distância que ela exigia.

— Diga-me para deixá-la sozinha — respondeu asperamente — e eu vou. Apenas diga as palavras, Raine.

Ela engoliu em seco, puxando uma respiração instável... e tentou. Mas nada saía, a voz congelada em sua garganta. E sabia o porquê.

Não queria que ele partisse. Não queria ficar sozinha. O que queria era Seth, independentemente das consequências. Pelo tempo que durasse, só queria se envolver em torno dele e o abraçar, tendo cada gota de prazer pela experiência que pudesse receber.

Mas não podia simplesmente se dar. Não era possível alcançar o que queria porque já não sabia como.

— Desgraçado! — Ela gritou, batendo em seu rosto enquanto a frustração derramava dela numa onda violenta, incontrolável de raiva. — Está me deixando louca! — Gritou ela, batendo os punhos contra o peito dele novamente... e novamente, até que ele finalmente agarrou seus pulsos, algemando os delicados ossos em seus dedos longos quando forçou seus braços por cima da cabeça e contra a porta. Seu rosto era uma máscara rígida de fome e luxúria e ela podia sentir o quanto ele queria puxá-la contra ele, sua necessidade esmagadora contra ela, conduzindo-a mais alto, até simplesmente não haver outra escolha senão se entregar.

— Por favor. — sussurrou ela, esperando que pudesse ler o que ela queria em seus olhos, já que não conseguia colocar mais nada para fora.

Ele manteve seu olhar, sua respiração vindo um pouco mais... um pouco mais rápida. Seu olhar ardente desviou pelo som do martelar do pulso na base do pescoço, em seguida para as pontas de seus seios apertados sob o suéter fino, antes de voltar ao seu rosto corado.

Em seguida, ele gemeu duas palavras suaves, rudes que a derreteram completamente.

— Tenha. Certeza.

Capítulo 12

Tenha certeza...

Raine sabia exatamente o que Seth estava dizendo: que uma vez que começasse não ia parar. Ela fechou os olhos, tentando pensar além da luxúria, mas era impossível. Teria apenas o aço de seu coração contra ele enquanto saciava sua fome, sem deixar que a tirasse de seu curso, porque não havia outra escolha.

Raine não podia mais fingir que não tinha que saber como era estar com ele, o desejo carnal tão necessário como o ar em seus pulmões. Tremia tanto que mal conseguiu fazer um aceno de cabeça, mas que felizmente era tudo que ele precisava. Num segundo ela o desejava e no próximo, seus braços fortes se envolviam em torno dela, esmagando-a contra o peito enfaixado. Suas mãos percorreram as costas, então deslizaram mais abaixo agarrando sua bunda, enquanto sua boca deliciosa fazia coisas perversas que a deixaram quente e úmida em todos os lugares certos.

Ansiosa por finalmente tocar seu corpo magnífico, Raine deslizou suas mãos pela cintura da sua calça... e encontrou apenas pele quente, nua e nenhuma boxer ou cueca para atrapalhar. Como se lesse sua mente, ele disse:

— Depois que você saiu, estava com pressa. Não me preocupei com nada, exceto o jeans.

— Desculpe. — sussurrou ela, não sabendo mais o que dizer.

— Deus, não tem ideia do quanto me assustou. — ele resmungou, correndo a boca ao longo da borda sensível da sua mandíbula. — Quando percebi que se foi, eu... Cristo, nunca estive mais apavorado.

— Apenas me beije. — ela respondeu asperamente, muito necessitada para resolver o que deveriam dizer. Só queria sentir. Ter e dar prazer em troca. Precisando tocá-lo, tentou empurrar uma mão na frente de seus jeans, mas ele agarrou seu pulso, arrastando-o pra longe do seu corpo quando inclinou sua cabeça pra trás.

Lendo a pergunta em seus olhos, forçou uma explicação corajosa.

— Não posso aguentar isso.

— Mas quero tocar em você.

Seus olhos se apertaram de maneira sexy nos cantos enquanto ele olhava para ela.

— Você me toca e isso vai acabar antes mesmo de começar. De jeito nenhum vou deixar isso acontecer.

Ele não lhe deu outra chance de discutir. Em vez disso a manteve ocupada enquanto ela lutava para manter o ritmo com seus beijos devastadores, sua boca engolindo os sons resfolegantes que ela fazia, enquanto suas mãos faziam um trabalho rápido em suas roupas. Sua camiseta foi arrancada pela cabeça, a calça jeans desabotoada e empurrada tão rapidamente, que mal teve tempo de registrar as ações antes que a estivesse empurrando de costas na cama mais próxima e arrancando o jeans de suas pernas.

Ele tirou a camisa enquanto ela ficou lá, ofegante, vestindo apenas sutiã e calcinha, assim como um rubor da cabeça aos pés que cobria cada centímetro de sua pele. Mas ele não pareceu notar, seu olhar quente deixando um rastro de calor abrasador pelo caminho enquanto a olhava, enquanto Raine só podia observar, de olhos arregalados e confusos, a prova flagrante de seu desejo. O botão superior da sua calça se abriu, revelando a cabeça pesada e brilhante de seu pênis. Desejava que tivesse deixado a luz mais forte para que pudesse ver esse sinal puramente masculino de necessidade de forma mais clara, sem a escuridão suave obscurecendo os detalhes. Mas sabia que era melhor assim, as sombras a ajudavam a relaxar.

— Tão linda. — As palavras eram macias e roucas, como se estivesse simplesmente falando seus pensamentos em voz alta, suas mãos grandes tremendo enquanto agarrava seus quadris, empurrando-a mais longe do outro lado da cama. Então puxou a calcinha de seda e arrastou as mãos ásperas deliciosamente até o interior das coxas, empurrando-as. Quando forçou suas pernas indecentemente abertas pressionando os joelhos na cama, um som sombrio e primitivo saiu de seu peito, os olhos dilatando pela fome quando olhou os cachos claros em cima do seu monte até as dobras macias, cor de rosa, aninhadas abaixo.

Raine vibrou nervosamente, a respiração ofegante, superficial ao vê-lo rastejar para a cama com ela se acomodando entre suas pernas, esse leve brilho pálido dourado brincando sedutoramente nos contornos do seu corpo robusto. Ao longo desses ombros largos, musculosos e fortes, braços marcados, seus bíceps protuberantes sob sua pele brilhando. Era como um animal selvagem e belo agachado sobre a presa, mas ela não estava com medo. Ela o queria tanto. E o que mais a surpreendeu, realmente confiava nele.

— *Seth*. — ela sussurrou instável, simplesmente querendo dizer o nome dele. Senti-lo em seus lábios.

— Quis isso por tanto tempo. — ele murmurou rude, a luxúria engrossando as palavras, fazendo-a tremer quando passou suas mãos grandes por trás ao longo das coxas trêmulas até que envolveu seu sexo. Usou os polegares para abri-la e suas pálpebras baixaram, os cílios espessos deixando sombras pontiagudas em suas faces esculpidas quando lambeu os lábios. Então se inclinou pra frente... e provou sua carne molhada com um golpe profundo e voluptuoso de sua língua.

— *Seth*. — ela disse novamente, desta vez com um grito profundo e gutural e ele deu um rugido feroz em resposta.

Embora sentisse que ele estava se esforçando para controlar sua agressiva sexualidade determinado a não assustá-la, não havia flexibilidade gentil no ato explicitamente íntimo, erótico. Ele a tocou como se tivesse todo o direito ao seu corpo, passando sua língua sobre seu sexo fundido como se estivesse devorando alguma coisa doce. Suas costas se arquearam rígidas, os calcanhares escavando o colchão enquanto gritos sufocados e roucos lutavam para romper de sua garganta. Ela apertou os lençóis, a cabeça sacudindo enquanto seu corpo se esforçava para dar sentido às sensações chocantes. Tudo que podia sentir eram aquelas lambidas quentes, úmidas e as rajadas ásperas de sua respiração enquanto a comia com avidez crua e selvagem. Mesmo quando se tornou mais frenético seu controle escorregou, sua habilidade era diferente de tudo que podia ter imaginado. Era como se ele estivesse dentro de sua mente, sentindo o prazer dela. Ele sabia exatamente onde tocar. Onde ser suave. Quando ser áspero.

Seus dedos agarraram suas coxas tão forte que sabia que ficaria marcada, mas não se importava, precisando da âncora forte para se empurrar, seus quadris rebolando... e rebolando. Nunca se sentiu tão perdida em sua vida — mas este era *Seth* fazendo essas coisas incríveis com seu corpo, sua língua fustigando o clitóris, empurrando com fome dentro dela e não conseguia lutar contra isso.

— Não pare! — Gritou ela, empurrando os dedos entre os fios úmidos do seu cabelo enquanto tentava puxá-lo para ela. — É muito bom... *Ah, Deus!*

— Goze pra mim. — ele exigiu, seus lábios se movendo contra seu clitóris enquanto falava. — Quero que goze na minha boca, Raine. Quero sentir. Provar.

Lágrimas vazaram pelos cantos de suas pálpebras fechadas, fluindo em trilhas quentes pelo seu rosto, um soluço partido saindo de seus lábios quando a tensão dentro dela ficou mais apertada... e mais apertada... e finalmente se partiu. Gozou numa corrida dura e chocante, pulsando profundamente em torno de sua língua quando ele a meteu repetidamente, enquanto dedilhava seu clitóris com o polegar. Ficou com ela até que seu corpo finalmente se acalmou, seus músculos pesados e relaxados, as pernas descaradamente abertas quando ele a rodou faminto, ecoando coisas perversas sobre seu gosto.

E então foi se erguendo sobre ela, apoiando seu peso numa mão enquanto usava a outra para baixar as taças do sutiã. Seus dedos brilhavam com seus sucos, seus lábios se abriam por sua respiração irregular enquanto esfregava a umidade quente em seus mamilos, depois baixou a cabeça e capturou uma ponta brilhante em sua boca. Sugou avidamente, *gananciosamente*, uma pressão apenas tímida de dor, mas o prazer tão intenso que Raine não se importou. Só queria mais e suas mãos percorriam seus ombros e braços, apertando os músculos sólidos e os tendões enquanto flexionavam sob o calor de sua pele molhada de suor.

Ele deixou os mamilos latejando quando de repente recuou, parecendo que seu olhar quente a tocava em todos os lugares ao mesmo tempo. Olhou nos olhos dela, então sua boca, os seios, antes de fixar outro olhar impressionante em seu sexo. Então apertou sua mandíbula quando abriu o zíper e pegou seu eixo, um rosnado baixo em sua garganta enquanto esfregava a coroa tensa e inchada pelas suas dobras encharcadas.

— Só faça. — ela gemeu, cravando as unhas em seus quadris enquanto tentava arrastá-lo para dentro dela. — Eu quero isso, Seth. *Preciso* disso!

— Controle... de natalidade? — Ele soltou, os músculos de seu braço flexionando quando a agarrou ainda mais apertado. — Não posso arriscar... não quero te machucar.

Ela sabia que ele provavelmente pensava que ainda estava fraca demais para carregar uma criança — mas não estava. E, enquanto ela claramente gritava consigo mesmo que estava louca por sequer contemplar a ideia, considerando as circunstâncias de seu relacionamento, não podia negar que havia algo que estranhamente a compelia a pensar em carregar o bebê de McConnell. Será que teria seus olhos incríveis? Aquele cabelo dourado que tinha tons mais claros do que os dela?

Meu cérebro com certeza foi fritado pela luxúria. A única coisa a fazer agora é me divertir.

— Está tudo bem. — ela ofegou, tão desesperada que mal conseguia formar as palavras. — Alaceas só podem engravidar durante os dois dias antes do nosso ciclo, por isso estamos seguros.

Ele deu um aceno firme que enviou uma gota de suor serpenteando pelo nariz, o martelar de seus batimentos cardíacos enchendo sua cabeça, enquanto seu cheiro luxurioso derramava sobre seus sentidos, deixando-a selvagem. Não podia acreditar que aquilo estava realmente acontecendo. *E sem más recordações. Sem dor ou medo. Apenas desejo insaciável por ele...*

Ela queria isso tanto e agora que o momento chegou, era ainda melhor do que imaginava, seu pulso correndo tão rápido que deveria estar tonta. Estava tão excitada que não conseguia impedir suas presas de sair com uma rajada forte de calor, de repente escorregando abaixo da curva de seu lábio superior — e foi aí que o desastre aconteceu.

Embora ele tentasse não mostrar, viu o olhar de repulsa nos olhos de Seth antes que baixasse o olhar para os seus seios. E assim, o doce ardor do desejo correndo em suas veias ficou tão frio quanto gelo.

Deus, ela era tão estúpida. Ficou tão envolvida com seus próprios problemas que esqueceu os dele.

Ele ainda era o macho mais lindo que já pôs os olhos e sabia que a queria. Mas Raine não podia ignorar o fato que ainda havia uma parte dele que detestava ficar com ela e se sentiu levantando as mãos para impedi-lo quando se acomodou mais profundamente entre as coxas.

— Não. Eu... não posso fazer isso. — ela gaguejou, empurrando-a para longe. — Por favor, pare.

Seu olhar imediatamente foi para o seu rosto, um olhar severo com um vinco entre as sobrancelhas.

— O que está errado?

Seu estômago revirou tão duro que ela pensou que poderia vomitar e desviou seu olhar do dele quando se balançou para fora, debaixo dele.

— Acredite ou não, não gosto de ser olhada como se fosse algum tipo de parasita.

Ele se encolheu como se ela tivesse lhe dado um tapa, mas não tentou negar. Rolando de costas, esfregou as mãos pelo rosto e murmurou:

— Merda. Sinto muito.

— Não se desculpe. — disse ela com a voz embargada se movendo para uma posição sentada na beirada da cama. — Isso só piora a situação.

— Raine... — ele começou a dizer, mas ela o interrompeu.

— Realmente acha que há alguma coisa que poderia dizer agora para tornar isso melhor? — Perguntou ela numa corrida apertada, com as mãos apertando os lençóis.

Ele exalou roucamente, então disse:

— Sabe, só porque um cara quer se envolver com um médico não significa que o deixaria operá-lo.

Sua cabeça virou de lado, quando ela olhou para ele por cima do ombro.

— Não é minha profissão, Seth! É uma *parte* de mim. De quem sou. — Um fato que ela estupidamente esqueceu quando este interlúdio erótico começou, porque o queria tanto.

— E não acha que eu mudaria como sou se pudesse? — Ele resmungou, sentando e enfiando as mãos nos cabelos, sua frustração evidente nas linhas duras do seu olhar. — Poxa. Não estou tentando feri-la.

— Sei disso. — Sua voz era macia, sua raiva foi pra longe quando um sentimento triste de aceitação tomou seu lugar. — Não estou te culpando, Seth.

Ele endireitou os ombros, seus olhos verdes sombreados e desolados.

— Com toda a certeza parece que está me culpando.

— Não estou. Mas tem que ser razoável. Como isso ia funcionar? — Perguntou ela, balançando a cabeça. — Não posso entrar num relacionamento tentando esconder o que sou. Nem mesmo por um caso.

Ele abriu a boca pronto para dizer só Deus sabia o quê, mas foi interrompido pelo toque do seu celular. Bufando de irritação, saiu da cama e fechou o zíper do jeans quando foi na direção do armário, onde deixou o telefone. Atendeu a chamada, em seguida olhou para ela, dizendo:

— É Ashe. Estou colocando no viva voz.

A voz do vampiro estalou pelo telefone.

— Gente, temos um problema. Gid e eu acabamos de descobrir que não somos os únicos vigiando Spark. Liam, nosso primo, avistou um Casus a vigiando também. O cara está enfurnado no quarto próximo ao nosso. Disse que é um bastardo grande com uma cicatriz que cruza o lado direito do rosto.

— É Seton. — ela murmurou, lutando pelas suas roupas. — Ele está aqui.

— Como sabe? — Seth perguntou, dando-lhe um olhar penetrante. — Pensei que não podia lê-lo.

— Não posso. — Ela vestiu a calcinha, então seu jeans. — Mas fui eu quem lhe deu a cicatriz. E posso ler Spark.

Ele aumentou a potência da lâmpada, inundando o quarto com luz.

— Desde quando?

— Desde mais cedo esta noite. — Ela não olhava para ele quando puxou o suéter por cima da cabeça, mas podia sentir a força de sua raiva quando explodiu contra ela.

— Sabia que ela estava na cidade, não é? — Sua voz era crua. — Sabia antes de fugir.

Ela assentiu com a cabeça, dizendo:

— Mas não a estava lendo tão claramente quanto estou agora. — Virando seu olhar para o telefone, onde Ashe ainda estava ouvindo, ela disse. — Spark não sabe que Seton está na cidade, mas fez uma ligação para ele hoje cedo. Disse a ele que estava cumprindo ordens de Westmore.

— Quais foram as ordens?

— Chegar a Berlim e me encontrar.

— Era uma ordem para matar? — Ashe perguntou.

— Não. — respondeu ela. — Ela quer me levar viva.

— Então por que Seton também veio a Berlim?

— Não tenho certeza. Mas posso dizer que Spark está desconfiada. Sabe que há uma boa chance que eu possa usar meus poderes para lê-la. Acha que estão planejando algo. Que a estão usando como chamariz para nos distrair, para que uma equipe de apoio possa atacar violentamente e terminar o negócio.

— Estão tentando atraí-la para que saia. — Seth rosnou, um músculo pulsando forte em sua mandíbula.

— Bem, sabemos onde estão. — disse Ashe. — Nossa melhor aposta é atacar agora. Mas vamos ter que agir rápido. Vou deixar Liam mantendo um olho em Spark e dizer a Gideon para pegar Seton.

— E pra onde você vai?

— Estou voltando para o hotel para pegar vocês dois. Vou mandar uma mensagem quando chegar aí.

A linha ficou muda e Seth deslizou o telefone num bolso, em seguida puxou a faca que ela devolveu.

— O que está fazendo? — Perguntou ela, vendo como abria a lâmina.

— Não temos muito tempo, mas precisa se alimentar antes de partir para algo assim.

Ela não discutiu. Não quando isso significava cada vez mais do seu sangue. Podem chamá-la de viciada, mas já estava viciada em seu gosto, incapaz de dizer não, precisando da sensação e do calor dele na sua boca. Ele cortou no mesmo lugar que fez antes, reabrindo a ferida, então recolheu o sangue num dos copos do hotel. Ela o pegou sem olhar para o seu rosto, mas sabia

que a observava enquanto bebia, o sabor de alguma forma ainda mais rico do que antes. Quando ela terminou, levou o copo para o banheiro e o enxaguou, deixando-o apoiado ao lado da pia e voltou a encontrá-lo abrindo seu kit de primeiros socorros.

— Não precisa de outro curativo. — disse a ele, sua voz trêmula e nervosa quando atravessou a sala até ele. Era incapaz de ignorar a ideia que acabava de surgir em sua mente, determinada a colocá-la em prática.

— Prefiro não sangrar todo em cima de mim. — respondeu ele secamente.

— Confie em mim. — ela sussurrou pegando seu pulso forte, amando a maneira como o cabelo dourado em seu braço enrugava contra a palma da mão. Ele se encolheu quando ela ergueu o braço com um fio escorrendo para seu rosto, seu pulso acelerou, o cheiro de sangue quente deslizando da ferida dando água na boca. Mas permaneceu controlada, determinada a mostrar que podia confiar nela. Que não atacaria seu braço num ataque de sede de sangue selvagem. Em vez disso ela lentamente passou a língua sobre o corte superficial, a composição biológica de sua saliva agindo como coagulante e agente de cura.

— Pronto. — ela sussurrou um momento depois, baixando o braço quando soltou o dele. — Muito melhor.

— Obrigado.

A rouquidão em seu tom de voz a fez tremer e ela ergueu o olhar para encontrá-lo olhando para ela, o olhar em seus olhos escuros impossível de ler. Seus corpos pareciam balançar mais próximos e ficaram assim durante o que parecia ser para sempre, à procura de respostas nos olhos um do outro, até que a súbita vibração de seu telefone os afastou.

— Provavelmente é Ashe. — ela sussurrou enquanto ele puxava o telefone, olhava para o texto e balançou a cabeça. Pegaram suas coisas, planejando deixá-las no carro de Ashe e saíram do quarto. O elevador estava vazio quando o tomaram, mas ela sabia que Seth estava esperando problemas. Ele se armou, duas pistolas e diversas facas escondidas debaixo da roupa, seu corpo grande e musculoso vibrando pela tensão. Pouco antes das portas começarem a abrir ele estendeu a mão e apertou o botão para mantê-las fechadas.

— O que está errado? — Perguntou querendo saber se ele sentiu alguma coisa. Podia não possuir sentidos sobrenaturais, mas confiava em seus instintos.

Ele endureceu o queixo, mantendo seu olhar fixo nas portas quando disse:

— Quando isso acabar vamos terminar nossa conversa.

Não precisava perguntar qual delas. Raine sabia exatamente o que ele queria dizer. Mas não mudaria de ideia. Podia querê-lo tanto que doía, mas não podia fingir ser algo que não era. Se tentasse, qualquer coisa que sentisse por ele se tornaria ressentimento e teria mais um desgosto para adicionar a uma lista que já era longa.

— Não acho que restou muito a ser falado. — disse a ele, forçando-se a parecer firme. Forte.

Mas ele virou a cabeça devagar, olhando diretamente para ela e seus olhos verdes prometiam que estava errada. Que *faria* as coisas do seu jeito. Ignorando a voz no fundo de sua mente sussurrando que estava fugindo como uma covarde, Raine abriu a boca pronta para argumentar, mas ele soltou o botão e as portas abriram para uma cena caótica, que parecia algo saído de um filme de guerra. Fumaça subia em nuvens espessas obscurecendo o lobby, o cheiro

acre de produtos químicos enchendo o ar, enquanto funcionários do hotel corriam gritando ordens em pânico para evacuarem, o lamento estridente de um alarme de repente vibrando pelo edifício.

Raine não conseguia ver nada, mas sabia o que aconteceu, seus poderes inundaram sua mente com súbitas explosões de informações tão rápidas que a deixou com tontura.

— É Spark. — gritou, estendendo a mão para McConnell assim que a segurou pelo braço e puxou para o seu lado, uma arma em sua mão livre. — Ela já está aqui!

Capítulo 13

Mesmo querendo puxar Raine de volta ao elevador e tirá-la do inferno, Seth lutou contra o impulso, sabendo que provavelmente era o que Spark planejava. Se ela pagou comparsas para ajudá-la, as probabilidades eram altas que os homens estariam esperando por eles nos andares superiores do hotel, bem como nas saídas de outros. Sua melhor chance era abrir caminho para fora do lobby, onde Granger estaria esperando por eles — mas não tinha nenhuma ideia de quem eram, a neblina tão densa que não podia ver mais do que alguns metros diante dele.

— Por que a fumaça não está queimando nossos olhos? — Raine perguntou enquanto ele a puxava pra fora do elevador e a empurrava para trás, mantendo a parede às suas costas. Sua voz estava extremamente calma, considerando as circunstâncias e embora odiasse os riscos que ela sempre corria em sua vida, não podia deixar de ser grato que não fosse uma daquelas mulheres que entram em pânico ao primeiro sinal de problemas.

Virando a cabeça de lado para que ela pudesse ouvi-lo acima do ruído do alarme tocando e os funcionários do hotel em pânico que agora gritavam por que as saídas foram bloqueadas por homens armados, ele disse.

— Spark criou para o Coletivo bombas de gás. São concebidas para servir como cobertura, sem os efeitos debilitantes da fumaça real.

— Está esperando por nós perto das portas. — disse Raine. — E não está sozinha. Tem cinco homens armados com ela, com quem trabalhou antes. Estão nos esperando para tentar bloquear nosso caminho ao passar por eles e ela deu ordens para atirar em você. Há mais homens armados cobrindo as outras saídas. — Ela fez uma pausa, sem dúvida ouvindo os pensamentos fluindo em sua mente, em seguida acrescentou: — Ela fez alguém seguir Gideon aqui mais cedo, esta noite. Foi assim que nos encontrou.

—Se pode lê-la tão claramente agora, por que não sabia que estava vindo?

Embora Seth não estivesse olhando para ela, seu olhar focado nos arredores da névoa, podia senti-lo revirando os olhos.

— Meus poderes não são uma coisa certa, McConnell. É melhor não confiar neles.

— Pode conseguir uma leitura de Ashe?

— Estava esperando por nós perto dos elevadores quando as explosões começaram. Deslizou atrás do balcão de reserva e está se preparando para gritar por você.

Com certeza a voz profunda do vampiro soou um segundo mais tarde e Seth a puxou atrás dele enquanto abriam caminho através da névoa espessa.

— Raine disse que Spark está cobrindo a entrada. — Seth disse logo que se infiltraram por trás do balcão de reserva, onde o vampiro e mais três empregados do hotel estavam amontoados nas proximidades, claramente aterrorizados. — E não está sozinha. Tem cinco caras com ela no lobby e mais estão cobrindo o resto do hotel.

— Como ela te achou? — O vampiro perguntou, sua expressão sombria quando lançou um olhar agudo aos humanos em estado de choque. Seth descobriu que Granger teria mais simpatia se fossem mulheres... mas provavelmente não podia entender o fato que três homens adultos estavam congelados de medo. Não que Seth pudesse entendê-los também, mas sabia que não pensava como o macho humano comum.

Respondendo à pergunta do vampiro, Raine disse:

— Ela fez alguém seguir Gideon quando veio aqui para pegar Thomas.

Ashe murmurou uma maldição crua, os olhos pálidos queimando com fúria.

— Acabei de falar com Liam. Ainda está vigiando a ruiva que *pensávamos* ser Spark através de sua janela do quarto do hotel. Spark devia saber que Gid e eu a vigiávamos e criou um engodo.

— Será que Gideon tem Seton? — Seth perguntou, deslizando sua bolsa do ombro.

O Deschanel balançou a cabeça.

— Falei com ele logo depois que desliguei o telefone com Liam. Seton saiu alguns minutos atrás, mas Gideon o perdeu.

— Merda. — ele rosnou, sabendo muito bem que suas chances de encontrar o bastardo de novo eram mínimas. Seton não tornaria as coisas fáceis para eles mostrando sua cara até que estivesse pronto para fazer um movimento contra Raine.

Ou isso ou o Casus usaria esta merda de multidão como a oportunidade perfeita para entrar e agarrá-la. O que significava que Seth tinha que tirá-la de lá o mais rápido possível, cada momento colocando-a em maior perigo.

Aproximando-se mais do seu lado, Raine perguntou:

— Quanto tempo esta névoa vai durar?

— Mais dez minutos mais ou menos, mas a polícia provavelmente chegará aqui antes disso. — disse a ela, odiando a preocupação que podia ver em seus olhos. Desejou estar em qualquer lugar, menos lá. Desejou estar num lugar tranquilo e calmo onde pudessem terminar o que começaram naquele quarto de hotel. Isso o fez se sentir uma merda por reagir daquela maneira ao ver seus dentes, sua vergonha tão grande que podia prová-la e chutaria seu próprio traseiro se apenas pudesse alcançar o maldito. Ela estava tão quente e confiante e ele estragou tudo agindo como um completo idiota.

Não podia acreditar no que acabava de jogar fora. Não quando tudo foi tão perfeito. Cristo, sua cabeça ainda estava se recuperando da forma como ela gozou para ele, sua boca ainda pedindo mais de seu gosto... e seu pau num inferno só lá embaixo.

— O que devemos fazer? — Ela perguntou e foi com uma sensação surreal de orgulho que percebeu que ela estava disposta a deixá-lo comandar. Que finalmente confiava nele para protegê-la.

Não dando a mínima para o que Ashe pensasse disso, Seth se inclinou e agarrou seu pescoço nu, os longos cabelos presos firmemente embaixo do seu boné preto. Segurando-a firme, plantou um beijo duro na suavidade inebriante de sua boca, em seguida se forçou a soltá-la.

— Vou lidar com isso. — disse, sua voz dura com autoridade. — Quero que fique aqui.

Seus olhos entraram em pânico.

— O que vai fazer?

— Não tenho certeza — ele admitiu —, mas vou pensar em alguma coisa. — Ele deslizou para Ashe um olhar interrogativo e embora o vampiro não parecesse feliz em ficar de guarda, cedeu com um aceno de cabeça agudo. Olhando de volta para Raine, Seth disse: — Aconteça o que acontecer, não saia do lado de Granger.

Ele não deu tempo para discutir e logo saltou por cima do balcão alto. Sabendo exatamente como Spark trabalhava, achou que teria mandado seus homens se espalharem na frente dela enquanto usava seus corpos para protegê-la na posição. O que significava que teria que derrubar os bandidos antes que pudesse chegar à assassina.

Quando outro recipiente foi lançado, Spark gritou a plenos pulmões e podia dizer pela direção de sua voz que estava perto da entrada, assim como Raine disse.

— Sabe que temos a vantagem! — ela gritou acima do alarme e da multidão gritando que se encolhia no lobby, os hóspedes do hotel aparentemente sendo levados para o aposento espaçoso e de teto alto. — E sabe que não tenho escrúpulos em atirar num desses inocentes. Que tal um hóspede do hotel morto a cada minuto que me faça esperar um som vindo de você? — Ela perguntou e podia ouvir o sorriso na sua voz rouca. *Cadela Louca*. Ela sempre dava o pontapé inicial para começar a matar.

— Se não quer que ninguém se machuque — acrescentou —, vá em frente e se entregue, McConnell!

Um tiro ecoou de algum lugar no hotel aumentando o pânico da multidão e sabia que precisava agir rápido. Se atendo a uma imagem mental do lobby de suas recordações, Seth inclinou a cabeça pra trás. Embora não conseguisse ver os fios na névoa espessa de fumaça, pulou, os dedos da mão direita mal conseguindo pegar um dos cabos grossos que recordava estarem amarrados no teto como parte de alguma luminária moderna. Com sua Sig na mão esquerda, Seth enfiou os pés em volta do cabo e começou a se balançar por todo o lobby, tendo o cuidado de não esmagar nenhuma das pequenas lâmpadas penduradas no fio, enquanto a névoa escura impedia de ver abaixo.

Em segundos estava pendurado diretamente sobre Spark e seus homens, suas formas mal visíveis na névoa escura. Com os joelhos presos no cabo, Seth lentamente baixou a parte superior do corpo, seus músculos flexionados enrijecidos quando rapidamente formulou seu plano de ataque. Num piscar de olhos sua mão direita alcançou a cabeça do atirador em pé diretamente abaixo dele. Segurou o queixo do cara e deu um puxão violento, de imediato quebrando seu pescoço, enquanto alvejava o homem de pé ao lado dele na cabeça. Em seguida perfurou com balas os outros três e voltou para o cabo antes mesmo de ser visto.

Agora os homens armados estavam mortos no chão de lajota, um com o pescoço quebrado e outros quatro com tiros no meio da testa, enquanto Spark girava em círculos, a arma levantada, tentando determinar de onde veio o ataque.

— Vamos, McConnell. Mostre sua cara. — ela gritou acima dos gritos da multidão, os tiros apenas aumentando sua angústia.

Sabendo que tinha apenas alguns segundos antes que ela olhasse para cima e o avistasse, colocou a Sig no coldre e pegou uma das ampolas de tranquilizantes enfiadas no seu bolso antes de sair da sala. O sedativo de alta dosagem foi criado pelo Coletivo e dispensava seringa, cabendo na palma da sua mão. No instante em que Spark se moveu embaixo dele, Seth desceu seu tronco novamente espetando a agulha curta em sua jugular. Um segundo depois ela caiu no chão num monte inconsciente.

Depois de largar habilmente seus pés Seth enfiou a arma na parte de trás da calça, então rapidamente abriu as portas da frente do hotel. Conforme o nevoeiro começava a dissipar se derramando no ar frio da noite, pegou Spark, o corpo jogado por cima do ombro quando abriu caminho de volta ao balcão de reserva, ansioso para ver se Raine estava bem. Com a porta principal limpa, os hóspedes e funcionários do hotel em pânico corriam para a saída esbarrando nele ao passar, mas se empurrou pra frente, franzindo a testa enquanto pegava os sons de luta diante dele.

Ao se aproximar Seth pode ouvir as maldições selvagens de Ashe, a visibilidade finalmente melhorando o suficiente para que pudesse ver o vampiro num combate corpo-a-corpo violento com mais três comparsas que trabalhavam para Spark. Com a névoa rapidamente dissipando viu o vampiro acabar rapidamente o trabalho com os humanos. Os corpos de vários outros homens armados se espalhavam pelo chão, já tendo sido despachados pelo vampiro e percebeu que Ashe claramente estava de costas impedindo os homens de cruzar o átrio, enquanto Seth lidava com aqueles na entrada. Estava prestes a oferecer seu agradecimento quando avistou uma expressão sombria no vampiro... e soube que algo aconteceu com Raine. Correndo na direção do balcão de reservas encontrou a área vazia, exceto por outro pistoleiro caído e suas bagagens.

— Onde diabos ela está? — Ele rosnou, jogando o corpo de Spark no balcão quando olhou para o vampiro.

Ashe usou as costas do pulso para limpar o canto da sua boca sangrando.

— Ela se foi.

— O que quer dizer, se foi? — Sua voz era enganadoramente suave, o peito tão apertado que mal conseguia respirar, enquanto o pânico queimava em suas veias como ácido, deixando seu interior em carne viva.

— Quero dizer, ela saiu enquanto eu estava lidando com esses babacas. — ele murmurou, empurrando o queixo na direção dos corpos que se espalhavam pelo chão. — Disse a ela pra ficar parada, mas sua mulher não escuta merda nenhuma, McConnell.

— Você deveria estar vigiando-a! — Ele rugiu com as mãos fechadas em punhos quando avançou pra cima do vampiro.

— Eu estava! — Ashe rugiu de volta para ele. — Mas estava tentando impedir que quatro desses bastardos a agarrassem quando ela correu. Que diabos deveria fazer? Acorrentá-la a mim?

Sabendo que estava apenas perdendo um tempo precioso discutindo com o vampiro, Seth respirou fundo e se forçou duro a conter sua raiva.

— Ela disse para onde estava indo?

Ashe fez uma careta.

— Gritou algo pra mim quando passou voando, alegando ter visto Seton no meio da multidão. Então foi atrás dele.

— Oh, Cristo. — Seu pulso rugia em seus ouvidos, raiva e medo praticamente virando-o do avesso.

— Há mais. — Ashe murmurou. — Ela disse que você seria capaz de encontrá-la. Disse para fazer isso rápido.

Seth estava tão furioso que queria matar alguma coisa — mas sabia que precisava se focar em Raine. Enganchando-se na conexão estranha que tinham, para que pudesse encontrá-la antes que fosse tarde demais.

Tenho que encontrá-la. Isso é tudo que importa, porque eu...

Antes que pudesse terminar o pensamento, Gideon veio rasgando pelo saguão, parecendo como se corresse atravessando a cidade.

— Tive que largar meu carro. — disse com o peito arfando entre cada palavra. — A rua está bloqueada por dois caminhões de bombeiros que bateram um no outro a caminho daqui. O acidente prendeu três carros de polícia, mas mais estarão a caminho, logo que a estrada for liberada.

Ashe olhou para Seth.

— Pode conseguir uma leitura sobre onde ela está?

— Ainda não. — ele rosnou sabendo muito bem que Seton o atacaria no segundo que tivesse chance.

— Vou querer ouvir sobre o que aconteceu aqui embaixo — Gideon retumbou, lançando um rápido olhar sobre os corpos que cobriam o chão —, mas tenho a sensação que estamos no meio de outra crise. Então, alguém me dê a versão curta.

Ashe rapidamente informou Gideon sobre os acontecimentos recentes enquanto Seth tentava se concentrar. O pensamento dela machucada era o suficiente para quebrá-lo e deixá-lo de joelhos, mas não tinha tempo para entrar nessa besteira de autopiedade. Exalando uma respiração irregular Seth se esforçou para pensar acima do pânico.

— Não está longe. — disse ele um momento depois... fazendo tudo que podia para acalmar sua mente o suficiente para que pudesse seguir o "puxão" misterioso que existia entre eles.

Gideon arranhou a barba no queixo e olhou para a frente do hotel, onde a multidão ainda se movimentava em confusão tentando descobrir o que aconteceu.

— Ele não a levaria até um quarto. — ele murmurou. — Sabe que as autoridades estão a caminho. — Agora mesmo sirenes podiam ser ouvidas se aproximando. — Não correria o risco de ser pego assim.

— O porão. — Seth vociferou de repente, sentindo dentro dele que estava certo. Olhando para Gideon, perguntou: — Pode pegar nossas mochilas atrás do balcão e tirar Spark daqui?

O vampiro fez uma careta de desgosto, mas já estava jogando a assassina por cima do ombro quando Seth partiu para a escada com Ashe nos calcanhares. Juntos desceram as escadas correndo, o ar úmido e fresco quando entraram no resistente subsolo do hotel. Enquanto o resto do edifício obviamente passou por reformas de modernização, o porão foi deixado praticamente intocado, parecendo algo do século passado.

— Onde agora? — Ashe perguntou a ele.

— Ela está perto. — Seth se moveu mais fundo no espaço mal iluminado, passando através de prateleiras metálicas e caixas de suprimento empilhadas quase até o teto. — Não entendo. — ele finalmente murmurou, colocando as palmas das mãos contra uma parede de painel escura. — Posso senti-la, mas não há nada aqui. Apenas um maldito beco sem saída.

— Talvez não. — Ashe correu as mãos ao longo dos lambris sentindo algo entre as ranhuras. — Aqui vamos nós. — respondeu asperamente assim que houve um clique suave... e uma seção dos painéis se abriu.

Muito impaciente para esperar Seth arrancou os painéis fora do caminho, revelando um corredor estreito que levava ao que parecia ser algum tipo de porta de metal grossa, a luz se infiltrando por trás dela, brilhando contra sua superfície sem graça.

— Que diabos é esse lugar? — Perguntou ele, movendo-se para o corredor.

— Aposto que é uma sala de interrogatório da antiga Gestapo. — Ashe murmurou, os sons dos geradores do hotel chocalhando através das paredes.

— Como um cara como Seton sabia que estava aqui? — Ele perguntou tentando abrir a porta no momento que chegou nela. Mas estava trancada. Pressionou sua orelha no metal frio, mas a porta era muito grossa para ouvir qualquer coisa dentro do quarto. Ainda assim, sabia que ela estava lá. O conhecimento enchia cada célula do seu corpo e seus músculos pareciam se expandir com raiva, apertando sob sua pele.

Quando puxou a arma e deu um passo atrás se preparando para explodir e mandar a tranca ao inferno, Ashe respondeu sua pergunta, dizendo:

— Seton não saberia sobre isso, considerando que esteve trancado no último milênio e só conseguiu escapar no ano passado. Mas o corpo que ele assumiu vem com uma vida cheia de memórias. Seu hospedeiro humano pode ter sido um historiador da guerra. Inferno, poderia ser o construtor que fez as reformas neste lugar. Tudo é possível. — acrescentou ele assim que Seth disparou o tiro.

A bala destruiu a tranca, partindo-a em pedaços. Seth imediatamente chutou a porta e correu para o quarto, furioso demais para considerar que o próprio Seton podia ter uma arma.

Tanto pelo controle...

Mas se o Casus tinha uma arma, nunca teve chance de disparar um tiro porque estava muito ocupado manuseando Raine. Ele a tinha apoiada contra uma mesa de madeira no centro da sala, ambos ensanguentados e ela gritando enquanto lutava para combatê-lo. Com uma neblina vermelha e visceral de fúria enchendo sua visão, Seth foi direto ao Casus, um rugido gutural saindo de seu peito quando Seton empurrou Raine de lado, rachando sua cabeça com força na beirada da mesa. No instante seguinte Seth se chocou contra ele, levando o cara ao chão.

Rolaram pelo chão sujo, socos voando enquanto sangue respingava. Este bastardo tocou *sua* mulher — machucou-a — e Seth queria seu sangue com uma fúria primitiva diferente de tudo que conhecia. Rosnou enquanto lutava contra a força sobrenatural do Casus, finalmente acertando um golpe que quebrou a mandíbula de Seton. Então bateu novamente... e novamente, até que o filho da puta finalmente perdeu a consciência.

Sangue se acumulava debaixo da cabeça de Seton, seus lábios partidos, nariz quebrado, os dois olhos inchados. Uma parte de Seth queria continuar esmagando o idiota no chão, a fúria sangüinária como uma droga em suas veias, mas conseguiu se deter quando avistou o Marcador de Raine. Estava enrolado em torno do pulso de Seton, a corrente partida, onde ele obviamente a arrancou de seu pescoço. Seth arrancou o Marcador, empurrou três ampolas de tranquilizantes do lado da garganta de Seton, e em seguida se ergueu e virou, usando seu ombro para enxugar o sangue de sua boca quando foi na direção de Raine.

Ashe a pegou do chão e colocou na beirada da mesa, a única lâmpada pendurada no teto lançando uma luz pálida sobre eles quando o vampiro usou sua manga para limpar o sangue escorrendo de seu nariz. Embora estivesse segurando sua cabeça ela balançou, seu olhar desfocado. Seth fez um som baixo enquanto observava Ashe colocar a mão na parte de trás do pescoço para mantê-la firme, o gesto muito possessivo para o seu gosto.

— Afaste-se, Granger.

Com um riso sem fôlego Ashe se afastou, permitindo que Seth se deslocasse entre suas pernas, colocando sua mão na nuca. Ele sussurrou seu nome, mas seus olhos giraram, as pálpebras se fechando como se tivesse desmaiado.

— E Seton? — Ashe perguntou.

— O que tem ele? — Ele rosnou, desejando que Raine abrisse os olhos e olhasse para ele. Não conseguia lidar com ela ferida.

— Estou apenas esperando que não o tenha matado, considerando que ele é a melhor pista que temos para encontrar Westmore.

Seu boné tinha caído, seus longos cabelos fluindo em cima de um ombro e Seth rangeu os dentes odiando que ter que tocá-lo, sabendo o quanto isso a incomodava. Mas precisava verificar sua cabeça, preocupado que tivesse se ferido quando atingiu a beirada da mesa.

Enquanto corria os dedos sobre seu crânio respondeu à pergunta de Ashe dizendo:

— Não o matei, mas não vai acordar tão cedo. Eu o dopei com sedativos.

O tom do Deschanel foi seco.

— Estava imaginando como o impediríamos de se transformar totalmente em Casus, então acho que funciona.

— Vamos lhe dar outra dose antes de sair, só pra ter certeza. — respondeu asperamente, o coração batendo quando encontrou um caroço atrás da orelha esquerda que era do tamanho de um ovo... e mais o inchaço. Jesus. Não admira que estivesse fora do ar.

— Falando de sair — murmurou o vampiro —, precisa lhe dar seu pulso antes de ir.

Ele cortou o vampiro com um olhar penetrante.

— Por quê?

— Ela precisa de sangue.

Um riso áspero sacudiu seu peito pela facilidade com que Ashe fazia tal afirmação, como se acabasse de dizer, *Parece que ela precisa de um estimulante. Vamos procurar uma Starbucks*².

— Não sei o que o sangue faria por um caroço na cabeça. — ele murmurou. — E ela tomou meu sangue antes de sairmos do nosso quarto.

— Se ela tem uma concussão, sangue fresco ajudará a curar mais rapidamente. E já que precisamos deixar as coisas se acalmarem um pouco lá em cima antes de fugir daqui, temos tempo.

— Mas não vou alimentá-la da minha veia. — ele rosnou, as palavras ásperas rudes pela frustração. — Coleta para ela num copo.

A surpresa do vampiro era óbvia. Seus lábios se separaram e parecia querer dizer alguma coisa, mas mudou de ideia. Em vez disso as sobancelhas escuras se juntaram numa carranca apertada quando começou a levantar a manga de sua camisa manchada de sangue, murmurando baixinho algo sobre como não estavam exatamente num departamento de utensílios domésticos. E estava certo. A única coisa que restava dentro daquele quarto miserável, além deles, era a mesa, a lâmpada e Seton.

— Posso gotejar na sua boca? — Seth perguntou se sentindo como um idiota.

— Se ela estivesse consciente. Mas, considerando que está fora do ar, se quisermos ter certeza que ela vai engolir temos que fazê-la morder.

Quando o vampiro estendeu a mão agarrando o braço de Raine para segurá-la firme, Seth relutantemente se afastou, incapaz de acreditar que deixaria isso acontecer. Mas que escolha tinha? Não seria capaz de aguentar dar a ela sua veia própria e ela precisava de sangue.

Mas foi um inferno assistir. Quando Ashe ergueu o punho para seus lábios macios, Seth apertou a mandíbula tão forte que ficou surpreso por não quebrar.

— Vamos lá, querida. — Ashe murmurou esfregando sua pele contra os lábios dela, persuadindo-a a se alimentar. — É isso. — ele murmurou, parecendo se esforçar para esconder seu prazer quando ela gemeu e depois afundou os dentes em sua carne e começou a sugar. Ela gemeu mais alto, agarrando o braço do vampiro para mantê-lo apertado contra a boca... e a temperatura na sala mofada pareceu subir, mais alta... e mais, uma gota de suor serpenteando pela espinha de Seth. Um forte tremor balançou o corpo do vampiro e ele desviou o olhar, como se não quisesse que Seth visse sua expressão.

— Cuidado, vampiro. — A voz de Seth era uma lixa, baixa e sinistra com seu ciúme e frustração quando uma força física socou seu corpo, contra sua pele enquanto ela se esforçava para se libertar.

Ashe não disse nada em resposta — mas Seth podia jurar que os ombros do vampiro tremiam ligeiramente, como se estivesse segurando o riso. Espertinho sanguinário.

Mantendo seu olhar estreitado fixo no rosto de Raine, Seth viu como a cor florescia em suas bochechas, os hematomas já sumindo... seu lábio partido se fechando diante de seus olhos. O sangue de Ashe aparentemente era um inferno de soco e foi a única coisa que o impediu de agir como um homem das cavernas e tirar o bastardo do caminho.

² Famosa cafeteria.

Depois de pelo menos trinta segundos de alimentação faminta, Raine finalmente abriu os olhos, os tempestuosos olhos escuros imediatamente se conectando com Seth. Seus olhos fecharam e ela se afastou do braço de Ashe com um suspiro audível, como se só agora percebesse que esteve degustando outro homem na frente dela.

— Hum... obrigado. — sussurrou para o vampiro, limpando a boca úmida com as costas dos dedos.

Seth ainda fervilhava de frustração, mas não o impediu de ficar diante dela no instante em que Ashe se afastou, um rouco, "sem problema", saindo dos lábios do vampiro quando se dirigiu até onde Seton sangrava no chão.

Incapaz de controlar o tremor de suas mãos Seth as empurrou nos bolsos e apertou o queixo. Abriu a boca, engoliu desconfortavelmente quando finalmente conseguiu dizer as palavras que precisava dizer.

— Que diabos estava pensando?

Ela piscou como se não entendesse sua pergunta, então franziu a testa.

— Estava fazendo o que vim fazer aqui, Seth. E o faria também se ele não tivesse sorte com o Marcador.

— Combinamos fazer isso juntos. — ele rosnou. — Mas cada vez que viro as costas, porra, você desaparece.

— Não tive escolha. — ela disparou de volta, sua própria raiva crescendo. — Quando vi Seton parecia que estava se esgueirando e não podia arriscar perdê-lo. Você estava ocupado com Spark e Ashe tinha as mãos cheias. Então fiz o que tinha que fazer. Não é como se eu planejasse que isso acontecesse. Acabei fazendo.

— Sabe uma coisa, Raine? Não teria me dito, mesmo que planejasse.

— Só porque sei que teria tentado me deter e ele é nossa melhor chance de encontrar Westmore. A oportunidade estava lá, então a peguei. Mas não queria preocupá-lo. Não acho que você...

— O quê? Que me importo? — Respondeu asperamente, as palavras roucas de emoção. Um músculo pulsava em seu queixo e ele apertou as mãos dentro dos bolsos. — Cristo, Raine, não quero perder você, mas posso te sentir escapulindo de mim e não há nada que possa fazer para impedir. Quando vai perceber que não precisa ficar se segurando tanto nessa merda de ódio? Poderia deixá-lo ir se apenas abrisse seus olhos e visse o que está bem na sua frente!

— *Seth*. — Seu rosto instantaneamente suavizou, o cinza dos seus olhos parecendo brilhar como prata. — Sei que disse muito isso ultimamente, mas sinto muito.

— Desculpe por tirar dez anos da minha vida? — Ele murmurou, passando a mão trêmula pelo rosto.

— Sim.

Seth respirou fundo, então calmamente perguntou a ela:

— Você está... está tentando se matar, Raine? Quer morrer? É disso que se trata tudo isso?

— Não. — Ela deu uma sacudidela de cabeça e levantou os ombros. — Só... acho que não fui tão cuidadosa quanto normalmente sou. Quero dizer... se algo desse errado sabia que não estaria muito atrás de nós. Que viria por mim.

Naquele momento estava dividido entre a vontade de beijá-la... e a necessidade de espancar sua bundinha louca por se arriscar de modo tão perigoso.

— E se eu não fosse capaz de chegar aqui a tempo? Como acha que me sentiria? Passaria o resto da minha vida sabendo que não fui capaz de mantê-la segura.

— Mas você chegou.

Ele olhou para ela seu rosto ferido manchado de sangue.

— Por pouco.

— Por favor, não fique zangado comigo. — ela implorou, molhando os lábios. — Sei que estava preocupado, mas tinha medo que ele fugisse e teríamos que adivinhar onde estava. Mas agora podemos usá-lo para encontrar Westmore. — As palavras roucas vibravam de emoção. — Imaginei que acharia isso uma coisa boa, Seth. Pensei que queria Westmore tanto quanto eu.

— Sim, quero Westmore. — Sua voz era dura e impiedosa e ela se encolheu ao ouvir o som. — Simplesmente não estou disposto a vê-la estuprada ou morta pra que isso aconteça.

Percebendo que não havia mais nada a dizer, Seth mal se afastou dela quando ela escorregou da mesa e agarrou seu braço.

— Se não quer falar comigo, tudo bem. Mas pode pelo menos me dizer qual é o plano quando sairmos daqui? Não é como se pudéssemos passear pelo hotel levando um homem inconsciente.

— Na verdade, acho que posso ajudar com isso. — Ashe ofereceu do outro lado da sala, provando que estava ouvindo cada palavra dita. — Há uma casa *Förmyndare* segura não muito longe daqui que não está em uso. Vai nos dar o lugar perfeito para... *interrogar* o Casus.

Oh, Cristo. Quanto mais estranho isso podia ficar?

Uma risada sem fôlego sacudiu o peito de Seth, a situação muito surreal para entender. Há um ano chegar em qualquer lugar perto de uma casa segura *Förmyndare* significaria morte certa para um cara que fazia parte do Exército Coletivo. E agora estava sendo *convidado* a ficar em uma.

Apesar de seu humor de merda, um sorriso triste curvou sua boca quando pensou em todos os demônios que certamente tremiam de frio naquele momento, o gelo se formando em seus chifres retorcidos, flocos de neve brilhantes em seus chicotes...

Porque tinha certeza que o inferno congelava.

Uma hora mais tarde ...

Uma pequena cidade nos arredores de Veneza, Itália

Ajoelhado diante de um altar manchado de sangue que construiu no armário de sua suíte, Westmore esculpia uma lua crescente na palma da sua mão, pingando o sangue no vaso diante

dele. As luzes tremeluzentes das velas grossas que o cercavam lançavam sombras demoníacas contra o metal reluzente do altar, mas nem o rico cheiro das velas podia disfarçar o odor horrível das entranhas enroladas no fundo do pote, junto com várias outras partes de um corpo. Alguns animais. Outros humanos.

Esperou impaciente, ansioso para dar a notícia, seus olhos se fechando enquanto começava a entoar as palavras rituais que encontrou escritas nas páginas dos arquivos.

— Vai de acordo com o plano. — ele murmurou um momento mais tarde quando um rosto sombrio finalmente encheu sua mente. Era a sombra de Anthony Calder, o líder Casus de olhos azuis gelo brilhando dentro dos contornos monstruosos de sua cabeça em forma de lobo.

— Pegaram Seton? — O Casus perguntou, as palavras truncadas pelo seu focinho cheio de presas. As sombras ficavam eternamente presas em sua verdadeira forma até que pudessem escapar de Meridian e voltar a este mundo.

— Minhas fontes apenas confirmaram sua captura. Ele agora é prisioneiro de nossos inimigos. Logo vai quebrar e informar a localização. Em seguida os Sentinelas virão recuperar os Marcadores e será hora do próximo passo.

O olhar misterioso de Calder se estreitou com aviso.

— É melhor saber o que está fazendo, Westmore. É um plano arriscado.

Cheio de confiança, o Kraven permitiu um sorriso lento e arrogante na curva de sua boca.

— Mas os melhores sempre são.

Capítulo 14

Há poucos dias Raine nunca acreditaria que pudesse acontecer, mas agora que se separou dele — ela foi para a Itália com Ashe enquanto Seth ficou pra trás na Alemanha — sentia falta do humano. Muita.

Depois que conseguiram sair do hotel de manhã cedo, encontraram-se com Gideon e se dirigiram para a remota casa *Förmyndare* segura localizada a uma hora e meia longe da cidade. Os homens prenderam Spark numa cela e levaram Seton para o porão para interrogá-lo sobre a localização de Westmore, enquanto Raine tentava cochilar num sofá no andar de cima, sem muita sorte. Apesar de sua exaustão queria a chance de questionar Seton, também — só que Seth não quis ouvi-la.

Sabia que ainda estava chateado com ela por ir atrás do Casus por conta própria, mas sua raiva não afetou seus instintos protetores. Então foi deixada lá em cima pra cochilar... e se preocupar... e pensar no humano. Sobre o quanto desejava que as coisas pudessem ser diferentes entre eles. O quanto queria abraçá-lo. Ficar perto dele. Apenas... não via como isso poderia ser possível, dadas suas circunstâncias. E assim virava na cama... e fervia pela frustração, em vez do ódio que foi seu companheiro constante por tantas semanas.

Só depois das 9 da manhã que Ashe foi lá em cima para dizer que Seton finalmente quebrou e deu-lhes um endereço fora de Veneza. Embora tivesse suas dúvidas, as informações

eram obviamente válidas, considerando que ela e Ashe finalmente avistaram o Kraven pouco tempo atrás, quando saiu para a varanda do referido endereço com uma caneca na mão. Tinham uma visão clara dele lá no sol da tarde dourada de uma mesa no Café do outro lado da rua dos apartamentos de luxo, sua mesa escondida sob o toldo verde escuro do Café.

Raine pensava que este momento parecia tão gratificante... mas não era o mesmo sem Seth. Quando contaram a ela que ele ficaria pra trás com Gideon e os prisioneiros enquanto ela ia para a Itália com Ashe, foi impossível não sentir como se o soldado estivesse tentando se livrar dela — e embora uma raiva fria fosse sua primeira reação, agora estava no ponto que só queria vê-lo novamente.

O caroço atrás de sua orelha curou, bem como as contusões que Seton deixou em seu rosto — mas o abismo entre ela e Seth parecia mais profundo que nunca. Ele sequer pediu para falar com ela nas vezes em que Ashe falou com ele ao telefone. Era como se estivesse empurrando-a para o vampiro e embora achasse Ashe encantador, não era o que ela queria.

Droga, queria McConnell não importa o quanto isso fosse ilógico. Não importava o quanto era problemático. E não conseguia evitar a dor crua que florescia no peito sempre que considerava a possibilidade que isso nunca pudesse acontecer. Embora lutasse muito contra essa coisa, Raine não podia deixar de temer que toda essa luta simplesmente a abandonava quando se tratava do macho especial de tirar o fôlego.

E estaria aqui a qualquer minuto, pensou ela, tremendo de nervoso e excitação.

Depois que ela e Ashe confirmaram que o endereço na Itália batia com a confissão de Seton e que conversaram com pessoas no edifício que reconheceram a descrição de Westmore, Seth e Gideon estavam vindo para se juntar a eles. Mas já que o transporte aéreo comercial não era possível, considerando que levavam os presos com eles caso fossem necessários para interrogatório, Gideon conseguiu que pudessem transportar Spark e Seton num avião particular... e pousar numa pista de pouso privada. O avião chegou uma hora atrás e levaram os presos para outra casa *Förmyndare* segura, junto com Liam Granger, que disse que poderia ficar enquanto seus primos precisassem dele. Quando Gideon ligou para informar a seu irmão que os prisioneiros estavam seguros, Ashe disse que finalmente avistaram Westmore e assim Gideon agarrou Seth e os dois neste momento estavam a caminho do café.

Remexendo-se na cadeira, Raine se inclinou pra frente para verificar a hora no relógio da torre histórica mal visível no final da rua, desejando que se apressassem para chegar lá.

E sim, sabia que era um mau sinal estar mais excitada pela chegada de Seth do que por estar prestes a encontrar Westmore. *O que estou fazendo? Preciso colocar minha cabeça no lugar*. Não importava o quanto estivesse de pernas pro ar com o macho humano inebriante, tinha que se lembrar do verdadeiro propósito para ela estar ali. Tinha que se lembrar das razões que a impulsionavam a ter sucesso com sua caça... a qualquer custo.

Sim, disse a McConnell que não estava tentando se matar e era verdade. Mas também estava disposta a fazer o que fosse preciso para ter sucesso... mesmo que custasse sua vida.

O único problema era que antes, a ideia de pagar esse preço em especial não parecia muito com um sacrifício. E agora... agora Raine não podia fingir que não havia algo fazendo com que quisesse ficar. Sobreviver. Isso estava gritando pelo seu crânio enquanto corria atrás de Seton, furiosa por estar disposta a assumir esse risco, quando de repente havia alguma coisa por que valia a pena viver.

Não tinha ideia do que era esse *algo* — mas cada parte dela insistia que era algo que só podia encontrar com McConnell. Exortando-a a encontrar uma maneira de desfazer o dano cometido antes. Mas não sabia como. Nem quando as coisas ainda estavam estupidamente complicadas entre eles.

— Lugar agradável que o Kraven arrumou. — Ashe murmurou, o ronco profundo de sua voz com seus tons ligeiramente britânicos de imediato tirando Raine de seus pensamentos incômodos. Ele se inclinou pra trás em sua cadeira, seus óculos escuros escondendo seus olhos de alguma forma conseguindo que ele parecesse tanto lindo quanto perigoso ao mesmo tempo. Um tipo lindo, sedutor e perigoso que sem dúvida tinha mulheres caindo aos seus pés onde quer que fosse. Dizia-se entre os clãs que a natureza complexa dos Deschanel era um delicado equilíbrio entre os aspectos claros e escuros do mundo, e os irmãos Granger eram ótimos exemplos.

Depois de tomar um gole de seu café, ele prosseguiu.

— Westmore deve ter poupado cada centavo por um longo tempo para pagar um imóvel tão privilegiado. Ou isso ou o Coletivo comprou para ele. E de acordo com Seton, o cara deve estar equipado com o top de linha da segurança.

— Qual o tempo de vida de um Kraven, afinal? — Perguntou ela, sem nunca ter dado muita atenção aos rumores que ouviu sobre a raça estranha e secreta.

Ele deu um suspiro áspero.

— Inferno, quem sabe? Dizem que alguns dos primeiros Kraven nascidos ainda vivem, apesar de suas mentes se deteriorarem ao longo do tempo. Só podem se reproduzir dentro de sua própria raça e muitos dos descendentes não sobrevivem. Não temos nem certeza de quantos anos Westmore tem ou quem são seus pais. Gideon fez um monte de investigação sobre ele no Tribunal Deschanel e não foi capaz de descobrir qualquer coisa que possa explicar sua obsessão com os Casus.

Antes que ela pudesse fazer outra pergunta, a garçonete de seios grandes do Café parou na sua mesa interrompendo a conversa... de novo. Ela disputava a atenção do vampiro desde que chegaram. *Posso pegar alguma coisa, signore? Mais expresso, signore?* Quando Raine sabia que o que ela realmente queria dizer era: *Gostaria de dormir comigo, signore? Vou fazer o que quiser, signore...*

— Aí, você e Seth, hein? — Ele resmungou, assim que finalmente conseguiu despachar a garçonete de covinhas. — Sinceramente nunca pensei que veria o dia em que um Deschanel se engraçasse com um ex-caçador de vampiros, mas Seth é um grande cara. Acho que será bom pra você.

Raine lhe enviou um olhar exasperado.

— Não somos um casal, Granger.

O vampiro deu uma risada rouca, sua boca sensual se curvando com um sorriso arrogante.

— Ele está ciente disso? — Ele perguntou arrastando as palavras e ela não tinha dúvida que se pudesse ver seus olhos estariam brilhantes com humor.

— A relação seria... impossível. — Ela empurrou as palavras de gosto amargo abaixo com um gole de café e tentou parar de olhar para a porta que dava para o Café.

— Inferno, se tem uma coisa que eu aprendi é que nada é impossível. Especialmente quando se trata de um homem que encontrou seu foco.

— Seu *foco*? — O olhar dela se moveu para as lentes escuras de Ashe. — Não entendo.

— Aquela coisa que ele precisa. Que *não* pode prescindir.

— Não é assim. — argumentou, mas ao invés de soar inflexível sua voz estava tipo suave e sonhadora. — Está errado... — ela sussurrou, odiando o quanto desejava que o vampiro estivesse *certo*.

— Não estou errado, Raine. — Seu sorriso era desequilibrado. — Mas pode dizer isso a si mesma se for mais fácil.

— Não posso ser seu... seu foco, ou como quer que esteja chamando. McConnell odeia vampiros.

Seus ombros levantaram naquele tipo de rolagem que só um cara com um corpo assassino podia fazer, os músculos ondulando sob o algodão escuro da sua camisa.

— Ei, as coisas mudam.

— Não, não mudam. — Ela parecia cansada agora, para não mencionar embaraçosamente amarga. — Pelo menos, não pra melhor.

Mais uma vez a garçonete voltou à sua mesa e então Ashe pediu mais dois cafés, bem como uma variedade de doces, seu maldito sorriso fácil perto de dar um ataque cardíaco na mulher. Raine olhou para o vampiro lindo do outro lado da mesa se perguntando por que não se apaixonou por ele em vez do soldado. Era engraçado, sexy e extremamente agradável aos olhos. Tudo seria muito simples se pudesse apenas olhar para ele e sentir aquela centelha de tirar o fôlego que a iluminava sempre que McConnell entrava numa sala. Ashe não a faria ansiar por coisas que não podia ter. Não a retorceria em nós emocionais. Poderia usá-lo para uma aventura... e felizmente se deixaria ser usado.

Inclinando a cabeça pra trás, seu olhar aparentemente focado no toldo rústico do Café, ele disse:

— Não posso acreditar que estou dizendo isso, mas nem sequer pense nisso.

Ela riu baixinho e não se incomodou em negar a direção que seus pensamentos tomavam.

— Muito patético? — Perguntou ela.

Ele passou a língua nos dentes brancos quando abaixou a cabeça.

— Não... e esse é o problema. Eu a tomaria todo feliz e sem dúvida acabaria por mantê-la. Mas o soldado arrancaria minha cabeça.

Sua boca se contorceu com um sorriso.

— Uau. Nunca pensei que veria o dia em que um *Förmyndare* ficasse com medo de um soldado do Coletivo.

Ele deu uma risada profunda e rouca, então deslizou um sorriso irônico.

— Não sou tão arrogante para não ser inteligente. Não há muitos humanos com que precise ser cauteloso numa luta, mas Seth está no topo dessa lista. — Sua cabeça inclinou um pouco de lado e apesar de Raine não poder ver seus olhos, sabia que estava olhando para ela. —

Mas se realmente me quer, eu me arrisco. O problema é que não sou quem você quer, querida. Só está fugindo do inevitável.

— E como sabe o que quero? — Ela não gostava de ser tão transparente.

Sua voz suavizou.

— Posso ver em seus olhos. Toda vez que olha para ele.

— Então devo ser masoquista — disse ela numa voz tensa —, apaixonada por um cara que odeia o que sou.

— McConnell não te odeia, Raine. E está errada sobre as coisas não mudarem. Não acho que seus problemas sobre sangue vão continuar depois de ver a forma como olhava você se alimentar do meu pulso. O pobre coitado estava verde de inveja. — Ele tomou outro gole de café depois coçou a mandíbula quando disse: — O que está acontecendo entre vocês dois não era de se esperar, mas não posso dizer que estou surpreso.

Sua testa franziu pela confusão.

— Não está?

— Não. O humano ficou estranho com você desde o início. Após seu resgate daquele Complexo, todos estávamos preocupados com você, mas ele... bem, poderia se dizer que era pessoal para McConnell.

— Acho que está exagerando. — ela murmurou, embora soubesse que estava certo.

— Sabe — Ashe falou devagar —, você estava estranha com ele, também.

Ela piscou surpresa, então, franziu a testa.

— Não estava.

— Sim? — Ele fez uma pausa enquanto seus cafés e doces eram entregues, mas no segundo que a garçonete saiu, ele disse: — Então me diga por que se recusou a se alimentar de qualquer outro macho no nosso grupo. A ideia deixou Seth louco, mas estava disposto a lidar com isso, a fim de deixá-la melhor.

Ofegante, ela perguntou.

— Como sabe disso?

— Porque quando estava no seu pior ele praticamente me implorou para forçá-la a tomar minha veia. — disse a ela. — Só desisti quando Juliana explicou que o sangue dele era tão potente quanto qualquer outro que pudéssemos dar a você, e você já estava se alimentando dele.

Juliana Sabin era uma das Deschanel exiladas na Wasteland, junto com sua família. Também era a razão por que foi capaz de sair daquele lugar horrível e todos tinham uma enorme dívida de gratidão. Não que Ashe jamais admitisse, considerando que ele e a pequena vampira constantemente brigavam.

— Não sabia. — disse ela com voz rouca, perguntando-se o que o comportamento de Seth queria dizer. — Só não queria chegar tão perto de um homem depois do que aconteceu.

Ashe deu um sorriso gentil.

— Mas deixou McConnell chegar perto de você.

Ela molhou os lábios e então falou rouca.

— Talvez tenha sido só porque sabia o que ele era, um homem que odiava vampiros. Talvez soubesse que não arriscaria tentar me tocar.

Seu peito se sacudiu pelo riso sem fôlego.

— Sim e talvez eu seja uma princesa fada de merda. Encare isso, Spenser. Teria que ser cega para não perceber a maneira como ele olhava para você. Mas mesmo assim confiava nele.

— E se o fiz? — Ela retrucou, suas emoções um caos. — O que diabos isso significa?

— Só você sabe a resposta para essa pergunta. Mas descobri isso rápido. Um cara tem certo olhar quando está no fim de sua paciência. — Como se convocados por suas palavras, Seth e Gideon entraram pela porta do Café até o pátio. Ashe deu uma olhada no rosto do soldado e sorriu. — E, doçura, McConnell definitivamente tem esse *olhar*.

Enquanto se dirigiam para a mesa os dois homens pareciam exaustos, os olhos cansados e escuros, mas podia ver o que Ashe falava. A expressão de Seth parecia particularmente triste, como se estivesse preso numa situação difícil sem nenhuma solução viável. Mas estava ainda mais sexy, a coisa mais deliciosa que já pôs os olhos. As manchas escuras sob o olhar duro só acentuavam o verde hipnotizante de seus olhos, a barba dourada de um dia no queixo brilhando sob o sol italiano, pedindo o toque de seus dedos. E a boca firme... Deus, queria beijá-lo tanto que mal podia ficar sentada, o desejo de saborear seus lábios como uma necessidade física pulsando pelo seu corpo.

Pela primeira vez desde que se conheceram, Raine de repente se perguntou por que não podiam ter se encontrado mais *cedo*, antes dela estar partida em pedaços. Antes das partes que sabiam como encontrar a felicidade e prazer estivessem marcadas pelo ódio e essa necessidade de vingança a consumindo.

E, no entanto, *gostou* do aconteceu entre eles naquele quarto de hotel em Berlim. Mas sinceramente, a quem estava tentando enganar? Gostou de cada vez que a tocou. Cada vez que a beijou... debaixo dele, com a boca perversa a virando do avesso pelo êxtase, *aquilo* foi o melhor. E queria mais. Queria tudo, tudo que pudesse lhe dar... tudo que pudesse fazer com ela. Pelo menos era isso que queria até o momento que suas presas se liberaram e viu seu olhar devastador. Embora Raine soubesse que machucaria se encontrar numa situação tão horrível, a dor que inundou todo seu corpo foi chocante, como se alguém a atingisse no peito e apertasse, deixando seu coração ensanguentado e esmagado.

Deus, pensou ela, tremendo pela confusão. *Estou uma bagunça*.

Pouco antes de Gideon e Seth chegarem à mesa, ela disse.

— A propósito, sei que não sou quem você quer também. Então não, não ficaria realmente tentado, Ashe. Mas foi legal da sua parte dizer isso.

O vampiro ficou tenso com as palavras suaves e sabia que se perguntava o quanto ela sabia sobre sua vida pessoal, mas não teve tempo para questioná-la antes que seu irmão batesse no seu ombro e sentasse à sua direita, enquanto Seth sentava à sua esquerda.

Seth deu um rude Olá, então começou a veicular a informação nova que ele e Gideon foram capazes de extrair de Seton sobre a segurança no apartamento de Westmore, agindo como se não estivesse nem um pouco afetado pela sua presença. Mas Raine sabia que não estava tão calmo quanto parecia. Podia ouvir o barulho de seu pulso, o coração batendo forte e rápido, seu

corpo queimando com ondas selvagens de calor. E também a maneira como se mantinha flexionando as grandes mãos cheias de cicatrizes nos braços de sua cadeira, como se estivesse tentando impedi-las de apertar... ou agarrar alguma coisa. *Ou alguém...*

Embora Raine soubesse que era errado, daria qualquer coisa naquele momento para ser capaz de ler sua mente, mas ele permanecia teimosamente bloqueado para ela. Era tão frustrante nunca ser capaz de ver quem mais queria ler e seus músculos se enrijeceram pela frustração.

— Não posso acreditar que este é o lugar. — ele murmurou, tomando um gole da cerveja que trouxe com ele, obviamente pegando a garrafa gelada no bar do Café. — Garrick e eu ficamos na cidade há três semanas procurando Westmore, mas a pista acabou no frio. Então ouvi dizer que foi visto em Budapeste, assim nos dirigimos para lá.

— Falando de Garrick — Ashe murmurou —, o que está acontecendo com ele? Kierland me disse que teve algum tipo de emergência familiar.

— Seu pai teve um ataque cardíaco, então precisou ir para casa. Quando falei com ele esta manhã me disse que os médicos não acham que seu pai vai superar.

— Isso é terrível. — disse ela se sentindo horrível por Garrick.

— Sim. Seu pai é um bom cara. Espero que supere isso.

Raine podia dizer pelo tom de voz de Seth que estava realmente preocupado. Seus dedos coçavam para alcançá-lo e tocar seu braço oferecendo conforto, mas lutou contra o impulso, sentindo-se muito insegura de si mesma. Impossível não adivinhar tudo que ela pensava... tudo que sentia, pois tudo ainda era tão novo e desconhecido.

Claro, isso não evitava que sua simples presença a deixasse no fio da navalha do desejo, seus sentidos embebidos nele, como se estivesse absorvendo os dados sensuais através de sua pele. Sentia-se presa, inquieta, batendo o pé enquanto tentava acalmar o inferno dentro dela.

— Então. — disse Gideon entre uma mordida no doce apontando para o prédio de Westmore. — Acham que será muito difícil chegar a Kraven?

— Acho que poderia ser mais fácil do que pensa. — Raine ofereceu. — Não fui capaz de ler ninguém no andar de cima, então acho que Seton estava dizendo a verdade quando disse que Westmore está sozinho. O que significa que se passarmos sua segurança teremos uma chance clara com ele, bem como os Marcadores.

— Não gosto disso. — Seth murmurou. — Não parece certo. É muito paranoico para ficar sozinho por conta própria.

Gideon deu de ombros.

— Mas ele não tem muita escolha, não é? Não quando sabe o que Raine pode fazer.

Ashe falou:

— Vamos precisar agir rapidamente. Deve estar ficando ansioso considerando que não teve notícias de Seton. Se passar de hoje à noite poderia tentar fugir e não podemos arriscar perdê-lo ou aos Marcadores.

Conversaram um pouco mais e decidiram que os irmãos ficariam e manteriam um olho em Westmore, enquanto Seth levava Raine a uma pousada para que pudessem ter algumas horas de sono. Em seguida se encontrariam novamente mais tarde e fariam seus planos para a noite.

Depois de dizer adeus Raine seguiu Seth para fora do Café, usando a saída de trás para evitar ser vista pelo Kraven, se estivesse vigiando a rua. Uma vez fora Seth se dirigiu a um reluzente jipe preto.

Nenhum deles falou enquanto ele guiava o carro pelas ruas estreitas, a tensão entre eles tão espessa que pesava em seus pulmões como o ar úmido do Mediterrâneo. Quando finalmente entrou num estacionamento em frente a uma pequena vila branca situada na extremidade de uma pista coberta e cercada por um jardim, com uma cerca selvagem de flores, ela perguntou:

— É esta a pousada?

Ele desligou o motor e passou a língua nos dentes, olhando através do pára-brisa dianteiro.

— Não. Esta é a casa segura onde deixamos Seton e Spark.

— Pensei que estávamos indo para uma pousada. — disse ela, seu tom tenso. — Não quero ficar aqui. — A ideia de dormir embaixo do mesmo teto que Seton fez sua pele arrepiar.

— Não vamos ficar aqui, Raine.

Pânico começou a rastejar pelo seu sistema.

— O que está acontecendo?

— Seton nos disse a verdade sobre a localização de Westmore, o que significa que provavelmente contou a verdade sobre os sistemas de segurança também. Temos tudo que precisávamos dele.

Ela podia dizer pelo seu tom que algo não estava certo e sussurrou seu nome.

— *Seth?*

— Não vamos ficar aqui muito tempo, prometo. — disse ele saindo do carro. Um momento depois ele a apresentou a Liam, que saiu para encontrá-los na varanda da frente. Poderia facilmente ver a semelhança do cara com os irmãos Granger, apesar de Liam ser um bocado mais jovem com cabelos mais claros. Quando seguiram Liam para dentro da casa ele deu uma atualização a Seth sobre Spark e Seton, explicando que precisavam de outra rodada de sedativos se quisessem mantê-los fora de combate. Seth agradeceu o vampiro por manter um olho nas coisas e em seguida se virou para Raine. — Preciso descer por um instante. É só esperar aqui com Liam.

Ele não esperou a resposta, girando e descendo uma escada estreita, escondida num canto da sala. Infelizmente Raine nunca foi boa em cumprir ordens e assim que Liam saiu para a varanda da frente para fazer uma ligação — sem dúvida querendo deixar os Grangers saberem que Seth retornou à casa segura — ela seguiu o soldado descendo as escadas.

Não demorou muito para encontrar a sala onde Seton e Spark estavam confinados. Estavam ambos presos pelos punhos em cadeiras de metal que foram colocadas de costas uma para a outra no centro do piso, de modo que não podiam ver um ao outro. As celas alinhadas nas laterais da sala tristes mas limpas. E no momento, vazias. Não havia outros prisioneiros, exceto os dois acomodados nas cadeiras.

Seth ficou na frente de Seton, os braços cruzados enquanto olhava zombeteiro para o Casus. Ela não fez nenhum som, mas de alguma forma o humano sabia que ela estava lá à espreita na soleira da porta.

— Raine — disse ele em voz baixa —, volte lá pra cima.

— Não.

Ao som de sua voz Seton virou a cabeça de lado com a boca subindo num sorriso lento e cruel.

— Quer saber algo doce, querida? Westmore me contou um segredinho antes que eu partisse. Parece que da próxima vez que puser suas mãos em você, finalmente vai provar um pedaço da torta psíquica. Já era hora dele provar. Sei que vai levar um chute quando sentir o poder dentro de você.

Um som gutural rasgou a garganta de Seth, que lembrava um Lycan e ele bateu com o punho no rosto do Casus, a pele se abrindo, o sangue do monstro fluindo quente e livre. Mas não o calou. Seton cuspiu dois dentes, depois sorriu.

— Pode fazer o que quiser comigo, humano. Mas isso não vai mudar o fato que ela foi a última garota que fodi antes de morrer. — Ele deslizou para Raine um sorriso afiado. — E quando eu voltar será a primeira.

— Não se fizermos isso direito. — Seth rosnou, enviando um olhar sombrio em direção a Raine. Ela veio em sua direção, segurando sua mão quando ele disse. — Me dê o Marcador.

Seus olhos se arregalaram quando olhou para ele, quase não acreditando no que ele disse.

Sua voz profunda vibrava com autoridade.

— Agora, Raine.

Seus dedos pareciam paralisados quando pegou a cruz do seu bolso e a colocou em sua mão estendida. Não podia acreditar que ia realmente usar o Marcador para destruir o Casus, seus pulmões apertados ao vê-lo com a cruz metálica na palma da mão direita apontada para Seton. Podia acreditar menos ainda que não estivesse discutindo com ele sobre o direito ser dela. Sim, precisava ser a que exigia punição por tudo que Rietta sofreu nas mãos desses bastardos sádicos, mas... sentia de alguma forma *certo* que McConnell trabalhasse com ela. Que a ajudasse a carregar a cruz.

Mas será que isso vai me mudar? Vou enfraquecer se compartilhar isso com ele? Pensou com uma careta, de repente querendo alcançá-lo e arrancar o Marcador dele. Mas já era tarde demais. Seu braço musculoso já estava brilhante, suas veias salientes sob o brilho dourado da sua pele segurando o Marcador apertado.

Com um olhar feroz de determinação, agarrou o encosto da cadeira de Seton e o puxou pra longe da que prendia Spark, dando-lhe espaço para ficar atrás do Casus. Apertando sua mão esquerda no cabelo de Seton, empurrou a cabeça do Casus pra frente, expondo a base de seu crânio quando rosnou:

— Está indo para o inferno, seu filho da puta.

Embora não tentasse lutar para fugir, o olhar azul-gelo de Seton queimava com ódio enquanto olhava do outro lado da sala para Raine.

— E assim que Calder colocar suas mãos em você, caçador... bem, vamos apenas dizer que vai se juntar a mim.

— O que quer dizer? — Raine exigiu. As palavras de Seton eram mais do que apenas uma ameaça vazia. Parecia que realmente tinham um *plano* para Seth. Mas antes que o Casus pudesse responder sua pergunta Seth encostou a mão na nuca de Seton, tirando um grito gutural da garganta do monstro. Em segundos o braço de Seth estava envolto em chamas, essas se espalhando rapidamente pelo corpo do Casus.

Quando Seton foi reduzido a nada mais que uma pilha fumegante de cinzas Seth deu um passo atrás, seu corpo encharcado de suor, cada músculo enrolado e pronto pra batalha, sua expressão uma intenção sinistra quando voltou sua atenção para Spark. A assassina piscava enquanto ele se movia diante dela e foi a única vez que Raine viu o rosto da mulher sem cor, seus olhos verdes arregalados de medo.

— Não. — Spark sussurrou, balançando a cabeça.

Seth apertou sua mandíbula enquanto guardava o Marcador no bolso... então sacou a arma. Raine tentou ler o olhar em seus olhos, mas estavam escondidos por seus cílios baixos.

— Por favor! — Spark ofegou, lutando contra seu aperto. — Estou implorando, não! Não quero ir para o inferno!

— É onde você pertence. — ele murmurou soltando a trava da arma.

— Isso não é verdade. — A voz da assassina quebrou quando olhou para ele. — Você não... não sabe o que me deixou desse jeito. Não sabe o que fizeram comigo. Por que me tornei o que sou.

— Desculpas neste momento são inúteis, Spark. Podia ter ajudado Raine quando estava no Complexo Westmore, mas não o fez. Estava disposta a deixá-los estuprá-la novamente... e novamente, ao invés de desobedecer a porra das suas ordens!

— E por que eu deveria ajudá-la? — Gritou ela com a voz embargada de lágrimas. — Ninguém nunca *me* ajudou!

— Foi estuprada? — Raine perguntou entrando no quarto. Seth olhou para ela, seu olhar a alertando para ficar atrás, mas o ignorou.

Spark baixou a cabeça tremendo, parecendo menor que nunca. Mais frágil. Quebrável. Então deu um aceno de cabeça, uma sacudida rígida.

Se Raine achava que a informação suavizaria a determinação de Seth, estava errada.

— Seu passado não é desculpa para as escolhas que fez, Spark.

— Não mesmo? — A assassina sussurrou levantando o olhar para ele, seu rosto pálido com lágrimas. — Tive intimidades com você, McConnell. E li seu arquivo na sede do Coletivo. Sabe alguma coisa sobre o que é ser torturado, não é? Sabe como podem foder com sua mente.

Ele conseguiu apagar sua expressão, mas não antes que Raine visse um vislumbre da dor que o esfaqueou e parecia pálido sob a onda de raiva queimando pelas maçãs do seu rosto. Apertou a mandíbula, as narinas queimando quando deu uma lenta e profunda inalada, seu olhar fixo em algum ponto distante no chão. Ela engoliu em seco, precisando ajudá-lo... saber o que ele escondia, mas não conseguia lê-lo agora mais do que podia antes. Então voltou sua atenção para alguém que podia ler... e focou em Spark.

Levou um tempo para abrir caminho através da raiva e do medo da assassina, mas Raine finalmente conseguiu buscar essas memórias que sempre evitou propositalmente, sabendo o

quanto machucaria ver Seth e esta mulher juntos. Mas no momento a determinação a cobria e procurou as coisas que precisava saber... procurou até que encontrou. Não havia ordem no caos. Apenas explosões violentas de imagens e palavras. Viu a cruel e brutal cicatriz que cobria sua virilha, seu coração se partindo enquanto encontrava em Spark as informações que descobriu em seu arquivo. Ele foi torturado pelos Deschanel renegados que atacaram sua família, a cicatriz foi causada por dentes que rasgaram seus órgãos sexuais... repetidamente.

Era impossível imaginar o quanto foi dolorosa e horrível a experiência para ele. Raine se sentiu balançando e teve que estender a mão apoiando sua mão na parede, seu estômago revirando enquanto tentava processar as horríveis imagens que Spark viu no arquivo. Fotos de jovem McConnell que foram tiradas no local do ataque. Outras depois que chegou ao hospital e os médicos do Coletivo lutaram para deixar seu corpo quebrado em ordem novamente.

Deus, não admira que o homem não pudesse suportar a visão de suas presas.

E não pode evitar se lembrar de como ele diminuiu as luzes naquele quarto de hotel em Berlim. Como a impediu de segurar seu pênis. Não queria que ela soubesse.

Spark finalmente falou de novo, interrompendo o silêncio sufocante.

— Não sou diferente de você, McConnell. E considerando que sua namoradinha também está à caça de sangue, não sou diferente dela também.

Ele exalou um sopro áspero, em seguida lentamente levou seu olhar de volta para a assassina.

— O que aconteceu com você foi errado se estiver mesmo falando a verdade. Mas não importa. Não poderia ser igual a Raine mesmo se tentasse. Ela só machuca aqueles que destruíram uma vida inocente. Você feriu aqueles que *eram* inocentes.

— E você não?

— Espero que não. Mas se o fiz, pelo menos agi pensando que estava fazendo justiça. Você realmente fez isso pra se divertir. Deixou seu ódio te consumir. Você o deixou ganhar, Spark.

— Não me chame assim. — ela cuspiu, lutando com mais força contra suas amarras. — Meu nome é Elizabeth!

Ele não respondeu quando levantou a arma e Raine gritou:

— Seth... *não!*

Ele lhe endereçou um olhar severo.

— Ela merece morrer.

— Ela merece ser *punida*... mas não quero seu sangue em suas mãos. Apenas... prenda-a. Deixe os Sentinelas decidirem o que fazer com ela.

— Ela merece mais do que isso, porra.

— Estou implorando, Seth. Por favor. Por mim.

Ele olhou de volta para Spark e ela e Raine se encolheram, achando que ele puxaria o gatilho. Mas não puxou. Em vez disso baixou a arma ao seu lado.

— Oh, Deus. Obrigada. — sussurrou a assassina, cada milímetro de sua arrogância desaparecida.

— Não me agradeça. — ele murmurou. — Agradeça a Raine. Fiz isso por ela. — Então se virou e passou por ela saindo da sala e Raine rapidamente o seguiu. Ele disse a um Liam de olhos arregalados para colocar Spark numa cela, então saiu. Uma explosão de raios se via à distância quando pisou na varanda, uma violenta tempestade soprando e parou para alcançar o bolso, retirando o Marcador. Sem uma palavra, devolveu a cruz para ela.

— Ele poderia ter nos dado mais informações. — disse ela suavemente, olhando para seu perfil austero. — Por que o matou, Seth?

— Porque ele te feriu.

Ela estremeceu enquanto descia os degraus da varanda, percebendo que ele não diria mais nada. Essas quatro palavrinhas eram a totalidade de sua justificativa. Parecia tão... estranho, a maneira como podiam ter um impacto tão grande.

Ainda mais estranho que parecesse estar dizendo algo mais.

Capítulo 15

O soldado matou por ela. Brutalmente. Sem piedade ou hesitação.

Raine percebeu que deveria estar horrorizada por um ato tão primitivo, mas seria uma reação humana. E não era humana. Era uma *Desch-lacea* e, como tal, reconhecia tanto a finalidade como o sentido do que Seth fez.

Ele também ouviu seu apelo para poupar a assassina, o que parecia igualmente comovente, e a determinação de Raine em manter distância dele estava se desfazendo como um carretel de linha. Deus, como podia ficar longe quando tudo que queria era estar perto dele?

Fizeram o caminho para a pitoresca pousada que ele escolheu em silêncio, mas inclusive agora continuava com olhares furtivos pra ela do outro lado da suíte, como se tentasse avaliar seu humor. Provavelmente achava que estava chateada pelas coisas que Seton disse sobre ela, mas esse não era o motivo por que se sentia retorcida com preocupação. Sim, as palavras do Casus foram inquietantes e desagradáveis, pra dizer o mínimo, mas estava mais chateada pelo que Seton disse sobre Seth... e pelo que viu nas memórias de Spark. Por que Spark leu o arquivo de Seth. As coisas que foram feitas a ele quando era apenas um menino.

— Podemos falar agora? — Perguntou a ele, incapaz de manter o pesado silêncio um segundo mais.

Ele passou a mão pelo rosto cansado, parecendo refletir sobre a questão. Eventualmente, murmurou.

— Ainda estou chateado por causa da noite passada, Raine. Não acho que aproveite muito minha conversa no momento.

Compelida a ver seus pensamentos ela disse:

— Então vamos falar sobre a noite passada.

Ele a olhou com um olhar perspicaz a medindo, em seguida deu um daqueles acenos semelhante aos Lycan.

— Certo. Só por curiosidade mórbida, como pretendia lidar com Seton em Berlim se eu não pudesse encontrá-la? Será que planejava usar suas garras para cortar os pulsos? Enfurecê-lo ao ponto que perdesse o controle e ele mesmo a matasse?

Ela se virou e caminhou até uma das janelas da sala que foi deixada aberta, um conjunto de rústicas persianas de madeira com ripas inclinadas, permitindo que uma brisa fresca fluísse para o quarto, junto com os quentes aromas ricos do jardim repleto de flores.

— Não precisaria fazer nenhuma dessas coisas. Existem diferentes níveis de transe que um Alacea pode entrar. Se quisesse podia simplesmente me colocar num dos níveis mais profundos. Sem outro Alacea lá para me trazer de volta, não teria sobrevivido. — Ela empurrou as mãos nos bolsos das calças cargo e se virou para ele. — Mas apesar do que disse pra você na noite que me achou eu não teria me matado, Seth. Não quando Westmore ainda está respirando... e os Marcadores ainda estão em sua posse.

— É interessante você citar isso — respondeu asperamente —, já que estive pensando nisso.

— Pensando no quê?

— No modo como planejou matar Westmore e obter esses Marcadores. Quero dizer, não pode lê-lo ou à Seton, então não é como se pudesse monitorá-los como vem acompanhando os outros Casus. Se não conseguíssemos capturar Seton e fazê-lo falar acho que só haveria uma maneira que teria planejado para chegar até eles. Deixaria que a capturassem, não é?

— Pode ser. — ela murmurou, não admitindo nada. — Mas o que faria sobre os Marcadores?

— Kellan me disse que alguns de seus chips de rastreamento caseiros desapareceram. Se olhasse em suas coisas acho que os encontraria.

O cara era bom, tinha que admitir. Mas não gostava de como podia facilmente entrar em sua cabeça e levantou a sobrancelha num arco cínico.

— É esta a parte onde me chama de estúpida e suicida de novo?

Ele enfiou as duas mãos pelos cabelos curtos, ombros e braços engrossando com os músculo tensos.

— Não vou gritar com você. — Estava tenso, as palavras controladas como se estivesse fazendo um esforço para parecer calmo. — Só... não entendo porque está tão disposta a jogar sua vida fora. Sei que passou pelo inferno, que perdeu sua irmã, mas... Cristo, Raine, você sobreviveu. Por que não pode simplesmente dar um passo atrás e me deixar ajudá-la?

— *Estou* deixando você me ajudar.

Ele olhou para ela com os olhos apertados, seu olhar indagador, a tensão evidente nas linhas sombrias de sua expressão.

— Quero que pare de assumir riscos estúpidos com sua vida.

— Não os considero estúpidos, Seth. Vejo-os como necessários. — Um leve sorriso tocou seus lábios, sua voz suave quando disse: — E apesar de ter ficado puta com você quando reivindicou o Juramento, aprecio o fato que esteja comigo agora.

— Nunca vai parar, não é? — Ele deu um suspiro cansado e caiu de volta contra o armário antigo atrás dele, uma cama alta de dossel à sua esquerda. — Juro que nunca conheci uma mulher tão louca como você, Raine. Ou tão corajosa.

Assim que as palavras roucas deixaram sua boca ela pôde sentir a cor se espalhando por seu rosto.

— Por favor, não diga isso.

— Por que não? — Ele murmurou, rolando seu ombro. — Pode me levar para o fundo do poço, mas é verdade.

Para seu horror lágrimas encheram seus olhos, a parte de trás de sua garganta queimando enquanto fungava.

— Espere um minuto. *Agora* você chora? — Suas sobrancelhas se juntaram e ele balançou a cabeça. — Que diabos eu disse de tão ruim?

— Não quero falar sobre isso. — ela sussurrou, perguntando se já se sentiu como uma idiota.

— Jesus, Raine. Qual é? — Sua voz era crua. — Tem que me dar algo.

Ela soluçou ainda mais, incapaz de controlar as lágrimas, a boca trêmula enquanto a cobria com a mão. Sufocando uma maldição forte se desencostou do armário e se dirigiu a ela, o piso rústico rangendo embaixo dos seus pés enquanto feixes nebulosos de luz solar se esgueiravam pelas persianas, pintando seu corpo em tiras iridescentes douradas. Ele parecia tão grande, forte e sólido que só queria rastejar pra dentro dele e se esconder do mundo. Só queria se perder no prazer e sexo, matando a fome do seu corpo por ele novamente... e novamente, mas agora sabia que não podia. Não quando ele achava que ela era algo que não era.

— Não. — ela sufocou, quando ele tentou alcançá-la. — Não confio em mim mesma com você.

— Besteira. Confiou em mim para te encontrar, Raine. Pra te trazer de volta.

Ela levantou a cabeça, olhando para ele através de um véu de lágrimas salgadas.

— Isso é diferente.

— E *isso* é apenas mais besteira. Confiança é confiança.

— Seth, eu... — Ela parou com medo de dizer que estava apaixonada por ele. Que não conseguia parar de pensar nele. Não conseguia parar de *querê-lo*. O tempo todo que viajou para a Itália com Ashe tudo em que foi capaz de pensar foi no que aconteceu entre ela e Seth naquele maldito quarto de hotel em Berlim, as memórias eróticas do jogo constante arruinando seu corpo e emoções.

Engolindo o pesar em sua garganta se forçou a dizer:

— Há coisas que não sabe sobre mim. Coisas que fariam diferença entre nós. E é por isso que eu... não acho que deveríamos fazer isso.

— Droga, Raine. Não vou te atacar. — Seu peito subia e descia com suas respirações irregulares. — Só quero te abraçar. Quero encontrar uma maneira de ajudar a consertar as coisas.

— Não há nada que possa fazer.

Seu olhar entrecerrado queimou com determinação.

— Está errada. Vou te abraçar e fazê-la se sentir melhor. Pode haver um monte de coisas que não posso fazer, *mas posso fazer isso*. — A intensidade sombria de sua voz a fez tremer, uma onda de calor subindo pelo peito queimando sob a pele. — Posso estar aí pra você, se me deixar.

— Por que está fazendo isso? Não... não faz nenhum sentido.

Ele levantou a mão como se fosse envolvê-la em torno de seu pescoço, em seguida fez uma pausa, o olhar afiado caindo no cabelo. Estudou o rosto dela, viu a tensão ali e lentamente baixou a mão, apertando-a ao seu lado. — Quando a encontrei no Complexo Westmore sabia que seria importante pra mim. — As palavras roucas eram ásperas e baixas. — Não conseguia explicar e não sabia como, mas sabia que era verdade. E agora? Agora, só estou tentando descobrir. Mas você continua me empurrando pra longe.

Sua frustração queimou.

— Só estou te afastando porque não sei mais o que fazer.

— E o que acha que devo fazer? — Um resfolegar amargo. Em seguida um movimento rígido de seus ombros. — Isso... o que diabos esteja acontecendo entre nós... esse tipo de merda não é normal para mim, Raine.

Suavemente ela disse.

— Sei disso.

— Então me ajude a lidar com isso. — suplicou ele, um vinco profundo gravado entre suas sobrancelhas.

Seu coração girou dentro do seu peito e se não fosse por sua culpa teria se jogado aos seus pés e implorado por uma chance de... qualquer coisa. O que quer que pudesse obter. Mas não podia mudar quem era ou as coisas que fez. Não era possível abandonar... o medo ou a vergonha. — Somos muito diferentes, Seth.

— Quem se importa? Sim, temos muita merda para trabalhar, mas qual casal não tem? — O verde dos seus olhos queimava com a força selvagem de sua frustração. — Droga, Raine, você é corajosa o suficiente para nos dar uma chance. Sei que é.

Ela molhou os lábios trêmulos.

— É exatamente isso. Não sou corajosa.

— O inferno que não é. Não conheço ninguém, homem ou mulher, que passasse pelo que passou sem deixar que esses bastardos a quebrassem.

— Deus, não diga isso. — Ela não pode segurar uma nova torrente de lágrimas. — Não tem ideia de como está errado.

— Não estou errado. É a verdade.

— Não, *não é* a verdade. A verdade é que me enganei! — Ela gritou, completamente perdida enquanto chorava mais. Ele parecia ferido pelas lágrimas caindo pelo rosto, uma maldição gutural em seus lábios quando finalmente a agarrou, puxando-a contra seu peito e passando os braços poderosos ao seu redor num abraço forte e possessivo.

— Sei que não quer ser abraçada, mas preciso te segurar. — ele grunhiu, seu batimento cardíaco embaixo do seu ouvido enquanto ela cedia e enfiava a cabeça sob o queixo dele,

puxando uma respiração vertiginosa do seu perfume. — Então enquanto estou fazendo isso, por que não explica o que entende por engano?

Ela balançou a cabeça tremendo, as mãos em punhos nos quadris.

— É muito embaraçoso.

— Raine, o que aconteceu com você — respondeu asperamente, pressionando um beijo carinhoso contra o lado do seu cabelo —, não é algo para se envergonhar.

— Sei disso. Quero dizer... não é como se pudesse tê-los impedido. Mas eu...

— Vá em frente. — ele a persuadiu, segurando-a com mais força.

— Tenho vergonha de como lidei com isso. — ela confessou, a voz embargada no final.

— O que quer dizer, querida?

Ela soltou um suspiro trêmulo e deixou as lágrimas ensopar o algodão quente de sua camisa, então disse calmamente:

— Usei meus poderes Alacea para entrar num transe Aldori. Basicamente isso significa que eu... fui embora. Separei minha mente do corpo. Realmente não me lembro dos estupros. Apenas pedaços, como quando puxavam meu cabelo.

— E é por causa deste transe que está envergonhada? — Ele perguntou num rumor profundo, rouco.

— Sim. — Ela rangeu os dentes com tanta força que doeu. — É horrível, não é? Quero dizer, que tipo de covarde se esconderia assim?

— Raine, você fez a coisa certa.

Ela enrijeceu pelo choque, afastando-se do seu peito para que pudesse ver seu rosto, embora ele mantivesse seus braços em volta dela.

— Como pode dizer isso?

— Porque te salvou.

— Mas a que preço? Fui tão... covarde. Tão fraca.

Um músculo pulsava em seu queixo, sua voz um som irregular entrecortado.

— Cristo, Raine. O que fez não é algo para se envergonhar. Isso a fez sobreviver.

— Não faz ideia de como os Deschanel veriam isso. — ela sussurrou. — Consideram fugir ou se esconder o último sinal de fraqueza e preferem morrer a se afastar de um confronto.

Ele fez um som denso de repugnância.

— Não dou uma merda como os vampiros vêem isso. Estou apenas grato que foi inteligente o suficiente para se salvar.

— Sim, eu me salvei. — ela resmungou. — Mas fiz minha irmã ser morta.

Seu olhar suavizou com compaixão.

— A morte de Rietta não foi culpa sua, Raine.

— Está errado. — argumentou, deixando cair a testa no peito dele. — Quando entrei mais fundo num transe não pude tomar as melhores decisões. Uma vez eu... menti para eles sobre a

localização de uma cruz, o que foi estúpido, já que era óbvio que perceberiam que menti quando não encontrassem o Marcador e nenhum Sentinela apareceu procurando por ele. Foi exatamente quando isso aconteceu que mataram Rietta para me ensinar uma lição. — Sua voz estava estranhamente vazia, o som lúgubre tão rouco que estava surpreso que pudesse até mesmo ouvi-la. Mas sabia que ele ouvia, seus músculos se contraindo em reação às suas palavras. — Então, tentei parar de entrar em transe depois disso, mas assim que puxavam meu cabelo era como se minha mente estivesse treinada para partir. E quando dava por mim estava deitada no chão, sangrando, incapaz de me lembrar do que aconteceu.

— Oh, anjo. — ele murmurou quando a esmagou contra ele, baixando a cabeça sobre a dela num abraço acolhedor. — Sei que deve ter doído como o inferno quando descobriu o que aconteceu, mas encontrou uma maneira de sobreviver, Raine. Isso é o que importa. Eles teriam matado Rietta de qualquer maneira porque não tinham nenhuma razão para mantê-la. E seu irmão também, se não fosse capaz de usar sua visão sobre Gregory para salvá-lo.

Apertando as mãos na frente de sua camisa, ela disse.

— Não apenas doía, Seth. Era como se a culpa me comesse viva. Eu me escondi de sua tortura e custou a vida de Rietta. E o que torna ainda pior é que ela nem sequer teve essa escolha. Era jovem demais pra se colocar num transe dessa profundidade, o que significa que não conseguiu se esconder como eu fiz. Tudo que sofreu foi por minha causa. Não há como você entender como isso me faz sentir.

Sua risada foi súbita e severa.

— Entendo melhor do que pensa.

Ela levantou o rosto para que pudesse ver seus olhos.

— O que quer dizer?

Sua boca se contorceu num sorriso sem graça quando a soltou e deu um passo atrás, empurrando as mãos nos bolsos.

— Existem coisas que não sabe da noite que minha família foi atacada.

— Olhei na mente de Spark na casa segura e vi o que ela leu em seu arquivo. — ela admitiu numa voz suave, piscando para limpar as lágrimas de seus olhos. — Eles torturaram você, não foi?

— Sim. — Tossiu para limpar a garganta, deslocando seu olhar para o lado quando murmurou. — Mas o que nunca contei a ninguém é que fui a razão pela qual vieram atrás de nós, em primeiro lugar. Os bandidos me viram na floresta perto da nossa casa lutando contra outro garoto da minha escola que batia no meu melhor amigo. O cara era mais velho que eu e maior também, mas continuei na luta até que finalmente o derrubei e os vampiros pensaram que seria divertido se alimentar de um humano que não sabia quando parar. E assim como esperavam, lutei com eles o melhor quanto pude quando nos atacaram. Não tenho a menor ideia do que estava fazendo, mas consegui ferir alguns deles antes que me amarrassem a uma árvore no nosso quintal. E ainda continuei lutando.

Um trovão violento sacudiu as janelas quando fez uma pausa para exalar uma respiração áspera. Sua garganta apertou quando engoliu e depois ele continuou, sua voz áspera e crua quando disse.

— Então fizeram um jogo. Havia uma mulher no grupo e ela queria me foder enquanto os homens... faziam coisas em mim. Ela disse que se eu não aceitasse matariam minha irmã mais nova... que era a única que restava viva... do modo mais lento e doloroso que pudessem. — Suas pálpebras piscaram pela lembrança e Raine puxou uma respiração profunda, tentando se preparar para o que sabia que viria. — Lembro-me quando a arrastaram para o quintal. — respondeu asperamente, a voz forte pela dor. — Estava tão assustada e eu... queria me deter e apenas me entregar. Fazer qualquer coisa que quisessem e salvá-la. Mas eu... não podia. Apenas continuei lutando, tão furioso que não conseguia me controlar. E então tive que vê-los matá-la.

— *Seth*. — ela sussurrou, sua voz cheia de lágrimas. — Sinto muito.

Ele fez um som rouco e amargo e baixou a cabeça de volta sobre seus ombros.

— E quando terminaram de matá-la foram em frente e tiveram sua vez comigo. No momento que o Coletivo apareceu mal estava vivo. Descobri que estavam caçando os bandidos, mas chegaram lá muito tarde para mim e minha família. Passei dias inconsciente e quando finalmente acordei num dos hospitais do Coletivo, o primeiro pensamento que passou pela minha cabeça foi que se não tivesse lutado minha irmã poderia ser poupada.

Raine não podia acreditar que não viu isso em suas memórias, mas provavelmente deviam estar enterradas tão profundamente que teria que procurar.

— Sabe que não é verdade, *Seth*. Renegados não são previsíveis. Estão motivados apenas pelo instinto da fome.

— Mas nunca vou saber com certeza, não é? — Ele perguntou, baixando o olhar sombreado de volta para o dela.

Deus, ela foi uma cadela desde o início, sempre jogando seus problemas na sua cara quando ele vivia seus próprios pesadelos e tragédias. Vergonha corria pelas suas veias, fazendo-a se sentir mal. Não aguentava vê-lo com dor. Não podia ficar vendo-o comparar suas ações com as dela quando não tinha nada para se sentir culpado.

— *Seth*, o que fez... não teve escolha. Não pode controlar o que era uma reação natural. Lutou porque queria fazer os que machucaram sua família pagar pelos seus crimes. Mas *tive* escolha. Escolhi evitar o que aconteceu comigo e acabou causando a dor de alguém que amava.

— Não acha que eu faria a mesma coisa e entraria em transe, se tivesse opção? — Perguntou ele. — Pode acreditar em mim, lembro mais do que quero.

Ela balançou a cabeça com veemência.

— Acho que teria lutado até o fim.

— Raine, lutar nem sempre é a resposta. Minha irmã lutou e tudo que teve foi mais dor. Se pudesse fazer o que você fez teria implorado para que fizesse. Então basta confiar em mim quando digo que fez a coisa certa.

— Como pode ter tanta certeza? — Ela sussurrou, desfeita pela maneira como olhava para ela, como se fosse a coisa mais incrível que já viu.

— Porque se você não tivesse — disse com voz rouca, seu rosto apertando com emoção: —, eu poderia ter te perdido antes mesmo de te encontrar.

— Deus, *Seth*. Tem que parar de dizer coisas assim.

Suas narinas queimaram quando puxou uma respiração forte.

— Por quê? Acho que é exatamente o que precisa ouvir.

Abraçando a si mesma, ela disse.

— Mas não posso lidar com isso. Não agora quando há tanta coisa acontecendo. Estou sobrecarregada.

— Sei que as coisas têm sido um inferno pra você, mas não tem que passar por isso sozinha, Raine. Isso é o que venho tentando dizer o tempo todo. Se apenas precisa de alguém para te abraçar, para ser seu amigo, posso ser essa pessoa. — Sua voz caiu e havia um brilho perigoso em seu olhar quando acrescentou: — Mas não vou mentir e fingir que não estou morrendo de vontade de te foder... porque estou.

Uma explosão de riso ofegante a pegou desprevenida e usou a parte de trás do seu pulso para limpar o nariz.

— Bem, isso é direto.

— Só estou tentando ser honesto. — Seu tom era leve, mas seus olhos verdes queimavam com um brilho duro derretido.

— Ainda poderia te enlouquecer, Seth. Poderia até tentar machucá-lo novamente.

— Já sou grandinho, Raine. Posso cuidar de mim mesmo.

Ela olhou para ele através de uma névoa de lágrimas... tão tentada que podia sentir a força violenta e potente do desejo pulsando em cada célula do seu corpo. Palpitava em seus ouvidos e atrás dos seus joelhos. Nas dobras sensíveis de seus cotovelos e em seus mamilos... e mais profundo no interior, onde se sentia pesada, quente e dolorosamente vazia.

— E mais importante. — ele acrescentou — Nunca faria mal a você. Apesar do que já viu nas minhas lembranças, posso ser gentil. — Um sorriso brincalhão e sexy tocou sua boca. Inferno, posso inclusive deixá-la ficar por cima.

Seu coração trovejou quando ela nervosamente molhou os lábios.

— É... é isso que quer?

— A verdade? — Ele murmurou, levantando a mão. Segurou seu queixo enquanto ela balançava a cabeça, observando o movimento de seu polegar enquanto esfregava a ponta calejada em seu lábio inferior, pressionando-o no vinco central. — A verdade é que prefiro tomá-lo debaixo de mim, mas não acho que esteja pronta pra isso. E pode nunca estar pronta. — disse ele levantando o olhar, olhando-a bem nos olhos. — Mas quero você de qualquer forma que puder.

Quando Raine olhou para ele sabia que estava caindo sob seu feitiço, obrigada pelo desejo. Pela *necessidade*. Era impossível parar a avalanche de impulsos famintos ganhando dentro dela. Era como uma força selvagem da natureza rasgando por ela. Irrefreável. Incontrolável.

Ela não podia deixá-lo mudar o curso que traçou. A culpa não deixava. Mas isso não significava que não podia apreciar o tempo com ele que tivesse. Inferno, por que estava mesmo lutando ainda? Não precisava ver o futuro para saber que ela e esse homem acabariam na cama juntos. Parecia inevitável, como as marés e os ventos mudando e as rotações do mundo. Uma

verdade inexorável que não seria negada, não importa quantos obstáculos estivessem em seu caminho.

— Quero você, também. — disse ela sem fôlego agarrando seus ombros, querendo que isso acontecesse antes que pudesse surtar e mudar de ideia. — Então, só se apresse.

Ele deu um grunhido áspero, o som primitivo vibrando por ela quando reivindicou sua boca com um beijo sombrio e devastador. Estava quente e deliciosamente faminto, pondo em marcha seu desejo até um nível febril e ardente, seu corpo trêmulo pela necessidade desesperada de tê-lo contra ela. Dentro dela.

— Cristo, as coisas que quero fazer com você. — disse ainda segurando sua mandíbula com uma mão, enquanto a outra descia escorregando pelos quadris, puxando-a contra ele, o cume grosso de sua ereção preso no jeans pressionando o seu estômago.

— Quero fazer coisas com você também. — ela sussurrou beliscando seu lábio inferior. Mas enquanto tentava escorregar os dedos dentro da parte superior da calça jeans, ele rapidamente agarrou seu pulso e interrompeu o beijo.

— Antes de irmos adiante — ele disse, mantendo seu olhar perplexo — há algo que preciso dizer.

Capítulo 16

— Está tudo bem. — Raine sussurrou, acariciando o rubor quente em sua face com a mão livre. — Já sei sobre as cicatrizes.

Ela podia sentir seu corpo tenso quando baixou o olhar para ela.

— Viu isso na minha cabeça? O que fizeram comigo?

— Não. Mas peguei alguns vislumbres de Spark esta tarde.

Ele fechou os olhos, sua cor sumindo.

— Droga. — ele rosnou, soltando-a e indo em direção à janela. Ela se virou vendo como erguia as duas mãos no alto da moldura da janela, os braços e ombros tensos. — Nunca deveria ter tocado aquela mulher.

— Por que fez? — Calor subiu debaixo de sua pele enquanto dizia. — Não quero me intrometer e sei que não é da minha conta, mas ela não parece do tipo com quem normalmente se junta.

Seu tom era rude quando explicou.

— Foi há dois anos no aniversário da morte da minha família. Estava... no inferno, provavelmente bebi o suficiente pra me matar. Tive sorte que não consegui. Mas quando finalmente fiquei sóbrio me encontrei num quarto de hotel com ela. Não podia sequer dizer o que aconteceu. Não me lembro.

— Bom, pelo menos não fez nada louco tipo tatuar o nome dela no seu traseiro. — Ela murmurou, aliviada quando ele sacudiu os ombros com uma risada silenciosa. Raine sabia que ele

ia se virar em breve... esperava continuar de onde pararam, então rapidamente apagou as luzes, mergulhando a sala em sombras suaves enquanto os raios do sol sumiam, escapando entre as persianas. Precisava daquelas sombras para cobrir a evidência de suas próprias cicatrizes físicas, desesperada para fazer tudo que pudesse para evitar que o passado se intrometesse nesse momento.

Com seu coração martelando de excitação Raine se abaixou para tirar os sapatos. Quando se endireitou, Seth estava tirando sua camisa enquanto vinha na direção dela e estava quase babando enquanto olhava seu peito largo. Ele não estava mais usando curativos e até mesmo os vergões se curando que ela fez com suas garras pareciam incrivelmente sexy, mas odiava o fato que lhe causou dor.

Embora sua expressão fosse nada menos que grave, suas linhas duras e ângulos irregulares eram puro desejo que ardia em seus olhos quando a alcançou e esmagou contra ele, sua boca tomando a dela num beijo cru e dominador. Ele fez um som áspero que veio do fundo de sua garganta, o beijo se tornando explosivo enquanto suas grandes mãos percorriam seu corpo, acariciando rudemente suas costas e quadris, curvando-se em torno de sua bunda.

— *Preciso de você.* — ele rosnou baixo, um retumbar rouco erguendo-a contra a frente do seu corpo quando a levou para a maciça cama de dossel. Não lhe deu nem tempo para sentir pânico, arrasando sua boca com beijos profundos, drogando-a quando veio por cima dela, puxando a barra de sua camiseta preta e a empurrando por cima dos seios. Quando passou a camiseta sobre a cabeça, pegou um inchado mamilo coberto pela seda entre os dentes, a respiração entrecortada e áspera enquanto sombras escuras se aprofundavam, os sinos da igreja tocavam incisivamente em algum lugar distante enquanto o trovão ainda gritava e rolava. Seu sutiã rapidamente seguiu sua camiseta, sua boca quente fechando avidamente sobre um bico duro e sugando forte o bastante para arquear suas costas. Um grito agudo escapou de seus lábios quando Raine agarrou seus ombros poderosos, sua pele quente sob as palmas das mãos quando ele rosnou e se moveu para o outro seio. Seus lábios e língua talentosos criavam um sistema de sucção quente e requintado que a deixou ofegante, as unhas cravando em sua carne firme, seu corpo ansioso para sentir seus músculos ondulando pressionados contra ela.

Apenas viva o momento, ela pensou levantando seus quadris... implorando... buscando. *Basta viver o agora.*

— Quero você nua. — Sua voz estava trêmula e rouca, seu pulso correndo tão duro que era um rugido caótico em seus ouvidos. Ele engoliu outro rosnado visceral em sua boca quando rolou no colchão, arrancando cada um dos botões e zíperes, desesperado para alcançar a pele quente e nua. Raine fez sons guturais que nunca se ouviu fazendo antes, impulsionada por um desespero primitivo e violento de levá-lo para dentro dela — sentir seu corpo duro e grosso a enchendo e possuindo.

A tempestade se enfureceu, raios caindo lá fora, sacudindo as persianas quando ele se firmou acima dela nos cotovelos, os quadris presos apertados entre as coxas abertas dela. Ele revirou os quadris, esfregando seu pênis contra sua carne escorregadia e seu ventre escavou com uma respiração forte, seus músculos tremendo. Mas não estava com medo. Estava em chamas, precisando tanto dele que queria gritar.

— Não vou entrar em você ainda. — Sua voz era rouca e sombria, seu corpo estremeando enquanto lutava para se controlar. — Só quero sentir você.

— Isso é maravilhoso. — ela sussurrou, o cuidado dele fazendo seus olhos se encherem de lágrimas. O cara era muito bom pra ser verdade... mas caramba, ela não queria cuidado. Não agora quando sua aceitação de seus segredos mais sombrios e mais vergonhosos queimavam através de suas preocupações e medos, transformando-se em cinzas. Tudo que queria era que Seth McConnell perdesse o controle. Queria ver este homem magnífico reduzido ao mesmo desespero atroz que bombeava pelas suas veias, deixando-a louca. Alcançando entre eles, Raine envolveu a mão em torno de seu eixo e se assustou novamente do quanto ele era grande. Mas o queria demais para se preocupar. — Está tudo bem se eu te tocar assim? — Perguntou ela, de repente percebendo que ele estava completamente imóvel, sem mesmo respirar, seu rosto virado para que não pudesse ver sua expressão.

— Qualquer coisa. — ele rosnou e seus quadris socaram pra frente, forçando sua mão a deslizar abaixo pelo comprimento quente e grosso. — Só... só não a boca.

Oh... Embora ela nunca fosse dessa coisa toda de sexo oral, naquele momento Raine queria tanto partir pra cima dele. Queria lhe dar prazer e sentir a pele quente e sedosa contra os lábios. Queria a cabeça esticada e lisa empurrando contra sua língua. Mas não queria fazer nada que trouxesse de volta suas próprias memórias horríveis, então se satisfaz em tocá-lo. As marcas grossas de tecido cicatrizado pressionavam a palma da sua mão, seu coração se partindo e pensou no quanto isso devia ter doído quando os vampiros invasores o torturaram com suas mordidas. Deus, não admira que igualasse a alimentação com dor — e já não podia culpá-lo por sua reação quando viu suas presas. Suas recordações ainda o perseguiram e estaria mentindo se dissesse que não entendia.

— Porra, Raine. Não posso esperar. — Ele rapidamente se soltou do seu aperto, sua voz mais rascante do que jamais ouviu. — Tenho que estar dentro de você. *Agora.*

— Então role para que eu possa ficar em cima. — Embora não estivesse com medo, não queria correr nenhum risco. Se pudesse ficar em cima estaria no controle.... Enquanto se abaixava e empurrava dois dedos longos dentro dela, preparando-a para o seu corpo, ele esfregou os lábios em seu rosto corado, enchendo de calor sua pele.

— Não vai se assustar.

— Parece muito certo.

— Tenho certeza disso. — Ele colocou o rosto acima do dela para que pudesse ver seus olhos quando fez uma coisa perversa com os dedos que a fez tremer e suspirar. — Pretendo mantê-la tão ocupada gozando que não será capaz de pensar em nada, exceto em como é bom. — Seu peito tremia com um riso macio, enquanto ela corria as palmas das mãos pelas costas, em seguida sobre seu traseiro firme.

— Você é tão arrogante, McConnell. — Seus olhos enrugaram de maneira sexy nos cantos enquanto olhava para ela.

— Só algumas partes.

— Bom, gosto de *todas* as suas partes. — disse a ele, alisando com as mãos os seus lados, seus músculos bem definidos num pacote bem forte. Não havia pânico ou medo. Os únicos pensamentos em sua mente era como o queria... o quanto precisava dele.

— E se isso significa que vou ficar com você. — ele rosnou, já rolando de costas e a puxando sobre o peito, as coxas abertas sobre sua cintura: — Vou ficar na minha cabeça e cantar

uma ópera. Chame como quiser. Não me importo. Vou fazer isso. — Ele parecia tão desesperado, tão ansioso, que Raine não podia deixar de sorrir para ele, uma excitação juvenil correndo em suas veias que a lembrou da afiada antecipação de tirar o fôlego que sentia quando criança, sempre que sabia que algo maravilhoso estava para acontecer. Ela se afastou um pouco pra trás, de modo que estava pronta em cima dele e deixou a cabeça pender pra trás quando fechou os olhos, entregando-se às sensações devastadoras que fluíam dentro dela. Havia tanto calor e felicidade. Algo queimava dentro dela — uma emoção mais poderosa que qualquer coisa que já conheceu e se agarrou a ela quando abaixou e segurou o eixo grosso, dobrando-o para cima, de modo que a ponta rombuda pressionava um quente e liso beijo contra a abertura do seu corpo.

O momento era simplesmente... *perfeito*. O trovão ribombou e caiu além das janelas, o quarto cheio de vapor e ricamente perfumado com aromas selvagens e limpos da chuva, flores e de Seth — um casulo íntimo retirado da dura realidade da guerra e do seu futuro. Sabia que este momento roubado seria arrancado dela antes que estivesse pronta, e assim Raine se agarrou à perfeição dele, perdida em sua beleza provocante, determinada a lutar por ele enquanto pudesse.

— Está pronta? — perguntou asperamente, o brutal limite da sua necessidade em sua voz áspera fazendo-a derreter por ele, seu corpo num brilho suave e fundido ansioso por tudo que podia dar a ela. Ele estremeceu debaixo dela, uma mordida visceral em suas palavras quando perguntou: — Droga, Raine, está pronta pra mim?

Seth ergueu o olhar enquanto ela baixava a cabeça e abria os olhos, as estrias cinza piscando como relâmpagos contra o céu escuro azul do Alacea e em seguida sussurrou.

— Oh, sim. — No instante em que as palavras saíram de seus lábios ele começou a empurrar para dentro dela, usando as duas mãos para agarrar seus quadris. Ele baixou seu olhar, sua mandíbula apertada enquanto observava a coroa ampla penetrando a abertura delicada, seus olhos quase rolando pra fora das órbitas pela maneira perfeita de como se apoderava dele. *Quente. Lisa. Mais apertada do que qualquer coisa que já teve.*

Cristo, ela era tão estreita. Tão pequena. Sentiu-se mal ao pensar no quanto os Casus devem tê-la machucado. Talvez fosse um bastardo por forçá-la a fazer isso, mas porra, queria fazê-la se sentir bem. Queria mostrar que não tinha que deixar esses monstros sádicos ganharem. Que a vida dela poderia ser dela novamente. E sim, queria foder com ela mais do que queria qualquer outra coisa em... bem, desde sempre. Mas levaria isso devagar, mesmo que o matasse. Se levasse uma hora para seu macio e pequeno sexo tomá-lo, então apertaria os dentes e aproveitaria cada maldito segundo.

Ainda mantendo uma mão no quadril estendeu a mão exatamente quando ela tirou a cabeça completamente inchada de dentro dela, cuidando para não tocar o cabelo longo e dourado quando agarrou a parte de trás do seu pescoço e a puxou para ele, baixando-a. Seus mamilos enrijecidos pressionavam seu peito, tirando um som cru de sua garganta quando tomou sua boca, seus lábios macios e deliciosamente doces e cheios. Sacudindo a língua pelas curvas sexy em seu lábio inferior, estremeceu quando pensou como seria a sensação de ter essa boca de macia em volta dele — odiando que fosse algo que nunca seria capaz de desfrutar. Mas estava gostando *disso*, dos sons guturais que ela fazia enquanto sua espinha curvava em perfeita graça e

seu corpo o tomava um pouco mais profundo, quase o fazendo entrar. Determinado a não se envergonhar, Seth respirou profundamente e lutou para mantê-los juntos. Mas era quase impossível. Estava na borda por tanto tempo, desejando essa mulher há meses.

Só não se perca, rosnou silenciosamente. Mas, caramba, ela o estava matando, seu corpo fundindo ao seu redor num aperto liso que parecia melhor que qualquer coisa que jamais imaginou. Ele estava tremendo, lutando para manter o controle... determinado a tornar bom para ela. Então ele ergueu o olhar do local onde se juntavam para encontrá-la olhando para ele com a alma naqueles lindos e profundos olhos... a sombra de um sorriso na boca exuberante... e ele quase morreu. Ninguém jamais olhou para ele como... como se pudesse ver direto dentro dele. Como se o *conhecesse*, por dentro e por fora.

— Seth. — ela ofegou, um suspiro escapando de seus lábios enquanto a apertava nos quadris e se acomodava, esfregando a língua num desses mamilos rosados e túrgidos. Com os braços em volta da cabeça dele, segurando-o, ela sussurrou: — Sabe o que eu disse na outra noite sobre não ser capaz de lidar com seu lado agressivo?

— Sim? — Ele se moveu para o outro seio, amando seu sabor... como era bom contra seus lábios e língua.

— Estava errada. Preciso de mais. — disse num gemido ofegante, de repente empurrando seus quadris pra baixo, e apesar do aperto que tinha sobre ela, conseguiu tomar mais um centímetro da grossura. — Pare de se segurar.

— Droga, Raine. — Ele levantou a cabeça, dando-lhe um olhar quente de advertência. — Não faça isso de novo. Vou ser gentil com você mesmo que me mate.

— Bem, isso está me matando. — ela retrucou, lutando contra sua espera.

— Você vai sobreviver. — ele vociferou, tentando manter o controle sobre sua pele lisa quando ela saltou sobre ele, forçando-o mais um centímetro dentro dela... depois outro. — Droga, pare com isso!

— *Não*. — Ela se inclinou para frente, mordendo com força o espaço entre o pescoço e o ombro, exigindo apenas pressão suficiente para fazê-lo sentir a picada sem romper a pele... e o obrigando exatamente ao que ela exigia. Desfeito por este ato primitivo de agressão, Seth amaldiçoou quando rolou rapidamente revertendo a posição de seus corpos, seus olhos brilhando com triunfo enquanto ela se via presa debaixo dele. A pequena mestiça estava brincando com fogo, empurrando-o e só rezava para que não se queimasse.

— Abra mais suas pernas. — disse ele. No instante em que ela abriu ele deu um rugido áspero e gutural, seus quadris instintivamente socaram adiante, empurrando mais da metade do comprimento dele dentro dela. E quando um forte formigamento começou a correr ao longo do comprimento de seu pênis, como uma quente vibração elétrica, entendeu o que Seton estava falando. Devia ser uma coisa Alacea, porque nunca ouviu falar que isso acontecesse com os Deschanel... e isto estava acabando completamente com ele.

— Porra. — ele rosnou, seu corpo queimando quando estendeu os braços dela acima da cabeça. Não podia se deter quando puxou seus quadris, em seguida bateu novamente para dentro indo até o talo, a penetração pesada arrancando um grito agudo de sua garganta. — Eu estava tentando ser gentil com você!

— Não preciso que seja gentil. — ela engasgou se contorcendo debaixo dele, seus escuros olhos tempestuosos queimando de satisfação. — Preciso *disto*. Preciso que você se deixe levar!

— Merda. — ele grunhiu, completamente perdido. Apertou as mãos no travesseiro quando começou a montá-la com golpes profundos e dissonantes, esfregando contra ela no final de cada descida, desesperado para sentir sua carne quente e escorregadia apertando cada centímetro latejante dele. — É uma loucura.

— O que?

— Você. *Isso*. — Ele se esforçou para dizer algo que fizesse sentido, mas seu maldito cérebro estava frito. Não que sexo normalmente não fosse bom. O objetivo afinal era o prazer. Mas isso... estar dentro de Raine era surreal. Tão intenso que não queria que acabasse, e se viu diminuindo o ritmo, determinado a fazer isso durar. Mas mesmo ele abrandando a velocidade, ainda a montava com investidas pesadas. Os deslizantes sons molhados de seus corpos se unindo enchiam o ar, enquanto o perfume inebriante da sua pele enchia sua cabeça, essas malditas pequenas vibrações elétricas quase parando seu coração. Deu um beijo no ombro dela, então do lado da garganta, deixando sua língua lambe a batida pesada de seu pulso. Se tivesse dentes, Seth sabia naquele momento que perfuraria a pele pálida e reivindicaria o sangue rico bombeando ali dentro. Um pensamento bizarro para um cara como ele, mas não podia negar.

— Você está bem? — Ele perguntou, liberando suas mãos para que pudesse segurar seu peso em um braço, a outra mão deslizando do seu lado.

— Estou super bem. — disse Raine, amando o modo como seus músculos rígidos se agrupavam sob sua pele enquanto ele se movia em cima dela, *dentro* dela. Queria tanto mordê-lo que estava babando. Queria lambê-lo. *Em todos os lugares*. — Honestamente, Seth, estou bem. Pare de se preocupar.

Ele tocou a boca no seu ombro novamente.

— Não quero te machucar.

Ela amava como suas frases estavam se tornando mais curtas, bruscas, como se tivesse que se concentrar para conseguir as palavras. Estava chegando perto, mas estava se contendo... esperando por ela e sabia que tinha que ser honesta com ele.

— Só para você saber — ela suspirou —, nunca gozei durante o sexo.

Ele entrou mais profundo e esperou, pulsando dentro dela, seus olhos verdes estreitados... com sombria determinação.

— Comigo vai.

— Mas é... pode haver um problema.

— Que tipo de problema? — Perguntou ele, passando a ponta do polegar sobre seu mamilo, seu corpo enterrado tão profundamente no dela que podia sentir o ritmo latejante da sua pulsação.

— Hum, realmente não quero...

— Está tudo bem, Raine. Pode me dizer qualquer coisa. — Ele empurrou mais profundo, alavancando-se dentro dela até que seus quadris estavam pressionados firmemente contra suas coxas. — Gideon me disse que nem sempre é fácil para as mulheres Deschanel chegar ao orgasmo sem primeiro tomar a veia de um homem. É por isso?

— Na verdade não. Quero dizer... não parecia ser um problema da última vez que estivemos... juntos. — Ela mordeu o lábio inferior, em seguida disse: — Mas alguma coisa vai acontecer se eu gozar quando estiver dentro de mim. Algo que já ouvi ser perturbador para alguns homens.

Sua cabeça inclinou um pouco de lado, a curiosidade misturada com cobiça no seu rosto lindo quando os últimos fluxos de sol começaram a desaparecer, a chuva caindo suavemente no telhado e batendo nas janelas.

— Que tipo de coisa?

— É uma coisa Alacea. Quando nossos poderes chegam a certo nível de maturidade, nós, hum, ficamos... sobrecarregadas sexualmente.

— Eu sei. — Seus olhos ardam. — Já posso sentir essa carga só por estar dentro de você.

— Mas se eu chegar ao orgasmo a sensação será ainda mais intensa...

— Então vá em frente, querida. — Um sorriso sexy desequilibrado tocou sua boca. — Não há absolutamente nada que possa fazer para me assustar.

Ele envolveu a mão em torno da parte de trás do seu joelho, pressionando-o para o seu peito para que pudesse martelar em seu corpo num ângulo mais profundo... e seus olhos quase reviraram.

— Gosta disso, Raine? — Quando Seth olhou para ela avaliando sua reação, a cabeça pendeu para trás e suas presas saíram disparadas, brilhando embaixo da curva sensual de seu lábio superior. — Acho que sim. — ele rosnou, mais que um pouco surpreso consigo mesmo, já que estava achando incrivelmente sexy que ele fez essas pequenas presas saírem.

— Sinto muito! — Ela virou o rosto para o lado, seu corpo enrijecendo debaixo dele.

— Não se desculpe. — Ele beijou sua têmpora, em seguida o canto do olho fechado, incapaz de conseguir o suficiente de seu sexo macio se agarrando ao seu eixo, tentando mantê-lo dentro. — Não tem ideia do quanto odiei vê-la se alimentar de Granger. — ele confessou, tocando com a boca a pele sensível sob sua orelha, sua respiração acelerada quando moveu seu corpo um pouco mais sobre o dela, aumentando a pressão sobre o clitóris. — Não porque você precisava de sangue, mas porque ele estava dando algo que eu não podia. Mas posso te dar outras coisas, Raine. Posso fazer você se sentir bem, se me deixar.

— Não sei como. — ela disse com voz trêmula e suave.

— Basta parar de lutar contra isso. Deixe-se levar e deixe seu corpo ter o que quer.

Ela piscou para ele, parecendo bêbada de luxúria com o rosto brilhante, corado e bonito.

— Mas meu corpo só quer você.

— Então estamos bem aqui. — ele conseguiu soltar entre suas respirações irregulares, a satisfação surgindo grossa em suas veias quando começou a se mover dentro dela novamente. — Porque, querida, você me tem.

Raine tentou dizer alguma coisa em resposta, dizer como era incrível e maravilhoso, mas tudo que conseguiu foi um amontoado ilegível de *Deus... Mais ... Sim!* Cada vez que ele entrava nela dava gritos soluçantes de prazer, seus músculos internos apertando, no limite do êxtase. Ele estendeu uma mão entre eles, esfregando o polegar calejado no topo de sua fenda, o rosto

áspero perto do dela... aqueles olhos penetrantes observando a pressão aumentando... e aumentando. Ele apertou mais forte, tornando-a selvagem, sacudindo a cabeça no travesseiro e quando Raine pensou que se partiria em mil pedaços ela finalmente caiu, lançando-se na escuridão ofuscante com tanta força que por um momento não conseguiu respirar, seus pulmões trancados num torno, apertados.

— É isso. — ele gemeu, alimentando a pressão cada vez mais duro... mais profundo. Quando o prazer a atravessou liberando a carga total de seus poderes Alacea, ele gritou: — Isso é tão bom, Raine!

O suor reluzia em sua pele quando se ergueu em seus braços esticados e se chocou contra ela, bombeando duro e rápido. Ela levantou os braços acima da cabeça, entregando-se completamente quando ele jogou a cabeça para trás e rugiu pela força explosiva de sua liberação, jorrando dentro dela com rajadas de calor escaldante... e antes de finalmente desmoronar sobre ela, mal conseguiu manter o peso nos cotovelos.

— Merda. — Ele pressionou a testa contra a dela, lutando para recuperar o fôlego. — Não te machuquei, não é?

Ela molhou os lábios e procurou sua voz.

— Mmm... de jeito nenhum.

Seus quadris rolaram enquanto ele continuava se movendo dentro dela com golpes superficiais, como se também não pudesse deixá-la. Não que ela estivesse reclamando, seus músculos internos o prendendo com avidez. Apesar da plenitude parecia tão certo tê-lo lá. *Tão completa...*

— Quero você de novo. — disse ele num estrondo carregado, beijando sua têmpora, seu pau já ficando mais grosso... mais duro, sua resistência tão primitiva e animalesca como Raine sabia que seria. — Você pode...

As palavras rudes foram interrompidas por batidas repentinas na porta do seu quarto e ambos ficaram tensos. Seth levantou a cabeça e colocou um dedo sobre os lábios, sinalizando para ela ficar calma, obviamente planejando ignorar quem estava lá. Com seu olhar escuro e duro fixo nela, deu um impulso com o seu pau duro e grosso tão profundo que podia senti-lo pulsando contra seu ventre. Ela tremia, ofegante e ele substituiu o dedo pela boca, engolindo os sons que ela fazia quando ele forçou seus quadris mais apertados contra os dela...

Mas o intruso não desistiu.

— É Ashe. — uma voz profunda gritou do corredor. — Abra. Precisamos conversar.

Capítulo 17

— Parabéns, McConnell.

Sua cabeça ainda estava confusa pelo prazer e por um momento Seth achou que o vampiro o estava parabenizando por finalmente levar Raine para a cama. Mas antes que pudesse perguntar o que quis dizer, o *Förmyndare* Ashe disse: — Kierland me chamou quando a reunião terminou. Parece...

— Que reunião? — Perguntou ele, cortando o vampiro. Ainda não tinha a menor ideia do que o cara estava falando.

Ashe passou por ele até a pequena sala de estar, seu cabelo e roupas molhados da chuva.

— Olha, se você não estivesse tão ocupado fritando Seton, o que vamos discutir mais tarde, teria respondido seu telefone quando Kierland tentou ligar para dizer que uma reunião estava ocorrendo na Harrow House. Os membros de cada unidade de Sentinelas que decidiram unir suas forças a nós estavam lá. — Ele sentou na pequena namoradeira, espreguiçou seus longos braços nas costas e levantou as sobrancelhas. — E aqui está o jogador, McConnell. Foi eleito o novo chefe de segurança da Liga da Justiça.

Descrença... seguida rapidamente por... bem, mais descrença.

Com uma careta, Seth disse:

— Por favor, diga que é uma piada.

O vampiro acariciou seu queixo sombreado e sorriu.

— Só a parte da Liga da Justiça. Ainda estão tentando chegar a um nome decente. Mas a coisa de chefe de segurança é muito real.

Tensão penetrou em seus músculos e havia uma forte dose de ceticismo em sua voz quando falou.

— Espera que eu acredite que um bando de metamorfos votou num ex-oficial do Coletivo como seu chefe de segurança?

Ashe deu de ombros, um riso rouco estrondando no peito.

— Ei, sabe como aqueles meninos do Scott podem ser persuasivos. Aiden disse que fizeram você parecer um santo.

— Acho que pagaria para ouvir *isso*. — Raine murmurou, fechando a porta do quarto quando entrou na pequena sala de estar. Vestia jeans suéter, seu cabelo caindo em ondas selvagens em cima dos ombros, os pés delicados e bonitos descalços. Havia uma selvagem mancha colorindo suas bochechas, dando-lhe um brilho saudável, com a boca ainda um pouco inchada e vermelha dos beijos de Seth. No todo parecia uma mulher que foi completamente amada e teve que enfiar as mãos nos bolsos para não tocá-la... e arrastá-la de volta direto para sua cama, e o vampiro que se danasse.

Apesar da notícia surpreendente que Ashe acabava de dar, Seth não podia deixar de se ressentir pela interrupção. Queria estar de volta na cama com Raine, seu corpo ainda dolorido e duro precisando mais dela. Felizmente, a camisa que vestia com o jeans cobria seu pau duro quando abriu a porta... e ainda estava funcionando.

— Ouvi dizer que parabéns estão na ordem do dia. — ela disse para ele, os braços cruzados no peito enquanto caminhava para o seu lado. — E só apenas para que saiba, não estou nada surpresa pelo voto deles.

Um sorriso irônico torceu o canto de sua boca.

— Bem, fale por você, porque eu com certeza estou.

Ela riu sacudindo a cabeça.

— Honestamente, McConnell, não tem que parecer tão chocado. Seriam idiotas em eleger outra pessoa. Ficará perfeito na posição.

— Considerando tudo — ele resmungou, baixando a voz —, gostei da posição em que estávamos antes.

Ela corou dando um rápido olhar em direção a Ashe, mas o vampiro estava no meio do atendimento de uma chamada em seu celular.

— Não estarão vivendo com você agora, não é? — Perguntou se virando para olhar seu rosto, um sorriso suave nos lábios.

Espera um minuto. Será que ela realmente... está sorrindo para mim?

Ele balançou a cabeça um pouco preocupado que pudesse estar imaginando isso, seu cérebro possivelmente mais frito do que percebeu. Mas com certeza o leve sorriso ainda estava no lugar. Um sorriso genuíno e feliz que fez seu coração bater tão forte que pensou que a maldita coisa pudesse explodir em seu peito.

— Seth? — Ela estudava sua expressão, de repente preocupada, a cabeça inclinada um pouco de lado. — O que há de errado?

Nesse momento se sentiu como um jovem de língua presa, suas orelhas esquentando quando engoliu o caroço alojado em sua garganta e afundou ainda mais as mãos nos bolsos.

— Nada de errado. — Sua voz estava rouca de emoção. — É que está tão bonita, Raine. Não sei se já te disse isso antes, mas você é.

Seus olhos ficaram um pouco arregalados, aquele sorriso doce ficando envergonhado.

— Acho que o sexo deve ter subido para sua cabeça.

— Acho que o sexo foi tão bom que quase me matou. — ele disparou de volta, tendo o cuidado de manter sua voz suave. — Foi muito bom e estou pensando que até poderia mantê-la na cama vinte e quatro horas por dia.

Ela riu como se ele estivesse brincando — mas Seth pessoalmente achava que soava como um belo plano. Nunca sentiu nada como estar dentro de Raine e tudo que podia pensar era em colocá-la debaixo dele novamente. Só tinha que se livrar do maldito vampiro primeiro.

Com o intuito de fazer exatamente isso Seth abriu a boca, pronto para dizer a Granger que precisava partir quando o vampiro falou, sua conversa com quem quer que fosse aparentemente terminada.

— Tenho mais notícias. — disse Ashe, chamando sua atenção quando se colocou em pé e enfiou o celular de volta no bolso. — Westmore deixou o prédio e Gid o seguiu até a casa de ópera em Veneza. Ele vai ficar lá e manter um olho nele enquanto nós três entramos naquele apartamento de cobertura e pegamos os Marcadores.

— E Westmore? — Raine perguntou.

O olhar pálido do vampiro se fixou nela.

— Assim que tivermos essas cruzes em nossa posse, então nós quatro poderemos pegar o Kraven. Gideon vai ficar com ele até estarmos prontos.

— O que quer dizer com “pegar”? — A raiva irradiava de seu corpo esguio, os ombros para trás, manchas gêmeas de cor queimando em sua face. — Aquele desgraçado tem que *morrer*. Não se tornar prisioneiro de alguns idiotas!

— E vai. — o vampiro disse, seu tom de senhor-do-solar que Seth achava que só a irritaria ainda mais. — Mas é preciso interrogá-lo primeiro, o que podemos fazer na casa segura.

— E eu digo que a casa segura que se dane. Quero-o exterminado *agora*. — Ela arrancou seu olhar zangado para longe do vampiro e olhou para Seth, como se esperasse que a apoiasse. Mas ele não podia. Não quando isso significava sua cabeça mergulhando no perigo novamente. Porra, chegou ao seu limite! Nem sequer queria que ela fosse com eles para invadir a porra do apartamento.

Só queria que ela estivesse segura.

Olhando para Ashe, perguntou:

— Pode nos dar um minuto?

— Claro. — murmurou o Deschanel, seu olhar pálido se movendo entre eles, sem dúvida tentando descobrir como isto acabaria. — Estarei esperando no carro.

Assim que o vampiro fechou a porta atrás dele Seth voltou para o quarto, acendeu as luzes e se dirigiu à sua mochila que deixou num baú baixo ao lado da cama. Tirou uma de suas armas, prendendo-a na parte de trás da calça jeans, em seguida amarrou o coldre do tornozelo e enfiou alguns outros itens nos bolsos. — Vou fazer um acordo com você. — disse ele quando Raine entrou no quarto.

— Estou ouvindo.

— Vou ajudá-la a rastrear esse último Casus que está atrás logo que terminarmos aqui, mas quero que me prometa uma coisa, Raine. Quero que me deixe lidar com Westmore sozinho.

— O que quer dizer? — Ela perguntou com cautela, sentando de um lado da cama.

Seth olhou para ela implorando com os olhos que apenas o ouvisse.

— Se prometer ficar aqui, dou minha palavra que vou me certificar que o filho da puta seja morto antes da noite acabar.

Ela olhou para ele por um momento muito ofegante, as mãos pequenas apertando os lençóis, então finalmente disse:

— Sinto muito, Seth, mas não posso fazer isso.

Ele apertou sua mandíbula, sabendo muito bem o que tinha que fazer.

— Não pode? — Ele soou rude, diminuindo a distância entre eles. — Ou não vai?

Ela lambeu seus lábios enquanto esticava a cabeça pra trás, seus belos olhos emotivos e escuros. — Por favor, tente entender. *Preciso* estar lá.

— E eu preciso saber que está segura. — ele murmurou, alcançando uma algema de metal e a colocando em volta do pulso dela. Antes que sequer percebesse o que estava acontecendo, ele prendeu a outra algema em uma pesada peça do aquecedor antiquado que estava preso na parede, ao lado da cabeceira da cama. Apesar da força acima da média de Raine o aquecedor era resistente o suficiente para que não fosse capaz de se libertar.

— Que diabos está fazendo? — Gritou ela puxando violentamente o punho, os olhos arregalados pela traição enquanto ele se afastava.

— Estou me certificando que seu traseiro teimoso permaneça vivo. E não se incomode tentando parti-las. — respondeu asperamente, empurrando o queixo em direção às algemas. — Foram feitas para prender um macho adulto Deschanel.

— Droga, não pode fazer isso! — Ela gritou, o cinza dos olhos queimando com um brilho quente, irritado.

— Não. Não *quero* fazer isso, mas posso. E não me deixa outra escolha. — Sua voz profunda estava rouca pela frustração e sua própria raiva borbulhando. — Ir atrás de um Casus idiota é uma coisa, mas pelo menos pode lê-los. Westmore não é apenas um dos seus pontos cegos, também é complicado como o inferno e não me sinto confortável com a maneira como simplesmente deixou seu apartamento. Poderíamos estar entrando numa maldita armadilha e não posso arriscar que nada aconteça com você!

Suas narinas queimaram quando ela inalou profundamente, sem dúvida se preparando para gritar por ajuda, enchendo a parte superior de seus pulmões... até que ele disse.

— Pode fazer quanto barulho quiser, Raine, mas não vai fazer diferença. Este lugar é de propriedade de um casal de vampiros que são amigos dos Grangers. Não vão chamar a polícia para ajudá-la.

Ela exalou com um silvo afiado, seus dentes saindo quando rosnou.

— Seu filho da puta!

— Odeie-me se quiser — disse ele —, mas estou fazendo isso porque me preocupo com você.

— Você se preocupa comigo? — Ela fez um som denso de descrença. — Se você se importasse comigo McConnell, então tiraria essas malditas algemas!

Ele passou a mão pelo rosto cansado, depois terminou de se preparar pra sair, colocando suas meias e botas. Quando pegou sua jaqueta rangeu os dentes, odiando que o que começou como a melhor maldita noite de sua vida fosse reduzida a *isso*.

— Por que me importo estou tentando fazer o que acho que é certo. — disse ele em voz baixa querendo lhe dar um beijo de adeus, mas sabendo muito bem que provavelmente apenas tentaria dar uma mordida nele. — Tenho que fazer o que puder para protegê-la, Raine. Para mantê-la viva. Sei que não é o que quer ou o que pediu, mas é assim.

Ela se recusou a olhar para ele, seu rosto baixo virou de lado, escondida por trás da cascata pesada do seu cabelo longo e bonito. Ela não desejou boa sorte ou disse para ficar a salvo. Apenas ficou lá fervendo, a confiança que depositou nele mais cedo agora enterrada sob o peso esmagador da raiva.

Com um suspiro pesado, Seth finalmente se virou e saiu do quarto, fechando a porta atrás dele.

A espera era a pior parte. Mesmo estando chateada como o inferno com o soldado, Raine não conseguia parar de se preocupar com ele. Ele e Ashe saíram há quase duas horas agora e cada minuto parecia um ano excruciante, sua imaginação selvagem com um cenário horrível após o outro.

Sabendo que ficaria louca se não parasse a tortura mental, decidiu usar o tempo e seus poderes para checar Thomas e foi capaz de ver que o menino estava se instalando bem com sua nova família na Alemanha. Feito isso voltou seu foco para a localização de Wentworth e finalmente conseguiu encontrá-lo em Florença. Na verdade, a informação chegou a ela com uma facilidade incrível e não podia evitar se perguntar o que provocou a mudança, considerando que ela tentou obter uma leitura sobre o Casus desde que matou Schultz em Berlim.

Seu poder estava ficando mais forte? E em caso afirmativo, por quê?

Seria algo físico? Ambiental? Ou podia ser outra coisa?

Algo como... o que aconteceu entre ela e Seth? Sim, gozaram como coelhos... e foi o melhor sexo da sua vida. *Quem sabe até mesmo o melhor sexo que já existiu.* Mas ainda não sabia onde estavam um com o outro. E como poderia? Seu futuro era tão incerto, muitos fatores externos trabalhando contra eles.

Ele podia ter ganhado este round, mas ela não tinha intenção de desistir de sua caça. Ainda assim, não ia reclamar e gritar com ele quando voltasse. Ela começou a sentir que provavelmente devia isto a McConnell, principalmente depois de tudo que ele fez por ela... e tudo que ela fez a ele.

Quando outra hora passou e eles finalmente voltaram, sabia pela expressão de Seth que algo deu errado em seu plano.

— O que aconteceu? — Perguntou ela, puxando os joelhos para o seu peito quando sentou encostada na cabeceira da cama, o braço esquerdo esticado ao lado dela, ainda pendurada pelo punho.

Ele deslizou um olhar cauteloso em sua direção, parecendo surpreso pelo fato de que parecia tão calma.

— E aí? — ela perguntou levantando as sobrancelhas. — Vai me dar uma resposta ou tenho que adivinhar?

Ele tirou a jaqueta quando veio para a cama e a pendurou no cabide antes de apoiar o ombro num dos postes grossos da cama. Esfregando uma daquelas mãos com cicatrizes de batalha sobre os olhos cansados, disse.

— Ashe e eu conseguimos os Marcadores no apartamento. Na verdade foi muito fácil. Mas... — Ele abaixou a mão, fixando aquele olhar escuro no dela. — Westmore fugiu de Gideon.

Seus olhos se arregalaram de surpresa.

— Como?

— Gid tinha uma visão clara dele na Opera, mas em seguida o maldito alarme de incêndio disparou e tiveram que evacuar. Perdeu Westmore em toda a confusão. Gid voltou ao apartamento para vê-lo novamente, mas Westmore não retornou. Estamos achando que talvez disparamos algum tipo de alarme silencioso, o que significa que sabe que temos os Marcadores.

Raine levou um momento para classificar seus sentimentos, confusa pela sua reação à notícia. Deveria estar sentindo uma forte facada de decepção por que o líder Kraven ainda estava livre, mas em vez disso, tudo que podia focar era na queimadura intensa de alívio surgindo pelas suas veias pelo fato de McConnell voltar em segurança. Que ele não foi morto. Que ela não o perdeu.

— Bem, pelo menos você tem os Marcadores. — ela murmurou. — Aposto que Kierland e os outros estão satisfeitos.

Ele estreitou os olhos, parecendo estar tentando descobrir alguma coisa. Algo complexo e confuso, como um daqueles enigmas irritantes que colocavam na página de palavras cruzadas no jornal.

— O quê? — Perguntou a ele.

— É só... Pensei que ficaria mais chateada por causa de Westmore.

Ela deu de ombros — ou pelo menos o máximo que podia com um braço ainda algemado no aquecedor.

— Não estou feliz por que ele fugiu, mas teremos outra chance. Considerando como foi fácil para você e Ashe conseguirem os Marcadores, duvido que o roubo o pegou de surpresa. Acho que o pequeno bastardo ardiloso provavelmente tem um plano. De jeito nenhum simplesmente desistirá e nos deixará destruir tudo em que trabalhou.

— Acha que nos enganou? — Ele perguntou, pegando uma chave do bolso quando se aproximou e soltou as algemas.

— Acho que está fazendo algum tipo de jogo. — disse ela esfregando o pulso ao vê-lo deslizar as algemas de volta em sua mochila. — É possível que tenha marcado os Marcadores com chips de rastreamento. — Seu receio que ele não a levaria a sério evaporou quando se virou e foi para a sala de estar, onde Ashe estava esperando. Quando ela saiu de cima da cama ouviu Seth repetindo suas palavras.

Raine entrou na sala a tempo de pegar um vislumbre da carranca de Ashe quando se inclinou para frente em seu lugar na namoradeira, seu foco snos três Marcadores deitados na mesinha de café diante dele.

— Se isso for verdade, então como vamos levá-los?

— Depende da profundidade em que estão embutidos. — respondeu Seth, sua voz tensa.
— Podemos arriscar danificar os Marcadores se andarmos com eles.

— Mas se colocou rastreadores — murmurou o vampiro —, então vai nos seguir, copiando todos os nossos movimentos até que finalmente tente levar até o último deles.

Raine pegou um dos Marcadores, girando-o em sua mão.

— Então teremos que estar prontos. Se a gente souber que está nos rastreamento não seremos pegos de surpresa.

Conversaram mais um pouco sobre como Gideon e Liam permaneceriam na cidade mantendo um olho no apartamento, bem como em Spark e depois Ashe recolheu os dois Marcadores de cima da mesa, levando o que Raine ofereceu de volta para ele quando se levantou.

— Tenho que buscar minhas coisas na casa segura. — disse ele desviando o olhar para Seth. — Então encontro vocês aqui na volta e podemos partir. Disse a Kierland que devemos voltar para Harrow House até amanhã. Aparentemente tiveram sorte com essas últimas cruzeiras e agora Saige está chegando perto de decodificar o último mapa, então vamos precisar de todos os Marcadores num mesmo local o mais rápido possível.

Enquanto Seth via o vampiro partir, Raine se dirigiu ao quarto para recolher suas coisas. Embora devesse estar agitada pela inquietação, sentia uma espécie de aceitação calma do que estava por vir, o fim da guerra finalmente se aproximando. Seth entrou no quarto atrás dela e inclinou seus ombros contra a parede, os braços cruzados na altura do peito largo, uma expressão reservada em seu rosto enquanto a olhava se mover pelo do quarto.

— Está ansiosa para voltar à Harrow House? — perguntou num deslizar baixo de palavras.

Ela não olhou para ele quando respondeu.

— Não vou voltar ainda.

Houve uma maldição afiada, seguida por um comando gutural:

— Acabou, Raine.

— Disse que me ajudaria a ir atrás de Wentworth. Era mentira? — ela perguntou, soltando sua mochila aberta na cama quando olhou para ele.

— Não, não era mentira. — Sua respiração ficou áspera e ele baixou seus braços, flexionando as mãos dos lados, sua expressão sombria. — Acho que estupidamente estava esperando que fosse razoável assim que tivéssemos os Marcadores.

— Mas ainda existe uma cruz para encontrar. E não posso retornar até matar Wentworth. — disse ela, puxando o Marcador que pegou de Harrow House do seu bolso.

Uma ruga franziu sua testa.

— Pensei que não sabia onde estava.

— Pude finalmente conseguir uma leitura dele enquanto você estava fora e ele está perto, Seth. Em Florença. Estamos falando de apenas algumas horas de trem e meus pais têm uma nova villa lá onde podemos ficar. — Ela puxou uma rápida inalada e em seguida se apressou. — Não posso apenas deixá-lo fugir. Se tiver sorte vou derrubá-lo rapidamente e levar este Marcador de volta aos Sentinelas antes que encontrem o último e todos ficarão felizes.

— Sério? — Seus olhos se estreitaram em fendas quentes e enraivecidas. — Porque estou pensando que está forçando sua sorte, e as chances são altas que acabe morta.

Suavemente ela disse.

— E como disse antes, estou disposta a aceitar essa probabilidade.

Frustração afinou sua boca, mas ele respirou profundamente, obviamente tentando descobrir a melhor maneira de lidar com ela.

— O ódio é como uma droga. — disse áspero um momento mais tarde, sua voz profunda e grossa pela emoção. — Confie em mim, conheço esse sentimento, Raine. Mas o problema com qualquer vício é que continua te comendo muito tempo depois de começar sua recuperação.

— Mas sem o ódio fico sem nada, apenas a culpa. — Ela deu uma risada ofegante temperada com amargura. — E cá entre nós, prefiro o ódio.

— Caramba, não tem nada para se sentir culpada.

— Queria poder concordar com você, Seth. Mas não posso.

— Quer dizer que *não quer*.

Sua expressão era tão torturada que não podia evitar se sentir como uma cadela. Mas porra, não podia desistir, não importa como estivesse tentada a apenas dizer o que ele queria ouvir. Isso era algo que *tinha* que fazer. Se quisesse ter qualquer tipo de vida normal novamente, então precisava saber que fez tudo que podia para vingar a morte de sua irmã.

Jogando suas últimas coisas Raine fechou a mochila e a ergueu sobre o ombro.

— Pode voltar comigo ou partir com Ashe. — ela disse a ele, forçando-a a encarar esse olhar verde furioso. — Mas de qualquer maneira, vou terminar o que comecei.

Harrow House

Lake District, Inglaterra

Trabalhando duro numa sessão esgotadora lá embaixo no ginásio da mansão, Noah Winston estava se sentindo notavelmente abrandado quando saiu do seu banheiro e se dirigiu para sua cômoda com uma toalha enrolada em sua cintura. Claro, no instante em que captou seu reflexo no espelho da cômoda estremeceu, seu corpo enrijecido com uma tensão familiar. Seus olhos pareciam mais claros toda vez que os via, parecendo mais um Casus a cada dia. A pálida sombra de cor azul gelo continuamente zombava dele pelo conhecimento que suas horas estavam contadas, bem como as de sua família.

Tic...Tac...Tic... Tac...

Sem falar nos pesadelos. Os sonhos perturbadores dele caçando e matando, alimentando-se de carne humana e bebendo o sangue de sua vítima. Chegou a um ponto que estava cagando de medo de adormecer, a cada noite os sonhos piorando mais.

Claro, seu comportamento não passou despercebido. Sabia que os outros achavam que estava agindo de forma estranha — mas inferno, não deveria ser difícil para eles compreenderem. Como membro de uma das mais fortes linhagens de sangue Casus existente, Noah tinha razão para estar irritado. Um milênio atrás, um daqueles bastardos Casus estuprou uma fêmea humana que milagrosamente sobreviveu... e deu à luz a uma criança, e então começou sua linhagem. Uma linhagem contaminada com sangue Casus.

Mesmo os Winstons não sendo os únicos humanos com sangue Casus fluindo pelas suas veias, tais linhagens de sangue certamente não eram comuns. Contudo, eram a exigência quente

do momento, já que estas linhagens amaldiçoadas estavam sendo usadas como hospedeiros por sombras Casus.

Considerando como estava preocupado por ele e sua família, a única coisa mantendo Noah são neste momento era a busca pelos Marcadores e seu trabalho sobre o diário da morte, e esperava que fornecesse uma maneira de destruir os caminantes da morte assim que os Casus fossem mortos e os caminantes escapassem do inferno. Noah escreveu várias cartas solicitando informações e as enviou para Louisiana, esperando que a louca família Broussard com quem cresceu pudesse dar algumas respostas sobre a estranha linguagem usada na parte do Diário que acreditavam se referir aos caminantes da morte. Mandou as cartas pelo correio, já que sabia que os Broussards que viviam no bayou se recusavam a ter qualquer coisa a ver com computadores ou telefones. Mas não sabia se alguém recebeu seus pedidos. Certamente não se preocuparam em responder. Da última vez que conversou com seu irmão mais novo em São Francisco, hospedado no condomínio de Noah, não havia ainda nenhuma resposta.

As cartas que Noah enviou foram ignoradas... ou simplesmente as jogaram fora sem abrir — e considerando como a família Broussard se sentia sobre ele, este cenário não seria surpreendente.

Um punho pesado bateu na porta do quarto, mas fingiu que não ouviu, não estava com disposição para companhia enquanto abria uma gaveta e tirava um moleton. Infelizmente, Kellan Scott nunca esperava por um convite para entrar — apenas entrou direto, um sorriso satisfeito na face do bastardo, que era a única expressão que o Lycan usava nesses dias. O cara exalava felicidade romântica, e embora Noah tentasse ficar feliz por seus amigos, não podia evitar sentir que todos em Harrow House estavam encontrando um pouco de céu no meio de toda este inferno...exceto ele.

— Tenho algumas más notícias, e tenho uma boa notícia. — Kellan disse com voz arrastada, apoiando seu ombro contra a parede enquanto Noah puxava seu moleton, então puxou a toalha ao redor do seu pescoço. — Ashe ligou para dizer que Westmore fugiu, mas conseguiram pegar os Marcadores.

— Será que Saige já terminou o mapa? — ele perguntou, usando uma ponta da toalha para secar seu cabelo.

— Não, mas quase.

— E o Marcador que a psíquica levou? — Jogou a toalha em cima do cesto transbordando, então se virou e cruzou seus braços sobre o peito, olhando para o Lycan. — Conseguiram de volta o que estava com ela?

Kellan deu de ombros tranquilamente, seus polegares enganchados nos bolsos frontais.

— Ainda não. Mas Seth nos assegurou que estão trazendo-os no dia seguinte ou algo assim.

Noah fez um som áspero com a garganta, odiando a maldita espera. Queria que esta guerra acabasse, apavorado que a qualquer minuto agora, um daqueles babacas Casus assumissem alguém de sua família. Alguém com quem se preocupava.

— Sabe o que acho? — Kellan perguntou. — Acho que há alguma coisa mais acontecendo que não estão contando pra nós. — O olhar do Lycan era sombrio de preocupação. — E acho que

tem algo a ver com essa bruxa loira que trabalhava nas Wasteland. A que que estava trabalhando com Gregory. A que você disse que conhecia.

Noah apertou a mandíbula quando virou as costas para o Lycan e foi em direção à janela do quarto, seus músculos apertando, suas entranhas em cólicas. Disse aos outros que não tinha nenhuma intenção de falar sobre o que aconteceu na noite que Kellan enfrentou Gregory DeKreznick... e essa bruxa em particular usou seu poder para congelá-los no lugar antes de desaparecer. Mas Kellan não desistia.

E até que alguém da família Broussard respondesse as cartas não contaria porra nenhuma.

Apoiando as mãos na parte superior do quadro da janela, Noah olhou a escuridão brilhante e inalou uma respiração lenta e profunda.

— Aprecio sua preocupação, Kell. Mas realmente prefiro apenas ficar sozinho agora.

O Lycan deu um suspiro preocupado, mas finalmente o deixou em paz... e Noah permaneceu na janela muito tempo após Kellan sair perdido em seus pensamentos, suas respirações ásperas no ritmo perfeito com essa contagem regressiva sinistra em sua cabeça.

Tic...Tac...Tic... Tac...

Capítulo 18

Ignorando a paisagem passando, Seth sentou de costas para a janela do trem, sua atenção centrada na mulher dormindo no banco ao lado do seu. Ela queria simplesmente entrar num de seus estados de transe leve, mas argumentou que ela precisava de algumas horas de um bom e sólido sono, enquanto estavam viajando para Florença. Embora alegasse que não precisava de um cochilo, ela finalmente cedeu depois que ele explicou que dormiu algumas horas no início do dia.

E embora trens geralmente o fizessem se sentir inquieto e tenso com bancos muito pequenos para alguém de sua altura, Seth estava se sentindo extraordinariamente confortável enquanto se sentava lá e a olhava, imerso em sua beleza da mesma forma como uma folha é embebida nos raios de sol. Era um tipo de sustento, como o maná que alimentava um pouco da fome interior queimando dentro dele.

Nunca percebeu que diferença faria dormir com alguém que sabia tudo sobre ele, em vez de apenas pedaços que escolhia compartilhar. O sexo foi honestamente... alucinante, seu corpo infinitamente suave e doce, drogando seus sentidos com prazer. Podia ficar dentro dela para sempre. Ainda queria, mesmo que lentamente o matasse com sua sede de vingança. Ele estava tão apavorado de perdê-la que não conseguia pensar direito, uma urgência ardente para escondê-la e manter protegida fervendo em seu sangue.

Devia prendê-la no meu quarto no instante em que chegarmos em Harrow House. Devia apenas mantê-la lá até que Westmore e os Casus fossem destruídos. Até que fosse seguro para ela de novo...

Mas Seth sabia que só acabaria virando-a contra ele se seguisse seus impulsos primitivos. Que só transformaria tudo que sentia por ele em ódio. Foi afortunado antes quando escolheu

perdoá-lo por ir atrás dos Marcadores sem ela, mas fazer algo assim uma segunda vez seria arriscar sua sorte.

Os minutos se estenderam, sangrando lentamente em horas, o ritmo das rodas do trem o único som, exceto pelos sons suaves e roucos que ela fazia de vez em quando. Seth usou o tempo para reviver esses momentos empolgantes quando a teve nua e disposta debaixo dele, o prazer lembrado raspando até seus ossos.

E ainda assim... só porque não podia tê-la nua agora não significava que não podia tocá-la. Sem poder se segurar por mais tempo Seth se inclinou na direção dela, aninhando seu rosto ao lado de sua garganta. Imaginou-a deitada num campo de flores suaves, vibrantes, sua pele pálida brilhando como uma pérola. Imaginou todas as coisas perversas que faria com ela nesse campo verdejante.

Respirando uma lufada ávida do seu perfume, beijou-a até sua orelha sussurrando o quanto a queria... o quanto precisava dela e ela acordou com um pequeno grito, arrepios se espalhando pela pele dela quando beliscou seu delicado lóbulo com os dentes.

— Que diabos está fazendo? — ela gemeu, tremendo enquanto voltava beijando ao longo da coluna delgada de sua garganta, sugando sua pele macia, a pressão suficiente apenas para marcá-la.

— Não quero que você esqueça. — ele soltou, as palavras roucas carregadas de fome.

— Esqueça o que?

Sua resposta foi suave, seus lábios se movendo contra os dela enquanto falava.

— Como é bom ficarmos juntos. Como é bom quando te toco. Quando estou dentro de você.

— Está... está tentando me seduzir para que eu mude de ideia sobre continuar com a caça?

As palavras carregavam uma nota pesada de suspeita, assim Seth a atraiu novamente até que pudesse olhá-la nos olhos.

— Seria extremamente bom se isso fosse possível — ele retumbou —, mas não, não estou tentando manipular você. — Ele passou os dedos pela suavidade da sua bochecha. — Só quero me certificar que se lembre que há coisas por que vale a pena viver.

— Como o que? — perguntou ela. Sua voz dela estava ofegante, sua mão esguia tremia quando prendeu uma mecha de cabelo atrás da orelha. — Prazer? Sexo?

Um sorriso irônico torceu o canto da boca de Seth.

— Estava pensando em algo um pouco mais específico. Como sexo *comigo*.

Ela riu, seus belos olhos brilhando quando deu mais um daqueles sorrisos suaves, o segundo atingindo seu sistema tão duro como o primeiro — seu peito apertou, a respiração presa em seus pulmões — e Seth soube naquele instante que faria tudo que pudesse para manter esta mulher segura, não importavam as consequências. De repente tudo se tornou tão claro, era como se finalmente enxergasse pela primeira vez. Cores, formas... *emoções*.

Teria uma conversa com ela depois que chegassem em Harrow House e tentaria fazê-la cair em si. Seth sabia que planejava lutar contra os Casus com ele e os outros quando

encontrassem Meridian, e faria tudo que pudesse para a convencê-la a ficar de fora disso. Mas se falhasse não podia evitar se preocupar sobre como reagiria se tivesse que tomar medidas e prendê-la no Complexo. Sim, isso a deixaria muito irritada com ele e sem dúvida ficaria rastejando pelos anos seguintes. Mas faria o que fosse preciso se isso significasse mantê-la segura. Ele faria... por que não tinha nenhuma outra escolha.

Se fosse necessário, faria porque *a amava*.

Florença, Itália

02:30 da manhã

Seth não falou muito a caminho da villa ou quando Raine o deixou lá com seus ombros apoiados contra a porta do seu quarto enquanto ela ia tomar seu banho. Mas quando saiu do banheiro vestida de moleton e um top, ele enviou um olhar penetrante do local contra a porta e finalmente disse o que estava na sua cabeça.

— Agora acabou. — respondeu asperamente. — Ele foi o último, Raine.

Seth cortou seu braço novamente assim que alcançaram a cidade, dando-lhe uma boa dose de sangue, e em seguida foram imediatamente atrás de Wentworth. Felizmente não levou muito tempo para encontrá-lo. Em menos de meia hora conseguiram encurralar o Casus num beco escuro, os dois trabalhando juntos num timing perfeito e preciso. E desta vez, Raine permitiu que fosse o soldado a usar o Marcador para fritar o bastardo.

Não parecia mais estranho ou assustador ter Seth a ajudando a realizar sua vingança contra os Casus. O que a assustava era o que Calder planejava para o humano depois que alcançassem Meridian.

— Disse que acabou, Raine. — Havia uma acentuada nota de impaciência nas palavras. — Sua caça está terminada.

— De certa forma, sim. — Ela sentou no pé da cama antiga maciça do quarto e se obrigou a olhar para ele quando disse. — Mas Westmore ainda está vivo.

Seu peito levantou, estendendo o algodão macio da sua camiseta quando respirou profundamente, seus lindos olhos escuros decepcionados.

— Temos os Marcadores que estavam com Westmore. E os Casus da sua lista estão mortos. Isso é o que você queria. — Sua voz estava ficando mais dura... mais áspera. — Não queria ter essa conversa com você até que chegássemos em Harrow House, mas não posso esperar. Estou implorando, Raine. Só encontre uma maneira de ser feliz e desista.

— Mas Westmore foi quem deu a ordem para Rietta ser morta. — ela argumentou. — E Carlson ainda não está no inferno. Quando você atirou sua sombra foi enviada para Meridian. Se eu parar agora estarei falhando, Seth.

Ele esfregou uma mão sobre sua boca, seus dedos ainda com crostas onde atingiu aquela parede em Paris, três noites atrás. Três noites que pareciam uma vida, mas então passaram por tanta emoção desde que estavam juntos. Podem dizer o que quiser sobre o seu relacionamento, ninguém poderia jamais chamá-lo de aborrecido.

— E o que acontece se eu te jurar que vou me certificar que Westmore e Carlson paguem pelo que fizeram? — ele exigiu. — Vai fazer diferença?

— Seus crimes foram contra a *minha* família. — ela sussurrou. — Não deveria ser você quem vai se arriscar. Não merece isso.

Amargamente, ele disse.

— Sou um assassino de vampiros, lembra? Provavelmente mereço isso e muito mais.

— Sabe que não penso dessa forma. — disse ela, suas emoções sem dúvida explodindo em seu rosto, tão fáceis de ver. — Você é um homem bom, Seth. Um dos melhores que já conheci.

Seus olhos queimaram quando repentinamente se empurrou para longe da porta e cruzou o quarto até ela, a cor como lascas brilhantes de verde fundido.

— Então exatamente quando isso termina, Raine? Quando estiver morta? — Um músculo pulsava ao lado de sua mandíbula quando se inclinou sobre ela. — Porque pode estar disposta a aceitar esse resultado, mas *eu não estou*.

— Mas isso não é sua escolha. — ela apontou instável, sua garganta tremendo de emoção quando esticou sua cabeça para trás, segurando seu olhar.

Suas narinas queimaram, sua voz ficou tensa.

— Você me colocou dentro, Raine. Queira ou não, você o fez. Isso me dá...

— Não te dá nada! — ela estourou, cortando-o. Podia sentir o perigo aqui... podia sentir parte dela querendo desesperadamente se render à sua vontade e se jogar aos seus pés, mandando para o inferno a vingança. Mas não podia deixar isso acontecer. Nunca seria capaz de viver consigo mesma se o fizesse. — Sexo não é amor, ou uma relação, ou um compromisso, McConnell. Sexo é sexo.

Ele levantou suas sobrancelhas.

— Então está apenas me fodendo?

Ela se encolheu pela acusação bruta.

— Sabe que não é verdade.

— Não pode ter as duas coisas. — ele rosnou, passando as duas mãos pelo seu cabelo. — Apenas estamos fodendo um com o outro ou estamos num relacionamento, Raine. Um que me dá o direito de protegê-la.

— Sinto muito. — ela sussurrou, umedecendo os lábios. — Mas não posso te dar o que quer, Seth.

Por um momento ele apenas baixou o olhar para ela, seu olhar tão estreitado que seus cílios espessos se enroscaram juntos nos cantos de seus olhos. Então puxou uma golfada lenta de ar e disse:

— Isso é sobre se alimentar da minha veia? — Sua voz era crua, seu corpo vibrando pela frustração quente e primitiva. — É isso o que vai fazer você me aceitar? Porque se for a única maneira de salvá-la, então pronto, Raine. Drene cada maldita gota até o fim. — ele rosnou empurrando seus pulsos para ela. — Não me importo mais! Só quero que pare de tentar se matar antes que me obrigue a fazer algo que vai fazer você me odiar!

Já que ela sabia que a oferta só estava sendo feita pela raiva, rapidamente passou por ele e se moveu para o outro lado do quarto, precisando colocar espaço entre ela e o cheiro de dar água na boca do seu sangue. Ela fechou o corte que ele fez quando se alimentou mais cedo, mas ainda podia cheirar o potente fluído correndo pelas suas veias... e ela o queria. Muito.

Forçando sua mente de volta à discussão, ela o enfrentou e disse.

— Sei que não entende, mas preciso fazer isso.

— Sim, ouvi da primeira vez. — Passou as mãos por seu rosto abaixo, em seguida as apoiou sobre seus quadris quando baixou a cabeça, seu peito subindo e descendo por suas ásperas respirações. — De qualquer forma, não faz sentido discutir sobre isso agora. — ele murmurou. — Temos que levar o Marcador que você pegou de volta para Kierland e os outros. Podemos resolver tudo assim que estivermos em Harrow House.

Ele se virou e ela não conseguiu esconder seu pânico quando perguntou.

— Aonde vai?

Cortando-a com um olhar sombrio por cima do ombro, ele disse.

— Apenas indo tomar meu banho.

Raine viu a porta do banheiro fechar atrás dele e lutou contra as lágrimas de frustração queimando nos seus olhos. Podia senti-lo deslizando para longe dela, mas não sabia como mantê-lo e ainda completar sua missão. Sabia muito bem que não tinha intenção de permitir que ela entrasse em Meridian com ele. Provavelmente estava planejando prendê-la num quarto de Harrow House depois que devolvessem a Cruz e em seguida deixá-la lá... enquanto partia com os outros.

E acabaria por cair direto na armadilha de Calder!

Seu telefone tocou subitamente, fazendo-a saltar e o pegou na cômoda, vendo que era Kellan. Preocupada talvez que fosse algo importante atendeu o telefone, explicando que Seth estava no chuveiro.

— Estou ligando para avisar que finalmente temos o último Marcador. — disse o Lycan. — Pode passar a mensagem?

— Claro. Mas como conseguiu tão depressa?

Com um riso rouco, ele disse:

— Acabou estando enterrado aqui na Inglaterra. Num lugar chamado Wookey Hole.

Pensando nas coisas que aprendeu com os outros, ela disse.

— Não foi onde os Marcadores foram originalmente encontrados por um dos ancestrais dos Buchanans? Aquele que escondeu os Marcadores e criou os mapas?

— Sim, mas o lugar mudou muito desde que Alia Buchanan estava viva. — Ela praticamente podia ouvir o Lycan se encolhendo. — Foi transformado numa armadilha para turistas idiotas. Não tem ideia do que sofri para obter esse último pequeno bastardo.

— Bem, pelo menos foi capaz de encontrá-lo. — disse ela, mantendo um olho na porta do banheiro. — E imagino que está ansioso para ter o Marcador que peguei o mais breve possível.

— Isso seria ótimo, pois precisamos reunir todos os doze e ver se conseguimos formar o mapa.

— Seth e eu matamos o último Casus da minha lista esta noite. Então acabei com ele.

— Ah, isso é bom.

— E Westmore? — perguntou ela. — Ashe disse a você que achamos que os Marcadores que encontraram no apartamento do Kraven provavelmente estão marcados?

— Sim, ele nos disse. Todos concordamos que Westmore vai fazer algum tipo de movimento. Simplesmente não sabemos o que tem em mente.

— Provavelmente já está vigiando Harrow House. — disse ela. — Esperando por todos nós para o show.

— Que é outra coisa que queria falar com Seth. Estamos realmente saindo aqui. As chances são altas que o portal esteja em algum lugar na Europa continental, assim também podemos poupar tempo, ficando por lá. Esperamos que possam nos encontrar em Paris amanhã ao meio-dia no Hilton, perto do Arco do Triunfo. Já chamei Ashe para informar, assim ele estará lá também.

— Sem problema.

— Ótimo. E Raine? — O barulho de fundo das vozes desapareceu, como se o Lycan fosse para outra sala. — Sabe alguma coisa sobre os sonhos de Ian? — ele perguntou, algo no seu tom de voz lhe dizendo que isso seria estranho. Ian Buchanan era o irmão mais velho de Saige, e como sua irmã, ele tinha um dom... especial.

— Sei sobre os sonhos. — disse ela. — Aqueles que ele tem do futuro. O que ele viu?

— Ele continua tendo sonhos com todos nós em pé no portão que leva à Meridian. — Kellan explicou. — Na maioria deles, estamos discutindo sobre como conseguir que a maldita coisa se abra e nenhum de nós pode descobrir isso. Mas no último que teve Seth não estava lá com a gente. Está tudo bem entre vocês dois?

— Não sei. — Ela forçou as palavras a passar por seus lábios trêmulos, um suor frio brotando sobre seu corpo quando se resignou à ideia que fermentava no fundo de sua mente. — Ele... para ser honesta — ela disse —, acho que ele está cansado de tudo isso.

A maldição do Lycan a fez estremecer e teve que morder a língua para evitar admitir que era uma mentira. Finalmente Kellan exalou uma respiração áspera e disse:

— Você me faria o favor de dizer a ele que nós realmente precisamos dele lá? Não consigo imaginar fazer esta coisa sem ele.

Raine disse que faria, em seguida rapidamente desligou e apagou a chamada da memória do telefone, antes de desligá-lo e colocá-lo de volta onde o encontrou. Assim que se virou Seth saiu do banheiro, seu magnífico corpo nu, exceto pela toalha branca envolvida em torno de sua cintura. Ela não pode controlar a violenta onda de fome que de repente rasgou por ela, sabendo muito bem que essa poderia ser sua última noite juntos.

Impulsionada pela necessidade crua, pulsante, cruzou o espaço entre eles e colocou suas mãos em seus ombros nus, empurrando-o contra a porta fechada do banheiro.

— Que porra é essa? — ele rosnou.

— Não quero passar o resto da noite brigando. — ela sussurrou. — Só quero ficar perto de você.

Havia tanta emoção em seus olhos que Raine não podia evitar desejar que pudesse ler seus pensamentos. Mas apesar da facilidade com que finalmente conseguiu uma leitura de Wentworth, Seth permanecia frustrantemente fechado para ela, suas proteções mentais mais fortes que nunca.

Ele começou a se aproximar, mas ela balançou sua cabeça, querendo permanecer no controle apenas um pouco mais.

— Vou deixar você fazer o que quiser comigo, Seth. Mas primeiro... primeiro, quero fazer algo com você.

Seus lábios se separaram quando ela agarrou a borda da toalha e a puxou, seu olhar faminto caindo em sua ereção deslumbrante quando deixou a toalha cair no chão de madeira. Puxando seu lábio inferior com os dentes, ouviu a velocidade de seu pulso rugindo através de suas orelhas quando o alcançou com a mão. Mas no instante em que envolveu os dedos em torno desse caule quente, grosso, ele pegou seu pulso, prendendo-o em seu aperto.

— Não deve. — ele gemeu, os olhos pesados e escuros quando olhou para ele, um rubor queimando em suas bochechas. Podia ver que estava envergonhado por ser tocado lá... por suas cicatrizes serem sentidas ou vistas. Não esperava que o caçador implacável possuísse esse tipo de vulnerabilidade e isso a amoleceu de maneiras que nunca esperou.

Suavemente, disse.

— Confiança opera em ambos os lados, Seth.

Ele olhou pra baixo, seus olhos verdes se tornando líquidos e brilhantes, procurando respostas em seu olhar. Em seguida, soltou uma irregular lufada de ar... e afrouxou seu domínio em seu pulso.

Capítulo 19

Ah, Cristo...

O coração de Seth martelava com uma batida dolorosa, rangendo enquanto assistia Raine dar um sorriso tímido, então lentamente deslizar de joelhos diante dele, sua mãozinha feminina acariciando seu comprimento dolorido da raiz até a ponta.

— Falei sério sobre confiança. — disse ela rouca, segurando seu pulso com sua mão livre... e puxando-o para a longa cascata de seu cabelo. Seus olhos se arregalaram de choque e em seguida se estreitaram pela intensa satisfação primitiva quando enterrou seus dedos nas grossas ondas ligeiramente úmidas, envolvendo as mechas cor de mel em torno de sua mão.

— Parece seda. — ele murmurou, sua voz áspera pela luxúria quando curvou seus dedos longos ao redor da parte de trás da sua cabeça... então a puxou em direção a ele até que aquela boca bonita estava tão próxima que podia sentir sua respiração suave soprando contra ele. Ela

respirava pelo nariz e gemeu, como se seu perfume a excitasse e ele teve que fechar seus joelhos por causa da corrida vertiginosa de prazer que o atravessou.

— Nunca fiz isso. — ele soltou, apertando a parte traseira de sua cabeça no caso dela entender mal e começar a se afastar. — Mas eu... eu quero. *Com você*. Quero saber como é ter sua boca em mim, Raine.

— Só me diga se eu fizer qualquer coisa que não goste. — ela sussurrou enquanto os lábios roçavam a coroa tensa, sensível, fazendo-o tremer e respirar ofegante. Então ela abriu a boca, a pequena língua rosada sacudindo contra a cabeça lisa, provando-o e sua cabeça caiu para trás batendo contra a porta, enquanto algo que soava como um rosnado bruto e animalesco rasgou sua garganta, ecoando pela sala.

— *Mais*. — disse forçadamente entredentes, incapaz de impedir seus quadris de empurrar para a frente, empurrando seu eixo contra a sua boca. Em seguida uma mistura contínua de maldições afiadas e roucas estouraram de seus lábios quando ela o tomou e começou a sugar.

Precisando observá-la Seth baixou sua cabeça... e encontrou a pequena mestiça olhando fixamente pra cima para ele, seus olhos lindos nebulosos pelo prazer quando rodou a língua ao redor da cabeça brilhante. Então chupou de novo, levando-o um pouco mais fundo e sentiu uma liberação acentuada e abrasadora já avançando.

Lutando pelo controle cobriu a mão dela com a sua, apertando pra baixo *forte* e moveu sua outra mão para seu rosto, as pontas dos cabelos longos ainda presos em seus dedos. Com os olhos quentes Seth viu quando esfregou seu polegar no canto de sua boca, a visão de seu eixo escuro e cheio de cicatrizes deslizando dentro dos apertados lábios, a maldita coisa mais sexy que já viu. Ela gemeu quando ele deslizou seu polegar sob seu pênis, pressionando-o contra a prega central em seu lábio inferior, ao mesmo tempo em que empurrava para a frente, dando outra pulegada — e quando esse gemido erótico vibrou ao longo de seu eixo, Seth sabia que não ia durar um segundo mais.

— Pare! — ele vociferou, tentando não arrancar seu cabelo enquanto se afastava, suas costas batendo duro contra a porta atrás dele.

Ela pestanejou para ele, seus olhos grandes nebulosos pela confusão.

— Por quê? Pensei que estava gostando.

— Adorei... mas não quero gozar até estar dentro de você. — ele soltou, rapidamente a pegando sob seus braços e puxando-a de pé. Curvou um antebraço embaixo de suas belas nádegas e ela se ergueu contra a frente de seu corpo, transportando-a para a cama enorme de ferro forjado do quarto. Depositando-a na beirada do colchão alto da cama, Seth ficou entre suas pernas enquanto estendia a mão para a cintura em seu moletom — mas ela se encolheu, enviando um olhar de pânico em direção às duas lâmpadas em cada extremidade da cômoda, seu brilho enchendo a sala de luz. — O que está errado? — ele perguntou, alisando seu cabelo do seu rosto com uma suave mão trêmula.

Ela umedeceu os lábios.

— Pode, por favor, desligar as luzes?

— Seria melhor mantê-las ligadas.

Ela estremeceu, resmungando.

— Prefiro que não.

— Por quê? O que é, querida? — Ocorreu a Seth que ela sempre fazia questão que seus quartos estivessem principalmente nas sombras sempre que ficava nua na frente dele, que nunca permitiu que a visse tão claramente como gostaria.

Quando ela não disse nada, ele murmurou.

— Confiança opera em ambos os lados, Raine.

Ela fechou os olhos por um momento e em seguida lentamente os abriu, um rubor quente cobrindo sua pele quando disse.

— Não quero que veja minhas cicatrizes.

Seth a olhou com as sobrancelhas franzidas, querendo saber de que diabos estava falando.

— Mas você não tem nenhuma cicatriz.

— Na verdade, tenho. — disse ela, seu olhar desviando do dele. Com um dar de ombros inquieto, acrescentou. — Mas são tão claras que não pode vê-las quando a iluminação é fraca.

— São de quando você foi... atacada? — ele perguntou, tentando lembrar se viu as cicatrizes em seu corpo quando a tirou do Complexo de Westmore. Mas era difícil dizer por que ela estava tão maltratada e machucada, coberta de sangue e fuligem das explosões que rasgaram pela antiga fortaleza. Era possível que não as visse?

Obviamente era, porque ela acenou com a cabeça e disse:

— Eu as obtive durante meu cativeiro. — Sua voz era calma, suave. — Normalmente, minhas habilidades de cura impedem que cicatrizes se formem. Mas me negaram sangue por muito tempo, o que tornou difícil para meu corpo lidar com todos os... machucados. Alguns desses ferimentos cicatrizaram como resultado disso.

Desejando que pudesse matar o fodido Seton novamente, Seth passou uma mão sobre seu ombro nu, seu peito doendo, um nó na garganta pela emoção.

— Então têm tentado escondê-las de mim?

— Não esconder. — Ela deu um suspiro cansado. — Apenas... não queria que as visse. Não são bonitas, Seth.

Ele ficou furioso que esta mulher bonita e requintada sentisse necessidade de se esconder dele, mas entendia seu medo, considerando que passou toda sua vida adulta fazendo sexo nas sombras, nunca confiando em ninguém com seus segredos.

Mas não queria que Raine se sentisse dessa forma. Não queria que se envergonhasse de seu corpo ou pensasse que era um juiz emproado.

— Raine, cicatrizes são apenas cicatrizes. Não mudam quem você é. E com certeza não vão mudar a maneira como vejo você.

— É fácil para você dizer. — ela sussurrou, prendendo seu olhar incomodado com o dele mais uma vez. — Quero dizer, mesmo com suas cicatrizes, você ainda é lindo.

Seus lábios se torceram e ele balançou a cabeça.

— Mulher, não tenho nada pra você. Está tão longe do meu alcance que tenho sorte por ainda me dar uma segunda olhada.

Um riso ofegante derramou de seus lábios macios e ela não lutou com ele quando alcançou a barra da sua camiseta e a puxou por cima da sua cabeça, as cicatrizes mal visíveis no brilho quente da luz. Eram marcas fracas e prateadas cobrindo seus seios e a curva esguia de seu estômago. Algumas eram obviamente marcas de mordida, enquanto outras pareciam ser cortes de garras. A pele era suave, as cicatrizes pálidas o suficiente para que não as detectasse antes. Mas odiava a dor que causaram, sua determinação em impedi-la de ir para Meridian mais forte do que nunca.

— Viu? — Sua voz era áspera. — Tentei avisá-lo que eram feias.

— Não. — Ele sussurrou, empurrando-a contra a cama para que pudesse se inclinar sobre ela e colocar um beijo terno numa daquelas cicatrizes apagadas... e depois outro. — É tão bonita, Raine. — Ele acariciou com o nariz a suave elevação de um seio enquanto acariciava com seu polegar o outro mamilo túrgido. — Cada parte de você. Já não tem nada para esconder de mim.

Ela tremeu e ele pôde sentir o exato momento em que ela se rendeu a ele — essa tensão esticada abandonando seu corpo enquanto o quente desejo derramava pelo seu sistema, deixando-a flexível e macia. Com um gemido provocante em seus lábios, ela correu as suaves palmas das mãos sobre seus ombros e peito quando ele cobriu um daqueles mamilos deliciosamente ingurgitados com sua boca. Sugando duro pela urgência da sua necessidade, Seth chupou avidamente a doce ponta enquanto empurrava a calça de moleton suas pernas delgadas abaixo, e em seguida fazia o mesmo com sua calcinha.

Precisava tanto dela. Cada parte sua. Agora...

Apoiando-se num braço esticado, encaixou-se entre as coxas abertas e lutou para se controlar enquanto agarraava seu pau na mão, ajustando-o na sua entrada suave. Uma gota de suor ardeu em seu olho quando baixou o olhar para ela, seu corpo queimando pelo calor, em seguida empurrou para frente... e soube que não seria capaz de tomá-la lentamente. Estava afundando num céu de veludo, macio, e não havia uma chance no inferno que isso fosse qualquer coisa, além de rápido e cru.

— Coloque seus calcanhares na beirada da cama e segure. — ele disse a ela, sua voz decidida e grossa quando entrou outra polegada. Ele colocou o dedo na boca, molhando-o, então o desceu e esfregou a ponta calejada sobre seu clitóris, os quadris dela rolando quando o tomou mais fundo... e mais fundo. Quando finalmente estava todo dentro dela, enterrado até o punho, agarrou por trás de seus joelhos e empurrou contra a cama, abrindo-a debaixo dele. — Diga que está pronta. — ele rosnou, apoiando seus pés no chão. — Porque isto vai ser duro.

— Estou pronta. — As palavras ofegantes vibravam pela excitação e ele levantou o olhar para o rosto dela bem a tempo de vê-la molhar seus lábios com uma lambida "sexy" da sua língua, seus lindos olhos ardendo famintos quando ergueu o olhar para ele. Era tão linda que brilhava, roubando sua respiração e ambos ofegaram quando ele puxou seus quadris para trás, logo voltou para ela com um poderoso e penetrante impulso que o fez rosnar. Suspiros rapidamente se tornaram gritos roucos quando a tomou exatamente como disse que faria, o ritmo duro e rápido, esfregando, turvando sua mente. Ela cravou suas unhas em seus ombros enquanto a mantinha presa na beirada do colchão, seus corpos se golpeando com sons molhados, eróticos, sua pele tão quente que devia estar saindo vapor. Eles forçaram e empurraram numa violenta luta para conseguir chegar mais perto... mais *fundo*, o sexo mais cru e possessivo que qualquer coisa que poderia ter imaginado.

Ela se debatia embaixo dele, seu cabelo emaranhado em torno do seu rosto corado e Seth estaria aterrorizado por estar machucando-a, se ela não continuasse arranhando para puxá-lo mais perto, os sons de prazer derramando de seus lábios o empurrando para um lugar sombrio, intenso e impressionantemente primitivo. Então ela estava gritando quando despencou sobre a borda, gozando tão forte que o arrastou junto, seu orgasmo exuberante, firme e devastadoramente doce quando o ordenhou de tudo que tinha, seu corpo bombeando nela por longos e ardentes momentos, que o fez se sentir como se fosse virado do avesso pelo êxtase, bem como pela dor. Apesar de suas presas se liberarem apenas quando ela atingiu o clímax, ele ansiosamente tomou cada um dos seus gritos roucos em sua boca, amando o gosto dela, não sendo possível conseguir o suficiente pela forma como ela devolveu o beijo enquanto seu ritmo violento aliviava para um empurrão lento, gentil.

Quando Seth finalmente se forçou a sair sabendo que seu delicado corpo precisava de tempo para se recuperar, ele rastejou pra cima da cama e a puxou contra seu peito. Queria tanto implorar que desistisse de sua luta novamente, mas sabia que era inútil. Levou anos para tirar a necessidade de vingança do seu sistema. Como poderia esperar que ela desistisse depois de apenas alguns meses? E por um homem como ele? Aquele que se recusava a lhe dar sua veia? Que ainda explodia num suor frio toda vez que imaginava suas presas afiadas cortando sua pele? Embora mostrassem uma profunda medida de confiança naquela noite, simplesmente não sabia se sua mordida era algo que jamais seria capaz de aceitar.

Mas não o impedia de sonhar em como poderia ser.

— Como funciona uma relação entre um humano e um vampiro? — ele perguntou, passando seus dedos pelo seu cabelo, amando a forma como essas ondas sedosas se sentiam contra sua pele. Amando ainda mais que confiasse que ele não a machucaria.

— Que tipo de relacionamento? — ela perguntou, seu dedo seguindo uma cicatriz que corria ao longo de suas costelas.

— Do tipo que dura, como casamento. Sei que parece loucura, mas depois de todos esses anos, ainda há um montão de coisas que não entendo sobre os Deschanel. Eles ainda acreditam em cerimônias de casamento?

Podia sentir a tensão rastejando em seus músculos, uma cautela no seu tom que não estava lá antes quando ela disse.

— Por que está me perguntando isso?

— Porque estou curioso. — *E porque estou loucamente, desesperadamente apaixonado por você. Porque quero encontrar alguma forma de ligar você comigo que nunca possa ser desfeita.*

Praticamente podia ouvir seu cérebro trabalhando enquanto ela tentava descobrir aonde isso chegaria, sua voz hesitante quando finalmente deu uma resposta.

— Sim, há casamentos entre machos humanos e fêmeas Deschanel. Também é possível uma ligação que vincula o humano e sua vida ao vampiro, juntando forças, permitindo-lhes sentir as emoções do outro... mas isso somente se o sangue for compartilhado entre eles. — explicou, as palavras roucas e macias. — Se essa ligação for feita, também vincula suas expectativas de vida, para que a parte Deschanel do casal não seja obrigada a viver sem seu macho. Mas a fêmea não pode passar nenhum dos seus poderes, da forma como um macho Deschanel pode quando acasala com uma humana.

— Não dou uma merda sobre os poderes. — ele resmungou, acariciando com sua mão suas costas abaixo. — Só quero você.

Ela tremeu em seus braços, sua respiração falhando nervosa quando disse.

— Mas ainda não me deixou terminar. Como sabe, Deschanel é apenas uma parte da minha linhagem. Como uma das mulheres Alacea mais poderosa, provavelmente criarei um elo mental com o homem que escolher para comprometer minha vida.

— Que tipo de elo? — ele perguntou, então imediatamente estremeceu pela nota suave de pavor subjacente à sua pergunta.

Ela manteve seu rosto pressionado em seu peito, quando respondeu.

— Um que permitiria acesso completo à maior parte dos seus pensamentos, memórias e emoções. — Sua voz começava a soar um pouco mais nítida. — Ele não teria nenhum escudo contra mim, mesmo com meus poderes tão fracos como estão.

— Mas não tem medo que desfoque sua conexão com ele?

— Teria, exceto neste caso. Um elo apenas solidifica a conexão. — Ela inalou profundamente, em seguida continuou calmamente. — E embora não seja algo que eu pudesse impedir de acontecer, gostaria de aprender a controlar, dando-lhe o máximo de privacidade possível quando viessem seus pensamentos, embora tenha ouvido que é quase impossível controlar a ligação emocional. Mas não é completamente unilateral, porque ele seria capaz de sentir minhas emoções também.

Seth tentou imaginar como seria, mas não conseguiu. Tudo que sabia era que não gostava da ideia de estar tão aberto a ela.

— Posso sentir o conflito dentro de você, Seth. O pensamento que eu possa ser capaz de te ver tão claramente te deixa desconfortável.

— Há um monte de merda no meu passado que não quero que seja obrigada a conviver. — disse ele, puxando-a mais pra cima na cama, para que estivessem deitados cara a cara e ele pudesse olhar em seus olhos. — Mas ainda a quero. Depois de ver a forma como reajo a você, não acho que há alguma maneira que possa duvidar, Raine.

— Isso parece doido — ela murmurou, tocando sua face com os dedos —, mas acho que realmente estou começando a acreditar em você. Mas... — Tristeza escureceu seus olhos, seu lábio inferior tremendo quando disse —, mas, às vezes, querer simplesmente não é suficiente.

— Acho que está errada. — Ele deslizou a mão no seu quadril e a satisfação queimou pelas suas veias quando ela tremeu pela simples carícia. — A forma como ficamos juntos... é muito mais do que a maioria dos casais têm.

E não importa o que precisasse fazer, encontraria uma maneira de torná-lo suficiente. Poderia nunca ser capaz de lhe dar seu sangue, mas porra, ele a manteria embebida em prazer. Ele a manteria tão satisfeita que não se importaria se não pudesse mordê-lo... ou que impedisse sua vingança.

— Sabe, quando me olha da forma como faz agora, como se quisesse me comer viva... Não sei como explicar. — Um leve sorriso tocou sua boca, seus olhos queimando com um tipo de luz brilhante, interior. — Mas isso me faz sentir melhor do que me senti há um longo tempo. Assim obrigado. Por isso. Por... tudo.

— Tenho outras maneiras de fazer você se sentir melhor. — ele disse com voz áspera, passando a boca pelo contorno delicado de sua mandíbula.

Ela inclinou sua cabeça pra trás para dar melhor acesso e deu uma risada suave.

— Você é insaciável, McConnell.

— Apenas desesperado. — Ele gemeu com tanta emoção que ela realmente riu, o som iluminado o enchendo com um golpe pungente de prazer. Se pudesse passaria o resto de sua vida fazendo-a rir e sorrir. Simplesmente fazendo-a *feliz*.

— Sabe que machos humanos supostamente tem baixa resistência, não é? — ela brincou enquanto rolava debaixo dele, seu peso apoiado em seus cotovelos.

— Sim, bem, sempre fui acima da média. — ele disse com voz arrastada e ela ainda estava rindo quando a penetrou, o doce som se tornando um gemido ainda mais doce.

Quando começou a se mover, a garganta de Seth queimou pela necessidade de dizer tudo. Que estava apaixonado por ela. Completamente. Desesperadamente. Que amava tudo nela, cada parte sua e queria passar o resto de sua vida com ela. Mas não podia soltar as palavras com medo de como ela reagiria, apavorado que sua confissão a fizesse fugir.

Assim a apertou debaixo dele e tomou sua boca, derramando tudo que sentia num beijo escaldante... e mostrando com seu corpo em vez disso.

Na manhã seguinte...

Ele acordou rugindo, mas Raine não esperava nada menos.

Afinal, havia tantas maneiras que um cara podia reagir quando abria os olhos e se encontrava algemado numa cama. E considerando que ela não era uma dominatrix, ele provavelmente assumia que isto não era divertimento e jogos, mas um negócio sério.

— Que porra é essa? — ele rosnou, repuxando a alga que ela retirou da sua mochila e prendeu em seu pulso forte, a outra extremidade presa numa das grossas barras de ferro que corriam verticalmente por toda a cabeceira resistente e antiga. Mesmo se fosse excepcionalmente forte não achava que ele seria capaz de se libertar.

— Sinto muito, Seth. — As palavras mal eram suficientes para aplacá-lo, mas precisavam ser ditas. O olhar por ser traído queimava em seus olhos escuros, cortando por ela como uma faca e desejou que houvesse uma maneira de fazê-lo entender. Ela tinha que pelo menos tentar...

Calmamente, ela disse.

— Não pode esquecer o que Seton disse sobre Calder. — Suas mãos se enrolaram na alça da mochila que ela jogou por cima do ombro, o aperto tão firme que seus dedos formigavam. — Então chamei meus pais no meio da noite e pedi que viessem pra cá. Estão esperando na cozinha e vão vigiar você até que eu avise que podem soltá-lo. — Parou quando percebeu que poderia não ser capaz de contatá-los se as coisas dessem errado, em seguida acrescentou: — Ou em poucos dias se, hum, algo acontecer e eu não puder entrar em contato com eles.

Ele se empurrou na posição sentada, sua mandíbula tão apertada que afundava nas laterais.

— E onde pensa ir sem mim?

— Kellan ligou ontem à noite enquanto você estava no chuveiro. Encontraram o último Marcador. Vou encontrá-los em Paris hoje, onde vamos tentar montar o mapa. E assim que estiver feito, vamos para Meridian.

— E acha que vai com eles? — ele exigiu, os músculos em seu peito e ombros inchando com raiva.

Ela acenou com a cabeça e ele forçou as algemas, tão violentamente que sua pele começou a se romper sob o metal, o cheiro de seu sangue enchendo o quarto.

— Por favor, não faça isso! — Ela lutou contra o desejo de se aproximar da cama, os olhos se enchendo de lágrimas. — Está se machucando!

— Não me deixe aqui! — ele rugiu, sua voz profunda gritando com fúria e medo. Retorceu-se, o lençol enrolando ao redor de seus quadris quando usou sua mão livre para puxar a cabeceira de ferro forjado, mas ela não cedeu. Finalmente parou a luta violenta e baixou a cabeça, sua respiração ruidosa entre seus lábios abertos. — Porra, Raine, não pode fazer isso. — Ele virou sua cabeça, fixando seu olhar ardente nela. — Não pode fazer isto a um homem que está apaixonado por você!

Ela vacilou, seu coração falhando quando essas palavras ásperas a atingiram. Tremendo ela engoliu em seco, depois de alguma forma conseguiu dizer.

— Se isso for verdade Seth, então é ainda mais importante que eu faça isso.

— Como diabos isso faz algum sentido?

— Se minha vida nunca valeu para alguma coisa, então saberei que fiz tudo que podia para me certificar que os assassinos de Rietta pagaram pelo que aconteceu com ela.

— Então me deixe fazer isso. — ele rosnou. — Fique aqui com seus pais e confie em mim para fazer isso pra você. Terá a vingança que precisa. Prometo. Mas preciso que fique a salvo.

— Não posso. — ela gritou. — Ouviu o que Seton disse. Se entrar em Meridian com os outros, vão matá-lo.

— Pensa que sou tão fácil de matar? — Sua expressão apertou com uma mistura selvagem de raiva e frustração. — Jesus, Raine. Quando vai perceber que posso cuidar de mim mesmo?

— Sei que pode. Mas vão te alvejar por *minha* causa. E isso não é justo, Seth. O erro foi meu, o que significa que esta luta deve ser *minha*.

— Para o inferno com isso. Quando você ama alguém, compartilha as lutas. — ele argumentou em voz baixa, o olhar em seus olhos escuros rasgando direto para sua alma. — Faria qualquer coisa por você, Raine. *Qualquer coisa*. Mas se sair por essa porta e me deixar aqui, então estamos acabados.

Ela se encolheu, seu coração martelando quando deu um passo atrás parecendo ter recebido um golpe físico.

— Não pode me culpar, Seth. Fez o mesmo comigo ontem. E te perdoei porque sabia que só agiu assim por medo, pela minha segurança. Só estou fazendo a mesma coisa.

— Não é a mesma coisa, porra!

— Por quê? Porque você é homem e eu sou mulher?

— Sim. Não. Não sei mais de porra nenhuma. — ele fervia, sua garganta subindo e descendo quando engoliu. — Mas só porque sei que é uma mulher forte não significa que quero vê-la no meio de um campo de batalha! Não quero te perder!

Ela não queria perdê-lo também. Mas precisava fazer isso. Não queria passar o resto de sua vida assim. Não queria carregar o peso esmagador da culpa e da falha consigo a cada segundo de cada dia. Sabia que Seth levou anos para expurgar seus demônios. Se quisessem uma chance, ela teria que fazer o mesmo.

— Se ainda quiser — ela sussurrou —, então poderemos conversar quando isto acabar.

— Sabe, eu sabia que acabaria assim. Com você fugindo. — Sua voz se partiu no final, mas ele balançou a cabeça e se trancou novamente em sua raiva, suas palavras vindo duras e afiadas. — Sabia que nunca teria coragem de me dar uma chance.

— Odeio que se sinta assim, porque não é verdade. Só quero mantê-lo vivo, Seth. Não vou permitir que jogue sua vida fora por minha causa. E não posso deixar que me impeça de fazer o que preciso.

Ele olhou novamente para ela, seu olhar frio completamente despojado do calor que veio a amar.

— Você fechou essa porta, e é isso. — ele murmurou. — Não se incomode em rastejar de volta.

As palavras eram cruéis, mas podia ver a dor nas linhas sombrias de sua expressão e sabia que a estava golpeando da maneira que podia. Suas lágrimas fluíram duras, rápidas e livres e pela primeira vez na sua vida não tentou detê-las. Seria impossível. Vinham de um lugar muito profundo dentro dela. Um lugar ainda mais profundo que o de sua culpa.

— Vou tentar, enfim, passar por isso e sair inteira.

— Jesus, Raine. Pense sobre o que está fazendo. Realmente está disposta a quebrar um pacto sagrado? Sabe o que isso significa? Se os Grangers informarem o Tribunal Deschanel, os vampiros vão te desprezar para sempre. Está sinceramente disposta a viver com isso pela vingança?

— Não — ela disse da porta, engasgando com as lágrimas —, mas estou disposta a viver com isso por você.

Então fechou a porta atrás dela.

Capítulo 20

Monte Agri, Turquia

No final da tarde do dia seguinte...

Não importa o que Raine fizesse nada parecia certo, como se deixasse a Itália sem uma perna... ou o coração.

Não. Não pense assim, ela se repreendeu silenciosamente, seguindo os outros enquanto percorriam um caminho se entranhando na montanha. *Não tem tempo pra isso.*

E honestamente não tinha. Viajar por um túnel antigo cavado numa montanha era mais difícil do que achava que seria. Mas então, desde o momento em que se afastou de Seth, nada foi fácil. Sentia tanta falta dele que mal podia funcionar... e não era a única desejando que ele estivesse lá.

Quando Raine se encontrou com os Sentinelas em Paris, a primeira coisa que Kellan Scott perguntou a ela, foi:

— Onde diabos está McConnell? — Ela alegou que tiveram uma discussão e que ele caiu fora, deixando sua mochila e telefone pra trás, gritando que estava cheio dela e da guerra. E enquanto todos claramente achavam sua versão dos acontecimentos difícil de acreditar, pelo menos ninguém veio a público e a chamou de mentirosa. Em vez disso reclamaram e amaldiçoaram, e em seguida começaram a trabalhar nos Marcadores, tentando criar o mapa que levaria todos a Meridian.

Kierland reservou para o grupo uma enorme suíte no hotel e quase todos de Harrow House estavam lá, com exceção de algumas mulheres e da filha adotiva de Aiden Shrader. Até mesmo Aiden e Quinn estavam lá vindo da Rússia, onde lidaram com o mais recente ataque de *Infettato*. Enquanto os Caminhantes da Morte estivessem por aí, continuariam transformando humanos... criando o caos e espalhando o medo e Raine sabia que havia um interesse de todos nessa missão. Afinal, no momento que usassem os Marcadores das Trevas para matar as sombras Casus os monstros seriam enviados para o inferno... e os Caminhantes da Morte seriam soltos às centenas. Talvez até milhares. Então era realmente uma corrida contra o tempo começar a decifrar o diário da morte, de modo que pudessem encontrar uma maneira de matar as criaturas psicóticas e salvar o mundo.

Querendo ajudar de qualquer maneira que pudesse, Raine tentou usar seus poderes para conseguir uma leitura sobre os Caminhantes da Morte e seus amaldiçoados *Infettato*, mas foi incapaz de pegar qualquer coisa de qualquer espécie. O que era outra desvantagem por ter traído Seth. Desde que o deixou algemado naquela maldita cama seus poderes ficavam cada vez mais fracos. Com essa ação, conseguiu se colocar de volta numa espiral negativa de culpa e autoaversão e agora estava pagando o preço por sua traição.

Embora quisesse simplesmente partir e se esconder num canto onde pudesse ter um pouco de silêncio para tentar esclarecer a confusão caótica de suas emoções, fez uma cara corajosa, sabendo muito bem que havia trabalho a ser feito. Ela e os outros passaram horas naquela suíte de hotel colocando os 12 Marcadores das Trevas em posições diferentes, fazendo tudo que podiam para criar algum tipo de mapa — e então ela finalmente viu. Não acident

geográficos ou costas. Não rios ou estradas. Não coordenadas ou um diagrama ou até mesmo um mapa. Mas uma simples palavra.

Ararat.

Quando Raine apontou isso para os outros eles franziram as sobrancelhas, nenhum deles fazendo a conexão. Revirando os olhos, ela disse.

— Oh, qual é? Estão me dizendo que fui a única aqui que frequentou a escola dominical?

— Escola dominical? — Aiden bufou enquanto outra pessoa murmurava:

— Mais alguém está tão confuso quanto eu?

Olhando ao redor para o grupo, Raine disse.

— O Monte Ararat é a montanha onde Noah pousou a Arca depois do dilúvio. É realmente uma montanha na Turquia chamada Monte Agri.

— Não brinca? Conheço esse nome. — Gideon falou arrastado, um sorriso largo se espalhando em seu lindo rosto. O vampiro se juntou a eles algumas horas depois que se reuniram no hotel, todos concordando que era mais importante tê-lo lá em vez de esperar que Westmore voltasse à Itália. E já que Spark finalmente foi transferida para um dos Complexos Sentinelas italiano, Liam foi capaz de vir junto também.

— Ashe e eu temos uma sobrinha que trabalha na cidade na base do Monte Agri. — o vampiro disse. — Ela se casou com um homem que trabalha para o governo local. Fui visitá-la e fomos esquiar num dos resorts da montanha.

Então agora aqui estavam, na Turquia, congelando seus traseiros. Gideon chamou sua sobrinha e pediu ao seu marido que soltasse um alerta de avalanche, o que limpou a área de moradores e turistas. Mas não estavam sozinhos. Sentinelas de todo o mundo apareceram para ajudar na luta e Raine gostou de todos que conheceu, exceto um cara chamado Remy do Complexo de Paris. O metamorfo aparentemente conheceu Seth quando o soldado parou em seu Complexo para pegar algumas armas, e o cara verbalizou suas reclamações sobre um ex-oficial do Coletivo sendo votado como novo chefe de segurança para sua organização ainda sem nome.

Remy também gostou de apontar que Seth falhou em aparecer para a luta. Kierland advertiu os outros da sua unidade para simplesmente dizer que McConnell estava em algum negócio pessoal que não podia ser ignorado, mas não adiantou muito para evitar a fofoca se espalhando, o que apenas adicionava a Raine mais sentimento de culpa. McConnell estava tentando começar uma nova vida aqui pra ele, e ela conseguiu que parecesse como se tivesse virado as costas para todos quando mais precisavam dele.

O que tornava ainda pior era Raine saber, pelos nebulosos trechos que conseguia captar dos pensamentos dos outros, que seus amigos ainda mantinham a esperança que o soldado mudasse de ideia e entrasse em contato com eles, o que apenas agravava mais sua culpa... enfraquecendo suas habilidades. E havia a questão de sua família. Usar seus pais para vigiar Seth significava confessar as mentiras que disse, o que foi doloroso. Mas precisava da ajuda deles. Ficaram desapontados, mas mais preocupados que qualquer outra coisa. Só esperava que honrassem seus desejos e evitassem que Seth deixasse a Villa até ser seguro para ele fazê-lo.

E ainda assim, apesar do fato que seus poderes estavam pateticamente fracos neste momento, Raine não precisava ser uma leitora de mentes para saber o que todo mundo estava

pensando. Estavam todos se perguntando por que Westmore não atacou. Querendo saber o que ele estava esperando. Querendo saber o que ele sabia e eles não.

Mesmo os Sentinelas não sendo capazes de determinar se esses três Marcadores que estiveram nas mãos de Westmore tinham chips de rastreamento, ainda cogitavam que estavam grampeados. Então, por que o Kraven não fez sua jogada? Usando seu dom único que tinha de "escutar" os objetos físicos, Saige Buchanan conseguiu encontrar uma entrada secreta a meia altura do lado da montanha que levava a um túnel alargado. Já estavam bem dentro do túnel, que acreditavam os conduzir ao portão da prisão, tendo aberto caminho através de uma série de portas que desbloquearam, colocando um único marcador em nichos em forma de Cruz esculpidos no centro de cada uma. Raine não tinha dúvida que estavam chegando perto de Meridian, as paredes já não parecendo mais rocha, mas brilhantes com algum tipo de estranho brilho vermelho que tornava suas lanternas desnecessárias. Mas não havia ainda nenhum sinal de Westmore.

Assim como era estranho o fato de que não havia nenhum sinal dos seguidores do Kraven Westmore... ou mesmo do Exército Coletivo. As fracas leituras que Raine conseguiu obter de alguns seguidores do Kraven Westmore que pertenciam ao seu círculo mostravam que estavam na África do Sul, aguardando instruções do seu líder. E o que foi capaz de captar dos soldados do Coletivo atribuídos a Westmore foi simplesmente decepcionante, já que pareciam estar na América lidando com uma família de Lobos renegados. Pelo que podia dizer, ninguém se preparava para atacá-los, e mais do que nunca desejava poder ler Westmore e ver o que estava acontecendo em sua mente tortuosa.

— Este lugar me assusta. — Aiden de repente murmurou, correndo uma de suas grandes palmas pelo lado brilhante do túnel. — Estamos ainda dentro da montanha?

— Acho que não. — Noah Winston murmurou, sua voz áspera e profunda pela antecipação, seu cabelo escuro espetado em tufo por passar os dedos por ele. — Provavelmente passamos para algum tipo de dimensão alternativa quando entramos por essa primeira porta.

Durante a próxima hora passaram por outras sete portas, o que totalizava doze até agora. Uma para cada Marcador em sua posse.

E uma hora depois, finalmente encontraram o portal.

Embora Ian tivesse visto o portão antes em seus sonhos, descrevendo-o como uma grande monstruosidade com mais de quinze metros de largura e nove metros de altura, o grupo ainda deu um suspiro coletivo quando o viram. O mesmo brilho vermelho demoníaco que sangrava das paredes do túnel emanavam da gruta que mantinha o portal, refletindo sua superfície reluzente, sua composição do mesmo metal escuro das cruzes. E já que a unidade de Kierland liderava o exército de Sentinelas foi com eles para descobrir uma maneira de abri-lo. Espalharam-se usando as mãos para investigar sua superfície quente, mas não puderam encontrar nada como os nichos esculpidos nas portas que atravessaram até chegar ali. Enquanto Quinn usava suas asas para se levantar no ar pesquisando a parte superior do portal, Saige colocou as palmas das mãos no metal gravado, ouvindo mais uma vez com seu poder. Após um momento ela retirou as mãos do portal e seus ombros caíram, seu tom desanimado quando disse.

— Tudo que continua dizendo é que os doze Marcadores precisam ser colocados ao mesmo tempo.

— Colocados onde? — Kierland perguntou, a frustração afiando suas palavras rudes. Além dos estranhos símbolos gravados em sua superfície combinando com os dos Marcadores, o portal era liso.

Quando Saige disse que não sabia, Ian murmurou.

— Bem, aqui estamos, como nos malditos sonhos que continuo tendo. No portal e sem uma maldita pista de como atravessar.

— Espere! — Quinn chamou e olharam pra cima para encontrá-lo usando suas garras para raspar o que parecia ser camadas de calcário que cresceram na parte superior do portal. — Acho que descobri alguma coisa!

Dentro de minutos Quinn descobriu doze reentrâncias em forma de Cruz e Ian olhou para seu irmão, Riley, perguntando.

— Acha que poderia mover todos os doze Marcadores nesses encaixes ao mesmo tempo? — Como seus irmãos, Riley também possuía um dom único e podia mover objetos com sua mente.

Embora Riley levasse alguns minutos para pegar o jeito de lidar com muitos objetos ao mesmo tempo, finalmente conseguiu colocá-los no lugar. Uma alegria moderada atravessou o grupo um pouco mais tarde quando um gemido profundo emanou do portal. Ele estremeceu quando uma fissura rasgou do seu centro, o chão vibrando embaixo dos seus pés. Kierland ordenou que todos pegassem suas armas, e em seguida colocaram seus ombros contra o portal pesado e empurraram, forçando os lados a se abrir. Continuaram empurrando até que os dois lados foram achatados contra as paredes internas do que parecia uma caverna imensa que ficava mais ampla enquanto se espalhava aprofundando na montanha... ou o que quer que fosse o inferno em que estavam. Riley tirou os Marcadores das duas metades do portal, em seguida os passou para os outros, mantendo dois para ele e Saige.

Não havia nada além de um vento suave correndo, um nebuloso turbilhão quando o grupo se moveu para o espaço cavernoso, o ar úmido marcado pelo fedor nauseante de carne pútrida. Apesar da luz vermelha que brilhava nas paredes rochosas, avistava-se apenas cerca de quinze metros em qualquer direção, a névoa obscurecendo a visibilidade, mas o lugar ainda exsudava o mal, como se o ar estivesse encharcado com ele.

— Puta merda. — Kellan sussurrou ao lado de Raine. — Não estamos mais no Kansas, estamos?

— Definitivamente não. — ela respondeu, as mãos apertando a longa faca letal que Noah forneceu. Embora os homens tentassem fazê-la pegar uma das cruzes para proteção, ela discutiu que seria melhor se as armas sobrenaturais fossem carregadas pelos guerreiros treinados de seu grupo, sabendo que estariam mais bem equipados para usá-las contra os Casus. Já que não sabiam exatamente como os Marcadores funcionariam dentro de Meridian, não queria ser idiota e cometer um erro. Só queria que os Casus morressem.

E já que Westmore era um Kraven, se finalmente aparecesse tudo que Raine precisava para destruí-lo era uma das estacas de madeira amarradas em suas costas. Em seguida poderia retornar à Itália e libertar Seth... e implorar seu perdão.

Mas só vou vê-lo novamente se sair daqui inteira.

— Onde diabos estão? — Noah rosnou quando se empurrou diante do grupo, permanecendo entre ela e Kellan. Os olhos azul gelo revistaram os recessos internos da caverna.
— Não há nada aqui!

— Calma. — Kierland sussurrou, olhando à distância. — Acho que há alguém vindo em nossa direção.

— Chloe — Kellan murmurou, colocando sua mão no ombro de sua namorada —, pode nos dar um pouco mais de luz, doçura?

A meia-bruxa estava aprendendo a usar seus poderes recentemente desencadeados e estava obviamente ficando mais forte, já que um raio de luz quente se espalhou de suas palmas erguidas.

— É Westmore. — Raine disse com um suspiro atordoado. — Como ele chegou aqui?

Um sorriso lento erguia a boca do Kraven quando se aproximou.

— Vim pela porta dos fundos. — ele disse com voz arrastada e não havia erro na espessa nota de satisfação em seu tom. Algo estava vindo... e Raine não tinha dúvida que seria ruim. Enquanto os Sentinelas continuavam chegando na caverna atrás deles, não podia evitar a sensação que estavam caminhando para uma armadilha.

— Porta dos fundos? Que porra isso significa? — Kierland rosnou, soando quase mais animal do que homem. Em torno dela Raine podia sentir os metamorfos cedendo à sua natureza predatória enquanto se preparavam para a batalha, enquanto os Grangers soltavam suas garras e dentes afiados.

— Bem, eu quis dizer metaforicamente. — Westmore explicou com uma risada baixa, os olhos normalmente castanhos queimando com um brilhante vermelho que um Kraven só podia alcançar de noite. — Olha, embora Meridian possa ser uma merda pra fugir, não é tão difícil de entrar, se souber o que está fazendo. Calder e seus seguidores são poderosos o bastante para mais do que apenas enviar sombras transpondo o fosso. Nas circunstâncias certas também podem puxar um corpo do mundo exterior e prendê-lo ali dentro da prisão. Nem sempre, lembrem-se, porque é desgastante. Mas Calder estava disposto a fazê-lo por mim. Eu nem precisava saber o local da prisão. Tudo que tive que fazer foi ir a Marselha, onde tinha um altar especial me esperando. Então foi uma simples questão do Casus me puxar, transpondo o fosso que separa Meridian do resto do mundo e agora estou aqui.

— Mas... por que? Por que se prender com as Sombras?

— Porque haviam planos a serem feitos. Mas realmente só queria ver a expressão em seus rostos neste exato momento do tempo.

— Mas você perdeu. — Aiden rosnou, ostentando suas presas mortais.

O Kraven meramente arqueou uma sobrancelha.

— Perdi?

— Abrimos o portal, seu idiota. Vamos vasculhar este Reino esquecido por Deus e encontrar os Casus. Em seguida, eles vão morrer.

— Pode pegar alguns antes que sejam todos aniquilados, mas não muitos, porque não sabem como formar a arma principal. Quem criou os Marcadores planejava usá-los para destruir as sombras antes que sua morte prematura o impedisse de fazê-lo. E está errado sobre *eu perder*.

Sim, perdi os Marcadores pra você... mas às vezes... Bem, é que finalmente me ocorreu que às vezes você precisa perder antes de poder ganhar. Você tem que sacrificar um pouco para o bem de muitos. — disse o Kraven com outra risada rouca. — Como vê, queria que pensasse que me enganaram para que viessem e abrissem o portal. Em essência, vocês fizeram o trabalho duro para mim e agora olhe pra vocês. Bem onde os queríamos.

— Nós? — Raine sussurrou, um arrepio de pavor correu sua coluna abaixo quando pegou uma vibração de movimento pelo canto do olho. Ela virou a cabeça, em seguida gritou. — Olhem as paredes!

Ao redor deles Sombras Casus subitamente separam suas formas espectrais do teto e das paredes, onde estavam escondidos, impossíveis de ver na caverna. Embora os monstros quase não tivessem nenhuma substância depois de tantos anos sem sustento, seus dentes e garras brilhavam sinistros na iluminação, parecendo mais do que capazes de rasgar carne. Havia milhares deles se aproximando em grupo, as Sombras presas em suas monstruosas formas Casus com couro cinza, ondulações nas costas e cabeças em forma de Lobo.

Os Sentinelas pensaram que seriam capazes de penetrar em Meridian e abrir caminho pela prisão, pegando muitos Casus de surpresa. Mas era uma armadilha. Tiveram tanta certeza que Westmore convenceria os Kraven e o Coletivo a lutar por ele, quando em vez disso ele conseguiu ajeitar as coisas para que os Casus fossem os únicos a fazer todo o trabalho. E foi tão simples. Avisando os Casus dos planos dos Sentinelas, os monstros foram capazes de se organizar e se preparar.

E até que os Sentinelas descobrissem como usar os Marcadores para fazer esta “arma principal” que o Kraven mencionou, não haveria uma batalha. Seria um maldito banho de sangue.

Perceber aquilo enviou uma onda fresca de culpa arranhando o interior de Raine, já que sabia que os Sentinelas precisariam de toda ajuda que pudessem obter, e aqui estava ela custando a eles um soldado talentoso, mantendo Seth fora da luta.

Tinha tanta certeza que estava fazendo a coisa certa o mantendo em Florença. Mas se isso fosse verdade, então por que parecia tão errada?

Enquanto Kierland gritava ordens e o grupo assumia posições defensivas, uma enorme sombra Casus foi para o lado de Westmore e o Kraven deu à vil criatura um sorriso ansioso.

— Disse que o plano funcionaria, Calder.

— Calder? — Noah rosnou, avançando apenas para ser puxado de volta por Kierland. Raine não ficou surpresa pela reação de Noah, considerando que ouviu rumores que Calder queria usar o corpo do homem como hospedeiro.

Westmore voltou sua atenção para o grupo.

— Permita-me apresentar Anthony Calder, líder dos Casus... e meu tataravô.

— Vocês são... parentes? — Raine resmungou, incapaz de acreditar no que estava ouvindo.

— Isso mesmo. — O sorriso de Westmore se espalhou como uma mancha oleosa. — Como vê, nem todos os nascimentos Kraven foram resultado de estupro. Meus antepassados eram amantes e minha linhagem continuou a celebrar nosso sangue Casus através dos séculos, tramando uma maneira de trazer o dilúvio.

— Mas o que você ganha com isso? — Kellan exigiu, aconchegando Chloe atrás dele.

— O que ganho com isso? — Westmore repetiu, parecendo chocado pela pergunta. — Os Kraven estão cansados de serem tratados como fracos. Queremos o que é nosso por direito. Poder. Respeito. Assim que os Casus estiverem livres, nossas linhagens de sangue vão se misturar e então os Kraven já não serão considerados um segredo constrangedor. Seremos parte de uma nova raça. Uma que será a raça mais poderosa na terra!

— Chega de conversa. — Calder rosnou, a saliva escorrendo de suas presas retorcidas quando jogou a cabeça para trás com um uivo angustiante... e no instante seguinte as Sombras desceram sobre os Sentinelas numa grande onda esmagadora. Quando a batalha começou ela podia ouvir Kierland gritando para os Sentinelas nas linhas de retaguarda se certificarem que o portal permanecia fechado atrás deles. Considerando que o bloqueio agora estava quebrado, era essencial que o portal fosse protegido até que conseguissem matar os Casus.

Se conseguissem matar os Casus, ela pensou, um medo enregelante deslizando pelas suas veias quando viu aquelas Sombras já baleadas ou esfaqueadas ficando novamente de pé. Contavam com armas convencionais para derrubar as Sombras tempo suficiente para aqueles com Marcadores terminar o trabalho, mas claramente não estava funcionando dessa forma.

— Como diabos montaremos esta arma principal? — Kellan rugiu, manobrando para fritar uma Sombra Casus com o Marcador em suas mãos brilhantes, segundos antes que desse uma mordida em Chloe.

Embora especulassem durante sua viagem até lá que as cruzes podiam combinar para formar algum tipo de arma poderosa, uma vez dentro de Meridian não sabiam como fazer isso acontecer... e estavam ficando sem tempo. Ian e Riley estavam juntando as cruzes enquanto Westmore falava, experimentando cada posição que podiam pensar e nada aconteceu. Agora os Sentinelas com os Marcadores estavam usando as cruzes antigas para matar os Casus um por um com suas armas de fogo, mas era uma batalha perdida... e todos sabiam.

Gritos de dor ecoavam pela prisão cavernosa enquanto muitos dos Sentinelas que continuavam em batalha eram derrubados, as Sombras já ganhando substância enquanto se alimentavam dos corpos. A cena era tão caótica que Raine sabia que nunca encontraria Carlson, o Casus que Seth atirou naquela primeira noite em Paris. Mas não significava que não podia ser útil. Fazendo o melhor que podia para ajudar os outros, Raine cortou um Casus próximo que já estava se regenerando pelas mortes que fez, torcendo-se para evitar suas mandíbulas estalando. O monstro deu um sorriso lento, então se defendeu com uma rápida chuva de golpes que a pegou de surpresa e ela perdeu o equilíbrio, caindo de bunda no chão. Quando o Casus puxou seu braço para trás pronto para o que certamente seria um golpe mortal, Raine empalideceu de medo. Mas o ataque jamais chegou. Em vez disso, os olhos azul gelo da criatura se arregalaram de choque quando o braço erguido foi separado de seu ombro, seu corpo parecido com couro caindo no chão.

Piscando com espanto, Raine se encontrou olhando pra cima para o mais belo rosto que já viu.

— McConnell. — ela sussurrou. — Oh, meu Deus. O que está fazendo aqui?

Seth olhou para a mulher que amava e lutou para controlar sua raiva. Mas, Cristo, não era fácil quando ela estava no meio de uma maldita zona de guerra arriscando tanto sua vida. Podia ouvir os outros comentando sobre sua chegada, mas os ignorou, sua atenção centrada na pequena vampira de olhos arregalados.

Oferecendo a mão, Seth a puxou em pé quando disse.

— Deparei com a retaguarda pouco antes fecharem o portal. Levei muito tempo para abrir caminho até aqui.

— Mas por que veio? — ela perguntou, olhando o sangue salpicado por toda sua camiseta rasgada, e depois a lâmina longa que segurava em sua mão, antes de levantar seu olhar brilhante para o seu rosto.

— Honestamente achou que não viria atrás de você? É muito perigoso ficar aqui por sua conta.

— Está louco? — ela gritou. — É você quem tem sangue humano!

— Isso mesmo. — Sua voz era dura de orgulho. — Sou o homem destinado a proteger seu traseiro.

— Mas deveria estar em Florença!

— Sim, bem, sua mãe mudou de ideia sobre me manter preso. — Na verdade foi por causa de um dos vislumbres do futuro de sua mãe que finalmente ganhou sua liberdade, já que a poderosa psíquica viu sua filha caminhando para a morte... e acreditava que Seth era a única coisa que poderia impedir sua visão dolorosa de se tornar realidade.

Felizmente foi capaz de usar a ligação *Sangra* para rastrear Raine, pois não queria ligar para os outros e perguntar para onde se dirigiam, sabendo que ela leria suas mentes e descobriria que estava livre. E levando em consideração o que fez para evitar que se juntasse a esta batalha, simplesmente não confiava nela. Não nisso. Pelo que sabia ela poderia fugir sozinha com os Marcadores ou qualquer um dos outros cento e um cenários aterrorizantes que o torturaram ao tentar contatá-la.

Não podia deixar isso acontecer, considerando que finalmente a encontrou. Finalmente conseguiu controle sobre o que precisava. Sim, seu passado foi uma merda, mas quando viu Raine sair daquele quarto na Itália o deixando para trás, Seth percebeu que seu passado já não importava. O que importava era a pequena vampira que roubou seu coração. A mulher que não podia viver sem — que precisava de *cada* maneira possível.

Agora só precisava contar a ela. Sim, disse que estava apaixonado por ela, mas precisava deixá-la saber como se sentia sobre *tudo*. O passado e o futuro deles. Suas presas e sua necessidade de sangue. Mas primeiro tinha que tirá-la desse inferno.

— Bem, vejam o que temos aqui. — uma voz de repente ronronou à sua direita e Seth virou a cabeça para encontrar Ross Westmore em pé ao lado de uma pesada Sombra Casus. Os olhos vermelhos do Kraven estavam fixos nele com um olhar que era pura expectativa, uma faca encharcada de sangue apertada na mão. — Está um pouco atrasado — Westmore disse em voz arrastada —, mas estou tão feliz que pôde vir, McConnell.

Capítulo 21

— Aquele é Calder em pé ao lado do Kraven. — Raine murmurou, aproximando-se do lado de Seth quando se voltaram para enfrentar seus inimigos. Podia ouvir Ian atrás dela gritando que encontrou a sombra de Gregory DeKreznick e sabia que os outros estavam ocupados demais lutando suas próprias batalhas para oferecer qualquer ajuda. Ela e Seth teriam que lidar com esses bastardos sozinhos e aproveitou bastante bem esse ódio fervendo dentro dela, sabendo que precisaria de cada grama de sua força.

Respirando profundamente, Raine estava pronta para dizer a Seth que pegaria Westmore enquanto ele lidava com Calder, quando o soldado soltou um rugido furioso e se lançou ao ataque sem ela.

— O que está fazendo? — ela gritou, observando em estado de choque enquanto Seth arrancava um jato de sangue do peito de Calder com suas lâminas. O corpo do líder Casus já estava se regenerando, ganhando substância pelas mortes que fez e embora odiasse que um Sentinela perdesse sua vida para o monstro, Raine estava esperançosa que Seth agora fosse capaz de ferir o Casus grave o suficiente para derrubá-lo. Pelo menos até que pudesse ser morto com um dos Marcadores.

— Quero que fuja, Raine! Dê o fora daqui! — Seth gritou para ela, exatamente enquanto Westmore o golpeava com sua faca. Seth desviou para evitar a lâmina do Kraven, então cortou o braço de Calder quando o Casus tentou atingi-lo com suas garras mortais. Westmore imediatamente veio atrás dele novamente e Seth girou, acertando um poderoso chute na têmpora do Kraven, derrubando-o no chão. Com Westmore caído, Seth voltou sua atenção para Calder, que vinha para ele duro e rápido. Raine não podia evitar estremecer cada vez que o Casus golpeava com suas garras, porém Seth era rápido o suficiente para evitar ferimentos graves.

Estava custando muito evitar se juntar à luta, mas quando viu Westmore ficar de joelhos, foi para as costas dele e puxou uma das estacas de madeira que estava carregando. A batalha com Calder estava esquentando e sabia que Seth não notou Westmore recuperando a consciência. Também podia ver que o Kraven planejava ir por trás do soldado.

Rangendo os dentes Raine cobriu rapidamente o espaço entre ela e Westmore, abordando o Kraven assim que ele ficou em pé. Rolaram sobre o terreno irregular, lutando e arranhando antes de ambos se agacharem prontos pra atacar. Então ambos congelaram, ofegantes, seus olhos chocados enquanto processavam a situação em que agora se encontravam. Raine tinha sua estaca de madeira apontada diretamente sobre o coração do Kraven, enquanto Westmore tinha a ponta da sua lâmina pressionada firme contra sua garganta.

Era um empate. Ela sabia que se tentasse matá-lo, as chances eram grandes que acabasse morrendo também. E Westmore estava no mesmo dilema.

Embora não ousasse desviar seu olhar do Kraven, Raine assumiu que Seth conseguiu acertar um golpe incapacitante em Calder, já que a voz profunda do soldado de repente veio próxima ao seu lado.

— Droga, Raine. Ele não vale a pena. Deixe-o ir!

— Sinto muito, Seth. — Ela não queria morrer... mas queria desesperadamente destruir Westmore. — Eu... eu não tenho nenhuma escolha. Tenho que ir até o fim.

— Isso é besteira. — ele rosnou. — Sempre temos uma escolha!

Antes que ela pudesse argumentar Seth se moveu logo atrás do ombro de Westmore, dando-lhe uma visão clara de sua expressão torturada e a dor retorceu seu coração. Estava tão preocupada em colocá-lo em perigo, mas *ela* o feria. Estava destruindo-o.

Oh, Deus, pensou, sua resolução vacilante. O que estou fazendo?

— Não deixe que este bastardo vencer. — Seth pediu, suas palavras ásperas e baixas. — Por favor, Raine. Realmente acha que é isso que Rietta queria para você? Sei que a amava, mas ela amava você, muito. Queria que continuasse vivendo. Para que pudesse encontrar uma maneira de ser feliz e ficar em paz.

Sabia que ele estava certo. Estava jogando fora sua chance de felicidade e para quê? A morte de Westmore não traria sua irmã de volta. Nada poderia fazer isso. Mas não significava que tinha que jogar fora sua própria vida. Não queria dizer que tinha que desistir do milagre que encontrou. Rietta não iria querer isso e quando olhou nos olhos enlouquecidos de Westmore, percebeu que sua morte não era a coisa que mais queria neste mundo. O que mais queria era o soldado. O homem que roubou seu coração.

Podia ver tão claramente agora — não com seus olhos, mas com o coração — e naquele momento Raine verdadeiramente entendeu o quanto foi estúpida. Não foi seu ódio que a deixou mais forte nas últimas semanas. Foi Seth. Ódio e vergonha não eram as coisas que queimavam mais profundo — *era o amor*.

E *amava* McConnell. Amava-o o suficiente para continuar vivendo. Para se perdoar pelo que aconteceu e abraçar esta segunda chance incrível que lhe foi dada. Para deixar o passado pra trás... e *finalmente* chegar ao futuro.

Com uma respiração profunda, Raine levantou a estaca do peito do Westmore e o empurrou para longe.

— Ele é seu. — ela sussurrou olhando para Seth, e com sua rendição veio uma onda de energia que quase a derrubou de joelhos. Não havia mais nenhum bloqueio. Nem pontos cegos. Nem mesmo com Westmore. Os pensamentos do Kraven agora estavam totalmente abertos para ela e quando Seth assumiu a luta, pegando a estaca que ela jogou para ele, pôde ver tudo que precisava saber sobre os Marcadores dentro da mente de Westmore.

Mal Seth enfiou a estaca no coração do Kraven, ela se virou e gritou para os outros.

— Sei como formar a arma principal!

Um a um, os Sentinelas com Marcadores saíram da batalha e começaram a se encaminhar em direção à ela, quando uma explosão bizarra de luz apareceu diretamente atrás do lugar onde Calder ainda estava deitado no chão, um rosnado gutural em seus lábios enquanto o Casus lutava para se levantar. Raine avistou um flash de cabelo loiro longo e pálido chicoteando na luz enquanto este se transformava numa fenda brilhante — o cabelo enroscado a lembrou do que os outros disseram sobre a misteriosa bruxa que auxiliou Gregory DeKreznick. A loira saiu da luz com uma mão esquelética e agarrou Calder pelo pescoço, seu toque parecendo atordoá-lo para uma quietude trêmula quando começou a puxá-lo para o abismo.

— Não deixe que ela o leve! — Noah rugiu, passando correndo por Raine enquanto se lançava para Calder. O Marcador que estava segurando caiu de sua mão enquanto lutava para conseguir um aperto sobre a pele ensanguentada do Casus, esforçando-se para puxar o monstro do aperto da loira, mas ela era muito forte.

— Sienna, não! Não faça isso! — Ele gritou, lutando pelo corpo enorme e pesado de Calder. Apenas quando estava perto o suficiente para alcançar o braço fino da fêmea Calder abriu as mandíbulas, um grito rasgando da garganta de Noah quando o Casus afundou suas presas retorcidas no antebraço do homem. A loira deu um puxão tão poderoso no corpo do Casus que jogou Noah no chão, e todos viram de olhos arregalados como Calder desaparecia dentro do abismo. Quando as bordas começaram a fechar, várias sombras Casus se apressaram para dentro, seguindo seu líder.

Então houve outro flash ofuscante de luz e o abismo se foi.

Noah ficou de joelhos, agarrando seu braço ferido no peito e olhou para Seth.

— Pegue meu Marcador. — ele forçou as palavras entredentes, um olhar selvagem em seus olhos que fez Raine se preocupar com a sua sanidade.

Quando Seth pegou o Marcador que Noah deixou cair, Kellan passou uma mão pelo rosto.

— Essa foi a porra do dia mais estranho. — murmurou o Lycan.

— Podemos falar sobre isso mais tarde. — Raine disse em voz alta, chamando a atenção dos doze detentores dos Marcadores, enquanto o resto dos Sentinelas mantinham as Sombras Casus restantes longe. — Agora preciso que todos se reúnam num círculo apertado.

Quando seguiram suas instruções, ela disse.

— Agora levantem a mão segurando um Marcador erguido no ar. E se certifiquem que todas as mãos estão se tocando. — Assim que o fizeram, um halo brilhante de luz branca se formou em torno de seus punhos erguidos, ligando-os juntos, os braços brilhando quando alguém murmurou que as cruzes estavam queimando ainda mais do que antes.

— E agora? — Seth exigiu, suas palavras roucas ásperas pela dor.

Ela falou rápido.

— Agora joguem as cruzes no chão o mais forte que puderem.

— Só isso? — Kellan perguntou, soando menos que convencido.

— Confie em mim. A explosão vai cuidar de tudo neste lugar com sangue Casus. — Raine olhou para Noah e rapidamente acrescentou. — Significa que deve procurar cobertura, só pra ficar seguro.

Ele fez uma careta, mas se encaminhou para um dos afloramentos rochosos na base das paredes da caverna, então se agachou atrás dele. Quando os outros viram que estava abrigado, compartilharam um olhar sombrio, então jogaram os Marcadores brilhantes no chão. Mas nada aconteceu. A batalha continuava a ser travada em torno deles e o exército dos Sentinelas lutava para conter os Casus, enquanto as cruzes antigas simplesmente ficavam lá no chão frio e duro... sem fazer nada.

— Bem, isso foi um pouco decepcionante. — Aiden ofereceu num sotaque irônico.

— Me dê apenas um minuto. — Raine retrucou, sabendo que esta era a forma... que funcionaria. Mas quando outros trinta segundos se passaram e os Marcadores continuaram deitados ali, ela começou a tremer, apavorada que algo tivesse dado errado. Ela entendeu mal o que viu na mente do Kraven? Sua informação estava errada? Então finalmente sentiu. No início, era apenas um leve tremor movendo o solo, mas em seguida começou a retumbar com um violento terremoto, os doze Marcadores subitamente explodindo em chamas. Seth agarrou sua mão, puxando-a para trás quando o chão começou a ceder sob o fogo das cruzes, um feixe de luz saindo do buraco escancarado. O feixe subiu em direção ao teto da caverna, logo detonou numa explosão poderosa.

A explosão foi tão violenta que jogou todos pelo ar, a respiração de Raine forçada a deixar seus pulmões quando num pedaço rochoso de terra. Deve ter apagado por um instante, porque quando voltou a si não havia nada além de uma asfixiante nuvem de fumaça, os outros gemendo enquanto lutavam para se levantar. Tirando o cabelo dos olhos ela se sentou pronta para gritar por Seth, incapaz de vê-lo na fumaça, quando de repente ele se ajoelhou ao seu lado, seu belo rosto manchado pelas cinzas, fuligem e sangue. Mas nunca o viu mais lindo.

— Estão todos bem? — perguntou ela. — Os Casus estão mortos?

— Todo mundo está bem. E sim, as sombras estão mortas. — ele respondeu, um sorriso torto contraindo o canto de sua boca quando acrescentou. — Graças a você.

— Está chateado comigo? — ela sussurrou, seu queixo tremendo.

— Fiquei quando me deixou. Mas então me lembrei de que planejava fazer a mesma coisa com você, então superei. — Sua garganta forte trabalhou enquanto engolia em seco, sua voz ainda mais áspera quando proclamou orgulhosamente. — Você me ama, Raine.

Ela podia dizer pela sua expressão que esperava que ela discutisse, mas estava cansada de lutar contra seus sentimentos por esse homem magnífico.

— Você está certo. Eu te amo. E lamento muito, Seth. Por tudo. Pode me dar outra chance para provar o quanto você significa para mim?

Seus olhos estavam fazendo aquela coisa melosa novamente — mas de amor, não de raiva.

— Acho que provavelmente te daria mil chances. — disse a ela, emoldurando seu rosto encharcado de lágrimas em suas mãos. — Porque eu te quero tanto.

Raine deu um sorriso lacrimejante.

— Então este é seu dia de sorte, McConnell. Porque você me tem.

Harrow House

Lake District, Inglaterra

Na noite seguinte...

Era uma noite de sangue, como os Deschanel gostavam de chamá-la, o sol parecendo uma bola de fogo no horizonte, pintando o céu com tons primários de vermelho, a lua já brilhando

numa tonalidade escarlate. O tipo de noite significativa para os amantes — de pele quente, suada e escorregadia, e respirações superficiais — e Raine mal podia acreditar que a passaria com Seth. Parecia um milagre que atravessaram o pesadelo inteiros... mas estava mais do que pronta para comemorar.

Depois que os Casus foram destruídos, todos se reuniram ao redor para oferecer suas felicitações ao grupo que se ocupava dos Marcadores e Seth teve sua parte de tapinhas no ombro e apertos de mão. Mas ainda havia trabalho a fazer. Assim que aqueles que perderam suas vidas durante a batalha fossem enterrados, os outros Sentinelas (ela não sabia mais como chamá-los, considerando que a nova organização ainda estava sem nome) pegaram seus feridos e partiram, voltando para seus respectivos Complexos. Então Raine pediu ao grupo de Harrow House que se reunisse e embora estivesse nervosa sobre como reagiriam, esclareceria com os amigos dele e confessaria que tentou manter Seth afastado da batalha. Surpreendentemente, os outros apenas fizeram provocações e não ficaram com raiva, e ela aceitou suas brincadeiras com calma, grata que tudo deu certo.

Em seguida deram o fora de lá — a entrada do túnel desaparecendo misteriosamente atrás deles, como se nunca tivesse existido — e o grupo começou a longa viagem para a Inglaterra. No caminho falaram sobre o que o futuro reservava. Embora tivessem conseguido destruir essas Sombras presas dentro de Meridian, os Casus que escaparam no último ano e estavam vivendo em hospedeiros ainda precisariam ser caçados. Quinn tinha voado para o buraco e recuperado os Marcadores, assim seriam capazes de usá-los para matar os Casus ligados a um hospedeiro. E havia os Caminhantes da Morte. Com tantas Sombras Casus sendo enviadas para o inferno quando a arma principal detonou, sabiam que os Caminhantes da Morte escapariam em números assustadores, e logo os Sentinelas e seus aliados lutariam na segunda fase da guerra.

Quando Raine admitiu que estava preocupada, Seth a puxou para seus braços e sussurrou o quanto a amava, lembrando que enfrentariam juntos qualquer coisa que o futuro trouxesse. Em seguida a beijou com tanta paixão que ela não foi capaz de pensar direto pelo resto do dia, desesperada pelo tempo que poderiam ficar sozinhos.

E a hora finalmente chegou.

Ficaram de pé no quarto de Seth, a porta trancada atrás deles, o resto da casa barulhenta com risos e conversas, enquanto Kierland estava escondido em seu escritório, tentando descobrir se havia qualquer sinal de Caminhantes da Morte.

Mas aqui estavam apenas os dois, uma onda de arrepios de antecipação crepitando no ar. Havia tanta coisa a dizer, mas nenhum deles parecia saber por onde começar. Então Seth agarrou sua mão e a puxou para mais perto. Seu sorriso profundo e vincado era insuportavelmente lindo e Raine sussurrou seu nome, a sílaba macia pesada com tanta emoção que não sabia como conseguiu fazê-la flutuar no ar, em vez de cair no chão. Duas luminárias de cabeceira soltavam uma luz brilhante que enchia o quarto, mas não se moveram para diminuí-la. Não tinham nada a esconder. Os braços dela passaram em volta do seu pescoço quando sua boca cobriu a dela, e ele a beijou como se estivesse faminto pelo seu gosto. Como se nunca quisesse parar, seus dedos se moldando ao redor de sua cabeça, puxando-a para ele.

Embora ela quisesse apenas continuar se perdendo no momento, Raine finalmente se forçou a interromper o beijo e dizer as palavras que sabia precisavam ser ditas. Ela sussurrou.

— Apesar de tudo que aconteceu, ainda há muita coisa que não mudou. — suas mãos pressionaram contra os batimentos do seu coração quando levantou o olhar para seus olhos

escuros entreabertos. — Sabe o que significa ficar comigo, Seth. Mesmo se eu prometer nunca mordê-lo, não tenho certeza de poder manter minha palavra. Eu o quero muito.

— Pare de se preocupar. — ele respondeu, puxando-a mais apertada contra ele. — Quero tudo que puder me dar, Raine. Tudo.

— O que está dizendo? — perguntou vacilante.

— Estou dizendo que te amo. Que quero passar minha vida com você. Todas as manhãs, todas as noites. Quero me casar e envelhecer com você. Quero tudo, Raine. Quero uma vida com você.

— Uma vida? — ela repetiu, sentindo-se como se tivesse batido a cabeça. *Forte.*

Com um aceno, ele disse.

— Sei que nem sempre será fácil, mas desde que esteja com você, não tô nem aí pra nada. — Seu sorriso brilhou, mau e lento. — Pense apenas sobre isso, Raine. Pode me ensinar a não ser tão idiota.

Ela não conseguiu segurar um suave bufo.

— Sou uma psíquica, Seth. Não uma milagreira. — Ele ainda estava rindo quando ela acrescentou. — E gosto desse talento que você tem de ser um idiota. Sempre parece tão sexy quando está sendo mau.

— Caia na real. — disse ele presunçosamente, dando-lhe um sorriso torto. — *Sou sempre* gostoso. — Então segurou o rosto dela em sua mão e ela podia dizer pela mudança sutil em sua expressão que estava prestes a dizer algo sério. — Mas, provocações à parte, estava falando sério, Raine. Quero uma vida com você. Quero tudo, inclusive esse vínculo do qual estava me falando.

Ela piscou com surpresa.

— Você quer dizer...

— Quero que você me morda. — Seus olhos escuros resplandeceram com desejo... e emoção. — Quero compartilhar sangue.

Ela balançou a cabeça, tentando superar sua confusão.

— Mas... ouviu alguma coisa do que eu disse a você em Florença?

— Ouvi, e sabe o quê? Confio em você, Raine. Com tudo. Meu passado. Meus segredos. E eu...

— Espere. Apenas espere. — Ela lutou para coordenar seus pensamentos, mas sua cabeça estava girando. — Precisa pensar sobre isso, Seth. Uma vez feito, não pode ser desfeito. Ficará completamente aberto para mim. *Para sempre.*

— Não dou a mínima.

Ela puxou seu lábio inferior com os dentes.

— Nunca será capaz de mentir para mim.

— Sem problema. — disse ele, parecendo muito sexy para ser real. — Não tenho nada a esconder de você.

— Mas... tem certeza que deseja passar o resto da sua vida com uma vampira? Com uma mulher que tem dentes afiados?

— Tenho certeza que quero passar o resto da minha vida com a mulher que eu amo. Estar com você é tudo que importa para mim, Raine. Mas se isso fizer você se sentir melhor, então posso dizer honestamente que mudei meus sentimentos sobre sua linhagem. Amo o fato que você seja uma vampira, assim como amo suas belas presas, porque se não fosse por seu sangue Deschanel eu a teria perdido durante este pesadelo. — Sua boca se ergueu com outro sorriso lento, torto. — Sei que demorei um pouco, mas acho que não há nada como a probabilidade de ter seu coração cortado fora para finalmente dar a um cara uma perspectiva real.

— Espere um minuto. — Sua voz estava rouca pelo choque. — Disse que *ama* minhas presas?

Ele deu uma risada rouca quando a puxou mais perto... e respondeu com sua boca, o beijo devastador com tanta fome e tão quente que Raine ficou surpresa por não derreter. Então a carregou para sua cama, deitando-a atravessada nos macios e suaves lençóis... e caindo em cima dela. A roupa limpa que colocaram após o banho foi rasgada enquanto lutavam para conseguir pele quente, nua, suas respirações ásperas enquanto lutavam para se aproximar mais. Dentro de segundos a tinha aberta debaixo dele, seu corpo afundando nela com um profundo e desesperado impulso que a fez gritar. Em seguida ele agarrou seu traseiro e rolou de costas, invertendo suas posições para que suas coxas ocupassem seus quadris enquanto ela ficava contra seu peito. Seus dedos mergulharam abaixo, tocando a carne macia firmemente esticada em torno do seu eixo, suas mãos grandes a mantendo estabilizada quando ergueu seus joelhos e bombeou num ritmo duro.

Com um gemido ele virou a cabeça no travesseiro, expondo o lado da sua garganta.

— Faça agora. — ele grunhiu, a respiração quente dela estava ofegante contra seu pescoço, deixando-o selvagem. — Cristo, Raine. Quero usar sua marca. Quero meu sangue em seu corpo. — ele engasgou. — *Faça. Isso. Agora.*

— Mas não quero machucá-lo. — ela sussurrou, sua boca se enchendo d'água quando provou sua pele quente com a língua.

Ele pressionou uma mão na sua nuca, puxando-a contra ele.

— Está me machucando me fazendo esperar.

Incapaz de se conter por mais tempo, Raine mordeu... e sua reação foi diferente de tudo que jamais podia ter esperado. Em segundos ambos gozaram pela força explosiva do prazer que os atravessava, seus ásperos rosnados de satisfação a fazendo gozar ainda mais forte. E enquanto a lua fazia sua subida lenta através das estrelas, ele exigiu que o mordesse novamente, alegando que não podia ter o suficiente de suas pequenas presas "doces". Além da mordida em sua garganta, ela tomou goles de seu peito e bíceps, e cada vez que perfurava sua carne ele estremecia duro de prazer, um grito nos lábios enquanto golpeava dentro dela com uma necessidade visceral e deslumbrante.

E naquelas horas tranquilas da escuridão, ele finalmente levantou o pulso dela para seus lábios, sua voz profunda deliciosamente áspera quando pediu a ela que mordesse. Em seguida puxou seu pulso sangrando para sua boca e ansiosamente se alimentou das punções que ela fez, enquanto puxava seu rosto de volta para sua garganta para que ela pudesse tomar seu sangue ao mesmo tempo. E *Deus*, foi intenso. A onda de emoção era tão feliz e surreal, o circuito de prazer

queimando pelos seus corpos suados tão poderoso que quase desmaiaram quando encontraram sua liberação.

Raine finalmente perdeu a conta de quantas vezes fizeram amor, sua fome insaciável. Mas então, ela era igualmente gananciosa. Em algum momento surrupiaram alimento lá embaixo na cozinha, então voltaram para seu quarto e ele a tomou novamente no chuveiro. Então, novamente na cama e quando os primeiros raios do amanhecer iluminaram o céu através da janela do quarto, Raine deslizou em outro orgasmo denso e exuberante, seu corpo flutuando sem peso num redemoinho de sensações.

Quando ela finalmente voltou, abriu os olhos para encontrar o rosto de Seth perto do dela. Ela começou a dar um sorriso tímido... então percebeu que já estava sorrindo.

— Eu estava certo. — disse ele, as suaves palavras cheias de satisfação.

— Certo sobre o que? — ela perguntou, enlaçando seus braços no seu pescoço.

— Disse que me sentiria o homem mais sortudo do mundo quando gozasse com um sorriso no rosto. E sou.

Acariciando as palmas das mãos em seus ombros largos, ela disse.

— Acho que sou eu a sortuda.

Ele rolou de lado e seus olhos escureceram com emoção.

— Gostaria de perguntar se viu alguma coisa no meu passado esta noite que te incomodou, mas... posso *sentir* que você está feliz. — Sua voz profunda estava rouca pelo temor e Raine sabia que precisariam de tempo para ficarem confortáveis com a poderosa conexão que agora os vinculava juntos.

— Estou feliz. — ela sussurrou, pressionando um beijo suave em seu rosto... então em sua têmpora. — Porque tudo que vejo em você é amor, Seth. E é tão bonito. — Ela se afastou para que pudesse ver seu rosto e perguntou: — Lembra quando me disse que eu estava com medo de deixar algo de bom acontecer comigo?

— Nem me lembre. — ele murmurou, puxando-a mais perto do seu peito. — Estava tentando como o inferno fazer com que me desse uma chance, mas sei que pareci um idiota.

Raine deu uma risada suave, e em seguida se inclinou e beijou essa primeira marca de mordida que fez ao lado de sua garganta, sua voz enrouquecida pela emoção quando disse.

— Você parecia se importar. E só quero que saiba que estar com você é muito melhor do que bom, Seth. É a melhor e mais surpreendente coisa que poderia acontecer comigo.

Ele ficou imediatamente imóvel, sem nem mesmo respirar, então deu um rosnado baixo, suas mãos enroscando em seu cabelo quando a empurrou para trás novamente e reivindicou sua boca. Com perfeita confiança no seu coração, Raine se rendeu à agressão obscura de seus beijos, suas mãos o puxando mais perto, seu corpo o necessitando com uma fome que sabia que jamais seria saciada. Havia tanto amor dentro dela, ali simplesmente não havia lugar para mais nada. Nem passado, medos ou preocupações.

Em vez disso, Raine estava cheia de calor e luz... e uma bela e brilhante esperança para o futuro deles.

Epílogo

Na noite seguinte...

Quando a Torre do relógio marcou meia-noite na pequena aldeia de Ransk, no meio da zona rural polaca, o chão começou a tremer com um tremor violento. Aldeões correram de suas camas e saíram para as ruas, o vento frio carregando pra longe seus gritos aterrorizados enquanto olhavam fixamente no céu o redemoinho de corpos enchendo o céu. Uma fissura negra cortava através do céu ao luar, uma grossa fumaça vermelha escorrendo de sua boca escancarada enquanto figuras espectrais continuavam a cair, os ventos correndo com um rugido austero e angustiante.

Parecia haver centenas de criaturas... e mais ainda continuavam a vir, até que o céu de repente ficou negro. Por um momento não havia nada além de um silêncio mortal — os ventos calmos, a terra imóvel — enquanto os aldeões se amontoavam juntos, olhando pra cima para essa escuridão infinita. Um suspiro coletivo soou do grupo quando piscou uma centelha repentina de cor... e outra... enquanto as criaturas abriam seus brilhantes olhos amarelos, olhando fixamente para baixo lá de cima.

Então a escuridão desceu... e a vila não existia mais.